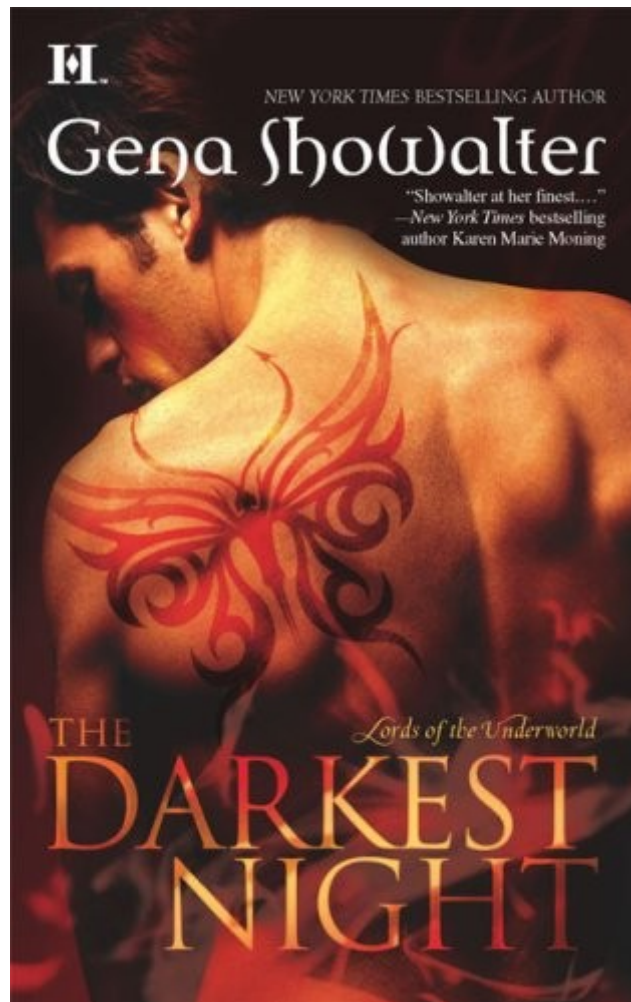


A Noite mais Escura

Gena Showalter



Um guerreiro imortal amaldiçoado a morrer todas as noites, apenas para acordar na manhã seguinte sabendo que irá morrer novamente. Uma mortal com poderes além da imaginação...

Ashlyn Darrow sempre tinha vivido atormentada por vozes do passado. Para terminar com seu pesadelo, tinha viajado a Budapeste em busca de ajuda: havia rumores de que ali viviam homens com poderes sobrenaturais. Entretanto, não sabia que se veria arrastada aos braços de Maddox, o membro mais perigoso do grupo, um guerreiro preso em seu próprio inferno.

Nenhum dos dois era capaz de resistir ao desejo instantâneo que acalmava suas torturas... e acendia uma paixão irresistível. Entretanto, cada carícia, cada toque os aproximava um passo mais da destruição, e a uma terrível prova de amor...

“Quando Pandora foi escolhida pelos Deuses do Olimpo como protetora de dimOuniak, uma caixa sagrada que continha demónios tão destrutivos ao ponto de não poderem ser confiados ao Inferno, os guerreiros responsáveis pela guarda



peçoal do Rei dos Deuses, sentiram-se ultrajados. Determinados a provar o seu valor, estes Guardiões roubaram a caixa e, involuntariamente, libertaram os demónios.

Incapazes de recuperar a caixa de Pandora que, após isso desapareceu, os Deuses, em retaliação e para prevenir uma maior destruição do Mundo, os amaldiçoam. A partir daquele momento, cada um dos guerreiros iria guardar em seu corpo, e para toda a eternidade, um deses demónios, e assim surgem os Senhores do Submundo.

Maddox foi duplamente amaldiçoado: não só alberga em seu corpo o demónio da Violência, como também é morto todos os dias por Reys e sua alma é levada ao inferno por Lucien. E tudo isso por ter sido o responsável pela morte de Pandora. Lutando constantemente com seu demónio, Maddox não tem o prazer de desfrutar de um momento de paixão, pois tem medo de perder o controle e deixar que Violência passe a comandar seu corpo. No entanto, tanto ele como o seu demónio estão destinados a conhecer uma mulher muito especial; uma mulher capaz de acalmar Violência, e transformar sua escuridão em sensualidade e sua natureza destrutiva em possessão. Uma vez na vida, Violência e Maddox estão de acordo; Ashlyn Darrow capturou o coração do homem e do demónio."

Capítulo 1

Cada noite a morte chegava, lenta e dolorosa, e a cada manhã, Maddox despertava em sua cama, sabendo que teria que morrer de novo mais tarde. Aquela era sua maior maldição, e seu castigo eterno.

Passou a língua pelos dentes, desejando que fossem uma navalha sobre a garganta de seu inimigo. Já tinha transcorrido a maior parte do dia. O tictac do relógio era um som venenoso, porque cada segundo era um aviso zombador de dor e mortalidade.

Faltava pouco menos de uma hora para que o primeiro agulhão atravessasse seu estômago, e nada que pudesse fazer ou dizer podia mudar isso. A morte viria por ele.

— Malditos deuses — murmurou. Incrementou o ritmo dos levantamentos de pesos que estava fazendo.

— Canalhas todos eles — disse uma voz familiar às suas costas.

Os movimentos de Maddox não diminuíram pela indesejada intromissão de Torin. Vamos, abaixo. Vamos, abaixo. Levava duas horas desafogando sua frustração e sua ira com o saco de boxe, na fita e no banco de musculação. As gotas de suor lhe caíam pelo peito e pelos braços. Deveria estar tão exausto de ânimo como o estava fisicamente, mas suas emoções só se fizeram mais escuras, mais poderosas.

— Não deveria estar aqui — disse.

Torin suspirou.

— Olhe, não queria interromper, mas aconteceu algo.

— Pois se ocupe disso.

— Não posso.

— Seja o que for, tente. Eu não me encontro em boa forma para ajudar.

Durante aquelas últimas semanas, faltava muito pouco para que ele se perdesse em sua personalidade assassina, e ninguém estava a salvo a seu redor.

Nem sequer seus amigos. Sobretudo, seus amigos. Não queria fazer isso, mas algumas vezes, não tinha poder para dominar seus impulsos de bater e mutilar.

—Maddox...

—Estou no limite, Torin —disse— Faria mais mal que bem.

Maddox conhecia suas limitações. As conhecia há milhares de anos. Desde aquele desgraçado dia em que os deuses tinham escolhido a uma mulher para levar a cabo uma tarefa que deveriam ter encomendado a ele.

Pandora era forte, sim, a soldado mais forte de seu tempo. Mas ele era mais forte, e mais capaz. Entretanto, o tinham considerado muito fraco para custodiar, o dimOuniak, a caixa sagrada que continha demônios tão vis e destrutivos que nem sequer podiam ser confinados no Inferno.

Maddox nunca teria permitido que a destruíssem.

Ante tal afronta, a frustração se apropriou dele. Se apropriou de todos eles, de todos os guerreiros que viviam ali. Tinha se entregado a luta pelo rei dos deuses, tinham matado com maestria e o tinham protegido. Deveriam tê-los escolhido como guardiães. Que não o tivessem feito tinha ocasionado aos guerreiros uma vergonha que não podiam tolerar.

Só pensavam em dar uma lição aos deuses aquela noite em que roubaram dimOuniak de Pandora e liberaram a horda de demônios no mundo despreparado. Que estúpidos tinham sido. O plano para mostrar seu poder tinha fracassado, porque a caixa se perdeu na batalha, e os guerreiros tinham sido incapazes de capturar a um só dos espíritos malignos.

Logo tinha reinado a destruição e o mundo tinha ficado envolto em sombras, até que o rei dos deuses tinha intervindo: tinha amaldiçoado a todos e cada um dos guerreiros e os tinha condenado a levar um daqueles demônios dentro de si.

Um castigo adequado. Os guerreiros tinham desatado o mal para vingar seu orgulho ferido; assim, a partir de então deviam contê-lo.

E desse modo tinham nascido os Senhores do Submundo.

Maddox devia encerrar a Violência. Aquele demônio se converteu em uma parte de si mesmo, como os pulmões ou o coração. O guerreiro já não podia viver sem seu demônio, e o demônio não podia funcionar sem o guerreiro. Eram duas metades de um todo.

Desde o começo, a criatura que o habitava o tinha tentado para que fizesse coisas más, odiosas, e ele tinha se sentido obrigado a obedecer, inclusive quando o tinha forçado a matar a uma mulher. Tinha assassinado a Pandora.

Apertou a barra dos pesos com tanta força que quase lhe deslocaram os nódulos. Durante todos aqueles anos, tinha aprendido a controlar algumas das coações vis do demônio, mas a luta era constante, e Maddox sabia que podia se fazer pedacinhos a qualquer momento.

Teria dado tudo por ter um dia de paz. Por não sentir aquele desejo entristecedor de machucar aos outros. Por não albergar batalhas em seu interior, nem preocupações, nem morte. Só... paz.

— Estar aqui não é seguro para você —disse a seu amigo, que ainda estava na porta. — Tem que partir.

Deixou a barra chapeada nos ganchos e se sentou.

—Só Lucien e Reyes podem estar perto de mim em minha morte.

E só porque tomavam parte nela, embora não quisessem. Estavam tão indefesos ante seus respectivos demônios como Maddox ante o seu.

—Falta uma hora para que aconteça, assim... —Torin lhe lançou uma toalha. — Me arriscarei.

Maddox girou, apanhou a toalha e secou o rosto.

—Água.

Uma garrafa gelada estava atravessando o ar antes que terminasse de pronunciar a palavra. A apanhou também e a bebeu. Depois observou a seu amigo.

Como de costume, Torin estava vestido de negro e usava luvas. Tinha o cabelo loiro e ondulado, até os ombros, e traços que as mulheres mortais considerariam uma festa sensual. Não sabiam que aquele homem era na realidade um diabo na pele de um anjo. Entretanto, deveriam sabê-lo. Tinha um brilho irreverente e pecaminoso nos olhos, que proclamava que seria capaz de rir na cara de alguém enquanto lhe tirava o coração. Ou que ria enquanto tiravam o coração dele.

Para sobreviver, procuravam encontrar motivos para rir, de si mesmos ou de outros. Todos o faziam, embora às vezes se tratasse de um humor negro.

Como todos os residentes daquela fortaleza de Budapest, Torin estava maldito. Possivelmente não morresse cada noite, como Maddox, mas não podia tocar a nenhum ser vivo sem infectá-lo.

Torin estava possuído pelo espírito da Enfermidade.

Não tinha sentido a carícia de uma mulher em quatrocentos anos. Tinha aprendido bem a lição quando se rendeu ao desejo e tinha acariciado o rosto de uma jovem que queria converter em sua amante. Ao fazê-lo, tinha ocasionado uma praga que tinha dizimado família atrás de família, povo atrás de povo.

—Só te peço cinco minutos —disse Torin com determinação.

—Acha que seremos castigados por insultar aos deuses hoje? —respondeu Maddox, fazendo caso omisso da petição. Se não permitia que lhe pedissem um favor, não teria que se sentir culpado por não fazê-lo.

Seu amigo voltou a suspirar.

—Se supõe que cada uma de nossas respirações é um castigo.

Certo. Maddox sorriu olhando ao céu. «Canalhas. Me castiguem mais, eu os desafio». Possivelmente então, se desfizesse em um nada, por fim.

Entretanto, duvidava que os deuses se preocupassem. Depois de tê-lo amaldiçoado, o tinham ignorado. Tinham fingido que não ouviam suas súplicas de perdão e absolvição. Tinham fingido que não ouviam suas promessas e suas ofertas desesperadas.

Que mais podiam lhe fazer, de todos os modos?

Não tinha nada pior que morrer uma e outra vez, que ser despojado de tudo o que era bom, que albergar o espírito da Violência no corpo e na mente.

Maddox ficou em pé e caminhou até o outro extremo da sala, onde olhou para o céu noturno através da janela de cristais escuros, pelo único vidro transparente.

Viu o Paraíso.

Viu o Inferno.

Viu a liberdade, a prisão, tudo e nada.

Viu... seu lar.

Situada sobre uma colina, como a fortaleza, estava a cidade. As luzes de cores rosa, azul e arroxeadas iluminavam o céu escuro e tingiam o Danúbio. Soprava um vento gelado que formava redemoinhos com os flocos de neve.

Ali, todos tinham certa privacidade do resto do mundo. Ali podiam ir de um lugar a outro sem ter que suportar centenas de perguntas. « por que não envelhece? Por que o eco de seus gritos atravessa o bosque a cada noite? Por que, algumas vezes, parece um monstro?».

Os habitantes daquela parte da cidade se mantinham a distancia, cheios de reverência e respeito. «Anjos» tinha ouvido uma vez, quando tinha se encontrado com um mortal.

Se eles soubessem...

A unhas de Maddox se alargaram ligeiramente e se cravaram na pedra. Budapest tinha uma beleza majestosa. Tinha o encanto do antigo e os prazeres modernos, mas ele sempre tinha se sentido alheio à cidade, alheio ao bairro do castelo e aos bares e discotecas. Alheio as barracas de verdura e fruta e alheio às pessoas.

Possivelmente aquela sensação de afastamento se desvaneceria se percorresse a cidade, mas ao contrário dos outros, que podiam passear por prazer, ele estava preso na fortaleza, como certamente tinha estado Violência na caixa de Pandora tantos séculos atrás.

As unhas lhe cresceram mais, se transformaram quase em garras. O fato de pensar naquela caixa sempre o deixava de mau humor. «Soca uma parede», Violência propôs. «Destrói alguma coisa. Fere, mata». Maddox teria gostado de destruir aos deuses. Um por um. Possivelmente, os decapitando. Arrancar o coração negro deles, putrefato.

O demônio ronronou de gozo.

«Claro que está ronronando», pensou Maddox. Qualquer coisa que fosse sanguinária tinha a aprovação da criatura. Com o cenho franzido, olhou de novo para os céus. O demônio e ele estavam a muito tempo unidos, mas recordava o dia com clareza. Os gritos dos inocentes, os humanos que sangravam ao seu redor, sofrendo e morrendo depois que os espíritos tivessem devorado sua carne com êxtase.

Maddox tinha perdido a conexão com a realidade depois que empurraram Violência ao interior de seu corpo. Não ouvia sons nem podia ver. Só escuridão. Não tinha voltado a recuperar a consciencia até que o sangue de Pandora lhe salpicou o peito e escutou seu último fôlego.

Ela não tinha sido sua primeira vítima, nem a última, mas sim tinha sido a primeira mulher que perecia sob sua espada. O horror de ter visto aquela vibrante mulher rasgada e de saber que ele era o responsável...

Nunca tinha conseguido se desfazer do sentimento de culpa, da dor e da vergonha.

Após isso, tinha feito todo o possível para dominar o espírito que levava dentro, mas já era tarde. Cheio de fúria, Zeus o tinha amaldiçoado uma segunda vez: cada noite morreria exatamente como Pandora tinha morrido, com o abdômen atravessado seis vezes por uma espada. A diferença era que a tortura daquela tinha terminado em uns minutos.

A tortura de Maddox duraria toda a eternidade.

Entretanto, ele não era o único que sofria. Os outros guerreiros também conviviam com seus demônios. Torin era o guardião da Enfermidade; Lucien, o da Morte; Reyes, da Dor, Aeron da Ira e Paris da Promiscuidade.

Por que ele não tinha podido receber aquele último? Teria podido ir à cidade sempre que tivesse desejado, tomar a qualquer mulher, saborear todos os sons e as carícias.

Entretanto, tal e como eram as coisas, Maddox não podia se afastar da fortaleza. Tampouco podia permanecer muito tempo junto à mesma mulher. Se o demônio o dominava, ou não podia voltar para casa antes da meia-noite, e alguém encontrava seu corpo morto, ensangüentado, e o enterrava ou o queimava...

Desejava que algo assim terminasse com sua triste existência. Teria partido muito tempo antes e teria permitido que o assassinassem. Ou teria se jogado da janela mais alta do castelo. Entretanto, fizesse o que fizesse, no dia seguinte despertaria outra vez, queimado ou dolorido. Quebrado e esfaqueado.

—Está a um bom tempo olhando pela janela — disse Torin. — Nem sequer tem curiosidade de saber o que ocorreu?

Maddox piscou quando Torin o tirou de seus pensamentos.

—Ainda está aí?

Seu amigo arqueou uma sobrelanceira negra, cuja cor representava um assombroso contraste com o loiro platinado de seu cabelo.

—Acredito que a resposta a minha pergunta é «não». Está mais calmo, ao menos?

Estaria tranquilo alguma vez?

—Muito calmo.

—Deixa de se queixar. Tenho que te mostrar uma coisa, e não pode se negar. Se quiser, pelo caminho falaremos de meus motivos para o incomodar.

Sem uma palavra mais, Torin saiu da sala.

Maddox ficou imóvel durante uns segundos. A curiosidade e uma diversão irônica, entretanto, superaram seu mau humor, e decidiu segui-lo. Maddox saiu do ginásio e percorreu o corredor. Viu Torin uns metros mais a frente e o alcançou.

—O que acontece?

—Por fim demonstra interesse.

—Se for um de seus truquezinhos...

Como aquela vez em que Torin tinha encomendado centenas de bonecas infláveis e as tinha colocado por toda a fortaleza, porque Paris se queixou, estupidamente, da falta de companhia feminina na cidade. Coisas como aquela aconteciam quando Torin estava aborrecido.

—Não vou perder tempo tentando gastar uma brincadeira com você — respondeu Torin, — Você, meu amigo, não tem senso de humor. Certo?

—Onde estão os outros? —perguntou Maddox, ao se dar conta de que não encontravam a ninguém mais pelo caminho.

—Poderia pensar que Paris foi comprar comida, já que a despensa está vazia e esse é seu único dever, mas não. Foi procurar uma nova amante.

Afortunado bastardo. Paris estava possuído pela Promiscuidade, e não podia se deitar duas vezes com a mesma mulher, e devia seduzir a uma nova, ou duas ou três, cada dia. Aquilo provocava a inveja de Maddox.

— Aeron está... se prepare —o acautelou Torin— porque essa é a razão pela qual o avisei.

—Ocorreu algo a ele? —perguntou Maddox, e a escuridão se apropriou de seus pensamentos enquanto a ira o dominava. «Destrói, arrasa», pediu Violência, se cravando nos limites de sua mente —Ele está bem?

Aeron podia ser imortal, mas de todo o modo podia acabar ferido. Inclusive morto, algo que tinham descoberto da pior forma possível.

—Nada disso —lhe assegurou Torin.

Lentamente, Maddox relaxou e Violência se retirou.

—Então o que? Estava limpando e teve uma briga com alguém?

Cada um dos guerreiros tinha atribuídas determinadas responsabilidades. Era sua forma de manter certa ordem no caos de suas próprias almas. Aeron fazia as vezes de faxineira, algo do que se queixava diariamente. Maddox se ocupava da manutenção doméstica. Torin se encarregava das operações financeiras e os investimentos, e mantinha todos em um bom nível econômico. Lucien resolvia as papeladas e Reyes lhes proporcionava as armas.

—Os deuses... o chamaram.

Maddox cambaleou, cegado momentaneamente pelo choque.

—Como?

—Os deuses o chamaram —repetiu Torin pacientemente.

Os gregos não tinham voltado a falar com eles desde a morte de Pandora.

—O que queriam? E por que estou me inteirando agora?

— Ninguém sabe o que querem. Estávamos vendo um filme quando, de repente, se ergueu no assento com uma expressão vazia, como se estivesse sozinho. Poucos segundos depois nos disse que o chamaram. Nenhum de nós teve tempo de reagir. Em um momento Aeron estava conosco e, no segundo seguinte, se foi. Quanto a sua segunda pergunta, tentei lhe dizer isso mas me respondeu que não se importava, lembra?

—Deveria ter me dito isso de todo o modo. —Enquanto tinha os pesos a seu alcance? Por favor. Sou a Enfermidade, não a Estupidez.

Aquilo era... Maddox não queria pensar o que era, mas não pôde conter os pensamentos. Algumas vezes, Aeron, o guardião da Ira, perdia o controle de seu espírito e embarcava em uma vingança contra os mortais, para castigá-los por seus pecados. Acaso os deuses iriam impor a ele uma segunda maldição por suas ações, como tinha ocorrido com ele séculos atrás?

—Se não voltar tal e como partiu, encontrarei uma maneira de irromper no céu e acabar com todos os deuses que encontre.

—Tem os olhos injetados de sangue —disse Torin. — Olhe, todos estamos confusos, mas Aeron voltará logo e nos explicará o que está ocorrendo.— Bem. Se obrigou a relaxar. De novo.

—Chamaram a alguém mais?

—Não. Lucien saiu para compilar almas. E Deus sabe onde estará Reyes; provavelmente, cortando a si mesmo.

Deveria tê-lo sabido. Embora Maddox sofresse o inexprimível todas as noites, se compadecia de Reyes, que não podia passar uma hora sem se torturar.

—E que mais tinha que me dizer? —perguntou.

—Acredito que será melhor que o veja por si mesmo.

Seria algo pior que a notícia sobre Aeron? Se perguntou Maddox enquanto passavam pela sala de jogos. Seu santuário. A sala que tinham dotado de todas as comodidades que podia desejar um guerreiro. Tinha um refrigerador cheio de vinhos e cervejas especiais. Uma mesa de bilhar. Um aro de basquete. Uma enorme tela plana de televisão, que naquele momento mostrava a imagem de três mulheres nuas na metade de uma orgia.

—Vejo que Paris esteve aqui —comentou.

Torin não respondeu, mas acelerou o passo sem olhar uma só vez a tela.

—Não importa —murmurou Maddox. Dirigir a atenção de Torin para algo carnal era uma crueldade desnecessária. Aquele homem celibatário tinha que estar morrendo por ter relações sexuais, por acariciar, mas nunca poderia fazê-lo.

Inclusive Maddox desfrutava com alguma mulher de vez em quando.

Suas amantes eram, normalmente, as mulheres que Paris tinha deixado, mulheres tão tolas para segui-lo a casa com a esperança de compartilhar sua cama de novo, sem saber que aquilo era impossível. Sempre estavam embriagadas de desejo sexual, uma consequência de aceitar a Promiscuidade, assim não lhes importava quem se metesse finalmente entre suas pernas. A maioria das vezes estavam encantadas de aceitar Maddox como substituto. Aqueles encontros eram impessoais, emocionalmente vazios, embora fisicamente satisfatórios.

As coisas tinham que ser assim para proteger seus segredos. Os guerreiros não permitiam a entrada de humanos no castelo. Maddox tomava às mulheres no bosque próximo, sem se quer olhar para elas, em uma relação rápida que não excitasse a Violência nem o obrigasse a fazer coisas que o horrorizariam durante toda a eternidade. Depois, enviava as mulheres para casa com uma advertência: não deviam voltar nunca, ou morreriam. Era simples assim. Não podia manter uma relação duradoura; possivelmente terminasse por sentir algo por uma das

mulheres e, ao final, lhe faria mal. Isso só poderia lhe trazer mais culpa e mais vergonha.

Por fim, quando chegou ao quarto de Torin, afastou aqueles pensamentos de sua mente. Olhou ao seu redor. Tinha estado mais vezes ali, mas não recordava o sistema de computadores que cobria uma das paredes, os numerosos monitores, os telefones e todo o equipamento. Ao contrário de Torin, Maddox evitava a tecnologia, porque nunca se acostumou ao quanto as coisas mudavam rapidamente, e o muito que cada novo avanço o afastava do guerreiro despreocupado que tinha sido. Embora estivesse mentindo se dissesse que não desfrutava das vantagens que proporcionava a eletrônica.

Se voltou para seu amigo.

—Buscando o controle do mundo?

—Não. Só o estava vigiando. É a melhor maneira de nos proteger, e também de ganhar dinheiro.

Torin se sentou na cadeira giratória que tinha em frente à maior das telas e começou a gigitar em um teclado. Um dos monitores negros se acendeu, e a tela negra se povoou de linhas cinzas e brancas.

—Bem, isto era o que eu queria que visse.

Então, as linhas se fizeram mais grossas e opacas. Eram árvores.

—Bonito, mas não era algo que precisasse ver.

—Paciência.

—Depressa.

Torin o olhou com ironia.

—Como me pediu isso tão amavelmente, instalei sensores de calor e câmaras por todo o imóvel, de modo que sempre sei quando entrou alguém.

Alguns segundos depois a imagem da tela virou para a direita. Então surgiu um borrão vermelho que desapareceu imediatamente.

—Volta —disse Maddox com tensão. Não era um perito em vigilância. Sua maior habilidade era matar. Entretanto, sabia que aquela cor vermelha era o calor de um corpo.

A forma voltou a aparecer na tela.

—Humano? —perguntou. A silhueta era pequena, quase delicada.

—Sim.

—Homem ou mulher?

—Certamente, mulher. É muito grande para ser uma criança, e muito pequeno para ser um homem.

—Será uma das amantes de Paris?

—Possivelmente. Ou...

—Ou?

—Um Caçador —disse Torin— Uma isca, mais especificamente.

Maddox franziu os lábios.

—Agora sei que está me tirando o sarro.

—Pense nisso. Os entregadores vêm com caixas, e as garotas de Paris sempre correm diretamente para a porta principal. Esta não leva nada nas mãos e se move em círculos. Se detém a cada poucos minutos e faz algo contra as árvores. Possivelmente está colocando cartuchos de dinamite para nos causar mal. Ou câmeras para nos vigiar.

—Se leva as mãos vazias...

—A dinamite e as câmaras são o suficientemente pequenas para que as possa esconder.

—Os Caçadores não tinham voltado a nos espreitar desde a Grécia.

—Possivelmente seus descendentes estiveram nos procurando todo este tempo, e possivelmente nos tenham encontrado por fim.

De repente, o medo apertou o estômago de Maddox. Primeiro, a chamada de Aeron, e depois, aquele visitante. Mera coincidência? Recordou os dias escuros da Grécia, dias de guerra e selvageria, gritos e morte. Dias em que os guerreiros tinham sido mais demônios que homens, dias nos quais a fome de destruição tinha guiado todas as suas ações, e os corpos humanos tinham enchido as ruas.

Logo, os Caçadores se elevaram de entre as massas torturadas. Eram uma liga de mortais decididos a destruir a quem tinha desatado tanto mal. Tinha estalado uma luta sem quartel. Ele tinha visto a si mesmo lutando batalhas de espadas, fogo, carne queimada... A paz se transformou em algo legendário.

A melhor arma dos Caçadores tinha sido o engenho. Tinham adestrado iscas femininas para que os seduzisse e os distraísse enquanto os homens se aproximavam para matar. Assim tinham conseguido matar a Sulco, o guardião da Desconfiança. Entretanto, não tinham podido matar ao demônio, que tinha escapado do corpo esmigalhado, em meio da loucura pela perda de seu anfitrião.

Maddox já não sabia onde residia aquele demônio.

—Está claro que os deuses nos odeiam —disse Torin. — Que melhor maneira de nos causar mal que enviar Caçadores quando acabamos de conseguir uma existência pacífica?

O medo de Maddox se intensificou. —Mas não quererão que os demônios, enlouquecidos se percam de nós, que os que albergamos e os contemos, andem soltos por aí.

—Quem sabe qual é o propósito que guia seus atos? —respondeu Torin. Nenhum deles entendia aos deuses, nem sequer depois de tantos séculos. — Temos que fazer algo, Maddox.

Ele olhou o relógio de parede e ficou tenso.

—Chama Paris.

—Já fiz isso, e não atende ao celular.

—Chama...

—Acha que o teria incomodado tão perto da meia noite se houvesse alguém mais? —espetou Torin.

— Tem que ser você.

Maddox negou com a cabeça.

—Vou morrer muito em breve. Não posso sair de dentro destes muros.

—Eu tampouco —replicou Torin. Em seus olhos verdes brilhou algo perigoso e amargo, que transformou sua cor em um esmeralda venenoso. — Ao menos, você não apagará a toda a raça humana da face da Terra se se aventurar aí fora.

—Torin...

—Não vai ganhar a discussão, Maddox, assim deixa de perder tempo.

Maddox passou a mão pelo cabelo, cada vez mais frustrado. «Deveríamos deixá-lo lá para que morresse», afirmou Violência. Se referia ao humano.

—Tanto se for Caçador —disse Torin— como se for uma isca destes, não podemos permitir que viva. Devemos destruí-lo.

—E se for inocente e me domina a maldição da morte? —inquiriu Maddox, contendo o demônio o melhor que pôde.

A expressão de Torin se encheu de culpa, como se as vidas que tinham acabado por sua culpa clamassem em sua consciência e lhe rogassem que resgatasse a todos os que pudesse.

—Temos que correr esse risco. Não somos os monstros que os demônios querem.

Maddox apertou os dentes. Ele não era um homem cruel, não era um monstro. Odiava as quebras de onda de imoralidade que queriam dominá-lo constantemente. Odiava o que fazia, o que era, e aquilo no que poderia se transformar se alguma vez deixasse de lutar contra esses impulsos perversos.

—Onde está o humano agora? —perguntou. Estava disposto a entrar na escuridão, embora tivesse que pagar um preço muito alto.

—Na borda do Danubio.

Uma carreira de quinze minutos. Tinha tempo suficiente para pegar as armas, encontrar ao humano, levá-lo a um lugar seguro se fosse inocente ou, do contrário, matá-lo, e voltar para o castelo. Se tinha algo que o retivesse, podia morrer no exterior da casa. Qualquer que fosse o suficientemente estúpido para se aventurar na colina estaria em perigo, porque uma vez que a primeira dor o atravessasse, Violência o dominaria, e uma ansia negra o consumiria.

Não teria outro propósito que a destruição.

—Se eu não voltar antes de meia-noite, envia a alguém para procurar meu cadáver, o do Lucien e o de Reyes.

Tanto Morte como Dor iam procurar Maddox a cada meia-noite, estivesse onde estivesse. Dor atirava os golpes e Morte escoltava sua alma ao inferno, onde permanecia sob a tortura do fogo e dos demônios, como Violência, até a manhã seguinte.

Por desgraça, Maddox não podia garantir a segurança de seus amigos no exterior da casa. Podia feri-los antes que terminassem sua tarefa. E se os machucasse a angústia que ia sentir seria tão grande como a agonia daquela sentença de morte que devia se cumprir todas as noites.

—Me prometa isso.

Torin assentiu com um olhar sombrio.

—Tome cuidado, meu amigo.

Maddox saiu da sala apressadamente. Entretanto antes que pudesse chegar ao corredor, Torin voltou a chamá-lo.

—Maddox, é melhor que veja isto.

Ele experimentou outra pontada de medo e voltou junto a seu amigo.

—Parece que há quatro mais. Todos são homens ou Amazonas. Não estavam aqui antes.

—Maldita seja.

Maddox estudou atentamente as quatro novas manchas vermelhas do monitor. Cada uma delas era maior que a anterior. Se aproximavam da menor, sim, as coisas sempre podiam piorar.

—Me ocuparei deles – disse. — De todos eles.

Uma vez mais se pôs a caminho. Quando chegou a seu quarto abriu o armário, que era o único móvel que ficava. Tinha destruído o espelho e as cadeiras em um ataque de violência ou outro. O único motivo pelo que ainda tinha a cama, feita de metal, era que Reyes necessitava de algo ao que algemá-lo cada vez que se aproximava a meia-noite. Tinham vários colchões, lençóis, algemas e cabeceiras de metal em um dos dormitórios que não estavam ocupados, a modo de reposição. No caso de destroçarem tudo.

Maddox colocou uma camiseta negra e um par de botas. Depois atou adagas aos pulsos, a cintura e os tornozelos. Não levava pistolas. Violência e ele estavam de acordo em uma coisa: os inimigos deviam morrer de uma maneira pessoal, próxima.

Se algum dos humanos que estavam no bosque naquele momento fosse um Caçador, ou uma isca, não tinha salvação possível.

Ashlyn Darrow estremeceu sob o vento gelado. Algumas mechas de seu cabelo castanho claro bateram em seus olhos. Ela os retirou e os colocou atrás das orelhas com as mãos trêmulas. De todo o modo, não via muito; a noite era muito escura, tinha névoa e estava nevando. Tão somente uns quantos raios de lua eram o suficientemente fortes para atravessar as copas cobertas de neve das árvores.

Como era possível que uma paisagem tão bela podia ser tão prejudicial para o corpo humano?

Suspirou. Deveria estar relaxando em um vôo de volta aos Estados Unidos, mas no dia anterior tinha averiguado algo muito maravilhoso para resistir. Cheia de esperança, tinha ido àquele lugar sem duvidar para averiguar se era certo.

Em algum lugar daquele enorme bosque viviam homens com habilidades estranhas que ninguém podia explicar. Ela não sabia exatamente o que eram capazes de fazer; só sabia que necessitava ajuda desesperadamente, e que arriscaria tudo por falar com aqueles homens poderosos.

Não podia viver mais com aquelas vozes. Ashlyn só tinha que ficar quieta em um lugar para começar a escutar todas as conversações que tinham tido lugar ali, por muito tempo que tivesse transcorrido. No presente, no passado, em qualquer idioma, não importava. As ouvia mentalmente e podia traduzir todas. Alguns suporiam que era um dom, ela sabia que era um pesadelo.

Soprou outra rajada de vento gelado e ela se apoiou em uma árvore para se proteger do frio. No dia anterior, quando tinha chegado a Budapest com vários colegas do Instituto Mundial da Parapsicologia, tinha ficado imóvel no centro da cidade e tinha escutado alguns diálogos. Nada novo para ela..., até que tinha decifrado o significado das conversações.

«Podem te escravizar com um olhar». «Um deles tem asas e voa com a lua cheia». «O que tem cicatrizes pode desaparecer à vontade».

Foi como se aqueles sussurros lhe tivessem aberto uma porta na mente, porque as conversas de centenas de anos entraram em sua cabeça em cascata, como uma mescla do novo e o velho. Ela tinha tentado com todas as suas forças separar o fútil do essencial. «Não envelhecem». «Devem ser anjos».

«Sua casa é espantosa. Parece tirada de um filme de terror. Está escondida no alto de uma colina, entre as sombras; nem sequer os pássaros se aproximam». «Deveríamos matá-los?».

«São mágicos. Mitigaram minha tortura».

Era evidente que muitas pessoas, do passado e do presente, acreditavam que aqueles homens estavam mais à frente, das capacidades humanas, que possuíam extraordinárias habilidades. Seria possível que pudessem ajudá-la? Alguém tinha dito que tinham mitigado sua tortura...

—Possivelmente possam aliviar também a minha —murmurou Ashlyn.

Durante todos os anos de sua vida, em todos os cantos do mundo, tinha escutado o rumor dos vampiros, dos homens lobo, dos duendes e das bruxas, dos deuses e das deusas, dos demônios e dos anjos, dos monstros e das fadas. Inclusive tinha guiado aos investigadores do Instituto para aquelas criaturas e lhes tinha demonstrado que existiam de verdade.

Depois de tudo, o principal objetivo do Instituto era localizar, observar e estudar aos seres paranormais e determinar como podia beneficiar o mundo de sua existência. E, por uma vez, seu trabalho como «paraaudiologista» possivelmente fosse sua salvação, também.

Entretanto, naquela ocasião Ashlyn não tinha guiado ao Instituto até Budapest como era o habitual sempre que tinha um novo caso. Ela não tinha ouvido dizer nada sobre Budapest nas conversações mais recentes, mas sim

tinham sido seus chefes do Instituto quem lhe tinha pedido que fosse ali e escutasse com atenção qualquer conversação sobre demônios.

Ela sabia que não devia perguntar o motivo. A resposta era sempre a mesma: confidencial.

Em Budapest, tinha averiguado que uns quantos habitantes da cidade pensavam que aqueles homens que viviam no castelo de uma das colinas circundantes eram demônios. Maus, perversos.

Entretanto, a maioria das pessoas os tinha por anjos. Anjos que se mantinham separados do mundo, todos salvo um que, segundo se rumoreava, gostava de se deitar com qualquer mulher viva, e que tinha sido apelidado como «o Instrutor de Orgasmos» por um trio de garotas que riam e que tinham passado uma única e gloriosa noite com ele. Anjos cuja só presença mantinha abaixo o nível de delitos da cidade. Anjos que injetavam dinheiro na comunidade e se asseguravam de que os que não tinham lar pudessem comer.

Ashlyn duvidava que aqueles benfeitores estivessem possuídos. Os demônios eram maus e não se preocupavam dos que estavam ao seu redor. Entretanto, fossem anjos que viviam na Terra ou gente normal, capaz de fazer coisas extraordinárias, ela rezava para que pudessem ajudá-la. Rezava para que pudessem lhe ensinar como se livrar de sua habilidade completamente.

Aquela idéia era maravilhosa, e sorriu. Entretanto, o sorriso desapareceu rapidamente, porque sentiu outra gelada rajada de vento que lhe atravessou a jaqueta e o pulôver e lhe cortou a pele. Levava ali mais de uma hora, e estava gelada. Parar para descansar outra vez não tinha sido tão boa idéia.

Observou a ladeira da colina. Um raio de cor âmbar penetrou por um claro que se abriu entre as nuvens e iluminou o enorme castelo de cor carvão. Estava envolto em névoa, e era exatamente tal e como tinha dito a voz, «sombrio, bicudo, como saído de um filme de terror».

Isso não a dissuadiu. Justamente o contrário. «Estou quase lá», disse a si mesma, e seguiu subindo pela ladeira. Até que teve que parar, pela enésima vez, dez minutos mais tarde, porque suas coxas tinham se transformado em blocos de gelo.

As esfregou vigorosamente para as esquentar e voltou a observar o caminho. Não parecia que o castelo estivesse mais perto. Ao contrário, parecia que havia se afastado. Ashlyn sacudiu a cabeça com desesperança. O que necessitava para chegar naquele lugar? Asas para poder voar?

«Embora fracasse», pensou, «não me arrependo de ter vindo». Estava disposta a fazer qualquer coisa para ter uma oportunidade de ser normal. Quando tinha contado ao doutor McIntosh, o vice-presidente do Instituto, além de seu chefe e mentor, o que tinha ouvido a respeito daqueles homens, ele tinha assentido brevemente e tinha respondido:

—Bem feito.

Aquela era sua forma de dar a mais elevada de suas felicitações.

Depois, ela tinha solicitado que a levassem ao castelo.

—Nem pensar —respondeu ele. — Podem ser demônios, tal e como dizem alguns habitantes da cidade.

—Também podem ser anjos, como diz a maioria da população.

—Não irá correr esse risco, Darrow. —disse ele.

Logo lhe ordenou que fizesse as malas e que fosse para o aeroporto, tal e como sempre fazia uma vez que sua parte do trabalho, escutar, tinha terminado.

Esse era o protocolo normal, conforme dizia sempre o doutor McIntosh. Entretanto, nunca enviava para casa ao resto dos trabalhadores. Ashlyn sabia. Depois de tudo, ele tinha se preocupado por ela e por sua segurança. A tinha tomado sob sua tutela quando era uma menina assustada e seus pais se viam

incapazes de aliviar a tortura de sua filha. O doutor McIntosh inclusive lhe tinha lido contos de fadas para a ensinar que o mundo era um lugar cheio de magia e de possibilidades infinitas, um lugar onde ninguém, nem sequer alguém como ela, tinha por que se sentir estranho.

Embora ele se preocupasse com ela, Ashlyn também sabia que seu dom era muito importante na carreira do doutor e que o Instituto não seria nem a metade do que era sem ela. Como consequência, aos olhos de seu mentor, Ashlyn era um peão. Por isso não se sentia muito culpada por ter escapado para o castelo assim que ele deu a volta.

Com os dedos intumescidos pelo frio, Ashlyn afastou o cabelo do rosto outra vez. Possivelmente deveria ter perguntado aos aldeões qual era o melhor caminho para subir, mas as vozes eram muito ruidosas, muito entristecedoras no centro da cidade. Além disso, temia que um empregado do Instituto a visse e a delatasse.

Entretanto, talvez tivesse valido a pena se arriscar com isso e evitar aquele frio tão debilitante.

«Há uma forma de saber a verdade. A deixa presa a um no coração e veremos se morre», disse uma voz que atraiu sua atenção.

Ashlyn se distraiu, escorregou e caiu sobre um ramo. As pedras afiadas lhe arranharam as palmas das mãos e as calças. Durante um momento, não se moveu. Não podia. Fazia muito frio, e as vozes falavam muito alto.

«Não deveríamos estar aqui. Vêem tudo».

« Está ferido?».

« Olhe o que encontrei! Acha bonito?».

— Calem-se, calem-se, calem-se! —gritou. É obvio, as vozes não a escutavam. Nunca o faziam.

«Se atreve a correr pelo bosque nu».

«Éhes vagyok. Kaphatok volamit enit? ».

De repente ouviu um raspado e um zumbido, e Ashlyn abriu os olhos de repente. Depois ouviu um grito agonizante. O grito de um homem, seguido pelos gritos de outros três. Presente. Não passado. Depois de vinte e quatro anos, conhecia a diferença.

O terror se apoderou dela, se estendeu e lhe cortou a respiração. Tentou ficar em pé e se pôr a correr, mas outro zumbido repentino a manteve imóvel. Se deu conta de que era uma adaga. Viu o punho de uma faca vibrando sobre seu ombro, encravado no tronco da árvore.

Antes que pudesse escapar se arrastando, houve outro zumbido. Outro puxão. Outra faca encravada no tronco, em cima de seu ombro esquerdo.

Imediatamente, algo passou correndo na frente de um raio de lua, e ela viu um cabelo negro e olhos de cor violeta. Um homem. Era um homem grande e musculoso que corria para ela a toda velocidade. Sua expressão era de pura brutalidade.

—OH, Meu deus — ofegou Ashlyn. — Pare! Pare!

De repente, o encontrou próximo ao seu rosto. Se agachou e cheirou seu pescoço.

—Eram Caçadores —disse com um ligeiro acento inglês, com a voz tão rouca e dura como seus traços curtidos. — E você?

Pegou seu pulso e levantou o punho da jaqueta e do pulôver. Passou o dedo por seu pulso.

—Não tem tatuagem, como eles.

«Eles», «caçadores», «tatuagem»? Ashlyn estremeceu. O desconhecido era enorme, musculoso, e a rodeava de uma maneira ameaçadora. Despendia um

aroma metálico, misturado com aroma de homem e calor, e a algo mais que não podia identificar.

De perto viu que tinha o rosto manchado de algo vermelho. Era sangue? O vento gelado lhe transpassou a pele e lhe chegou até o tutano dos ossos.

«Selvagem», dizia o olhar de seus olhos violeta. «Predador».

«Possivelmente deveria ter escutado McIntosh. Possivelmente estes homens sejam verdadeiramente demônios».

—É um deles? —repetiu o desconhecido.

Ashlyn estava tão assombrada, tão assustada, que demorou um momento para se dar conta de que tinha algo... diferente. O ar, a temperatura, o...

As vozes se sossegaram.

Abriu os olhos de par em par.

As vozes tinham cessado, como se tivessem reconhecido a presença daquele homem e tivessem o mesmo medo dele que tinha ela mesma. O silêncio a envolvia.

Não. Não era um completo silêncio o que estava experimentando, pensou um segundo depois, a não ser... a calma. Magnífica e cheia de sorte. Quanto tempo fazia que não desfrutava de algo assim, sem que estivesse desvirtuado pela conversação? Tinha desfrutado alguma vez?

O vento soprava e movia as folhas das árvores. A neve caía brandamente, e sua melodia era relaxante e suave. As árvores respiravam com vitalidade, e os ramos se balançavam com delicadeza.

Tinha alguma coisa que soasse melhor que a sinfonia da natureza?

Naquele momento, esqueceu seu medo. Como ia estar possuído por um demônio esse homem se irradiava aquela harmonia? Os demônios eram uma fonte de tortura, não de paz.

Era então um anjo, como suspeitavam muitos?

Com os olhos fechados de gozo, Ashlyn se embebeu daquela paz. Se abandonou a ela. Abraçou-a.

—Mulher —disse o anjo, em tom de confusão.

—Silêncio. Não fale. Só desfrute.

Durante um instante, ele não respondeu.

—Se atreve a me mandar calar? —perguntou finalmente com aborrecimento.

—Ainda está falando? —resmungou Ashlyn, e depois apertou os lábios.

Anjo ou não, não lhe parecia o tipo de pessoa que se pudesse repreender. Além disso, o último que queria era o deixar zangado. Sua presença lhe tinha proporcionado o silêncio... e um calor delicioso, e Ashlyn se deu conta de que o frio tinha abandonado seu corpo. Lentamente, abriu os olhos.

Estavam nariz com nariz, e ela percebia sua respiração suave nos lábios. Sua pele brilhava como o bronze, quase de uma maneira sobrenatural, à luz da lua. Tinha os traços marcados, o nariz afiado e as sobrancelhas muito negras.

Aqueles olhos de cor violeta estavam cravados nela, e eram ameaçadores. Pareciam dizer: «Matarei a qualquer um, em qualquer lugar».

«Demônio». Não, não era um demônio, recordou Ashlyn. O silêncio era muito bom, muito puro. Entretanto, tampouco era um anjo. Tinha lhe dado a calma, sim, mas claramente, era tão perigoso como belo.

Alguém que era capaz de lançar adagas assim...

Então o que era?

Ashlyn engoliu em seco enquanto o observava. Não deveria ter lhe acelerado o pulso, mas tinha acontecido. De repente, desejava apoiar o rosto em seu pescoço.

Queria abraçá-lo. Queria se agarrar a ele e não se separar nunca. Inclusive se viu inclinando-se para ele com intenção de ceder àqueles impulsos.

«Quieta. Não o faça».

A Ashlyn sempre tinham negado as carícias, durante quase toda sua vida. Aos cinco anos, seus pais a tinham enviado ao Instituto, e ali, nenhum empregado se preocupou de outra coisa que não fosse estudar sua habilidade. McIntosh era o mais próximo a um amigo que tinha tido, mas nem sequer ele a tinha abraçado nem tocado, como se a temesse tanto como a apreciava.

Ter encontros também era difícil. Os homens se assustavam quando se inteiravam do que lhe ocorria. E sempre o averiguavam, porque não tinha modo de ocultá-lo. Mas...

Se aquele homem era quem ela pensava, possivelmente não lhe importasse nada seu particular talento. Possivelmente lhe permitisse que o acariciasse. Acariciá-lo e sentir seu calor podia ser uma sensação tão poderosa como o silêncio, mas muito mais...

—Mulher? —repetiu ele, com a voz rouca.

Ashlyn ficou imóvel. Engoliu em seco. Era... desejo o que piscava em seus olhos de cor violeta e que apagava o olhar assassino? Ou aquele desejo nascia da dor e da brutalidade... e ela estava a ponto de morrer? Um enxame de emoções a afligiu: medo, um respeito morboso e curiosidade feminina. Tinha pouca experiência com os homens, e menos com o desejo.

No que tinha estado pensando para se inclinar para ele daquela maneira? Possivelmente ele tivesse considerado o gesto como um convite. E possivelmente a houvesse tocado também.

E por que a mera idéia de que acontecesse não lhe provocava histerismo?

Possivelmente porque ele fosse, depois de tudo, quem podia salvá-la.

—Como se chama? —perguntou-lhe.

—Maddox. Meu nome é Maddox.

Ela esboçou um sorriso forçado.

—Eu me chamo Ashlyn Darrow. A atenção daquele homem se desviou para seus lábios. Face à neve, tinha a testa coberta de suor.

—Não deveria ter vindo, Ashlyn Darrow — grunhiu ele com a paixão que ela tinha desejado e temido.

Entretanto, lhe passou as mãos pelos braços com uma surpreendente suavidade e se deteve em sua nuca. Com delicadeza, deslizou o polegar pela sua garganta e se deteve no lugar onde pulsava o pulso descontroladamente.

Ashlyn inalou bruscamente uma baforada de ar. Tinha sido uma carícia involuntária erótica que a derreteu por dentro. Até que, ao fim de um instante, ele apertou e quase lhe fez mal.

—Por favor —sussurrou Ashlyn, e ele a soltou. Ela piscou da surpresa. Sem seu toque, se sentia. .. desprovida de algo?

—É perigoso —disse ele, em húngaro. Não estava segura de se referir a si mesmo ou a ela.

—É um deles? —lhe perguntou brandamente sem mudar de idioma. Não tinha nenhum motivo para deixar que ele soubesse que falava os dois.

—A que se refere? «Um deles»? —inquiriu ele em inglês.

—Eu... eu... —Ashlyn não podia falar.

A fúria se apropriou dos traços de seu interlocutor, mais fúria do que ela tivesse visto algum dia no rosto de ninguém. Irradiava de todos os poros de seu corpo. Ainda de joelhos, ele se afastou um pouco dela.

—O que está fazendo neste bosque, mulher? E não me minta. Saberei, e você não gostará de minha resposta.

—Estou procurando os homens que vivem no topo dessa colina.

—Porquê?

—Necessito de ajuda.

—Realmente? No que?

Ela abriu a boca para dizer... O que? Não sabia. Na realidade, não tinha importância. Ele a deteve movendo a cabeça rapidamente.

—Não importa. Não é bem-vinda, assim, sua explicação não tem relevância. Volta para a cidade. Não vai receber o que veio procurar.

—Mas... mas...

Ashlyn não podia permitir que a empurasse. Necessitava dele. Já estava espantada pela idéia de perder o silêncio.

— Quero ficar com você. Por favor. Só um momento. Até que aprenda a controlar as vozes por mim mesma.

Em vez de aplacá-lo, sua súplica o encolerizou mais. Ele apertou a mandíbula.

—Seus balbuceios não vão me distrair. É uma isca. Tem que ser. De outro modo, teria saído correndo ao me ver, de puro medo.

—Não sou nenhuma isca —fosse o que fosse uma isca. — Lhe juro isso. Nem sequer sei do que está falando.

Um segundo depois, ele a agarrou pela nuca e a puxou para um raio de lua. Não lhe fez mal; pelo contrário, Ashlyn sentiu uma suave descarrega elétrica. Seu estômago se encolheu.

Ele não disse nada, só a estudou com uma intensidade que se aproximava da crueldade. Ela também o observou, horrorizada ao ver que começava a aparecer algo... a girar, a se materializar sob sua pele. Era um rosto. Outro rosto. Seu pulso se acelerou.

«Não pode ser um demônio, não pode ser um demônio. Conseguiu que as vozes se calem. Seus amigos e ele têm feito coisas maravilhosas pela cidade. É só um efeito da luz».

Embora ainda pudesse ver os traços de Maddox, também via a sombra de alguém mais, de algo mais. Tinha olhos vermelhos, brilhantes, maçãs do rosto cadavéricos. Dentes afiados como adagas.

«Por favor, que seja um efeito da luz». Mas, quanto mais olhava o rosto esquelético, menos podia acreditar que fosse uma ilusão.

—Quer morrer? —perguntou Maddox, ou o esqueleto. A voz foi gutural, parecida com o grunhido de um animal.

—Não.

Possivelmente ele a matasse, mas ela morreria com um sorriso. Dois minutos de silêncio tinham mais valor que toda uma vida de ruído. Assustada e, ao mesmo tempo, decidida, elevou o queixo.

—Necessito que me ajude. Me diga como posso controlar meu poder e partirei agora mesmo. Ou deixe ficar com você e aprender como se faz. Ele a soltou.

—Vai chegar a meia-noite. Tem que se afastar de mim todo o possível.

Assim que pronunciou a última palavra, franziu o cenho.

— Muito tarde! Dor está me procurando. Se afastou dela enquanto a máscara cadavérica seguia reverberando sob sua pele. —Corre. Volta para a cidade. Agora!

—Não. —respondeu Ashlyn. Só uma parva escaparia do céu, embora aquele pedaço de céu possuísse um rosto transparente recém saída do inferno. Maddox amaldiçoou entre dentes enquanto puxava as duas adagas para tirá-las do tronco da árvore. Depois se pôs em pé. Deu dois passos para trás.

Ashlyn se apoiou na árvore e também ficou em pé. Queria gritar de desespero.

Três passos, quatro.

—Aonde vai? Não me deixe aqui sozinha!

—Não tenho tempo para te levar a um lugar seguro. Terá que o encontrar você mesma. Não volte para esta colina, mulher. Da próxima vez não serei tão generoso.

—Não vou. Vou te seguir, seja aonde for.

Era uma ameaça que pensava cumprir.

—Posso te matar aqui mesmo, isca, como deveria fazer. Então, como vai me seguir?

—Acredite em mim, preferiria isso a que me deixe sozinha com as vozes.

Uma maldição, um assobio de dor. Ele se dobrou para frente.

Ashlyn correu para ele. Posou a mão sobre suas costas e procurou alguma ferida. Algo que pudesse dobrar aquele colosso devia ser insuportável. Entretanto, ele a afastou, de um tapa, e ela cambaleou pela força inesperada com que a tinha empurrado.

—Não —disse ele. — Não me toque.

—Está ferido? Posso te ajudar... eu...

—Parte ou morrerá.

Ato seguido, ele deu a volta e desapareceu na escuridão.

Um murmúrio invadiu a mente de Ashlyn, como se tivesse estado esperando a marcha daquele homem. Parecia mais alto que nunca, mais ensurdecador, depois do precioso silêncio.

Cambaleando na mesma direção que tinha tomado Maddox e tampando os ouvidos, Ashlyn sussurrou!

—Espera. Espera, por favor.

Seu pé se enredou com um ramo quebrado, e caiu ao chão. Sentiu uma aguda dor no tornozelo, e choramingando, ficou engatinhando e começou a se arrastar. Tinha que alcançá-lo. O vento soprava contra ela, tão afiado como as navalhas de Maddox. Uma e outra vez, as vozes clamavam.

—Por favor. Por favor —gemeu ela.

De repente, Maddox estava a seu lado outra vez, e as vozes sossegaram.

—Estúpida isca —disse ele, como se cuspiasse as palavras. — Estúpido guerreiro.

Com um grito de alívio, ela se abraçou a ele com força. Tinha as bochechas cheias de lágrimas geladas.

—Obrigada. Obrigada por voltar. Obrigada.

Escondeu a cabeça em seu pescoço, tal e como tinha querido fazer antes.

—Acabará por lamentar tudo isto —afirmou ele, e a pôs sobre o ombro como se fosse um saco.

A Ashlyn não importou. Estava com ele, as vozes tinham cessado, e isso era tudo o que importava.

Maddox se pôs em movimento a toda pressa, manobrando entre as árvores fantasmais. De vez em quando, grunhia de dor. Ashlyn começou a lhe pedir que a deixasse no chão para o liberar de sua carga, mas lhe apertou a coxa para ordenar em silêncio que se calasse. Finalmente, ela relaxou contra seu corpo e se limitou a desfrutar do passeio. Oxalá tivesse durado.

Capítulo 3

«Chegar a casa, chegar a casa, chegar a casa». Maddox repetia aquele cântico mentalmente para tentar se distrair da dor. Para tentar afogar a necessidade de fazer algo violento, uma necessidade que aumentava inexoravelmente. A mulher,

Ashlyn, pulava sobre seu ombro, e era um aviso indesejado de que podia estalar em qualquer momento e matar também. Sobretudo, a ela.

«Queria possuir uma mulher», provocou o espírito. «Aqui tem a oportunidade. Possui seu sangue».

Ele apertou os punhos. Precisava pensar, mas não podia fazê-lo com tanta dor. A única coisa que sabia com certeza era que deveria tê-la deixado no bosque.

Entretanto, tinha ouvido seu grito de sofrimento, um som torturado, o tipo de grunhido enlouquecido que Maddox queria emitir freqüentemente. E dentro dele, algo tinha reagido profundamente. Tinha sentido a necessidade de ajudá-la, de roçar sua pele suave uma vez mais. Essa necessidade tinha sido mais forte que Violência. Uma façanha assombrosa, incrível.

Assim tinha voltado para procurá-la.

«Idiota».

Naquele momento, ela estava estendida sobre seu ombro. Seu aroma de mulher alcançava seu nariz e suas curvas suaves se ofereciam se as quisesse explorar. «Ou as cortar», interveio o demônio. Era fácil entender por que os Caçadores a tinham enviado: era uma mulher incrivelmente bela. Quem ia querer danificar aquela feminilidade exuberante, quem rechaçaria essa sensualidade tão descarada? Parecia que ele não.

«Idiota», disse-se de novo.

Caçadores! Estavam em Budapest, com certeza. Suas tatuagens eram um bom aviso daqueles escuros dias da Grécia. Claramente, queriam seu sangue, porque cada um dos quatro homens que seguiam Ashlyn levava uma arma e um silenciador. Por serem mortais, tinham lutado com maestria.

Maddox tinha saído vitorioso daquele enfrentamento, embora não ileso. Tinha sofrido um corte em uma panturrilha e tinha uma costela quebrada.

Se perguntou como reagiria Ashlyn quando soubesse que tinham morrido. Choraria, gritaria, enlouqueceria? O atacaria, cegada pela raiva?

Teria mais Caçadores esperando na cidade? Naquele momento, Maddox não se importava. Se sentia transportado com Ashlyn em seus braços, e o inferno de sua vida estava se retirando momentaneamente, deixando só... desejo, possivelmente. Obsessão instantânea.

Ela tinha uma pele suave e flexível, como a canela com mel. Seus olhos tinham a mesma cor mel, e um olhar tão atormentado que lhe provocavam uma opressão no peito. Ele nunca tinha visto um mortal que parecesse sofrer tanto, e sentia certa empatia com ela.

Sabia que a levar à fortaleza ia contra as normas, e que ela poderi ser uma ameaça para seus segredos. Deveria se envergonhar de si mesmo por fazê-lo.

E ela deveria estar gritando de terror. Por que não chorava? Quando tinha se equilibrado sobre ela pela primeira vez, manchado com o sangue dos aliados daquela mulher, tinha visto um sorriso delicioso se desenhando em seus lábios, lhe iluminando o rosto, deixando à vista dentes brancos e perfeitos.

Ao recordar aquele sorriso, Maddox se excitou. Entretanto, se sentia muito confuso. Embora houvesse passado uma eternidade desde a última vez em que enfrentou uma isca, não recordava que os chamarizes dos Caçadores fossem tão transparentes na hora de mostrar sua satisfação.

Nem sequer Hadiee, a isca que tinha conseguido seduzir a Sulco, o guardião da Desconfiança. Hadiee tinha representado muito bem seu papel de alma maltratada, assustada. Ao vê-la, Sulco tinha decidido agir sem receio pela primeira vez desde que o tinham condenado a alojar ao demônio. Ou possivelmente não. Maddox sempre se perguntou se aquele guerreiro não queria morrer. Se assim fosse, tinha conseguido. O tinham matado depois que abriu sua casa a Hadiee, que por sua vez, tinha franqueado a entrada aos Caçadores. E

quando o tiveram morto, o decapitaram. Sulco não tinha tido a mínima oportunidade de sobreviver.

Antes de Hadiee, outra isca tinha seduzido a Paris, embora aquilo não tenha requerido muito esforço. Durante seu encontro, os Caçadores tinham entrado no dormitório da mulher e tinham apunhalado o guerreiro pelas costas com a intenção de debilitá-lo antes de poder lhe cortar a cabeça.

Entretanto, Paris estava fortalecido pelo sexo. Mesmo ferido, tinha conseguido se liberar e matar a todos os que o rodeavam.

Maddox não podia imaginar se a mulher que levava fosse o suficientemente covarde para apunhalá-lo pelas costas. Possivelmente Ashlyn fosse inocente. Não tinha encontrado câmeras, nem explosivos, nas árvores próximas a ela. Possivelmente...

—Possivelmente seja mais idiota do que acredita —murmurou.

— O que?

Ele fez caso omisso. O melhor era que ficasse calada.

Por fim, Maddox viu a pedra escura da fortaleza. Sentia uma dor atroz no estômago, que estava a ponto de fazê-lo cair. Violência percorria suas veias e fazia ferver seu sangue.

«Mata. Fere. Mutila».

— Não.

«Mata. Fere. Mutila».

— Não!

«Mata, fere e mutila».

— Maddox!

O espírito se revolveu, desesperado por se liberar. «Luta contra ela», disse-se Maddox. «Calma». Inalou profundamente e depois exalou. «Mata, fere e mutila, mata, fere e mutila».

—Resistirei. Não sou um monstro. «Já veremos...».

—Maddox? —disse Ashlyn outra vez. Sua voz doce chegou aos ouvidos. Em parte era como um bálsamo calmante, em parte, como brasas. —O que...?

—Silêncio.

A desceu do ombro, sem soltá-la, e abriu a porta principal de um chute, com tanta força que esteve a ponto de as tirar das dobradiças. Ouviu vozes zangadas. Torin, Lucien e Reyes estavam no vestibulo, discutindo.

— Não deveria ter permitido que saísse! —disse Lucien. — Se converte em um animal, Torin, aniquila...

— Já basta! —gritou Maddox. — Me ajudem!

Os três homens viraram para ele.

—O que ocorre? —perguntou Reyes. Ao ver Ashlyn, ficou boquiaberto. — Por que trouxe uma mulher ao castelo?

Ao ouvir o escândalo, Paris e Aeron acudiram a toda pressa à entrada, com a tensão refletida no rosto. Quando viram Maddox, relaxaram.

—Por fim —disse Paris com alívio. Entretanto, também viu Ashlyn. — É um presente para mim?

Maddox lhe mostrou os dentes. «Mata-os», disse Violência, lhe sussurrando sedutoramente. «Mata-os».

—Não deveriam estar aqui —disse ele com um grande esforço. — Peguem e levem isso antes que seja muito tarde.

—Olha-o —disse Paris, cujo alívio se esfumou. — Olhe seu rosto.

—O processo já começou —disse Lucien.

Aquelas palavras puseram Maddox em ação. Embora não quisesse soltar Ashlyn, atirou-a contra o grupo. Lucien a agarrou sem esforço. Assim que ela apoiou o peso do corpo no chão, fez uma careta de dor. Maddox se deu conta de

que devia ter torcido o tornozelo, e a preocupação deslocou ao desejo de sangue durante um instante.

— Cuidado com o pé —ordenou. Lucien a soltou para olhar seu tornozelo, mas Ashlyn se afastou dele e coxeou para os braços de Maddox. A preocupação de Maddox se intensificou quando a abraçou sem poder evitá-lo. Ashlyn estava tremendo. Entretanto, um momento depois deixou de lhe importar. Uma névoa pestilenta se estendeu por sua cabeça e apagou brutalmente qualquer emoção que houvesse em seu caminho. — Me solte. —grunhiu, e a empurrou. Ashlyn se agarrou a ele. — O que acontece?

Lucien a segurou e a puxou, segurando-a com força. Se tivesse tocado em Maddox um segundo mais, possivelmente a tivesse feito pedacinhos. De fato, Maddox deu um murro na parede mais próxima.

—Maddox —disse ela com a voz trêmula.

—Não lhe façam mal —disse ele, tanto para si mesmo como para os outros. — Você —acrescentou, enquanto apontava para Reyes com um dedo tingido de vermelho. — Ao quarto, agora.

Não esperou a resposta. Começou a subir de dois em dois os degraus.

Ouviu Ashlyn protestar.

— Quero ir com você! Ele mordeu o interior da bochecha até que saboreou o sangue. Se permitiu olhar para trás uma só vez.

Lucien agarrava Ashlyn com mais força, e seu cabelo negro lhe roçava os ombros. Ao vê-lo, a necessidade de derramar sangue que sentia Maddox se intensificou. «Minha. É minha. Eu a encontrei. Ninguém mais que eu pode tocá-la».

Maddox não sabia se era o espírito ou ele mesmo quem sentia aquilo, e não se importava. Só queria matar. Sim, matar. A fúria se apropriou dele. Se deteve e mudou de direção. Ia partir Lucien em dois e cobrir todo o chão com seu sangue.

«Destruir, destruir, destruir. Matar».

—Vai atacar —disse Lucien.

— Tirem ela daqui! —exclamou Torin.

Lucien arrastou Ashlyn para fora do vestibulo. Seus gritos de pânico alcançaram os ouvidos de Maddox, e isso só serviu para incrementar seus impulsos mais escuros. A imagem de seu rosto pálido, precioso, lhe apareceu na mente uma e outra vez. Era a única coisa que via. Ela estava aterrorizada. Confiava nele. Tinha estendido os braços para ele.

Seu estômago se transformou em uma massa ardente de agonia, mas não diminuiu o ritmo de seus passos. Em qualquer momento chegaria a meia-noite e ele morreria, mas ia levar todo mundo com ele. «Sim, devo destruí-los».

—Ah, maldita seja —disse Aeron. — O demônio o controla completamente. Teremos que reduzi-lo. Lucien, volta! Depressa!

Aeron, Reyes e Paris avançaram para ele. Em uma fração de segundo, Maddox desencapou suas adagas e as lançou. Como esperavam o ataque, os três se agacharam. As adagas passaram assobiando por cima deles e se cravaram na parede. Um instante depois, seus companheiros tinham caído sobre ele e o tinham derrubado. Estava de costas no chão, lutando contra eles, rugindo, dando golpes.

Os guerreiros conseguiram arrastá-lo escada acima para sua sala. A Maddox pareceu ouvir os soluços de Ashlyn, acreditou que a via tentar afastar os homens dele. Então deu um murro que impactou com algo, um nariz. Ouviu um uivo de dor. Experimentou uma grande satisfação. Queria mais sangue.

— Maldito seja! Algeme-o, Reyes, antes de que quebre o nariz de alguém mais.

—É muito forte. Não sei quanto vou poder sujeitá-lo.

Passaram os minutos enquanto lutavam, possivelmente uma eternidade. Depois, Maddox sentiu argolas de metal nos pulsos e nos tornozelos. Se retorceu e se arqueou, e as argolas lhe cortaram a pele.

— Desgraçados!

A dor que lhe atendia o estômago era insuportável. Já não era esporádica, e sim constante.

— Os matarei! Levarei a todos ao inferno comigo!

Reyes se aproximou dele com um olhar sombrio de determinação e expressão de tristeza. Maddox tentou derrubá-lo com um golpe dos joelhos, mas as algemas o impediram. O guerreiro também se manteve firme. Tomou uma espada que tinha a seu lado.

—Sinto muito —sussurrou Reyes, enquanto o relógio dava as doze.

Então cravou a espada no abdômen de Maddox. O metal atravessou todo seu corpo até a espinha dorsal antes de voltar a sair. Imediatamente, o sangue brotou da ferida e se estendeu por seu peito e estômago. A bilis lhe queimou a garganta, o nariz. Maddox amaldiçoou, se retorceu.

Reyes voltou a atravessá-lo. E outra vez. A dor... a agonia... a pele lhe queimava. Com apenas aquelas três navalhadas, seus ossos e seus órgãos já estavam rasgados. Entretanto, seguiu lutando. Sentia uma desesperada necessidade de matar. Uma mulher gritou.

— Já basta! O estão matando! Basta! Oh, Meu Deus!

Reyes voltou a atravessá-lo com a espada.

Umas teias de aranha negras lhe cobriram a visão enquanto olhava a sala. Viu borrosamente que Paris agarrava Ashlyn. A sombra do homem a engoliu. Entretanto, as lágrimas brilhavam nos olhos de cor âmbar e nas bochechas pálidas.

Ela resistiu, mas Paris se manteve firme e a tirou da sala.

Maddox emitiu um grunhido animal. Paris a seduziria. Despiria-a, saborearia-a. Ela não poderia resistir. Nenhuma mulher podia.

— Solte-a! Agora! —gritou.

Entretanto, sua visão se obscureceu por completo.

—Tirem ela daqui e que não volte a entrar —ordenou Reyes enquanto o apunhalava pela quinta vez. — O está enlouquecendo mais do que o normal.

Tinha que salvá-la. Tinha que ir por ela. O som das algemas se mesclou com os ofegos de Maddox enquanto tentava seguir lutando.

—Sinto muito. —sussurrou Reyes novamente.

Finalmente, o atravessou pela sexta e última vez.

Então Maddox se debilitou. O espírito se tranqüilizou e se retirou a um rincão de sua mente.

Feito. Acabado.

Ficou inerte na cama, empapado em seu próprio sangue, incapaz de se mover nem de ver. A dor não o abandonou, nem tampouco o calor abrasador. Se intensificaram, se transformaram em uma parte de si mesmo, como o sangue. Um líquido quente lhe borbulhou na garganta.

Lucien. Maddox soube que era ele porque reconheceu o aroma enganosamente doce de Morte. Lucien se ajoelhou junto a ele e tomou a mão. Aquilo significava que seu falecimento estava perto. Entretanto, para Maddox, a tortura verdadeira não tinha começado ainda.

Como parte de sua maldição, Violência e ele passariam toda a noite no inferno, se queimando em suas chamas. Abriu a boca para falar, mas só conseguiu tossir. O sangue lhe estava alagando a garganta, afogando-o.

—Pela manhã terá que nos explicar muitas coisas, amigo —disse Lucien brandamente—. Agora, morre. Levarei sua alma ao inferno, como é obrigado. Entretanto, possivelmente desta vez preferisse ficar aí em vez de ter que enfrentar ao que te espera quando voltar para casa.

—A garota —sussurrou Maddox.

—Não se preocupe —disse Lucien. — Não lhe faremos mal. Estará te esperando aqui pela manhã.

—Intacta. —disse ele.

Era uma petição estranha, Maddox sabia. Nenhum deles tinha sido possessivo com uma mulher. Entretanto, Ashlyn... Não estava muito seguro do que queria fazer com ela. Sabia o que deveria fazer, e o que não podia fazer. Nenhuma das duas coisas tinha importância naquele momento. Porque, mais que nunca, sabia que não queria compartilhá-la.

—Intacta. —insistiu fracamente ante o silêncio de Lucien.

—Intacta. —disse finalmente Lucien.

O aroma de flores se intensificou. Passou um instante, e Maddox morreu.

Capítulo 4

—Quem é e de onde conhece Maddox?

— Me solte!

Ashlyn se retorceu para tentar escapar de seu captor. Doía-lhe muito o tornozelo, mas não se importava.

— O estão matando! Oh, Deus. O estavam matando com uma espada. Tinha muito sangue, e os gritos eram espantosos. Senti náuseas ao recordá-lo. Embora as vozes seguissem em silêncio, nunca tinha se sentido mais atormentada que naquele momento.

—Maddox ficará bem —lhe disse aquele homem. Maddox tinha quebrado seu nariz, ela o tinha visto, mas tinha voltado a colocar em seu lugar quase imediatamente. Nem sequer tinha sangrado. Ele afastou um dos braços de sua cintura, acariciou sua têmpora e lhe afastou com delicadeza uma mecha de cabelo da testa. — Já o verá.

— Não, não o verei —disse ela, quase soluçando. — Me solte!

— Por muito pouco que eu goste de te desobedecer, não posso. Estava lhe causando uma tortura excessiva.

—Eu estava lhe causando uma tortura excessiva? Não fui eu a que o atravessou com uma espada. Me solte!

Como não sabia que outra coisa podia fazer, ficou imóvel e o olhou.

—Por favor.

Aquele homem tinha os olhos azuis, muito brilhantes, e a pele branca como o leite. O cabelo era de uma cativante mescla de castanho e negro. Era mais bonito que qualquer um a quem tivesse visto antes. Muito perfeito para ser verdadeiro.

E o única coisa que ela desejava era escapar dele. — Relaxe —respondeu o homem com um sorriso lento, sedutor. Era um sorriso estudado, mesmo para alguém leigo na matéria. — Não tem nada que temer de mim, preciosa. Só me dedico ao prazer.

Entre a fúria, o medo, a dor e a frustração, Ashlyn encontrou a força necessária para esbofeteá-lo. Acabava de ver como outro homem apunhalava Maddox e não tinha feito nada para evitar. Além disso, se atreveu a flertar com ela. Tinha tudo que temer dele.

O sorriso se apagou dos lábios do homem e a olhou com o cenho franzido.

—Me bateu.

Ela voltou a esbofeteá-lo.

— Me solte! Seu gesto carrancudo se fez mais marcado. Esfregou a bochecha com uma mão e a manteve imobilizada com a outra. —As mulheres não me esbofeteiam. Me adoram. Ela levantou a mão para lhe dar outra bofetada. Com um suspiro, ele disse:

—Está bem. Vá. Os gritos de Maddox cessaram. Duvido que possa incomodá-lo agora, porque estará morto.

E a liberou.

Ashlyn não lhe deu oportunidade de mudar de opinião. Ao se ver livre, saiu correndo pelo corredor, apesar da dor que sentia no tornozelo. Quando entrou no quarto e viu o corpo empapado em sangue, imóvel, se deteve em seco.

Deus Santo. Maddox tinha os olhos fechados. Seu peito estava quieto.

Soluçou e cobriu a boca com uma mão trêmula. Os olhos se encheram de lágrimas.

—Mataram-no.

Correu para a cama e tomou a mandíbula de Maddox entre as mãos, lhe inclinando a rosto ligeiramente. As pálpebras não se abriram. Não respirava. Já tinha a pele fria pela perda de sangue.

Tinha chegado muito tarde.

—Quem é? —perguntou alguém.

Assombrada, voltou-se. Os assassinos de Maddox estavam a um lado, falando entre si. Nenhum lhe dirigiu a palavra, embora a olhassem de vez em quando. Continuaram com sua conversação como se ela não importasse. Como se Maddox não importasse.

— Deveríamos leva-la à cidade, mas viu muito — disse um deles, com uma voz rouca e fria — No que estava pensando Maddox?

—Durante todo este tempo que vivi com ele e não sabia o que sofria —disse outro, um loiro de olhos verdes, com aspecto angélico. Ia vestido de negro dos pés a cabeça e usava luvas que lhe chegavam até os bíceps. — É sempre assim?

—Não sempre, não —disse o que tinha empunhado a espada. — Normalmente demonstra mais aceitação — acrescentou, com uma expressão atormentada. Tinha os olhos negros, duros. — A mulher...

Assassino! Ashlyn queria atacá-lo, mas sabia que não serviria de nada. Eram mais que ela. E eram mais fortes.

Um homem cheio de tatuagens a observou com o cenho franzido. Tinha o cabelo castanho, cortado ao estilo militar, usava dois anéis nas sobrancelhas e tinha os lábios suaves, cheios. Também tinha mais músculos que um campeão de halterofilismo. Poderia ter sido bonito, ao estilo de um assassino em série, se não fosse pelas tatuagens. Inclusive nas bochechas tinha imagens violentas gravadas da guerra e das armas.

Seus olhos tinham a mesma cor violeta que os de Maddox, mas careciam de sua calidez. Caiu-lhe uma gota de sangue do nariz quando esfregou o queixo com dois dedos.

—Temos que fazer algo com a garota. Eu não gosto que esteja aqui.

—De todo o modo, Aeron, não podemos tocá-la.

O que tinha respondido tinha o cabelo negro e os olhos de cores diferentes: um marrom e outro azul. Seu rosto era uma máscara de cicatrizes. A primeira

vista era espantoso. Depois, parecia que tinha uma capacidade hipnótica. Emanava uma fragrância de rosas muito estranha.

—Amanhã pela manhã estará exatamente como agora. Vestida e respirando.

—Típico de Maddox nos tirar toda a diversão.

O comentário irônico provinha de trás dela, e Ashlyn deu a volta de um pulo. O homem pálido e bonito estava na porta. Olhou-a com desejo nos olhos, como se a estivesse imaginando nua e gostasse do que via.

Começou a tremer. Aqueles tipos eram uns desgraçados, uns canalhas. Olhou a seu redor e viu a espada ensanguentada, que estava no chão. A mesma espada com a que tinham atravessado e talhado Maddox como se não fosse mais que uma peça de seda.

—Quero saber quem é —disse o das tatuagens, o chamado Aeron. — E quero saber por que Maddox a trouxe. Ele conhece as regras.

—Deve ser uma das humanas que estavam na colina —interveio o homem de rosto anêmico. — mas isso não explica por que a trouxe.

Ela teria rido se não se sentisse a ponto de um ataque de nervos. Deveria ter feito caso a McIntosh. Os que viviam ali eram demônios.

—E bem? O que fazemos com ela? —perguntou Aeron.

Todos a olharam e Ashlyn agarrou a espada. Tomou o punho com ambas as mãos e apontou a lâmina em direção a eles. Era mais pesada do que imaginava e, imediatamente, começaram a lhe tremer os braços. Entretanto, se manteve firme.

Os homens a olharam com curiosidade. Sua ausência de medo não a amedrontou. Embora só tivesse conhecido Maddox durante poucos momentos, tinha algo selvagem dentro dela que sofria por sua perda e que queria vingar sua morte.

Maddox. Aquele nome ressoou em sua mente. Tinha morrido. Se foi para sempre. O estômago de Ashlyn se encolheu.

— Deveria matar a todos. Ele era inocente.

—Inocente? —perguntou alguém com dissimulação. —Quer nos matar. Os Caçadores vieram nos pegar —disse Aeron com desgosto.

— Um Caçador não diria que Maddox era inocente. Nem sequer de brincadeira. —Mas uma isca sim. Recordem que tudo o que diziam era mentira, embora seus rostos parecessem sempre cândidos. —Vi Maddox matar a quatro homens no monitor. Não o teria feito se fossem inocentes. E duvido que houvesse também uma mulher inocente no bosque por coincidência.

—Acha que tem destreza com a espada?

Um deles bufou.

—Claro que não. Olhe como a segura.

—Mas é valente.

Ashlyn os olhava com a boca aberta, sem entender sua conversação.

—É que a ninguém importa que tenham assassinado a um homem? Não lhes importa tê-lo matado?

O que ia vestido de negro riu de verdade, embora a angústia não se apagou de seus olhos.

—Me acredite. Maddox nos agradecerá isso pela manhã.

—Se não nos matar por ter estado aqui —acrescentou alguém.

Para assombro de Ashlyn, os homens riram. Só o que tinha matado Maddox permaneceu sério, olhando o cadáver, com uma expressão de culpabilidade e agonia. Bem. Ela queria que sofresse pelo que tinha feito.

O que pensava que nenhuma mulher podia resistir a ele olhou e lhe dedicou outro sorriso sensual.

—Afasta a espada, carinho, antes de que te faça mal.

Ela seguiu em posição.

— Vêem me tirar isso animal! —as palavras saíram de sua boca antes que pudesse evitá-lo.

— Possivelmente não tenha habilidade com as espadas, mas se se aproxime, e te farei mal.

Houve um suspiro. Uma gargalhada. Um murmúrio. Que mulher resistiria a Paris?

—Eu acredito que devemos encerrá-la em um dos calabouços —disse Aeron. — Não se sabe o que poderia fazer de outro modo. —De acordo —responderam outros.

Ashlyn se retirou lentamente para a porta e agarrou a espada com mais força.

—Vou embora. Me ouviram? Vou embora! E escutem bem, se fará justiça. Todos vocês serão presos e executados.

—Maddox decidirá o que fazer com ela pela manhã —disse o que tinha os olhos de cores diferentes, calmamente, sem lhe fazer caso.

Como se Maddox pudesse decidir algo.

Seu queixo tremeu. E depois abriu muito os olhos, ao ver que os assassinos caminhavam para ela com passo decidido.

«Não me faça mal. Por favor, não me faça mal».

Uma pausa. Um estalo.

Um grito de angústia.

«Meu braço!». Uns soluços dilaceradores. « Tem-me quebrado o braço!». A Ashlyn doeu o braço por empatia. «Eu não tenho feito nada... mau».

As vozes tinham voltado com força.

Ela estava acurrucada no chão de uma cela escura e úmida, se estremecendo e se contorcendo de medo.

—Só queria encontrar a alguém que pudesse me ajudar. —sussurrou.

Em vez disso, tinha caído em um conto dos irmãos Grimm, mas não parecia que fosse ter um final feliz.

«Farei. Farei. Só... necessito... um momento».

Aquele monólogo usava desenvolvendo-se em sua mente uma eternidade, e tinha se transformado em um concerto de ira, desespero e dor. Entretanto, por cima de tudo ouvia uma só voz: a de Maddox. Não era uma voz do passado, a não ser uma lembrança. Um estalo de gritos de raiva e de dor.

Ela se pôs a chorar. Não podia tirar sua imagem da cabeça, nem sua imagem quando estava vivo nem sua imagem quando o tinham assassinado. Gemeu.

Depois de tê-la jogado naquele calabouço, os assassinos de Maddox tinham lhe prometido que levariam mantas e comida, mas não tinham voltado. Ashlyn se alegrava. Não queria voltar a vê-los. Não queria falar com eles. Preferia suportar o frio e a fome.

«Direi-lhes o que querem saber, mas por favor, não voltem a me fazer mal», disse Braço Quebrado, abrindo caminho em sua mente a soluços. «Não queria entrar no castelo. Está bem, sim, sim queria, mas só para ver quem vivia aqui. Não sou caçador, juro».

A Ashlyn chiaram os ouvidos. Aquele homem tinha mencionado a palavra caçador. Os assassinos de Maddox também a tinham chamado caçadora. Que queriam dizer? Caçadora de recompensas? Esfregou o tornozelo inchado, dolorido. Quem ia pensar isso de uma pessoa tão simples como ela?

—Não importa. Tem que encontrar o modo de sair daqui, Darrow.

Tinha que dizer às autoridades o que tinha ocorrido com Maddox. Acreditariam nela? Se importariam? Ou aqueles homens os teriam enfeitado, tal

e como tinham feito com o resto dos cidadãos, que pensavam que eram anjos e lhes permitiam fazer o que quisessem?

Soluçou. Se pôs a tremer. Ninguém deveria morrer tão lentamente, com tanto sofrimento. Sem dignidade, entre gritos dilaceradores.

De um modo ou outro, Maddox seria vingado.

Maddox gritou.

As chamas o devoravam dos pés a cabeça, derretendo sua carne e o reduzindo a cinzas. Era consciente de tudo..., sempre o sentia. Seguia sabendo quem era, o que era, e que teria que retornar àquele fogo no dia seguinte.

A agonia era quase mais do que podia suportar. As colunas de fumaça se elevavam pelo ar, pulverizando fuligem por toda parte. Com repugnância, pensou que aquela fuligem lhe pertencia. Era ele mesmo.

Logo, muito em breve, recuperou seu corpo de homem, um homem que novamente se inflamou. Novamente, se derreteu, da carne ao músculo, provocando faíscas douradas e alaranjadas. E novamente, outra brisa enegrecida devolveu tudo a seu lugar, de modo que o processo completo começasse outra vez. E outra vez, e outra, e outra.

Durante todo o tempo, Violência rugia dentro de sua cabeça, desesperado por escapar. Já não estava saciado como o estava no momento da morte de Maddox. E mesclando-se com seus rugidos, estavam os uivos de outras almas condenadas que sofriam enquanto as chamas os devoravam. Os demônios, aquelas criaturas aladas e asquerosas de olhos vermelhos, rostos esqueléticas e chifres amarelos, foram de um prisioneiro a outro, rindo, provocando-os, cuspidos-os.

«E eu tenho um desses monstros dentro de mim. Salvo que o meu é pior».

Os outros demônios também sabiam.

—Bem-vindo, irmão —lhe diziam, antes de o lamberem com suas línguas de fogo.

Antes, Maddox sempre tinha desejado se dissolver em um nada quando as chamas o abrasavam. Não queria voltar nunca para o inferno nem ao mundo. Desejava que sua desgraçada existência terminasse, e que a dor cessasse por fim. Antes sempre tinha desejado isso, mas aquela noite não.

Aquela noite, o desejo eclipsava à dor.

A imagem de Ashlyn apareceu em sua mente, provocando-o mais que os demônios. «Comigo não encontrará nada mais que felicidade», parecia que diziam seus olhos, enquanto separava ligeiramente os lábios como se quisesse receber um beijo.

Era um mistério que ele desejava resolver. Era deliciosa, tão feminina que despertava todos seus instintos masculinos. E surpreendentemente, tinha lutado por ficar com ele. Inclusive tinha lutado por lhe salvar dos outros. Maddox não entendia por que, mas de todo o modo gostava da idéia.

Possivelmente não tivesse sabido o que queria fazer com ela no princípio, mas já sim. Queria saboreá-la. Inteira. Isca ou não. Caçadora ou não. Simplesmente, desejava. Depois de tanto sofrimento, merecia um pouco de felicidade.

Nem sequer em seus dias de guerreiro de elite dos deuses tinha desejado a uma mulher mais que a outra. Depois, sempre tinha aproveitado aquilo que podia, quando podia consegui-lo. Entretanto, desejava a Ashlyn especificamente. Desejava Ashlyn naquele momento. Onde a teria agasalhado Lucien? No quarto contíguo ao seu? Estava na cama, nua, envolta em lençóis de seda? Assim era como ele ia toma-la, pensou então Maddox. Não fora do castelo, como era seu

costume. Não no chão frio e cheio de ramos. Em uma cama, rosto a rosto, pele com pele, investindo e deslizando-se lentamente.

Ao pensar nisso, o corpo lhe ardeu, ardeu de uma maneira que não tinha nada a ver com as chamas.

Nunca tinha conhecido a uma mulher tão vulnerável como Ashlyn. Ali, sozinha, no bosque, com os olhos cheios de segredos. Seguida por assassinos. Maddox não sabia se eles tinham intenção de matá-la ou usá-la para matar a ele e aos outros Senhores. Mas o averiguaria.

Pela manhã, quando Lucien devolvesse a alma a seu corpo curado, a buscaria e lhe perguntaria. Não, primeiro a acariciaria, pensou. A beijaria. Saborearia todo seu corpo, tal e como queria fazer naquele momento.

Apesar da dor, se deu conta de que estava sorrindo. Aquela mulher o tinha olhado com encantamento. Tinha tentado segui-lo, salvá-lo. Sim, tinha feito sua própria cama. E se deitaria nela. Com ele.

A interrogaria só depois de fazer amor com ela. E se averiguasse que era mesmo uma isca, disse a si mesmo, apesar de que notasse uma pontada de dor no peito, se encarregaria dela como se encarregou dos Caçadores.

—Os Titãs derrocaram aos Gregos. —anunciou Aeron.

Aquilo tinha estado bulindo dentro dele desde que tinha voltado para a fortaleza, uma hora antes, mas com todo aquele caos, não tinha tido oportunidade de dizer aos outros. Até aquele momento. Por fim as coisas se acalmaram. Entretanto, ele sabia que a paz duraria só até que todos assimilassem a notícia que acabava de lhes dar.

Apesar de estarem na sala de jogos, suportando os gemidos de um dos filmes pornográficos aos quais Paris era tão aficionado, não passou muito tempo antes que outros se voltassem para ele.

—Aeron... acaba de mencionar os Titãs? — perguntou Lucien, com sua voz calma de sempre.

Calma. Sim, isso descrevia perfeitamente à Morte. O imortal mantinha seu temperamento e todas suas emoções dominadas com mão de ferro, porque quando se desatavam, Lucien era uma força que, mesmo, a própria Ira temia. Mais que uma besta, Lucien se convertia em um verdadeiro demônio. Aeron só tinha sido testemunha da transformação uma vez, mas nunca o tinha esquecido.

—Pareceu que ouvi algo assim —disse Reyes, sacudindo a cabeça. — O que está passando? Primeiro, Torin nos diz que os Caçadores voltaram, depois Maddox vem para casa com uma mulher, e agora você nos conta que os Titãs estão no poder. É possível que aconteça algo assim?

—Sim, é possível —respondeu Aeron. — Parece que os Titãs passaram estes séculos de encarceramento aperfeiçoando seus poderes. Recentemente escaparam do Tártaro, fizeram uma emboscada aos Gregos, os apanharam e ficaram com o trono. Agora, são eles quem nos controlam.

Houve um pesado silêncio, enquanto todo mundo refletia sobre aquela notícia. Os Gregos e os guerreiros não sentiam afeto um pelo outro, precisamente, visto que os primeiros os tinham condenado e amaldiçoado; entretanto...

—Está seguro? —perguntou Lucien.

—Muito seguro. Levaram-me a uma espécie de câmara de tribunal, em meio de um círculo formado por seus tronos. Fisicamente são menores que os gregos. Entretanto, seu poder é inconfundível. Quase podia vê-lo, como se fosse um ser vivo. E em seus rostos, vi só decisão, intransigência e desagrado.

Passaram alguns momentos muito tensos.

—Desagrado à parte, há alguma possibilidade de que os Titãs possam nos liberar dos demônios sem nos matar? —Reyes fez a pergunta que, sem dúvida, todos queriam formular.

—Não acredito —respondeu Aeron. — Eu lhes perguntei isso mesmo, mas não quiseram falar disso comigo.

Outro silêncio.

—Isto é... isto é... —murmurou Paris.

—Incrível —disse Torin.

Reyes esfregou a mandíbula.

—Se não vão nos liberar, que planos têm para nós?

—O único que sei com segurança é que querem tomar um papel ativo em nossas vidas —respondeu Aeron.

— Mas por que?

—Oxalá soubesse.

—Por isso lhe chamaram? —interveio Lucien. — Para te informar desta mudança?

—Não —disse Aeron, e fechou os olhos. — Me ordenaram que fizesse... algo.

—O que? —perguntou Paris.

Ele observou a seus amigos, tentando encontrar as palavras mais adequadas. Respirou profundamente e exalou.

—Me ordenaram que assassine um grupo de turistas na cidade. Quatro humanos. Todas mulheres.

—Repete—disse Paris. Aeron repetiu a ordem dos Titãs. Paris, mais pálido do que o normal, sacudiu a cabeça.

—Posso entender que agora temos chefes novos. Eu não gosto, estou confuso, mas o aceito. O que não entendo é que porque os Titãs tenham ordenado a você, o guardião da Ira, que mate a quatro mulheres na cidade. Por que iriam fazer algo assim? É uma loucura.

—Não me disseram o motivo —respondeu Aeron. O motivo tampouco teria importado. Ele não queria fazer mal aquelas mulheres. Sabia o que era matar. Tinha matado muitas vezes, mas sempre guiado pelos impulsos inegáveis do demônio, um demônio que escolhia bem a suas vítimas. Eram pessoas que abusava de seus filhos, ou que desfrutavam na destruição de outros. Ira sempre sabia quando alguém merecia a morte.

Quando Aeron tinha prestado atenção a aquelas quatro mulheres, o demônio as tinha julgado e as tinha declarado inocentes. E, entretanto, se supunha que ele devia matar a elas.

Se isso acontecesse, se veria forçado a derramar sangue inocente, Aeron não voltaria a ser o mesmo. Sabia.

—Deram-lhe um prazo para que o faça? —perguntou Lucien.

—Não, mas...

—Mas?

—Me disseram que se não agisse com rapidez, o sangue e a morte começariam a consumir minha mente. Disseram que mataria algo, e a qualquer pessoa, até o dia que cumprisse sua ordem. Como Maddox. Mas, ao contrário de Maddox, minha tortura não terminaria ao amanhecer.

Paris lhe perguntou com gravidade:

—Como vai fazer isso? Disseram isso, ao menos?

O estômago de Aeron se encolheu.

—Tenho que lhes cortar o pescoço,

—E por que fazem isto? —inquiriu Torin.

Aeron não conhecia a resposta. Permaneceu em silêncio. Entretanto, sabia que agora nada poderia salvar aquelas mulheres. Estavam colocadas na lista de

vítimas de seu espírito, e embora fossem inocentes, no final seriam eliminadas. Uma por uma.

—O que podemos fazer para ajudar? —perguntou Lucien com um olhar agudo.

—Não sei. Estamos tratando com deuses novos, com novas circunstâncias. Não sei como reagirei quando... quando as tiver matado.

—Não é possível lhes fazer mudar de opinião?

—Nem sequer vamos tentar —respondeu Aeron. — De novo, usaram Maddox como exemplo. Disseram que sofreríamos uma maldição como a sua se nos atessemos a protestar.

Paris saltou de seu assento e começou a caminhar a largos passos de um extremo a outro da sala.

—Odeio isto —grunhiu.

—Nós não adoramos, precisamente. —respondeu Torin.

—Possivelmente esteja fazendo um favor a essas mulheres. —disse Reyes.

—E possivelmente me ordenem que mate a você depois. —replicou Aeron.

—Tenho que pensar nisto —murmurou Lucien, passando a mão pelo rosto cheio de cicatrizes. — Tem que ter algo que possamos fazer. Por agora, acredito que já chega de conversa. Foi uma noite muito ocupada, e não terminou ainda. Paris, Reyes, acredito que devem ir à cidade para se assegurarem de que não há mais Caçadores à espreita. Torin... não sei. Vigia a colina, ou ganhe mais dinheiro para nós. —O que vai fazer você? —inquiriu Paris. —Pensarei quais são nossas opções —respondeu Lucien com seriedade. Paris arqueou as sobrancelhas.

—E o que passa com a mulher de Maddox? Estarei em melhor forma para lutar com qualquer Caçador que possa me encontrar se passar um momento entre suas...

—Não —resolveu Lucien, olhando ao teto. — Com ela não. Recorda que prometi a Maddox que a devolveria intacta.

—Sim, recordo. Me recorde você outra vez por que lhe prometeu uma coisa tão estúpida.

—Deixa-a em paz. De todos os modos, não parecia que gostasse muito de você.

—O que é inclusive mais assombroso que a notícia dos Titãs —murmurou Paris. Depois, suspirou. — Está bem. Eu não lhe porei as mãos em cima, mas alguém tem que ir lhe dar algo de comer. Dissemos que o faríamos.

—Por que não a deixamos passar um pouco de fome? Amanhã pela manhã estará um pouco mais dócil se estiver debilitada.

Lucien assentiu.

—De acordo. Possivelmente esteja mais disposta a dizer a verdade a Maddox se pensar que vamos lhe dar de comer.

—Eu não gosto, mas não vou protestar. E suponho que isso significa que tenho que ir à cidade sem minha dose de vitamina D —disse Paris com outro suspiro. — Bom, vamos fazer, Dor.

Reyes ficou em pé e ambos saíram juntos da sala. Torin os seguiu, mas à distância. Aeron não podia imaginar como era a pressão de ter que se assegurar sempre de não tocar a ninguém. Tinha que ser um Inferno.

Soltou um bufo. A vida dos guerreiros era um inferno.

Lucien se sentou na poltrona que tinha em frente a ele. Irradiava uma fragrância de rosas. Aeron nunca tinha compreendido por que a Morte cheirava como um buquê de flores da primavera. Certamente, era uma maldição como a de Maddox.

—O que pensa? —perguntou a seu amigo enquanto o observava. Pela primeira vez em muitos, muitos anos, seu amigo transmitia algo diferente de calma. Tinha o cenho franzido, e rugas de tensão no rosto cheio de cicatrizes.

Aquelas cicatrizes lhe atravessavam a rosto das sobrancelhas às mandíbulas; eram grossas e franzidas. Lucien nunca tinha falado de como as tinha feito, e Aeron nunca o tinha perguntado. Quando viviam na Grécia, o guerreiro tinha voltado para casa um dia com a dor refletida nos olhos e aquelas marca nas bochechas.

—Isto é ruim. —disse Lucien. — Muito ruim. Caçadores, a mulher de Maddox e os Titãs, tudo no mesmo dia. Não pode ser uma coincidência.

—Sei. Acha que os Titãs querem nossa morte? Que foram eles os que enviaram aos Caçadores?

—Possivelmente. Entretanto, o que fariam com nossos demônios quando nossos corpos fossem destruídos e os espíritos liberados? E, para que iam dar uma ordem, para você, de fazer algo por eles se o querem morto?

Boas perguntas.

—Não tenho respostas para te dar. Nem sequer sei como vou fazer o que me pediram. Essas mulheres são inocentes. Duas são jovens, de uns vinte anos, a terceira tem quarenta e tantos anos e a quarta é avó. Provavelmente, faz bolachas para os vagabundos em seu tempo livre.

Aeron tinha procurado as turistas e as tinha encontrado em um hotel da cidade depois de sair do Olimpo. Ao vê-las em carne e osso, seu horror se intensificou.

—Não podemos esperar. Temos que agir rapidamente —disse Lucien. — Não podemos permitir que esses Titãs ditem nossas ações, ou tentarão fazê-lo uma e outra vez. Com certeza que podemos encontrar uma solução.

Aeron pensava que teriam melhor sorte tentando encontrar um modo de arrumar os despojos rasgados e queimados de sua alma quando matasse aquelas mulheres. Inclusive isso, lhe parecia difícil.

Os dois amigos ficaram em silêncio durante um longo momento, pensando em todas as suas opções. Ou melhor, na falta delas. Finalmente, Aeron sacudiu a cabeça e se sentiu como se acabasse de acolher a outro demônio em seu interior. A fatalidade...

Capítulo 5

Em algum momento daquela interminável noite, Ashlyn ficou em pé e apalpou as paredes da cela. O tornozelo doía a cada passo que dava. Era o aviso de todas as horas que tinha passado subindo as montanhas cobertas de neve do exterior do castelo, e da esperança que tinha perdido com seis movimentos de uma espada.

Sua busca de escapatória foi infrutífera. Não tinha janelas nem nenhum túnel pelo que se lançar como se fosse Alice no País das Maravilhas. Em algum momento tinha perdido o celular, embora não pensasse que tivesse cobertura no calabouço de um castelo.

À medida que passava o tempo, a escuridão se fechou mais e mais a seu redor.

Só queria retornar a sua casa, pensou enquanto voltava para se aconchegar no chão. Queria esquecer aquela experiência. Podia viver com as vozes a partir daquele momento, viveria com elas. Tentar silenciá-las lhe tinha custado muito caro. Possivelmente, seu trabalho. Sua amizade com McIntosh. Certamente, uma

parte de sua prudência. Nunca voltaria a ser a mesma. O rosto sem vida de Maddox a perseguiria durante o resto de sua vida. Oh, Deus. Lágrimas de desgosto caíram por seu rosto.

«Por favor, deixem que me vá», balbuciou uma voz «Por favor. juro, nunca voltarei». «Eu tampouco», pensou ela.

—Esteve aqui toda a noite, mulher? Passou um momento até que Ashlyn conseguisse se orientar. Aquela voz..., juraria que provinha do presente, não do passado. Aquele som áspero e retumbante ressoava em seus ouvidos. —Me responda, Ashlyn.

Passou outro momento antes que se desse conta de que era a voz que tinha gravada na mente, embora só a tivesse ouvido umas quantas vezes. Lutou por ver algo na escuridão..., mas não encontrou nada. —Ashlyn, me responda.

—Maddox? —perguntou ela. Não. Não podia ser. Tinha que ser um truque.

—Responda a pergunta.

De repente, a porta se abriu, e a luz iluminou a cela. Ashlyn piscou contra os pontos alaranjados que lhe nublavam a vista. Tinha um homem no vão, uma sombra alta e negra.

O silêncio, um silêncio doce que só tinha conhecido uma vez, envolveu-a.

Apoiou as palmas das mãos contra o muro que tinha atrás dela e ficou em pé muito devagar. Seus joelhos tremiam. Ele não era..., não podia ser... Não era possível. Aquilo só ocorria nos contos de fadas.

—Responda. —insistiu a figura.

Tinha certa violência em seu tom de voz naquele momento, como se falasse com duas vozes. Ambas escuras, espessas e ensurdecedoras.

Ashlyn abriu a boca para falar, mas não emitiu nenhum som. Aquela voz dupla era gutural, turbulenta e, entretanto, sensual. Maddox. Não tinha se equivocado. Estremecendo, limpou as lágrimas do rosto com o dorso da mão.

—Não o entendo. —disse. «Estou sonhando?».

Maddox... Não, o homem, porque aquele não podia ser Maddox por muito que se parecessem suas vozes, entrou na cela. Como podia ser aquilo?

Um gêmeo.

Ashlyn abriu os olhos de par em par. Um gêmeo. Claro. Por fim algo que tinha sentido.

—Mataram a seu irmão —disse.

—Eu não tenho irmãos —respondeu ele. — Não de sangue.

—Mas... mas...

«Maddox ficará bem», tinha-lhe dito o homem muito bonito. Ela sacudiu a cabeça. Era impossível. Tinha visto ele morrer. «Entretanto, um anjo podia ressuscitar, não?». Um nó se formou em seu estômago. Os homens daquela casa não eram anjos, por muito que acreditassem os habitantes da cidade.

Ele franziu o cenho.

—Deixaram-lhe aqui toda a noite? —perguntou, com uma expressão cada vez mais escura, enquanto olhava a seu redor na cela. — Me diga que lhe deram mantas e água, e que a trouxeram para cá esta manhã.

Ela não podia deixar de tremer.

—Quem é? O que é?

—Já sabe quem sou.

—Mas não pode ser ele. Meu Maddox morreu.

—Seu Maddox? —perguntou ele, e algo feroz brilhou em seu olhar?

Ela elevou o queixo e não respondeu.

Os lábios do homem se curvaram levemente para cima, como se quisesse sorrir.

Alargou a mão e a chamou.

—Venha. Se lavará, se aquecerá e comerá algo. Depois eu... explicarei a você.

Aquele hesitação deixou claro a Ashlyn que não ia explicar nada. Tinha outra coisa na cabeça, e seu tom de voz sugeria que ia ser intenso. Ela permaneceu imóvel. Estava muito assustada.

—Deixa que veja seu abdômen.

Ele estalou os dedos.

—Vamos.

—Não.

—Vamos.

Ela sacudiu a cabeça.

—Vou ficar aqui até que me mostre o estômago.

—Não vou te fazer mal, Ashlyn.

—Você não pode ser meu Maddox. É impossível.

—É a segunda vez que me reclama como seu.

—Eu... sinto muito.

Não sabia o que dizer. Maddox a tinha salvado das vozes, ao menos durante um breve momento. Ela o tinha visto morrer. Estavam conectados. Era dele.

—Não sinta —disse ele, quase com ternura. — Sou Maddox. Agora, venha.

—Não.

Cansado de negativas, ele se aproximou.

—A levarei no ombro se for necessário, como fiz ontem à noite. Se me vejo obrigado a fazê-lo, entretanto, não posso te assegurar que saia desta cela com a roupa posta. Entendeu?

Estranhamente, aquelas palavras foram embriagadoras, quando deveriam ter resultado intimidantes. Eram reconfortantes, quando deveriam ter sido aterradoras. Só Maddox sabia a forma em que a tinha levado ao castelo. A tinha descido do ombro e a tinha tomado nos braços antes de entrar pela porta e começar a gritar a seus assassinos.

— Por favor —disse ela. — Me mostre seu abdômen.

Finalmente, ele suspirou.

—Parece que sou eu o que não vai sair daqui com a roupa posta.

Segurou a ponta de sua camiseta negra e, lentamente, levantou.

—Queria olhar, assim olhe —lhe disse com impaciência e resignação.

Ashlyn baixou a vista centímetro a centímetro. Viu um pescoço musculoso no qual pulsava desenfrenadamente o pulso. Clavículas cobertas de tecido negro. Viu uma de suas mãos grandes segurando o tecido da camiseta em cima de seu coração. Os bicos de seu peito eram diminutos, marrons e duros. Tinha a pele bronzeada de um modo sobrenatural, como ela tinha admirado no bosque, e era feito de músculos.

E então, Ashlyn o viu. Viu seis feridas recobertas de crosta. Não tinham pontos; estavam avermelhadas e inflamadas. Doloridas.

Ela inalou bruscamente. Quase em transe, estendeu a mão. Com as pontas dos dedos, roçou a ferida que lhe atravessava o umbigo. A crosta era áspera e cálida. Ela notou pequenas descargas elétricas subindo pelo braço.

—Maddox —ofegou.

—Por fim —murmurou ele, se retirando como se ela fosse uma bomba a ponto de explodir. Baixou a camiseta e tampou as feridas. —Contente? Estou aqui, sou de verdade.

—Como é possível? Não é um anjo. Significa que é um demônio? Isso é o que dizem algumas pessoas sobre seus amigos e sobre você.

—Quanto mais fala, mais se compromete. Quer vir comigo?

—Maddox, eu...

—Te mostrei o abdômen. Disse que viria comigo se o fizesse.

Ficava outra escolha?

— Bem. O acompanharei.

— Não tente escapar. Você não gostaria do que poderia acontecer.

Com um movimento fluido, ele deu a volta e saiu do calabouço.

Ashlyn o seguiu, coxeando, fazendo todo o possível por se manter perto dele.

— Não respondeu a minha pergunta. Se for um demônio, posso aceitar. Seriamente. Não vou me assustar, nem nada parecido. Só quero saber para poder me preparar.

Não houve resposta.

— Nada de conversação — respondeu ele sem diminuir o passo enquanto subiam pelas escadas. — Possivelmente mais tarde.

Mais tarde. Não era o que ela teria desejado, mas era melhor que nada.

— Espero que sim.

Tropeçou e se encolheu ao sentir uma aguda dor no tornozelo.

Maddox se deteve bruscamente. Antes que ela se desse conta, se chocou contra suas costas e deu um grito de susto. Imediatamente, sentiu um calor, um comichão.

— Te fiz mal?

— Não.

— Não minta para mim.

— Torci o tornozelo ontem à noite — admitiu Ashlyn em voz baixa.

Seus traços se suavizaram enquanto a percorria lentamente com o olhar. se deteve em seus seios, em suas coxas. Ela se arrepiou. Era como se a estivesse despindo objeto a objeto, deixando-a sem nada. E ela gostou. Seu coração pulsava rapidamente no peito. Sentiu uma umidade entre as pernas.

De repente, já não importavam as respostas, a dor do tornozelo nem o intumescimento. Seu estômago se encolheu de necessidade. Tinha calor. Queria que a abraçasse, que a reconfortasse, que a abraçasse.

Um instante depois se deu conta de que estava esticando os braços para ele.

— Não me toque — disse Maddox, e deu um passo para trás para pôr distância entre eles.

— Ainda não.

Ela baixou os braços com decepção. «Nem respostas, nem carícias», pensou, tentando conter o prazer que sentia ao estar por fim perto do homem que lhe tinha consumido o pensamento durante toda a noite. Seu calor, o silêncio... Uma combinação letal para o sentido comum.

O que necessitava, o que queria, era uma carícia. Entretanto, ele estava decidido a lhe negar.

— E respirar? Posso respirar?

Os lábios de Maddox se curvaram outra vez e, o leve sorriso suavizou a ferocidade de seu rosto.

— Se o fizer silenciosamente.

Ela entreabriu os olhos.

— Claro, é um encanto. Muito obrigada.

Aquele sorriso se fez enorme, e sua força cortou o fôlego de Ashlyn. Era muito bonito absolutamente hipnotizante. Ashlyn se viu de novo apanhada em sua armadilha... Como conseguia lhe fazer isso? E de novo esticou a mão sem pensar. Desejava sentir a faísca do contato. Desejava... desejava...

Ele sacudiu a cabeça com veemência. Ela ficou imóvel, zangada com ele, consigo mesma.

— Há algo que necessito antes que comece o contato.

— O que é?

— Não importa. O que importa é que não me respondeu. Esteve na cela toda a noite?

— Sim.

— Lhe deram comida?

— Não.

— E mantas?

— Não.

— Alguém te fez mal? — inquiriu ele, e um músculo se moveu na mandíbula, uma, duas vezes.

Ela ficou confusa.

— Sim, claro.

— Quem?

A rosto de Maddox começou aquela estranha mudança, e sob sua pele apareceu a máscara de um esqueleto. Mesmo seus olhos mudaram. O violeta se voltou negro e depois um vermelho que brilhava espantosamente. Um nó se formou na garganta de Ashlyn. « O que faz aqui parada? Corre! »

A expressão de Maddox se torceu como se soubesse o que ela queria fazer.

— Não — lhe disse. — A única coisa que conseguiria é me enfurecer mais. Isto passará em um momento. Agora me diga quem a tocou.

— Todos — respondeu ela — acredito. Mas tiveram que fazê-lo. Era a única maneira de que pudessem me colocar na cela.

Ele relaxou, embora só um pouco. A imagem esquelética e o brilho vermelho se desvaneceram.

— Não lhe tocaram sexualmente?

Ela negou com a cabeça e também relaxou um pouco.

— Então perderei suas vidas — disse Maddox. Depois se esqueceu de sua própria regra, pôs as mãos nas suas têmporas e a obrigou a que fixasse a atenção em seu rosto.

Ela experimentou aquele comichão elétrico de novo e sentiu sua respiração quente no nariz. Maddox era tão grande que a seu lado parecia diminuta, e tinha os ombros tão largos que a abrangiam por completo.

— Ashlyn — disse com ternura.

Aquela rápida mudança, de besta a cavalheiro preocupado, era assombrosa.

— Não queria falar disto ainda, mas acredito que devo ouvir sua resposta agora. Ontem à noite matei esses quatro homens. Os que a seguiam.

— Que me seguiam? — perguntou ela. Acaso a tinha encontrado alguém do Instituto, depois de tudo? E tinham...? O resto das palavras apenas se registrou em sua mente, porque sentiu um calafrio. — Os matou?

— Sim.

— Como eram? — perguntou ela, horrorizada. Se o doutor McIntosh tinha morrido por sua culpa... Apertou os lábios para reprimir um gemido de dor.

Maddox descreveu aos homens. Eram guerreiros capazes e fortes. Ela relaxou lentamente. A maioria dos empregados do Instituto eram velhos, como McIntosh. Muitos deles eram pálidos, com pouco cabelo e óculos, e com os olhos debilitados de olhar constantemente os monitores dos computadores. Sentiu um imenso alívio, mas também culpabilidade: a noite anterior tinham morrido quatro pessoas. Não deveria lhe importar se os conhecia ou não.

— E por que fez algo semelhante?

— Estavam armados e estavam preparados para a batalha. Tinha que escolher: ou eu os matava ou me matavam.

Disse isso sem o menor sinal de remorso. Claramente, seu salvador falava como um soldado veterano. .. ou como um assassino cruel e frio, parecido a seus companheiros. Não duvidavam em matar.

Então por que seguia desejando que a abraçasse? Fosse qual fosse a emoção que Maddox leu em seu semblante, respondia a pergunta que este não tinha chegado a formular. Ele franziu o cenho e apertou os lábios. Com desagrado? Por que? Se perguntou Ashlyn. Antes de que pudesse observá-lo melhor, ele deu a volta e subiu dois degraus mais.

—Esquece que o mencionei. —disse.

—Espera.

De um salto, Ashlyn se aproximou dele, apesar da dor do tornozelo, e o agarrou pelo braço.

Ele se deteve. Ficou muito rígido, e depois voltou a cabeça e grunhiu lhe olhando os dedos.

—Sinto muito —sussurrou ela, e afastou a mão. Nada de tocar, recordou.

— Maddox...

— Sim?

—Não se zangue, mas já é muito tarde, assim vou voltar para o tema original. O que é? Eu respondi suas perguntas, assim por favor, responde você à minha.

Ele não o fez. Ficou olhando-a.

Então Ashlyn começou a falar nervosamente.

—Olhe, há todo tipo de criaturas pouco comuns no mundo. Ninguém sabe melhor que eu. Mencionei a você que sei que existem os demônios? Só quero ter certeza do que estou enfrentando neste castelo.

Ele baixou um degrau para cortar a distância que os separava. Em resposta, ela baixou outro para voltar a ampliá-la.

—Não faça mais perguntas. Vai se banhar, vai comer e descansar. Está muito suja, cambaleia por causa da fome e tem olheiras muito profundas. Depois, poderemos... falar.

De novo aquela vacilação. Ela ficou desconcertada e engoliu em seco.

—Se pedisse a você que me levasse de volta à cidade, o que me diria?

—Que não.

«Estava acabado». Os ombros dela se afundaram. Por muito que desejasse aquele homem, ou possivelmente pelo muito que o desejava, tinha que começar a se comportar como um ser humano racional... e escapar.

Maddox arqueou uma sobrancelha.

—Vou ter que a trancar outra vez, Ashlyn? — perguntou, como se tivesse lido seu pensamento. — Quer partir porque tem que falar com alguém? Há alguém ansioso para saber onde está?

—Meu chefe. —respondeu ela com sinceridade.

—Quem é seu chefe?

Como se ela fosse lhe dizer e pôr em perigo a vida de um homem inocente! Em vez de responder, se encheu de coragem e disse:

—Me deixe ir, por favor, Maddox.

—Ontem à noite disse a você que voltasse para a cidade, e se negou a fazê-lo. Me seguiu, chamou a gritos. Lembra?

A Ashlyn resultava amargo recordá-lo.

—Um momento de loucura.

— Bom, pois esse momento de loucura sentenciou seu destino, mulher. Vai ficar aqui.

Maddox acompanhou Ashlyn a seu dormitório. Ele já tinha limpado o sangue do chão, tinha jogado o colchão sujo e o tinha substituído por outro dos de reposição que tinha na sala contígua. Para se adiantar à sedução, tinha lhe preparado um banho de água quente, tinha deixado uma bandeja de frios e

queijos, tinha aberto uma garrafa de vinho e tinha posto lençóis limpos, secados ao sol.

Nunca tinha investido tanto esforço em um encontro sexual, mas tinha ouvido falar com Paris sobre como se derretiam as mulheres com aqueles cuidados. Maddox não se deu conta de que Ashlyn passaria toda a noite em uma cela, nem de que necessitaria realmente de seus cuidados, «graças» a seus amigos. Apertou os punhos. «Sua comodidade não importa». Não estava seguro de onde provinha aquele pensamento, se do demônio ou de si mesmo. Só sabia que era mentira.

—Se banhe, troque de roupa e descansa —lhe disse. — Ninguém a incomodará. Necessita algo mais? Ela assentiu.

—A liberdade não estaria mau.

—Além disso.

—Poderia apagar minhas lembranças dos últimos dias?

—Além disso —repetiu ele. Não tinha gostado de nada que ela quisesse esquecer-lo.

Ashlyn suspirou.

—Não. Então não há nada mais.

Maddox sabia que devia sair do dormitório para que ela pudesse relaxar e seguir suas instruções, mas não tinha vontade de fazê-lo. Se apoiou contra o trinco da porta. Ela permanecia no centro do quarto, com os braços cruzados sobre o abdômen, puxando a jaqueta rosa que usava para se abrigar. A boca dele se encheu de água.

—Fez isto com muitas mulheres? —perguntou Ashlyn em tom despreocupado.

—Fazer o que?

—As prender.

—Não. Você é a primeira.

—E o que tem pensado para mim, já que sou uma garota especial?

—O tempo dirá —respondeu ele com sinceridade.

Uma sombra de preocupação obscureceu o rosto de Ashlyn.

—Quanto tempo?

—Teremos que descobrir juntos.

Ela franziu o cenho.

—É o homem mais crítico que conheci em minha vida.

Maddox deu de ombros.

—Me disseram coisas piores.

—Disso estou certa. —murmurou ela.

Nem sequer aquele insulto fez que Maddox se fosse. Só um pouquinho mais...

—Não sabia que comida você gostaria mais, assim, trouxe um pouco de tudo o que tínhamos na cozinha. Temo que não há muito o que escolher.

— Obrigada. — respondeu Ashlyn. Depois, se zangou. — Não sei por que sou amável com você. Olhe o que está me fazendo.

—Cuidando de você?

Ela ruborizou e afastou o olhar.

—Pertence a algum homem, Ashlyn? — perguntou ele de repente. Odiava aquela idéia.

— Não entendo sua pergunta. Se sou casada? Não. Se tenho noivo? Tampouco. Mas sim tenho amigos, e pessoas que se preocupam comigo — Acrescentou rapidamente, ao se dar conta de que se pôs em uma situação vulnerável. — Me buscarão — insistiu, ao ver que ele não respondia.

—Mas não a encontrarão — respondeu Maddox. Os quatro da noite anterior não tinham conseguido subir à colina. Outros tampouco o conseguiriam.

Ela levou a mão à garganta e com o movimento atraiu a atenção de Maddox a seu pulso. Por que se sentia tão encantado pelos batimentos de seu coração, tão desejoso de acariciá-la?

—Não queria te assustar. —explicou.

—Não o entendo. — choramingou ela.

Ele tampouco entendia a si mesmo. E, quanto mais tempo passava falando ali com Ashlyn, menos sentido tinham as coisas. Se ergueu.

—Se banhe. Voltarei mais tarde — disse, e sem lhe dar oportunidade de responder, saiu para o corredor e fechou a porta sem olhar atrás.

Era melhor assim. Do instante em que tinha perguntado se pertencia a algum homem, o demônio tinha começado a se remover dentro dele, ansioso por briga. Se ficasse, tocaria nela. Se a tocava, tomaria. Entretanto, não queria se arriscar a fundir os corpos e a que um beijo abrasador se convertesse em uma dentada, ou a que houvesse golpes muito fortes.

Aquela mulher delicada que tinha dentro de seu quarto não sobreviveria.

—Maldita seja. —grunhiu.

Ashlyn era, sem dúvida, a humana mais doce que tinha conhecido. O deixava com água na boca. Seu corpo atormentado chorava por ela. Não queria lhe causar mal, por muito que ela tivesse admitido que conhecia a existência do demônio. Só um Caçador ou uma isca podiam conhecê-la. Entretanto, ele não queria outra coisa que lhe dar prazer.

Além disso, estava enfurecido com seus amigos por mantê-la toda a noite no calabouço. Quando tinha aberto a porta da cela e tinha visto o rosto suja e a expressão de medo de Ashlyn, tinha tido vontade de matar a alguém. Tinha conseguido reprimir o impulso dizendo a si mesmo que logo estaria estendida em sua cama, nua, aberta para ele. Embora aquilo tenha conseguido acalmá-lo, não tinha acalmado ao demônio; só tinha servido para incitá-lo mais.

Naquele momento, Violência necessitava uma de via de escape para sua raiva crescente. Só então, ele poderia acariciar Ashlyn sem medo de quebrar seu corpo frágil.

Corpo... Ashlyn... Duas palavras que o excitavam se fossem usadas na mesma frase. Era luminosa, era todas as fantasias feitas realidade, e tinha a intenção de se saciar dentro dela, uma e outra vez.

Logo, ela desejaria o mesmo.

O desejo brilhava nos olhos de Ashlyn quando o olhava e, constantemente, tinha tentado tocá-lo, ter algum tipo de contato físico com ele. Maddox tinha inclusive percebido o aroma de sua excitação, um perfume de paixão, inocência e mel. Entretanto, a assustava, e o medo superava seu desejo.

«Deveria estar contente de que uma isca o tema», Maddox pensou consigo mesmo.

Deveria, pensou com desdém. Como estava começando a odiar aquela palavra.

Não obstante, tinha que pensar atentamente em se ela era ou não uma isca.

Quando ele tinha mencionado aos quatro humanos que a seguiam pela colina, Ashlyn tinha mostrado uma surpresa que parecia verdadeira. Ficou horrorizada pelo que ele tinha feito, certo, mas a maioria das humanas se horrorizava com as guerras e as matanças.

Tinha algo que resultava assombroso: Ashlyn tinha admitido livremente que conhecia a existência dos demônios. Ele não tinha tido que torturá-la para conseguir a informação. Por que ia fazer algo assim uma isca voluntariamente?

Por que não tinha fingido que pensava que ele era humano para conseguir que baixasse a guarda?

Até o momento, não tinha tentado tira-lo da fortaleza, nem tampouco tinha tentado deixar entrar alguém. Entretanto, não tinha tido capacidade de movimento para fazê-lo. E não ia ter.

O que mais o confundia em tudo isso, era que ela tivesse tentado salva-lo de seus amigos. Salvar a alguém a quem queria fazer mal era ridículo. Além disso, Ashlyn podia ter-se feito mal. Era uma contradição andante, para o mundo em branco e preto de Maddox.

No dia seguinte se encarregaria de averiguar a verdadeira razão pela qual ela estava ali. Entretanto, aquele dia estava destinado a outras coisas.

Se encaminhou para a sala de entretenimento em busca dos outros. O espírito ronronou de impaciência. O corpo de Maddox doía pela ansia de brigar, mas não encontrou ninguém na sala, nem tampouco nos quartos de seus companheiros. Depois de percorrer toda a fortaleza estava tão frustrado que ficou a gritar.

—Onde estão todos?

Deu um murro na parede, e depois outro, com tanta força que deixou entalhes. Amassou seus nódulos e lhe pulsavam de dor, mas uma dor boa, uma dor que fazia que o espírito ronronasse de felicidade.

—O que está fazendo? Está quebrando as paredes em vez de as arrumar?

Maddox ouviu aquela voz familiar e se voltou. O sangue lhe caía das mãos, cálido e estimulante.

Aeron estava ao final do corredor. A luz entrava em torrentes por uma janela e desenhava sua silhueta poderosa. Um dos raios de sol incidia diretamente sobre seu cabelo negro e o convertia em uma coroa brilhante que iluminava sua pele.

E como se a tivessem golpeado, como se não a tivessem acalmado, Violência despertou à vida com um uivo. Maddox assinalou a seu amigo com o cenho franzido.

—Deixaram-na lá embaixo.

—E o que?

O demônio negro que Aeron tinha tatuado no pescoço também despertou de sua letargia. Parecia que tinha piscado. E parecia que a saliva jorrava de suas presas afiadas.

—Falou?

—Do que?

—Do motivo pelo que qual aqui.

—Não.

—Então deixa que eu pergunte.

—Não!

Ashlyn já estava o suficientemente assustada.

—Onde está agora? —perguntou Aeron.

—Não é seu assunto. Entretanto, alguém vai pagar pelo estado em que a encontrei.

Os olhos cor violeta de seu amigo, tão idênticos aos seus, como se os deuses tivessem estado muito cansados para criar algo diferente, se abriram desmesuradamente devido à surpresa.

—Por que? O que significa essa mulher para você?

—É minha —foi a única resposta que Maddox pôde dar. — É minha.

Aeron passou a língua pelos dentes.

—Não seja idiota. É uma isca.

—Possivelmente —disse Maddox. Provavelmente. Começou a caminhar para frente. Estava fervendo, faminto. ..— Neste momento não me importa.

O outro guerreiro se aproximou também, igualmente furioso.

—Pois deveria. E trazê-la aqui foi um engano.

Maddox sabia, mas não ia se desculpar. Voltaria a fazê-lo se lhe dessem a oportunidade.

—A leve à cidade e apague suas lembranças —disse Aeron.— Do contrário, terá que morrer. Viu e ouviu muito, e não podemos permitir que relate aos Caçadores.

—Preferiria ferir você.

O demônio tatuado estendeu as asas. Estava completamente acordado, e Aeron sorriu lentamente.

—De acordo, mas você terá que arrumar o que tiver quebrado.

—E você terá que limpar.

—Como se me importasse. Vamos começar ou só vamos falar disso?

—Claro que vamos começar. Agora mesmo.

Maddox deu um salto.

Aeron também. Chocaram-se no ar.

Capítulo 6

Um murro, um grunhido de dor. Se esquivar do golpe, outro murro.

Maddox deu um forte golpe no rosto de Aeron e este cambaleou para um lado com outro grunhido. Entretanto, um segundo depois, se vingou com um bom gancho de esquerda na mandíbula de Maddox, ao qual lhe fizeram chiar os dentes e encheu a boca de sangue. O gosto era metálico mas doce, e em parte, saciou a sede do espírito.

Estava sorrindo quando cravou o joelho no estômago de seu competidor. O guerreiro se dobrou para frente, resfolegando. Mais. Precisava infligir mais mal. Antes que Maddox pudesse dar com o cotovelo na cabeça, Aeron avançou e com um uivo selvagem, rodeou Maddox com os braços e o atirou ao chão. Rodaram para conseguir a posição dominante; voaram os punhos, chocaram os joelhos. Os cotovelos se golpearam.

Maddox assobiou quando Aeron voltou a golpeá-lo na boca. O sorriso se apagou dos seus lábios e o interior da bochecha se rasgou. Notou outro jorro de sangue pela garganta.

—Era isso o que queria? — rugiu Aeron.

Maddox apanhou o pescoço de seu amigo com uma mão e Aeron ofegou. Sua pele começou a ficar de cor azul.

—Era isto o que queria? — perguntou por sua vez Maddox.

Aeron estava lutando por respirar e ele aproveitou que o tinha imobilizado para lhe dar outros quatro golpes, todos eles no rosto. Um no olho, outro no nariz, outro na mandíbula, o último na têmpora. «Não mais Violência por hoje», dizia-se inutilmente a cada golpe. «Não mais Violência».

« Está seguro? », perguntou o espírito de um modo sedutor.

Maddox entrecerrou os olhos e lançou outro murro «mata-o».

— Não! — gritou, e só então se deu conta que não tinha domesticado absolutamente ao demônio. Nem sequer um pouco. Ficou imóvel, ofegando, sem saber o que fazer. Não podia ir assim ao encontro de Ashlyn, sedento de sangue e mais agressivo do que era geralmente.

—Oh, sim.

Cheio de cortes e machucados. Aeron rugiu e afundou o punho no olho direito de Maddox. A dor explodiu em sua cabeça quando os punhos de Aeron

golpearam uma veia. A visão se obscureceu momentaneamente. Algo úmido começou a derramar pela seu rosto e finalmente, a voz sádica sossegou.

Possivelmente precisasse submeter ao espírito a golpes. Feliz de agradá-lo, abriu os braços para aceitar o próximo golpe.

Aeron não o decepcionou. O guerreiro lhe deu uma chute no estomago e Maddox caiu para trás. Assim que tocou o chão, Aeron se colocou sobre ele, e o segurou pelos ombros com os joelhos com uma expressão de demoníaca satisfação nos olhos, muito mais ameaçador que a tatuagem que tinha no pescoço.

—Quer mais? —pergunto.

—Mais.

Um murro. A cabeça de Maddox girou bruscamente para a esquerda. Murro. Volta para a direita. Murro. A cartilagem de seu nariz rangeu.

«Me golpeie! Mais forte! Mais forte!».

A cada golpe, o espírito se afundava mais e mais. Ira contra Violência, pensou Maddox, e Violência se acovardou. A idéia de vencer a Violência produzia quase um clímax sexual. Sorriu, pensando que assim devia se sentir Reyes quando infligia feridas a si mesmo para sentir dor. Feliz no sofrimento. Desesperado por conseguir mais.

Ao receber outro golpe, seus dentes morderam a língua. A língua inchou.

«Agora não pode beijar Ashlyn», disse a si mesmo.

«Não tem que beijá-la para se deitar com ela», disse o demônio, e foi suficiente para lhe provocar um ataque de fúria.

«Já basta!». Ele queria beijar Ashlyn. Queria provar seu sabor na boca enquanto ela se retorcia contra ele. E o conseguiria. Enquanto as chamas o devoravam, naquela noite interminável, não tinha podido pensar em outra coisa.

Outro murro.

—Aeron! o que está fazendo?

Maddox ouviu a voz de Lucien do corredor.

—Dando a Maddox o que necessita. Murro.

—Basta!

—Não.

O golpe seguinte se afundou mais forte e mais profundamente na têmpora de Maddox, fazendo que seu cérebro retumbasse.

—Não pare. — disse Maddox a Aeron. Um pouco mais, e possivelmente o espírito se mantivesse escondido durante o resto do dia.

— Basta! —repetiu Lucien. — Agora mesmo, ou esta noite o levarei ao inferno com Maddox. Imediatamente cessaram os murros. Era uma ameaça que Lucien podia cumprir com facilidade.

Aeron estava ofegando, e Maddox também. Esteve a ponto de agarrar Aeron pelo pulso e obrigá-lo a que seguisse golpeando. Queria, necessitava mais. Não podia se arriscar. Se devia receber golpes até que não pudesse se mover, se deixaria pegar.

Não queria machucar Ashlyn.

Ainda não, ao menos.

A contragosto, Aeron se levantou e ofereceu a mão a Maddox para ajudá-lo a levantar. Com a mesma relutância, Maddox a aceitou e logo esteve de pé. Juntos, enfrentaram a Lucien.

Não tinha nenhuma emoção nos olhos de Lucien enquanto os observava. Maddox passou a mão pela rosto golpeada e encontrou cortes que deveriam ter sido suturados se tivesse sido humano.

—Quer alguém me dizer o que passou?

—Estamos testando uma nova técnica de luta — disse Maddox, com os lábios inchados. Por uma vez, o espírito se manteve calado. Ele quase se sentia normal. Se dar conta disso lhe resultou tão maravilhosamente incrível que sorriu.

—Exato. Uma nova técnica — disse Aeron, e passou um braço pelos ombros. Tinha um dos olhos fechados, e o lábio inferior partido.

Maddox sabia que em menos de uma hora, suas feridas estariam totalmente curadas. A imortalidade tinha suas vantagens.

Voltaria Violência a seu corpo quando estivesse são?

Lucien ia responder, mas Maddox elevou a palma da mão.

—Não quero ouvir suas queixas. Deixaram Ashlyn no calabouço. Deveriam dar graças aos deuses de que não me atire na sua garganta.

—Fizemos o necessário para que se mostrasse mais dócil. —disse Lucien, e em seu tom de voz não tinha nenhum animo de desculpa.

Maddox ficou tenso ao notar uma quebra de onda de ira. Entretanto, era uma ira muito normal, que não o obrigava a fazer coisas terríveis. Milagroso.

—Te pedi somente duas coisas. E não tem feito nenhuma das duas.

—Me pediu que a mantivesse com vida e intacta. Ambas as coisas se cumpriram — replicou Lucien.

Certo, mas ela estava assustada e gelada, e por algum motivo, isso lhe causava mais mal que os punhos de Lucien. Era tão miúda, tão delicada...

—Eu não podia me ocupar de suas necessidades. Deveria tê-lo feito você. — disse a seu amigo.

—Olhe, neste momento sua mulher não importa — disse Lucien. — Desde sua última morte ocorreram muitas coisas...

—Não importam? Se ficasse doente...

As bordas de sua ira se transformaram em pontas afiadas que provocaram ao espírito. Depois de tudo, não devia estar completamente vencido, porque Maddox se deu conta de que seu corpo se esticava e se preparava para a guerra.

O demônio gostou. «Mata-o. Quer ficar com o que é nosso».

Sim, precisava matar. O sangue lhe fervia. Sua pele se estirava sobre os ossos.

—Não te escuta — disse Aeron a Lucien, e deu a Maddox um empurrão— Ouve?

—Sim —respondeu Maddox entre dentes.

—Quanto tempo pensa ter a mulher aqui? «Todo o possível», respondeu sua mente por vontade própria.

«O que for necessário», corrigiu ele.

Tê-la na fortaleza era perigoso para ela, para ele e para os outros Senhores. Ele sabia, mas não ia liberá-la. Não tinha a vontade nem o desejo. Não tinha nada mais importante que descobrir as delícias que prometia seu corpo.

De repente, alguém lhe deu um murro no nariz e sua cabeça explodiu de dor. A fúria se desvaneceu. A excitação também. Maddox piscou com confusão e olhou para Aeron.

—Por que fez isso?

—Sei rosto não era seu rosto, a não ser o de Violência — lhe disse Lucien, sacudindo a cabeça. Tinha uma expressão cansada. — Estava a ponto de estalar.

—Tem que se controlar, Maddox —disse Aeron com exasperação. — É como uma espada do Damocles, preparada para cair em qualquer momento e cortar a todos.

—Isso soa engraçado vindo de você. — respondeu Maddox secamente.

—Onde está a garota agora? — quis saber Lucien.

—Em meu quarto. —respondeu Maddox.

—A deixou sozinha no quarto? — inquiriu Aeron, e lançou os braços ao ar.
— Por que não lhe dá uma faca e lhe diz que nos apunhale?

—A tranquei. Não pode nos causar problemas.

—Talvez saiba forçar a fechadura — disse Lucien, enquanto esfregava a nuca. — Talvez neste mesmo instante esteja deixando entrar os Caçadores.

—Não. Eu os matei.

—Mas pode ter mais.

Lucien tinha razão, e Maddox sabia.

—Está bem. Comprovarei que segue onde a deixei, e sozinha.

Quando começou a andar, Lucien e Aeron o seguiram. Pela extremidade do olho, viu que Aeron sacudia os braços e um par de facas caíam em suas mãos.

Não se tinha deixado dominar por seu demônio durante a briga, depois de tudo. Maddox se deu conta de que, do contrário, sua pele pareceria farrapos naquele momento.

Sentiu uma pontada de culpabilidade. Tinha Aeron lutado só para ajudá-lo?

—Ninguém toca na garota —disse ele, e sua culpabilidade se intensificou. Deveria ser mais leal com seus amigos. — Não importa o que averigüemos, é minha. Entendido? Eu me encarregarei dela.

Houve uma pausa tensa enquanto os outros dois homens pensavam em sua resposta.

—De acordo. —disse Lucien com um suspiro.

Aeron permaneceu em silêncio.

—É meu quarto. Posso entrar sozinho e lhes deixar fora...

—Está bem —disse Aeron. — É sua. Embora se que não vai fazer o que deveria... Mas os Caçadores serão executados no momento em que aparecerem.

—De acordo.

—Que fez ela para que sinta tanta lealdade?

Perguntou Lucien com curiosidade.

Maddox não conhecia a resposta. Nem sequer queria conhecê-la.

—Acredito que nosso amigo se esqueceu que o sexo é sexo —disse Aeron. — A pessoa que o ofereça não importa. Essa mulher não é nada especial. Nenhuma é.

De repente, Maddox sentiu outra quebra de onda de fúria e olhou Aeron fixamente. Aeron lhe devolveu o olhar e entre eles houve uma grande tensão.

—Não fale assim dela.

—Falo como quero.

Maddox sabia que, se voltasse a ouvir seu amigo falar sobre Ashlyn de uma maneira tão depreciativa, saltaria.

—Pela razão que for —disse Lucien — essa garota é um detonador. Lhe diga que não voltará a falar dela, Aeron.

—E por que? A última vez que o comprovei, ainda tinha direito a expressar minhas opiniões.

—Aeron, tem que estar cansado de limpar o sangue dos chãos —disse Lucien— Pensa em quanto sangue correrá se os Caçadores estão tentando invadir agora nossa casa e não lhes impedimos de entrar. Diga-lhe.

—Está bem. Não voltarei a falar da garota. Contente?

Sim. Maddox relaxou imediatamente.

—Não vou dizer, mas sabe o que estou pensado, não é? —perguntou Aeron com ironia.

Sim. Sabia. Era pior que Paris.

—Meninos! —disse Lucien, pondo os olhos em branco.

—Mama... —respondeu Aeron com ironia.

Finalmente, os três homens ficaram de novo a caminho para o dormitório.

Quanto mais se aproximavam, mas percebia Maddox o aroma de mel de Ashly. Aquele aroma era dele; não era de um sabão nem de um perfume, a não ser dele. Maddox notou que lhe endurecia o corpo. Teve a sensação de que levava toda a eternidade esperando provar aquele mel.

Olhou seus companheiros. Não parecia que eles percebessem aquele aroma doce que impregnava o ar. Bem. Ele queria Ashlyn por completo, com exclusividade.

Quando chegaram à soleira, os três se detiveram. Aeron ficou tenso e preparou uma de suas facas. Sua rosto se transformou em uma máscara dura, como se estivesse se preparando para fazer o que fosse necessário. Lucien também tirou uma arma: um revolver calibre 45 carregado e preparado.

—Olhem bem antes de atacar. — advertiu Maddox entre dentes.

Eles assentiram.

—No três. Um — sussurrou, e escutou atentamente.

Do outro lado da porta não tinha nenhum som. Nem o chapinho da água do banho, nem o suave entrecostar de um prato em uma bandeja. Teria Ashlyn escapado de verdade? Se o tivesse feito...

—Dois...

Seu estômago se encolheu. Apertou com força o punho de sua faca.

—Três.

Giro a maçaneta e abriu a porta de par em par. Os três homens entraram rapidamente, em silêncio, preparados para qualquer coisa. Maddox passou o olhar pela sala, assimilando todos os detalhes. Não tinha rastros no chão. As janelas estavam fechadas. A bandeja de comida, intacta. Tinha roupa sua fora do armário, atirada pelo chão.

Onde estava Ashlyn?

Aeron e Lucien se separaram enquanto ele avançava sigilosamente junto à parede do armário, com os sentidos em alerta. Então as mantas da cama se moveram e se ouviu um suave gemido.

—Baixem as armas — ordenou Maddox com um sussurro feroz. O sangue lhe tinha cozido ao ouvir o som daquele suspiro feminino.

Ao se aproximar da cama, encontrou a Bela Adormecida. Ashlyn. Anjo, destruição.

Seu cabelo cor âmbar estava estendido pela almofada branca. As pestanas, um pouco mais escuras que o cabelo, projetavam sombras longas sobre seu rosto, ainda manchadas da porcaria do chão do calabouço. Não tinha se banhado, não tinha comido. Devia ter dormido assim que ele a tinha deixado sozinha.

—Bonita. — disse Aeron com uma admiração reticente.

«Deliciosa», corrigiu-o Maddox em seus pensamentos. «Minha». Tinha os lábios vermelhos e deliciosamente inchados. Os teria mordido de preocupação? Observou o movimento ascendente e descendente de seu peito e, sem poder evitar, esticou o braço para tocá-la. Entretanto, apertou o punho antes de roçá-la. De novo, seu corpo se endureceu como uma rocha e a necessidade fervia em seu interior. Uma necessidade escura, intensa, mais poderosa inclusive que Violência.

Como era possível que ela conseguisse aquela resposta dele, só com um suspiro?

Finalmente, estendeu os dedos e lhe acariciou a bochecha com a suavidade de uma pluma. Sua pele era suave, mas lhe produziu um comichão elétrico e, ao insistir, a temperatura de seu corpo subiu outro grau.

Ashlyn abriu os olhos de repente, como se ela também houvesse sentido o comichão.

De repente, se levantou, e a juba caiu em cascata pelos ombros e as costas. Com olhos sonolentos, o olhou.

—Maddox — sussurrou.

Se voltou para trás até que subiu a cabeceira de metal, e as algemas repicaram contra os lados da cama. Eram as algemas com as que o atavam todas as noites.

—Maddox. —repetiu ela. Assustada, alucinada..., feliz?

Maddox, Lucien e Aeron deram um passo atrás ao uníssonos. Sabia por que se movia; tinha visto sua ruína nos preciosos olhos de Ashlyn quando seus olhares se encontraram. Entretanto, não sabia por que os outros reagiam assim.

—Que... que está fazendo? — pergunto ela.— E o que aconteceu com seu rosto? Está sangrando.

Então olhou aos outros e gemeu.

— Não foi suficiente matá-lo ontem à noite! Tiveram que golpeá-lo hoje também? Saíam daqui, assassinos! Fora! Saltou da cama e se interpôs entre Maddox e eles, cambaleando ligeiramente enquanto abria os braços para mantê-los afastados. Para protegê-lo? Outra vez? Com os olhos muito abertos, Maddox olhou a seus amigos, que também tinham expressão de assombro.

Os atos de Ashlyn eram os de alguém inocente... ou de alguém que fingia ser inocente. De todo o modo, Maddox notou que queria tocá-la outra vez. Para sentir consolo? Não, não podia ser. Tinha que ser por desejo. Isso tinha sentido. Ele era um homem, ela era uma mulher. Desejava-a.

Mas, se faria aquele desejo mais escuro, tal e como temia?

Puxou seu braço e a puxou para que se colocasse atrás dele. Compartilhou um olhar de confusão com Lucien, e depois se voltou para olhá-la. Antes de que pudesse pronunciar uma só palavra, ela disse apressadamente:

—Vai me levar a cidade agora? Por favor.

E não voltar a vê-la?

—Come — lhe ordenou. — Se Lave. Voltarei logo —disse. Depois, ladrou a seus amigos.

—Vamos.

E saiu ao corredor. Eles vacilaram um momento antes de segui-lo. Depois de fechar a porta com chave, Maddox apoiou a testa contra o muro de pedra e respirou profundamente.

«Isto tem que parar».

—Trouxe o problema para casa —disse Aeron — Realmente estava tentando te proteger de nós?

—Não pode ser.

Entretanto, era a segunda vez que o tinha feito, e Maddox estava mais confuso naquele momento que antes.

Se ergueu e passou a mão pela rosto.

—Me deixe partir, Maddox — pediu Ashlyn através da porta. — Me equivoquei ao vir. Se servir de algo, te prometo que não contarei a ninguém.

—Sei que trouxe problemas —reconheceu Maddox a Aeron.

Seu amigo arqueou uma sobrancelha.

—E não vai se desculpar?

Aquilo era o pior de tudo, não o lamentava.

—Esquece a mulher por agora —disse Lucien, agitando uma mão no ar. — A viu, está bem. Não parece que tenha deixado entrar os Caçadores, ao menos ainda.

—Agora temos algo mais importante do que falar. Antes tentei dizer que os deuses... não são quem pensa.

—Maddox, temos que falar com você. —disse uma voz áspera, que cortou qualquer resposta que ele tivesse podido dar.

Lucien subiu os braços com exasperação e Maddox deu a volta. Reyes se aproximava junto a Paris e Torin. Os dois primeiros tinham o cenho franzido. O terceiro sorria, como o louco que era.

—Sua mulher tem que partir —rugiu Reyes. — A estive cheirando toda a noite, e não posso suportar outro instante mais dessa essência de tormenta.

Tormenta? Ashlyn cheirava a mel.

—Fica. —disse Maddox laconicamente.

—Quem é, por que esta aqui e..... posso vê-la nua? —perguntou Paris, movendo uma sobrancelha.

—Alguém deveria matá-la. — sentenciou Reyes.

— Ninguém vai tocar nela!

Aeron fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Já vamos outra vez.

—Ao contrário de Reyes, a mim não importa sua presença —disse Paris, esfregando as mãos.

— Só me importa que não queira compartilhá-la. Eu gostaria...

Maddox empurrou Paris antes de que este pudesse terminar a frase.

—Não diga nada mais. Sei o que você gostaria de lhe fazer, e antes morrerei.

Então Paris franziu o cenho e sua pele pálida avermelhada.

—Te afaste, idiota. Não estive com nenhuma mulher hoje, assim não estou com humor para tolices.

Torin permanecia no canto, sorrindo.

—A ninguém mais parece divertido isto? É melhor que escutar aos brokers quando as ações descem vertiginosamente.

Maddox lutou por dominar seu temperamento e tirar Ashlyn da cabeça. Como mulher, como humana, como possível isca, era a última pessoa que deveria lhe suscitar aquele sentimento de amparo.

Deveria, deveria, deveria. AH! «Termina com isto». Finalmente. Logo. Já.

— Já basta! —gritou Lucien.

Todo mundo ficou em silêncio e olhou Lucien com surpresa. Dificilmente gritava.

—Tinha Caçadores na cidade? —pergunto a Paris e a Reyes.

Reyes sacudiu a cabeça.

—Não encontramos nenhum.

—Bem. Isso está bem. Possivelmente Maddox matou todos. —disse Lucien, e assentiu com satisfação. — Mas Maddox não sabe nada dos deuses ainda. Temos que contar a ele. E há mais. Aeron e eu... fizemos algo ontem à noite.

—Que está acontecendo? —pergunto Maddox. — Quero sabê-lo. O que acontece aos deuses? Sei que chamaram Aeron, mas estava muito distraído para perguntar antes pelos detalhes. Que queriam dele?

—Mais tarde — respondeu Torin a Maddox, sem afastar os olhos de Lucien. — O que têm feito, Morte?

—Se explique. —exigiu Reyes.

—Uma explicação não será suficiente. Preciso lhes mostrar isso disse Lucien, e começou a caminhar pelo corredor. — Me sigam.

Não podia ser nada bom, pensou Maddox. Lucien nunca se mostrou tão misterioso. Confuso, intrigado, preocupado, olhou para a porta atrás da qual Ashlyn se encontrava antes de seguir a seus amigos.

Capítulo 7

Ashlyn deitou na cama, tentando controlar a respiração. Oh, Deus. Ele tinha voltado. Não tinha sido um sonho, uma alucinação nem um milagre. Maddox estava vivo. Ela tinha estado realmente encerrada em um calabouço. Ele tinha voltado realmente de entre os mortos. E realmente, fazia com que as vozes cessassem.

Quando a tinha deixado naquele estranho dormitório de paredes nuas, ela havia começado a procurar um telefone, mas não o tinha encontrado. Depois tinha procurado uma saída. Nada. O cansaço a tinha vencido rapidamente. Não tinha sido capaz de lutar contra o silêncio relaxante, como uma droga adorada da qual finalmente podia desfrutar. Assim se deitou sem se preocupar com as consequências. Imaginou que possivelmente, só possivelmente, tudo aquilo não fosse mais que uma ilusão e que, quando abrisse os olhos, se encontraria em sua casa, em sua cama.

Entretanto, ao abrir os olhos, tinha visto Maddox inclinado sobre ela, olhando-a com seus profundos olhos de cor violeta.

Sua rosto estava cheia de hematomas e cortes. Tinha o olho esquerdo inchado e o lábio quebrado. Ao recordá-lo, sentiu náusea. Aqueles monstros tinham tentado matá-lo de novo?

«De novo». Ótimo! O tinham matado. E dois de seus assassinos estavam com ele. Além disso, Maddox falava com eles em termos amáveis, conversava como se não tivesse nenhuma razão para odiá-los. Como podiam seguir sendo amigos?

Saltou da cama. Doía-lhe o corpo a cada movimento e franziu o cenho. Muito estresse..., e não tinha um final a vista para tudo aquilo.

Foi para o banheiro e se surpreendeu por sua beleza, levando em conta quão espartano era o quarto. Ali, as paredes estavam recobertas de azulejos brancos e o chão era de mármore; além disso, tinha uma banheira vazia, de ferro, com os pés de garras, que tinha a torneira elevada, em caso de um gigante quisesse tomar banho? E uma enorme bancada cheia de toalhas.

Por algum motivo que ela não compreendia, tudo estava atarraxado, e não tinha nenhuma decoração.

Ashlyn deu de ombros e, com um suspiro, pegou uma das toalhas e a molhou na água da banheira, que tinha ficado gelada. Sem tirar a roupa, se lavou o melhor que pôde. Não tinha intenção de se despir. Um daqueles homens podia voltar a qualquer momento.

«Sim, mas você gostaria que voltasse Maddox».

«Não», disse ela, ruborizada pela idéia. Não gostaria. Maddox a assustava.

«Ele te proporciona o prezado silêncio».

«Já não». Maddox não estava ali e, entretanto, as vozes não tinham voltado. Tinha a cabeça clara, e só ouvia seus próprios pensamentos. «Estou curada».

«Não estas. Ontem à noite, no calabouço, ouviu vozes».

—Agora estou falando comigo mesma — disse, elevando as mãos ao céu. — Qual será o próximo acontecimento?

Notou que tinha o estômago vazio e recordou que tinha uma bandeja cheia de comida que Maddox devia ter deixado ali. Saiu do banho, a tomou entre as mãos e se aproximou da janela. Apoiou a bandeja no parapeito e pegou uma uva. O suco doce da fruta lhe percorreu a garganta, e esteve a ponto de gemer antes de se concentrar no assunto mais importante de todos: escapar.

Tinha falado a McIntosh, e portanto ao Instituto, daqueles homens e de sua fortaleza. McIntosh sabia, inclusive, que ela tinha a intenção de visitá-los. O mais provável era que, naquele momento, ele já soubesse aonde tinha ido. Iria

procurar a ela ou a abandonaria a sua sorte como castigo por ter desobedecido? Embora sempre tivesse sido bom com ela, nunca tinha tolerado enganos de outros empregados e, muito menos, a desobediência.

«Virá», pensou Ashlyn. «Necessita de você».

Entretanto, enquanto olhava pela janela, só via mato e neve. Não deixou que aquilo a desanimasse. Tinha que sair dali quanto antes. Enquanto pensava, comeu todas as uvas. E quando terminou com elas, deu conta dos frios e do queijo, e tomou um pouco de vinho. Nunca tinha comido nada tão delicioso. O presunto estava polvilhado com açúcar mascavo, e tinha sido uma festa para suas papilas gustativas. O queijo era suave, e as uvas tinham sido um contraponto perfeito. O vinho, excelente.

Bem, aquele lugar tinha alguns pontos a seu favor.

Entretanto, a comida não era uma razão suficientemente boa para ficar. E o sexo? Claro que não, pensou, embora sentisse um comichão no estômago. Isso era...

De repente, tudo em seu interior ficou em alerta. Era como a calma antes da tormenta. Não sentia exatamente dor, mas se deu conta de que algo não estava bem em seu corpo. Um batimento do coração... dois... Engoliu em seco, esperou.

Então estalou a tormenta.

O sangue lhe gelou nas veias, mais umas gotas de suor, afiadas como cristais quebrados, lhe cobriram a pele. Gritou, gemeu, tentou tirar-lhe. Entretanto, não se foram. Eram como aranhas, e ela via suas patinhas passeando por seu corpo. Lhe formou outro grito na garganta no preciso instante em que a invadia um forte enjôo, assim que o som se transformou em um grunhido. Teve que se agarrar a janela para não cair. A bandeja caiu ao chão com estrepito.

De repente, o enjôo se transformou em dor, e a dor em uma faca que a atravessou do estômago ao coração. Cambaleou, ofegou e gemeu, tudo ao mesmo tempo.

O que lhe tinha passado? Tinha veneno na comida? Oh, Deus, ainda tinha aquelas aranhas na pele?

Outra pontada de dor a atravessou.

—Maddox — sussurro.

Nada. Não ouviu passos.

— Maddox! — gritou, projetando o nome com todas suas forças. Tentou chegar até a porta, mas não podia se mover.

— Maddox!

«Por que o chama? Possivelmente ele seja quem tem feito isto».

—Maddox — repetiu Ashlyn. Não podia tirar o nome dos lábios. — Maddox...

Lhe nublou a visão e sua garganta se inflamou. Não podia respirar e caiu ao chão. Necessitava ar, precisava tirar aquelas aranhas do corpo, mas não tinha força nem energia.

A garrafa de vinho se inclinou e o líquido que ficava dentro derramou a seu redor. Perdeu a visão completamente enquanto o mundo desmoronava e desaparecia, deixando somente a escuridão.

Maddox não podia acreditar no que estava vendo.

—Isto... não é possível — disse. Passou a mão pelos olhos, mas a visão não mudou.

—É evidente que não era Ashlyn a quem estava cheirando. —disse Reyes, e deu um murro na parede. O pó se estendeu pelo ar, e algumas partes pequenas de pedra caíram ao chão.

Torin se limitou a rir.

Paris inalou com reverência.

—Venham comigo.

Ali, em um canto do dormitório de Lucien, haviam quatro mulheres de diferentes idades. Estavam agarradas pelas mãos umas das outras e aconchegadas, muito juntas, como se quisessem se dar apoio e força. Estavam tremendo e olhavam aos homens com os olhos muito abertos, cheios de pânico.

Maddox se deu conta de que nem todas tremiam. Tinha uma loira muito bonita, com sardas, que os olhava com fúria. Tinha a mandíbula apertada, como se se estivesse mordendo a língua para não começar a proferir obscenidades.

—Que estão fazendo aqui? — perguntou.

—Não me fale nesse tom. — respondeu Aeron. — Você começou com Ashlyn.

Maddox olhou a Lucien.

—Por que estão aqui?

Lucien olhou a Aeron. Aeron fez um gesto com o queixo para o corredor. Os guerreiros saíram. Todos estavam impacientes por saber o que ocorria. Lucien foi o último a sair, e fechou a porta com a chave.

Maddox olhou a seus amigos. Todos tinham a mesma rosto de incredulidade que ele. Nunca tinha acontecido nada parecido. Nenhum tinha levado uma mulher ao castelo, nem sequer Paris, e naquele momento, tinha tantas fêmeas na casa como guerreiros. Era surrealista.

—E bem? — insistiu.

Aeron, então, explicou que os Titãs tinham derrubado os Gregos, e que os novos soberanos queriam..., não, tinham lhe ordenado que executasse aquelas quatro mulheres inocentes. Se resistisse, o voltariam louco de violência; se pedisse que o liberassem da tarefa, ficaria maldito, como Maddox.

Maddox escutou a história sem sair de seu assombro. E o horror ia tomando conta dele.

—Mas por que foram os novos Reyes pedir a Aeron que...

De repente, adivinhou a resposta e apertou os lábios.

«É minha culpa», pensou. «Eu sou o responsável. Ontem desafiei aos deuses, os insultei». Aquilo tinha que ser sua vingança.

Olhou Torin com consternação. O guerreiro o estava observando com um brilho duro nos olhos. No dia anterior, os dois tinham afirmado que não lhes importava que os deuses os castigassem. Tinham pensado que nada podia ser pior que a situação em que viviam.

Se equivocavam.

—Não podemos permitir que Aeron faça isto — disse Lucien, interrompendo os negros pensamentos de Maddox. — Já está no limite. Todos estamos.

Reyes deu outro murro na parede e grunhiu pela força. Tinha cortes nos braços e lhe abriram por causa do impacto. O sangue vermelho salpicou na pedra chapeada.

—Os Titãs têm que saber o que ocorrerá se Aeron obedecer. Tem que saber que estamos em um equilíbrio muito precário entre o bem e o mal. Por que fazem isto?

—Eu sei por que. — disse Maddox. Todos o olharam.

Enquanto contava o que tinha feito, sentiu uma grande vergonha.

—Não esperava que acontecesse isto — terminou. — Não sabia que os Titãs tinham escapado, e muito menos que tinham tomado as rédeas do Olimpo.

—Não sei o que dizer. — sussurrou Aeron.

—Eu sim. Maldito seja. — respondeu Paris.

—Acha que Ashlyn é também um castigo dos deuses? — perguntou Lucien.

Ele apertou as mandíbulas.

—Sim. Os Titãs devem ter conduzido aos Caçadores diretamente para nós, sabendo que podiam usar Ashlyn, e como ia me transtornar.

—Você não amaldiçoou aos deuses até depois que tivessem chamado Aeron. Além disso, nem sequer os tinha desafiado quando Ashlyn apareceu pela primeira vez em minhas câmaras — assinalou Torin. — Os Titãs não podiam saber o que faríamos e diríamos depois.

—Não? Possivelmente não a enviaram, mas devem a estar usando de algum modo —disse Maddox. Não tinha outra explicação para a intensidade do que sentia por Ashlyn. — Me ocuparei dela — acrescentou. Entretanto seu corpo se tensionou, e lhe rogou que retirasse aquelas palavras. Ele não o fez. — Me ocuparei de todas elas.

Paris o olhou com o cenho franzido.

— Como?

—As matarei.

Fazia coisas piores. Por que não podia acrescentar aquilo a sua lista? «Porque não sou uma besta». Se o fizesse, se transformaria em Violência. Não seria melhor que o espírito que levava dentro, e sua existência só teria um objetivo: causar dor. Entretanto, ele tinha levado aquela praga à casa. Tinha que arrumá-lo, mas poderia destruir Ashlyn? Não queria saber a resposta.

— Você não pode matar às quatro que estão no quarto de Lucien — disse Aeron. — Os Titãs me ordenaram isso. Quem sabe como reagirão se não seguir suas instruções ao pé da letra.

—Ouço-lhes, canalhas, doentes —gritou uma voz feminina por trás da porta. — Se nos matarem, juro a vocês que eu os matarei. Houve uma pausa. Reyes sorriu com ironia.

—Uma façanha impossível, mas eu gostaria de vê-la tentando.

Uns punhos femininos golpearam a porta.

— Nos soltem! nos soltem! Ouvem-me?

—A ouvimos, mulher —disse Reyes. — Estou certo de que lhe até os mortos ouvem.

O fato de que Reyes, o mais sério de todos, fizesse uma brincadeira, era inquietante. Só recorriam ao humor quando a situação era desesperadora.

Aquilo era um pesadelo. Depois de séculos de rotina rígida, de repente Maddox tinha que interrogar a uma mulher e depois destruí-la, antes que pudessem usá-la contra eles. Tinha que salvar a um amigo de uma ordem impensável. E tinha que aplacar aos deuses. A deuses que nem sequer sabiam como se aproximar deles.

Aqueles Titãs eram seres desconhecidos. Se lhes pedisse misericórdia e eles lhe ordenassem fazer algo vil, algo ao que ele se negasse, a situação pioraria com toda segurança.

—Por que não as toco? —Perguntou Torin. — Se morrerem de enfermidade, ninguém terá que se preocupar com sua consciência — disse. Salvo eu mesmo.

—Não. —disse Aeron, ao mesmo tempo que Paris gritava:

— Não, demônios!

—Nada de enfermidades —disse Lucien. — Uma vez que começa, é impossível de controlar. —Manteremos os corpos em pacotes selados — propôs Torin com decisão. Lucien suspirou. —Isso não serviria de nada, e sabe. A doença sempre se estende.

—Enfermidade! — gritou a garota— Vão nos contagiar com alguma enfermidade? Por isso nos trouxeram aqui? Asquerosos, odiosos, podres...

—Silêncio. —disse outra voz— Não os provoque, Dani.

—Mas, vó, esses...

Suas vozes se afastaram. Provavelmente, tinham afastado a garota da porta. Maddox gostava de sua coragem. Recordava a Ashlyn, que tinha enfrentado a ele

na cela e tinha exigido que mostrasse o abdômem. Estava claro que queria sair correndo, mas não o tinha feito. Só de recordar, lhe endurecia o corpo e lhe esquentava o sangue. Tinha acariciado suas feridas, inclusive, e tinha infundido um pouco de vida nele. Isso era algo que ele não tinha podido compreender.

Ternura, possivelmente?

Sacudiu a cabeça. Lutaria contra aquela emoção até seu último fôlego, que chegaria dentro de treze horas, pensou ironicamente. Não podia sentir ternura por uma isca, nem por um castigo divino, nem pelo que fosse.

A prova era que, quando voltasse a vê-la, tomaria com dureza, rapidamente, investindo, investindo... Violência se sentia satisfeita com aquela imagem.

«Quando estiver com Ashlyn em minha cama, vou ser suave, tenho que recordá-lo».

Aquele pensamento foi esquecido. Lhe pediria mais, e ele o daria. ELE...

—Isto está começando a ser tedioso — disse Aeron, e o empurrou com força para a parede. Está ofegando e suando, e tem um brilho vermelho nos olhos. Está a ponto de estalar, Violência?

A imagem de Ashlyn, nua e excitada, se desvaneceu... Aquilo enfureceu ao espírito, que tentou sair da pele de Maddox e atacar. Maddox também rugiu, desejando obter outra imagem dela.

— Se acalme, Maddox — ordenou Lucien, e sua voz serena penetrou na nebulosa mente de Maddox— Se seguir assim, teremos que o encadear. Então, quem protegerá Ashlyn, sim?

Maddox ficou gelado. Sabia que o encadeariam, e não podia permitir. Durante o dia, não. De noite, sim. Então era uma ameaça e não tinha outro modo de dominá-lo. «Sou uma ameaça agora também», pensou. Mas se o atavam naquele momento, quando estava a ponto de perder o juízo, possivelmente admitisse a derrota e deixasse de tentar ser outra coisa que um demônio. Todos o estavam olhando.

—Sinto muito. — disse.

Algo não ia bem. Aquela dança frenética com o espírito era completamente absurda. Era vergonhosa. Normalmente, lutavam um com o outro, mas não assim.

Possivelmente precisasse passar mais tempo no ginásio. Ou outra rodada com Aeron.

—Bem? —perguntou Lucien.

Maddox assentiu rigidamente.

Lucien segurou as mãos por trás das costas e olhou a todos os outros.

—Como isto já está resolvido, vamos falar da razão pela qual os trouxe aqui.

—Vamos falar da razão pela qual trouxe as mulheres aqui —interveio Paris— em vez de as deixar na cidade. Sim, Aeron tem um trabalho a fazer, mas isso não explica...

—As mulheres estão aqui porque não queríamos que partissem da cidade e que Aeron se visse obrigado a seguir — se justificou Lucien. — E eu queria que as vissem para que não as matem se encontram com elas pela fortaleza. Se conseguem escapar, voltem a lhes trazer para meu quarto e as encerrem dentro. Não falem com elas nem lhes façam mal. Até que pensemos como liberar Aeron disto, as mulheres são nossas convidadas. Entendido?

Um por um, os senhores assentiram. Que outra coisa podiam fazer?

—Por agora, me deixem isso e descansem. Sigam adiante com sua Jornada. Estou certo de que logo necessitarei de vocês.

—Eu, para começar, penso beber até perder o sentido —disse Aeron, passando uma mão pela rosto— Mulheres na casa! — murmurou enquanto se afastava— Por que não convidamos a toda a cidade e fazemos uma festa?

—Uma festa estaria bom — disse Torin — Possivelmente me ajudasse a esquecer esta sociedade masculina por obrigação. Dito isso, ele também partiu.

Reyes não disse nada. Se limitou a tirar uma faca de sua jaqueta e partiu pelo corredor, sem deixar dúvida do que pensava fazer. Maddox teria se oferecido para lhe cortar, para lhe dar chicotadas ou golpeá-lo e economizar a Reyes a agonia de fazer as feridas por si mesmo, mas tinha se oferecido outras vezes, e a resposta tinha sido um não muito brusco.

Ele entendia que Reyes precisasse fazê-lo por si mesmo. Ser uma carga era quase tão ruim como estar possuído. Todos tinham seus demônios, e Reyes não queria piorar as coisas para nenhum deles.

Naquele momento, entretanto, possivelmente Maddox tivesse recebido de bom grado a distração.

—Nos veremos mais tarde — se despediu Paris— Eu volto para a cidade — tinha finas rugas de tensão ao redor dos olhos, olhos que, em vez de brilhar de satisfação, como de costume, estavam de um azul apagado— Não estive com nenhuma mulher, nem esta manhã nem ontem à noite. Tudo isto... —disse, e fez um gesto com a mão para a porta— alterou minha agenda. E não de um modo positivo.

—Vá. — o animou Lucien.

—A menos, claro, que me permita entrar em seu quarto...

—Vai. — repetiu Lucien com impaciência.

—Elas é que perdem. —disse Paris. Deu de ombros e desapareceu pela esquina.

Maddox sabia que devia se oferecer para vigiar às mulheres. Depois de tudo, certamente estavam ali por sua culpa. Entretanto, precisava ver Ashlyn. Não, não o necessitava. Queria vê-la. Ele não necessitava nada, e menos de uma humana com motivações questionáveis e que estava destinada a morrer.

—Lucien...

—Vá. — disse seu amigo— Faz o que precise fazer para manter as coisas sob controle. Sua mulher...

—Não quero falar de Ashlyn. — respondeu Maddox. Já sabia o que Lucien queria lhe dizer. «Tem que se ocupar de sua mulher o quanto antes ». Ele também sabia.

—Te tira isso do corpo e depois faz o que tenha que fazer para que nossas vidas possam voltar para a normalidade.

Maddox assentiu e partiu, se perguntando se valia a pena voltar para sua vida normal.

Capítulo 8

Maddox entrou em seu dormitório sem saber o que ia encontrar. Uma Ashlyn adormecida? Uma Ashlyn recém banhada, nua? Uma Ashlyn preparada para lutar?

Uma Ashlyn preparada para o prazer?

Com irritação, se deu conta de que o coração lhe pulsava descompassadamente no peito. As palmas das mãos suavam. «Idiota», pensou. Ele não era humano, nem tinha medo, nem era inexperiente. E, entretanto, não sabia como dirigir aquela mulher, aquele... castigo.

O que não esperava era ver Ashlyn caída no chão, inconsciente, em um atoleiro vermelho... Sangue? Maddox estremeceu.

-Ashlyn?

Correu a seu lado e a fez girar brandamente para tomá-la nos braços. Vinho, só era vinho. Graças aos deuses. Tinha a rosto manchado e algumas gotas se derramaram desde seu rosto aos braços de Maddox. Ele esteve a ponto de sorrir. Quanto tinha bebido?

Pesava tão pouco que nem teria se dado conta de que a levava nos braços se não fosse pelas descargas elétricas que provocava nele o contato com sua pele.

—Ashlyn, acorde.

Ela não despertou. De fato, Maddox teve a impressão de que se afundava mais na inconsciência, porque o movimento de seus cílios cessou.

Com um nó na garganta, Maddox se esforçou por falar.

—Acorde, faça-o por mim.

Nem um gemido, nem um suspiro.

Preocupado por sua falta de resposta, a levou até a cama, ele tirou a jaqueta molhada e a afastou a um lado. Embora não quisesse soltá-la, a depositou sobre o colchão e tomou seu rosto entre as mãos. Tinha a pele gelada.

—Ashlyn.

Não houve resposta.

—Ashlyn... Vamos, preciosa. Acorde.

Em nome de Zeus, o que lhe aconteceu? Não tinha experiência com mortais bêbados, mas aquilo lhe parecia estranho.

A cabeça de Ashlyn rodou a um lado. Seus olhos permaneciam fechados. Tinha uma cor azul nos lábios, e o suor lhe escorregava pelas têmporas. Não estava somente bêbada. Acaso tinha adoecido por passar a noite naquela cela? Não, não tinha dado sinais de se encontrar mau. Acaso Torin a tinha tocado sem se dar conta? Não, não podia ser. Ashlyn não tossia, nem estava coberta de marcas de varíola. Então o que ocorria?

—Ashlyn. — repetiu.

Não podia perdê-la, ainda não. Não tinha conseguido o suficiente dela. Não a tinha acariciado como sonhava, não tinha falado com ela. A surpresa fez Maddox piscar. Se deu conta de que queria falar com Ashlyn, não só saciar seu corpo dentro do dela. Não só interrogá-la, a não ser falar. Conhecer-la e averiguar o que a transformava na mulher que era.

Todos os pensamentos de matá-la se desvaneceram, foram substituídos por pensamentos de salvá-la, fortes e inegáveis.

—Ashlyn, me diga algo.

Maddox sacudia a cabeça, impotente, sem saber o que fazer. Ela seguia gelada; ele pegou as mantas e a envolveu nelas com a esperança de lhe dar calor.

—Ashlyn, por favor.

Enquanto a olhava, nela se formaram hematomas sob os olhos. aquele acaso era o castigo que lhe tinham imposto os deuses? Vê-la morrer lenta e dolorosamente?

— Lucien! — gritou, sem deixar de olhá-la — Aeron! Me ajudem!

Maddox se inclinou e uniu seus lábios com os dela, com a esperança de poder lhe infundir a respiração. Sentiu calor... um comichão... Ela separou os lábios manchados de azul e gemeu. Por fim. Outro sinal de vida. Maddox esteve a ponto de rugir de alívio.

—Me fale, preciosa — disse enquanto lhe afastava o cabelo úmido da testa— Me diga o que acontece.

—Maddox —balbuciou ela, mas seus olhos permaneceram fechados.

—Estou aqui. Me diga como posso te ajudar. Me diga o que necessita.

—As mate. Mate às aranhas —disse, com uma voz tão fraca que ele teve que se esforçar para ouvi-la.

—Não há aranhas, preciosa.

—Por favor — sussurrou ela, e uma lágrima escapou entre seus cílios—Estão correndo pelo meu corpo.

—Sim, sim, as matarei. — respondeu Maddox.

Embora não a entendesse, ele passou as mãos pelo rosto, pelo pescoço, pelos braços, o abdômen e as pernas.

—Já estão mortas. Estão mortas, prometo isso.

Com aquilo, pareceu que Ashlyn relaxava um pouco.

—Comida, vinho. Veneno?

Ele empalideceu. Não tinha pensado nisso, não tinha levado em conta... O vinho era para eles, os guerreiros, não para os humanos. Como o álcool dos humanos não tinha efeito neles, freqüentemente Paris acrescentava umas gotas de ambrosia que tinha roubado dos céus e que mantinha guardada. Acaso a ambrosia era veneno para os mortais?

«Eu lhe fiz feito isto», pensou Maddox, horrorizado. «Eu. Não os deuses».

Gritou e deu um murro ao cabeceiro de metal da cama. Notou uma aguda dor nos nódulos e começou a sangrar. Isso não o aplacou, assim voltou a dar outro golpe na cabeceira. A cama retumbou, e Ashlyn gemeu de dor.

«Basta. Não pode lhe causar dor», disse Maddox. Se obrigou a se tranquilizar.

—O que posso fazer para te ajudar? —perguntou.

—Chame um médico. — sussurrou ela fracamente.

Um curador humano. Sim, sim. Tinha que conseguir levar um médico ao castelo, posto que não podia levar Ashlyn a cidade.

—Encontrarei um medico, preciosa, e o trarei.

Ela gemeu e, por fim, abriu os olhos.

—Maddox.

—Não vou demorar, prometo isso.

—Não... vá — disse ela, que estava a ponto de chorar. —Me dói. Dói muito. Fique.

Então ele se levantou da cama e se aproximou da porta.

— Paris! Aeron! Reyes! —gritou. O som de sua voz retumbou contra as paredes. — Lucien! Torin!

Não os esperou, mas sim voltou para a cama. Ali, entrelaçou seus dedos com os de Ashlyn.

—Que mais posso fazer para aliviar sua dor?

—Não me solte —ofegou ela, e Maddox se deu conta de que tinha estria vermelhas nas comissuras dos lábios. O veneno estava se estendendo?

—Não vou, mas, o que mais posso fazer?

—Não sei. Vou... morrer?

— Não! Não. Isto é minha culpa, e não o permitirei.

—De propósito?

—Nunca.

—Então como? —gemeu ela.

—Foi um acidente. O vinho não é para os humanos.

Não sabia se ela o tinha ouvido.

—Vou... vomitar —disse ela entre arcadas.

Ele pegou a terrina de fruta vazia e a aproximou. Ela se arrastou até a borda da cama e vomitou. Maddox afastou seu cabelo para trás.

Era bom ou mau que se purgasse?

Ashlyn se deixou cair sobre o colchão no momento em que Reyes e Paris apareciam correndo na sala, com uma expressão confusa no rosto.

—O que? —pergunto Reyes.

—O que ocorre? —pergunto Paris. Estava suando, e as rugas de tensão que lhe rodeavam os olhos estavam muito marcadas.

Os braços de Reyes sangravam de novo, e tinha a mão torcida. Além disso, em cada mão usava uma adaga. Claramente, estava preparado para a batalha. Ao presenciar a cena, sua confusão se fez maior.

—Necessita de ajuda com o golpe final?

—Não! O vinho estava misturado com a ambrosia de Paris. Eu o deixei aqui —confessou, e se sentiu culpado e desolado, e olhou a Paris. — Salva-a.

Paris cambaleou.

—Não sei como fazê-lo.

—Tem que saber. Passa muitas horas com os humanos! Me diga como posso ajudá-la.

—Oxalá pudesse. — disse, e passou o dorso da mão pela testa suarenta. — Nunca compartilhei o vinho com nenhum deles. É nosso.

—Perguntem as outras humanas se sabem o que tenho que fazer. Se não souberem, que Lucien se transporte a cidade e encontre um médico para trazê-lo aqui. Morte era o único dos guerreiros que podia se mover de um lugar a outro com um pensamento. Reyes assentiu e saiu correndo.

Paris disse:

—Sinto muito, Maddox, mas estou no limite. Preciso de sexo. Ouvi sua chamada da porta principal e vim em vez de partir. Não deveria tê-lo feito. Se não chegar logo a cidade eu...

—Entendo.

—Compensarei isso mais tarde —disse Paris, e desapareceu pela porta.

—Maddox — gemeu Ashlyn de novo. O suor lhe corria pelas têmporas. Tinha a pele azulada, mas tão pálida, que ele via as diminutas veias azuis que tinha debaixo. — Me conte... uma história. Algo que me faça esquecer a dor. —disse ela, e fechou os olhos.

—Relaxe, preciosa. Não deve falar — sussurrou Maddox. Foi ao banheiro, esvazio a terrina, limpou e secou, no caso de ela vir a precisar novamente. Depois voltou junto à cama e a encontrou com os olhos fechados ainda.

—Por que... seus amigos o mataram?

Ele nunca falava de sua maldição, nem sequer aos guerreiros que sofriam a seu lado. Não deveria falar com ninguém de sua maldição, e menos ainda com Ashlyn, mas isso não o deteve. Ao vê-la se retorcer de dor, faria qualquer coisa para distraí-la.

—Mataram-me porque têm que fazê-lo. Estão malditos, como eu.

—Isso não explica nada.

—Explica tudo.

Passaram vários minutos em silêncio. Ela começou a se retorcer, como se estivesse a ponto de vomitar de novo. Ele a tinha posto doente e estava obrigado a lhe distrair de sua dor.

—Aqui vai a história de minha vida. Sou imortal, e estou na Terra desde o começo dos tempos.

—Imortal. —repetiu ela —Sabia que era mais que humano.

—Eu nunca fui humano. Me criaram como guerreiro para proteger ao rei dos deuses. Durante muito tempo, o servi bem e o ajudei a manter o poder, e o protegi, inclusive, de sua família. Entretanto, não acreditou que eu fosse o suficientemente forte para velar por sua posse mais apreciada, uma caixa feita com os ossos da deusa da opressão. Encarregou essa tarefa a uma mulher. Ela era a caçadora mais forte, mas isso feriu meu orgulho.

Felizmente, Ashlyn tinha relaxado.

—Para lhe demonstrar que tinha sido um engano, ajudei a liberar os demônios que tinham naquela caixa, e se estenderam por toda a terra. Como castigo, os deuses me uniram a um deles —disse Maddox. Pôs uma mão no abdômen dela e começou a acariciar brandamente, com a esperança de que aquilo a acalmasse.

Ela exalou um suave suspiro. De alívio? Oxalá.

—Um demônio. Suspeitava.

Sim, ela devia sabê-lo. Entretanto, Maddox não entendia por que o tinha confessado com tanta facilidade.

—Mas você é bom. Algumas vezes. Por isso seu rosto se transforma?

— Sim.

Ela pensava que ele era bom? Cheio de satisfação, continuou com a história.

—Eu soube em que momento me ocorreu, porque senti uma ruptura por dentro, como se algumas partes de mim estivessem morrendo, como se estivessem se atando a outra coisa, a algo mais forte que eu mesmo.

Tinha sido a primeira vez que o tinha compreendido o conceito de morte. Entretanto, não sabia que muito em breve o ia entender intimamente.

Ela emitiu outro delicado suspiro. Maddox não sabia se entendia o que estava lhe contando. Ao menos não estava chorando nem se retorcendo de dor.

—Durante um tempo, perdi contato com minha própria vontade. O demônio me controlou por completo e me obrigou a...

A todo tipo de perversidades, pensou. Teve visões de sangue e morte, de fumaça, de cinzas e de completa desolação. Nem sequer ele mesmo podia suportar aquilo, e não ia carregar Ashlyn com essas lembranças espantosas.

Depois recordou como o espírito tinha afrouxado sua dominação, como ele tinha saído daquela névoa e a fumaça negra de sua mente se dispersou com uma brisa doce da manhã, e tinha deixado para trás essas lembranças odiosas.

O demônio o tinha obrigado a matar Pandora, a guardiã que o ser odiava mais que tudo. Ao final, sua sede de sangue se aliviou, e o monstro se retirou a um canto da mente de Maddox, e tinha deixado que ele enfrentasse às conseqüências.

—Tive que me afastar daquela caixa. — disse ele com um suspiro.

—Caixa —sussurro Ashlyn, e o deixou assombrado—, demônios... Tinha ouvido algo parecido. —disse. Abriu a boca para seguir falando, mas não pôde. Gritou e alargou as mãos cegamente para pegar a terrina.

Maddox reagiu com rapidez e lhe aproximou a terrina em um segundo. Ela vomitou enquanto ele a segurava, a protegia como não tinha feito nunca com outra pessoa. Dar consolo era algo novo para ele. Oxalá, ele estivesse fazendo corretamente. Nunca tinha recebido um apoio assim de seus amigos. Todos eram muito reservados a respeito de suas torturas, como ele.

Quando Ashlyn terminou, voltou a colocá-la sobre o colchão e, uma vez mais, limpou seu rosto. Depois olhou o céu.

—Sinto muito ter falado assim de vocês. — sussurrou— Mas, por favor, não façam mal a ela por meus pecados.

Voltou a olhá-la, e se deu conta de que sua vida se dissolveria em um nada se a perdia. Como era possível? Há uma hora, se convenceu de que seria capaz de matá-la...

—Deixem-na viver — acrescentou — e farei tudo que queiram.

Qualquer coisa? Perguntou uma voz muito baixa, que provinha do fundo. Não era a voz de Violência, nem nenhuma voz que ele tivesse ouvido antes.

Maddox piscou, ficou imóvel. Passou um momento antes de que sua surpresa se convertesse em confusão.

—Quem esta aí?

Ashlyn se sobressaltou por sua pergunta e o olhou com os olhos avermelhados.

—Eu. — gemeu.

—Não me faça conta, preciosa. Dorme. —disse ele brandamente.

« Quem acha que sou, guerreiro? Será que não imagina quem tem o poder de te falar assim?».

Maddox passou outro momento assombrado antes de assimilar a resposta. Podia ser um Titã? Ele levava anos enviando suplicas aos Gregos, e nunca lhe tinham respondido. Além disso, os Titãs tinham chamado Aeron para que fosse aos céus, só com uma voz...

Sentiu esperança e medo. Soube que faria tudo se aqueles Titãs fossem benevolentes e o ajudassem. Se fossem malvados e piorassem as coisas, entretanto... Apertou os punhos.

Tinham ordenado a Aeron que assassinasse a quatro mulheres inocentes. Não podiam ser benévolos. Maldição! Como ia interagir com aquele ser? Com humildade? Eles veriam isso como uma amostra de debilidade?

«Qualquer coisa?», insistiu a voz, e se ouviu uma gargalhada. «Pensa bem antes de responder, e pensa que sua mulher poderia morrer».

Maddox olhou o corpo trêmulo de Ashlyn e se deu conta de que, até aquele momento, ninguém o tinha necessitado. «Não posso deixar que sofra assim», pensou.

Teria que se arriscar com os Titãs. Quisessem o que quisessem dos guerreiros, fosse qual fosse o propósito, se arriscaria.

—Qualquer coisa. —respondeu.

Reyes ofegava enquanto ia correndo ao quarto de Lucien. Tinha perdido muito sangue nos últimos dias, mais do que o normal. A necessidade de dor, aquela dor terrível e bela, o invadia com mais força ultimamente.

Não sabia por que e não podia detê-lo. Já não era capaz de controlá-lo, na realidade. Durante os últimos dias, tinha deixado de tentar. O que queria o espírito de Dor, o obtinha. Cada dia que passava, Reyes perdia um pouco mais o desejo de controlá-lo. Uma parte dele queria se abandonar à dor e se deixar levar. Experimentar um nada e o intumescimento que lhe proporcionava cada pontada de sofrimento.

As coisas não tinham sido sempre assim. Durante um tempo, tinha aprendido a viver com o demônio, a coexistir pacificamente com ele. Naquele momento...

Dobrou uma esquina e a luz que entrava por uma das janelas o cegou momentaneamente; entretanto, não se deteve. Nunca tinha visto Maddox tão assustado. Tão vulnerável. E por uma humana, uma estranha. Uma isca. Reyes não gostava, mas considerava Maddox um amigo e o ajudaria em tudo o que pudesse. O ajudaria, embora desejasse desesperadamente que as coisas voltassem ao normal, quando Maddox se enfurecia e morria cada noite, e na manhã seguinte se comportava como se não tivesse ocorrido nada. Porque, quando Maddox fingia que tudo ia bem, para Reyes era mas fácil fingir também.

Quando viu Lucien, todos aqueles pensamentos desapareceram de sua mente.

Luncien estava sentado no chão com os joelhos cruzados, e a cabeça apoiada nas mãos. Tinha o cabelo negro revoltado, como se se tivesse passado muitas vezes os dedos entre eles, e parecia que estava fora de seus limites. Reyes engoliu em seco.

Se aquela situação podia desequilibrar o estóico Lucien...quanto mais se aproximava, mais forte era o aroma de rosas. Morte sempre cheirava a rosas, o pobre.

—Lucien. — disse.

Lucien não reagiu.

—Lucien. — repetiu.

Entretanto, não obteve resposta.

Reyes o agarrou pelo ombro e o sacudiu brandamente. Nada. Se agachou e olhou ao guerreiro nos olhos. Entretanto, seu olhar estava vazio, sua boca imóvel. Reyes o entendeu. Em vez de partir fisicamente da fortaleza, como de costume, se transladando em segundos de um lugar a outro, Lucien tinha partido espiritualmente.

Era algo que fazia muito poucas vezes, porque deixava seu corpo vulnerável a qualquer ataque. O mais provável era que tivesse pensado nisso para que ao menos, em uma forma que não respondia a estímulos, ficasse vigiando a porta de seu quarto enquanto ele saía para recolher almas.

«Então, estou sozinho», pensou. Só ficava uma coisa por fazer.

Abriu a porta e entrou de repente no quarto de seu amigo.

As quatro mulheres estavam sentadas na cama, sussurrando, mas ficaram em silêncio assim que o viram. Todas ficaram pálidas. Uma delas soltou um ofego. A mais jovem, uma loira muito bonita, ficou em pé com as pernas trêmulas e adotou uma postura de lutadora para se interpor entre sua família e ele. Levantou o queixo e o desafiou com o olhar

E seu corpo endureceu. Ocorria cada vez que se aproximava dela. Na noite anterior a tinha estado cheirando; talco doce, e tormentas. Tinha passado horas suando, ofegando, tão excitado que tinha pensando em lutar com Maddox por Ashlyn, acreditando que era ela quem o tinha deixado reduzido aquele estado.

Aquela, mulher era prazer e céu, uma festa para seus sentidos castigados. Não tinha cicatrizes nem sinais de uma vida dura. Tinha a pele imaculada, dourada e os olhos verdes e brilhantes. E uma boca vermelha, cheia feita para rir e para beijar.

Se tinha sofrido momentos de dor, não o deixava entrever. E isso atraía a Reyes. Entretanto, ele sabia que suas relações só podiam acabar mau.

—Não me olhe assim —lhe espetou o anjo loiro, apertando os punhos de ambos os lados do corpo.

Tinha pensado em golpeá-lo? Era uma idéia risível. Ela não podia saber que ele desfrutaria. Que queria mais e mais e mais, que lhe rogaria que lhe batesse mais. «Faria um favor ao mundo se deixasse que os Caçadores me cortassem a cabeça».

Odiava a si mesmo. Odiava o que era e o que se via obrigado a fazer. O que desejava.

—Se tiver vindo nos estrupar, deveria saber que vou lutar com você. Não o conseguirá facilmente. —disse a garota.

Semelhante coragem em alguém tão pequeno o deixou assombrado, mas não se distraiu de sua tarefa.

—Alguma de vocês sabe como curar a uma humana?

Ela piscou.

—A uma humana?

—Uma mulher. Como você.

A garota piscou de novo.

—Por que?

—Sabe como? Não tenho muito tempo.

—Por que? —insistiu ela.

—Me responda, e possivelmente lhes deixe viver outro dia mais.

—Danika, responde, por favor —pediu a mais velha das mulheres. Além disso, estendeu uma mão enrugada, trêmula, e a puxou pelo braço para atraí-la para a cama.

Danika. O nome lhe invadiu a mente. E o pronunciou em voz alta sem poder evitá-lo.

—Danika. É bonito. Eu me chamo Reyes.

A garota resistiu obedecer a anciã e escapou de seu braço sem deixar de olhar a Reyes. De repente, ele se sentiu ansioso por escapar dela e de sua provocadora inocência.

—Perguntarei uma vez mais. Alguma de vocês é curadora? —ladrou.

Ante sua brutalidade, a moça empalideceu, mas não se retirou.

—Sim... Se for médica, promete que se salvarão minha mãe, minha irmã e minha avó? Não têm feito nada errado. Viemos a Budapest para esquecer, para nos despedir de meu avô. Nós...

Ele elevou uma mão e ela ficou calada. Ouvir coisas sobre sua vida era perigoso. Ele já tinha vontade de abraçá-la e consolá-la por uma perda que, obviamente, a tinha feito sofrer.

—Sim, perdoarei suas vidas se a salva. —mentiu.

Se devia acreditar o que tinham dito os Titãs, Aeron explodiria muito em breve, se voltaria louco pelo sangue e a morte. Não teria outro propósito que assassinar aquelas mulheres. Dar a elas um pouco de paz de espírito durante seus últimos dias era algo misericordioso, pensou Reyes. Seus dias finais. Não gostou de pensar nisso.

Ela fechou os olhos, suspirou e disse:

—Sim, sou médica.

—Então, venha comigo.

Para não perder mais tempo, deu a volta rapidamente e saiu da sala. Danika o seguiu. Reyes deixou as demais mulheres trancadas, e depois, tentou manter uma distância prudente entre o anjo e ele.

«Oh, Deus santo», pensou Danika Ford com o coração em um punho. «por que fiz isto? Não sou médica».

Tinha estudado um ano de anatomia na faculdade, sim. E tinha feito um curso de reanimação cardiorrespiratória no caso de que seu avô sofresse um ataque cardíaco, claro. Entretanto, não era médica, nem enfermeira. Só era uma artista que lutava por se sobressair e que tinha pensado que umas férias em família poderiam ajudar a aliviar a dor que lhes tinha causado a morte do avô.

O que ia fazer se aquele soldado de olhos metálicos, porque claramente era um soldado, lhe pedisse que levasse a cabo uma operação cirúrgica? É obvio, se negaria. Não podia pôr a vida de outra pessoa em perigo. Entretanto, possivelmente fizesse qualquer outra coisa. Tinha que salvar a sua família. Eram suas vidas as que estavam em perigo naquele momento.

Em um esforço por se tranquilizar, se concentrou em estudar a seu captor enquanto este caminhava diante dela. Tinha a pele bronzeada e os olhos muito negros. Era alto, e tinha os ombros mais largos que tinha visto em sua vida. Só o tinha visto uma vez antes, e tampouco sorria. Em seus olhos tinha dor. E nos braços tinha cortes recém feitos, nas duas ocasiões.

Danika queria falar com ele, lhe perguntar o que esperava dela, mas não encontrava a voz. Tinha um nó em sua garganta. Não sabia por que fora seqüestrada, e já quase não lhe importava. Só queria sair daquele castelo tétrico quanto antes, esquecer a seus musculosos habitantes e voltar para sua casa, no Novo México.

De repente, sentiu tanta nostalgia que esteve a ponto de voltar a chorar. Cumpriria aquele soldado sua promessa se o ajudasse? Ela duvidava muito, mas a esperança se impôs sobre a razão. Faria o que pudesse e rezaria para que ocorresse um milagre. Entretanto, não podia se convencer de que ia ocorrer um milagre. «Provavelmente, essa besta te matará se algo sair errado».

«Oh, Deus Santo», repetiu. Se fracassasse, não tinha dúvida de que sua família e ela morreriam. Muito em breve.

Quando Reyes entrou no quarto com a loira de aspecto angélico a que se supunha que Aeron tinha que matar, Maddox quase se pôs a chorar de alívio. Ashlyn tinha vomitado várias vezes, até esvaziar seu estômago. E depois tinha vomitado um pouco mais.

Ato seguido, desabou sobre o colchão e tinha deixado de respirar. Em meio do desespero, Maddox tinha tentado falar de novo com o Titã, mas o deus não tinha feito nada. Quando Maddox tinha aceitado fazer qualquer coisa em troca da ajuda que lhe emprestasse, o ser poderoso o tinha abandonado.

O Titã lhe tinha dado esperanças, e depois as tinha jogado por terra. Maddox se perguntava quais eram as intenções do deus, e já tinha a resposta, se divertir com crueldade, com sadismo.

Reyes se separou do vão da porta e a garota loira entrou na sala.

Capítulo 9

—Lhe ajude. — ordenou Maddox.

—Oh, Deus Santo. O que lhe fez?

Maddox se sentia cada vez mais culpado. Mal conhecia Ashlyn, mas desejava que vivesse mais do que desejava se livrar das chamas mais abrasadoras do inferno. Era muito cedo para ter sentimentos tão intensos, sim. Tampouco era próprio de seu caráter. Entretanto, pensaria mais tarde em sua própria estupidez.

—Não respira. —disse— Faz com que respire.

A loira se fixou em Ashlyn.

—Tem que ir ao hospital. Que alguém chame uma ambulância. Agora!

—Não temos tempo. Tem que fazer alguma coisa.

—Chamem. Ela...

— Faz algo, ou morrerá! —rugiu ele.

—Oh, Deus —sussurrou ela, com uma expressão de pânico. — Necessito... tenho que reanimá-la. Sim, isso. Farei a reanimação cardiorrespiratória. Posso fazê-lo. Posso — disse, mais para convencer a si mesma do que para outra coisa.

— Deite ela na cama e se afaste.

Maddox obedeceu imediatamente, mas Danika ficou imóvel, presa pelo medo.

—Danika —disse Reyes— está certa de que sabe o que vai fazer?

—É obvio —sussurrou ela, e sentiu que lhe ardiam o rosto. Fixou toda sua atenção em Ashlyn. Posou as palmas das mãos na metade de seu peito e empurrou uma, duas vezes. Depois disse— Não se preocupe. Pratiquei. Um boneco é o mesmo que uma pessoa, um boneco é o mesmo que uma pessoa — sussurrou. Depois, posou os lábios nos de Ashlyn.

Durante os seguintes minutos, que para Maddox pareceram uma eternidade pior que as noites que passava devorado pelo fogo do inferno, Danika insuflou ar

nos pulmões de Ashlyn e lhe apertou o centro do tórax, alternativamente. Ele nunca tinha se sentido tão impotente. O tempo se transformou em seu inimigo.

Reyes esperava junto à porta, silenciosamente. Tinha os braços cruzados e uma expressão pétrea no rosto. Não estava olhando Ashlyn, e sim a Danika, Maddox esfregava a nuca e respirava com dificuldade.

Por fim, Ashlyn tossiu e começou a respirar. Todo seu corpo sofreu um espasmo quando abriu a boca e começou a inspirar baforadas de ar. Ofegou, engasgou, voltou a ofegar.

Maddox a abraçou contra seu peito imediatamente. Ela se revolveu.

—Fique calma, preciosa. Fique calma.

Pouco a pouco, seus movimentos se acalmaram.

—Maddox — murmurou com um fio de voz. Foi o som mais doce que ele tinha ouvido em toda sua vida.

—Estou aqui—disse ele. Ela ainda tinha a pele pegajosa, fria. — Estou com você.

Danika permaneceu a um lado da cama, retorcendo as mãos.

—Tem que ir ao hospital. Necessita ser examinada por um médico.

—O trajeto da fortaleza ao hospital seria muito para ela.

—O que lhe acontece? Tem um vírus? Oh, Deus! pus meus lábios sobre os seus.

—É pelo vinho —respondeu Reyes. — Está doente por culpa de nosso vinho.

Danika abriu os olhos como pratos e olhou a Ashlyn.

—E tudo por uma bebedeira? Deveriam ter me dito isso. Têm que lhe dar água e cafeína para diluir o álcool. Eu... acredito que viverá, mas têm que levá-la ao hospital para que lhe coloquem soro na veia. Provavelmente está desidratada.

Enquanto falava, a cor retornava ao rosto de Ashlyn.

—Dói. —sussurrou.

—Que mais pode fazer por ela? —perguntou- Maddox a Danika. — Ainda tem dores.

—Eu... eu... Tylenol Motrin! Qualquer coisa assim. Isso sempre me ajuda quando tenho ressaca.

Maddox olhou a Reyes.

—Sabe onde conseguir isso?

—Não. Nunca tive necessidade de prestar atenção aos remédios dos humanos.

—Onde podemos conseguir esse Tylenol? —perguntou Maddox a Danika.

—Eu tenho um pouco em minha bolsa.

—Vá buscá-lo.

—Não posso. A bolsa ficou em meu hotel. Que vinho tomou? —perguntou ela.

—Um que você não conhece, médica. —disse Reyes com ironia.

Danika se deu conta de que ele sabia. Ficou petrificada. O que a tinha delatado? Sua súplica para que chamassem a ambulância? Seu nervosismo? Sentiu um calafrio. Então ele se colocou atrás dela; seu calor e sua energia afugentaram o frio. Rapidamente, Danika se afastou daquele homem, porque tinha medo de como reagia ante sua proximidade.

—Porque é médica, verdade? —insistiu ele em tom zombador.

Oh, sim. Sabia. Ela retorceu os punhos de seu pulôver e engoliu em seco. Ao menos, não a tinha matado ali mesmo.

—Não pode negar que agora está respirando. Eu cumpri minha parte do trato. Está em dívida comigo. —Reyes afastou o olhar, como se não pudesse mais suportar olhar para ela.

—Chame Lucien. —disse Maddox.

—Não posso. Está ocupado —respondeu Reyes, e saiu do quarto— Já volto, —disse por cima do ombro— Vigia à loira, Maddox. É ardilosa. Fechou a porta de repente. Danika, como uma parva, esteve a ponto de se pôr a correr atrás dele. A assustava mais que os outros, mas por algum motivo indecifrável, preferia estar com ele. Tinha algo que a transtornava profundamente. Possivelmente fosse a dor em seus olhos. Ele a atraía de um modo primitivo. Tinha a sensação de que a protegeria, por mais ameaças que lançasse.

—Se tiver que a perseguir, o lamentará — advertiu Maddox— Entendido?

Danika sentiu frio ao ouvir aquela terminante advertência. Aquele homem era assustador. Cada vez que falava, ela percebia um tom de brutalidade em sua voz. Parecia impaciente por provocar dor a qualquer um que o olhasse. Além disso, durante os últimos minutos se deu conta de que seu rosto mudava e, às vezes, seus traços se transformavam em uma máscara cadavérica. Além disso, o violeta de seus olhos mudava para negro, e depois a um vermelho de néon, e depois a negro outra vez.

Que tipo de homem, que tipo de pessoa, podia olhar assim?

De novo, ela estremeceu.

Seu olhar só voltava ao normal quando olhava para a mulher que tinha na cama.

—Entendido? —perguntou ele de novo.

—Sim. —respondeu Danika.

—Bom.

Maddox esqueceu a garota rapidamente e se concentrou em Ashlyn. Cada vez tremia mais, e seus dentes tocavam castanholas. Tinha os olhos abertos e por sua bochecha deslizou uma única lágrima.

—Obrigada. —sussurrou Ashlyn para a mulher que a tinha curado.

—De nada.

—Se sente melhor? —perguntou ele brandamente.

—Ainda me dói —respondeu Ashlyn. — Tenho frio. Mas sim, me sinto melhor.

Ele, que queria lhe dar o calor de seu corpo, disse:

—Sinto muito.

Raramente pronunciava aquelas palavras. De fato, a única desculpa que tinha pedido em décadas era a que tinha pedido a seus amigos aquela manhã.

—Sinto muito. Sinto.... —sussurrou. Parecia que nunca bastaria. — Eu sinto muito.

Ashlyn sacudiu a cabeça. Depois gemeu e ficou muito quieta.

—Foi um acidente.

Ele ficou boquiaberto de surpresa e reverência. Até o momento, não tinha causado aquela humana outra coisa a não ser dor, mas ali estava ela, tentando absolvê-lo. Assombroso.

—Vai viver. Juro.

Faria tudo por cumprir aquele juramento. Ashlyn sorriu fracamente.

—Ao menos... silêncio. Silêncio.

Não era a primeira vez que dizia isso.

—Não a entendo.

Apesar da sua debilidade, ela voltou a sorrir.

—Então, somos dois.

Maddox se sentiu como se seu sangue borbulhasse.

Aquele sorriso, tão delicioso, tão encantador, dava a ele calor, o excitava, lhe provocava tanto alívio que quase se sentia embriagado. Abriu a boca para responder, embora não soubesse o que dizer, mas naquele momento, Reyes entrou no quarto acompanhado de Aeron. O cabelo curto deste brilhou sob a luz.

—Aeron vai levar a garota à cidade. —disse Reyes, olhando para Danika.

—Oh, não. Não, não, não. Não quero partir sem minha família. —disse Danika com pânico.

Aeron fez caso omissso da súplica e tirou a camiseta.

—Vamos terminar com isto.

Era moreno e musculoso, um legado de sua alma de guerreiro. Tinha tantas tatuagens que era difícil distinguir uma da outra.

Maddox só reconheceu duas: a mariposa negra que voava sobre suas costelas e o demônio que estendia as asas sobre os contornos de seu pescoço. Apenas ao olhar para ele, a pessoa sabia que aquele era um homem que valia a pena ter como amigo, e que seria muito ruim o ter como inimigo.

— Alto! Não há nenhum motivo para se despir. — disse Danika, negando violentamente com a cabeça—Ponha a camiseta outra vez. Agora mesmo, maldito seja!

Aeron se aproximou dela com determinação. Danika olhou para Reyes com terror.

— Não deixe que ele me violente! Por favor, Reyes, por favor.

—Aeron vai te levar a cidade —respondeu Reyes com calma— Não vai te violar. Tem minha palavra. Deve ir com ele.

Embora Danika continuasse tremendo, Aeron a pegou pelo pulso sem dizer uma palavra e a levou para a janela que dava para o terraço. Quando a abriu, o vento gelado entrou na sala com um redemoinho de flocos de neve. Aeron lhe soltou o pulso e pegou pela cintura para puxá-la para o terraço.

—O detenha —disse fracamente Ashlyn, ao ver que Danika olhava pelo corrimão para baixo e ria amargamente, com histerismo.

—O que vai fazer?—inquiriu a loira— Me jogar? São todos uns mentirosos! Espero que apodreçam no inferno!

—Já o fazemos. —respondeu Reyes.

Aeron pegou Danika pelos ombros quando saiu para o terraço e fez que desse meia volta para situa-la de rosto para ele.

—Se agarre em mim. —ordenou.

Outra risada de amargura.

—Porquê?

—Para que não a mate. —disse ele.

De repente, umas enormes asas saíram por umas ranhuras que se abriram nas costas de Aeron. Eram largas, negras; tinham aspecto de ser tão vaporosas como uma teia de aranha, mas os extremos eram bicudos, afiados como facas.

Ashlyn soltou um ofego devido à impressão.

—Estou melhor. Juro, já não necessito dos comprimidos. —sussurrou.

Maddox lhe acariciou a bochecha para tentar relaxá-la.

—Quietinha. Tudo vai ficar bem.

Danika abriu os olhos demesuradamente.

— Não! —gritou, tentando escapar de Aeron.

Quis correr, mas ele não a soltou. Ela procurou Reyes com o olhar.

— Não posso fazer isto! Não posso! Não deixe que me leve, Reyes, por favor!

Com uma expressão atormentada, Reyes estendeu os braços e os deixou cair a ambos os lados do corpo.

— Reyes!

— Parte! —gritou ele.

Sem dizer uma palavra mais, Aeron saltou e desapareceu do campo de visão dos que estavam no quarto, levando Danika consigo. Ela gritou mas logo aquele

grito se transformou em um ofego, e o ofego em um gemido. Logo ambos voltaram a subir pelo ar e apareceram por cima do corrimão. As asas de Aeron se moviam com elegância, ritmicamente.

—Faça-o parar. —suplicou Ashlyn com um fio de voz. — Por favor.

—Não posso. E não o faria embora pudesse. Não se preocupe por ela. As asas de Ira são fortes, e poderão sustentar o peso de Danika.

Procurou Reyes com o olhar. Seu amigo estava caminhando de um lado a outro do quarto. Apertava uma de suas adagas com o fio para a palma da mão e o sangue derramava do punho de nódulos brancos ao chão.

—Necessitamos de água e café —disse Maddox ao recordar as instruções de Danika. Reyes se deteve e fechou com força os olhos, como se quisesse se controlar.

—Deveria tê-la levado eu, mas se tivéssemos ido caminhando, teríamos demorado muito. Viu quão assustada estava?

—Vi.

Maddox não sabia o que podia dizer. O medo de Danika não era nada para ele comparado com a dor de Ashlyn.

Reyes passou a mão pela mandíbula e deixou uma mancha vermelha em seu rosto.

—Água? Café, você disse?

—Sim.

Reyes saiu da sala. Quase parecia agradecido por aquela distração. Evidentemente, Maddox não era o único que, de repente, tinha problemas com as mulheres.

Pouco depois, Reyes apareceu com as bebidas e deixou a bandeja na beira da cama. Feito aquilo, partiu. Maddox não acreditava que voltasse, e sacudiu a cabeça com pena. Se Reyes sentisse por Danika a metade dos sentimentos que ele tinha por Ashlyn, estava condenado a um mundo de dor, e não da tipo que mais ansiava.

Maddox estendeu um copo de água morna para Ashlyn. Passou uma mão por sua nuca, fez que inclinasse a cabeça ligeiramente para trás e lhe pôs a borda do copo nos lábios.

—Bebe. —ordenou.

Ela apertou os lábios e negou com a cabeça.

—Bebe.—insistiu ele.

—Não. Me doerá o...

Ele verteu o conteúdo do copo na boca de Ashlyn. Ela se engasgou e tossiu, mas bebeu a maior parte da água. Várias gotas derramaram por seu queixo. Ele deixou o copo vazio no chão.

Ashlyn lhe lançou um olhar de acusação.

—Disse que me encontrava melhor, mas ainda tenho o estômago muito sensível.

Ele não fez conta. Aproximou a xícara de café e lhe ordenou novamente que bebesse. Entretanto, ela tentou afastar a xícara e, sem querer, a jogou no chão. A porcelana se fez em pedacinhos e o café formou um rio negro no chão.

Duas manchas rosadas lhe cobriram as rosto.

— Não. —disse.

— Isso não foi correto —protestou ele, e lhe afastou as mechas de cabelo úmido das têmporas, desfrutando do tato de sua pele de seda.

—Não me importa.

—Muito bem. Não terá café.

Ele ficou olhando para ela, olhando aquela mulher que tinha sacudido todo seu mundo.

—Ainda deseja que a deixe partir? —perguntou ele antes de poder evitá-lo.

Ashlyn afastou o olhar e o fixou na parede, por cima do ombro de Maddox, com uma expressão intensa. Passaram vários minutos de silêncio. Minutos angustiantes.

Ele agarrou o travesseiro com força.

—É uma pergunta que requer um sim ou um não, Ashlyn.

—Não sei, de acordo? —respondeu ela brandamente— eu adoro o silêncio, e está começando a ficar tudo bem. Agradeço que tenha cuidado de mim. Mas...

Mas ainda estava assustada.

—Te disse que sou imortal. Te disse que estou maldito. A única coisa que tem que saber, além dessas duas, é que te protegerei de tudo enquanto esteja aqui. Inclusive de mim mesmo.

—E protegerá à outra mulher? —perguntou ela — A que me ajudou?

A menos que lhe ocorresse um modo de desafiar os Titãs, duvidava que alguém pudesse proteger aquela curadora. Nem sequer Reyes. Entretanto, Maddox apertou com delicadeza a mão de Ashlyn e respondeu:

—Não o pense mais. Aeron cuidará dela.

Aquilo não era uma mentira.

Ashlyn assentiu com gratidão, e ele sentiu uma pontada de culpa.

De novo, passaram uns minutos em silêncio. Ele a observava com satisfação, ao comprovar que seu rosto recuperava a cor saudável e que a dor se desvanecia de seu olhar. Ela também o observava com uma expressão impenetrável.

—Como é possível que os demônios façam coisas boas? —Perguntou por fim. — Me refiro a que, além do que tem feito por mim, sei que todos têm feito coisas estupendas pela cidade, com suas doações e atos filantrópicos. As pessoas acreditam que os anjos vivem nesta fortaleza. Acreditaram durante centenas de anos.

—E como sabe que acreditaram durante tanto tempo?

Ela tremeu e afastou o olhar.

—Eu... sei.

Ashlyn tinha um segredo, algo que não queria que ele soubesse. Maddox pegou seu queixo e a obrigou a olhar para ele.

—Já suspeitava que é uma isca, Ashlyn. Pode me dizer a verdade.

Ela franziu o cenho.

—Segue me chamando disso como se fosse algo asqueroso e horrível, e eu não sei o que é uma isca.

Em seu tom de voz tinha uma genuína confusão. Inocente, ou boa atriz?

—Não vou te matar, mas espero sinceridade completa de sua parte de agora em diante. Entendido? Não minta para mim.

—Não estou mentindo.

Maddox notou que seu corpo começava a esquentar lentamente, que o espírito fazia patente sua presença.

Se apressou a mudar de tema. O fato de ouvir mais mentiras podia fazer que saltasse, que a ferisse. E, isca ou não, Maddox se negava a deixar que aquilo acontecesse.

—Vamos falar de outra coisa.

Ela assentiu. Parecia que estava muito contente de seguir sua sugestão.

—Falemos de você. Esses homens o atravessaram com uma espada ontem à noite, e morreu. Sei que ressuscitou porque é um guerreiro imortal, um demônio... ou algo assim. O que não sei é por que o fizeram.

—Você tem seus segredos e eu tenho os meus.

Ele pensava tê-la no castelo e mantê-la com vida, assim não podia falar de sua maldição; Já lhe tinha medo, e caso, se inteirasse da verdade, o desprezaria.

Já era suficientemente ruim que ele soubesse o que tinha feito para merecer semelhante castigo.

Mais ainda, se alguém soubesse o que lhe ocorria cada noite, possivelmente perdesse sua reputação de anjo. Alguém podia tomar seu corpo, o levar e tocar fogo, ou decapitá-lo sem que ele pudesse fazer nada para evitar. Desejava aquela mulher mais do que nunca desejou a outra, mas não confiava nela. Ao menos, conservava um pouco de cérebro.

—Pedi a eles que o matassem para poder ir ao inferno visitar seus amigos, ou algo assim?

—Eu não tenho amigos no inferno. —replicou ele, ofendido.

—Então...

—Então nada. Minha vez de fazer as perguntas. Não é húngara. De onde é?

Ela se recostou no travesseiro com um suspiro e se aconchegou ao redor do corpo de Maddox. Ao se dar conta de que Ashlyn estava tão cômoda para se colocar assim, ele sentiu uma grande satisfação.

—Sou dos Estados Unidos. Da Carolina do Norte, para ser exata, embora, passei quase toda a vida viajando com o Instituto Mundial de Parapsicologia.

—E o que é isso?

—É um organismo que estuda o sobrenatural. O inexplicável. Criaturas de todo tipo. Estudam e observam as diferentes raças, e tentam que haja harmonia entre elas.

Ele ficou calado. Acabava de admitir que trabalhava com os Caçadores? Suas ações sempre tinham estado cheias de ódio, embora eles alegavam que preservavam a paz para a humanidade. Ele franziu o cenho com confusão.

—E o que faz para eles?

Ashlyn vacilou.

—Escuto para ajudar a encontrar seres e objetos de interesse.

Depois de dizer aquilo, se remexeu com desconforto contra o travesseiro.

—E o que passa quando encontra essas coisas?

—Já disse isso. Estudam-nas.

—As pessoas com a quais trabalha têm tatuagens nos pulsos? Um símbolo do infinito?

Ela negou com a cabeça.

—Não, que eu saiba.

Verdade? Mentira? Ele não a conhecia o suficientemente bem para discerni-lo. Todos os Caçadores fanáticos que tinham atacado aos Senhores na Grécia, e também aqueles que Maddox tinha encontrado no bosque no dia anterior, estavam marcados com uma tatuagem.

—Disse que escuta. E o que é exatamente que escuta?

Outra pausa, outra hesitação.

—Conversações —sussurrou Ashlyn. — Olhe, as pessoas que trabalham para o Instituto aprendem a guardar silêncio sobre seu trabalho. Quase ninguém acreditaria no que fazemos. Nos considerariam loucos.

—Eu não. Preferiria que me contasse algo sobre seu trabalho.

Ela suspirou.

—Está bem. Contarei uma de minhas missões. Faz uns anos, eu..., o Instituto, descobriu um anjo. Tinha as asas quebradas em várias partes. Enquanto o curávamos, ele nos falou sobre as diferentes dimensões, e as portas que as comunicam. Isso é o melhor de meu trabalho. Com cada descobrimento novo, aprendemos que o mundo é muito maior do que tínhamos imaginado.

Interessante.

—E o que faz o Instituto com os demônios?

—Os estuda, como disse. Age, e os impede que façam mal as pessoas, se for necessário.

—Essas pessoas não destróem aquilo que não entendem?

Ela riu.

—Não.

Os Caçadores sim. Quando tinham assassinado Sulco e seu entendimento se perdeu, a morte de Desconfiança tinha dividido os guerreiros. A metade deles queriam paz, o perdão, um refúgio, e tinham se instalado silenciosamente em Budapest. Os outros tinham procurado a vingança, e tinham permanecido na Grécia para continuar com a luta.

Freqüentemente, Maddox se perguntava se aquela inimizade sangrenta continuaria, e se os Senhores que tinham ficado na Grécia teriam sobrevivido durante todos aqueles séculos.

Maddox afastou uma mecha de cabelo da testa de Ashlyn.

—Que mais pode me contar desse Instituto?

Com o cenho franzido, ela o olhou.

—Não posso acreditar que vá admitir isto, mas acredito que o próximo que querem estudar é a você.

Aquilo não foi uma surpresa. Fosse o que fosse aquele Instituto, era normal que tivesse interesse nos demônios. Entretanto, com os sensores e as câmaras de Torin, nunca conseguiriam subir pela colina, e aqueles que se atrevessem a tentá-lo receberiam o mesmo tratamento que os Caçadores.

—Podem tentar nos estudar, mas não será fácil. —disse a Ashlyn.

Estando tão perto dela, percebia totalmente seu aroma, e a sexualidade de Maddox estava despertando rapidamente. Com cada segundo que passava, se sentia mais excitado. Ela era suave e doce. Estava viva e se sentia melhor. E era dele.

De repente, ele queria esquecer o Instituto. Não queria saber nada mais daquilo.

—A desejo —disse .— Com todas as minhas forças.

Os preciosos olhos de Ashlyn se abriram desmesuradamente.

—Realmente?

—É muito bela. Todos os homens devem desejar você. —disse ele.

Entretanto, rapidamente pôs um rosto de fera. Se algum homem tentasse tocá-la, morreria. Com dor, com lentidão.

Violência ronronou para mostrar sua asquiescência.

O rosto de Ashlyn se coloriu, e ele recordou as rosas que às vezes via crescer junto aos muros da fortaleza. Ela sacudiu a cabeça.

—Sou muito estranha.

—Por que diz isso?

Ela afastou o olhar.

—Não importa. Esquece que o disse.

—Não posso. —disse Maddox, e lhe passou um dedo pela bochecha.

Ashlyn estremeceu. Se moveu contra ele e, imediatamente, sua excitação impregnou o ar. Ele a bebeu.

—Você também me deseja —disse com um grunhido de satisfação, e esqueceu sua pergunta, e a negativa de Ashlyn para responder.

—Eu... eu...

—Não pode negar isso —afirmou ele. — Assim, lhe perguntarei de novo: Ainda quer que a leve para casa?

Ela engoliu em seco.

—Pensava que sim. Faz só umas horas, a única coisa que eu queria era escapar; agora... Não posso explicar isso nem sequer a mim mesma, mas desejo ficar aqui. Quero ficar com você. Por agora, ao menos.

A satisfação de Maddox se intensificou, o invadiu. Naquele momento, não lhe importava que ela tivesse respondido como mulher ou como isca. «Terei-a».

«A teremos», corrigiu Violência, e Maddox se assustou ao perceber o ardor de seu tom. «A teremos».

Capítulo 10

Quando Aeron e Danika entraram na fortaleza pela janela e aterrissaram no chão do dormitório de Maddox com um suave golpe, Ashlyn ficou assombrada. Nunca teria imaginado. Aquele homem tinha realmente asas negras e brilhantes.

«Quería conhecer outros como você, Darrow. Bom, pois conseguiu».

Maddox tinha lhe dito que era imortal, que estava possuído. Ela tinha suspeitado que podiam ser demônios, assim não era de se admirar que fossem de verdade. Mas asas? Enquanto subia pela colina, tinha ouvido vozes que falavam de um homem que podia voar, mas não tinha dado importância a elas. Estava muito ocupada tentando bloquear a catarata de vozes. Deveria ter prestado atenção, mas também tinha escutado que... tinha um homem que podia entrar no mundo dos espíritos, e outro podia hipnotizar com apenas um olhar...

Suspirou. Maddox a tinha hipnotizado. Desde o começo, tinha ficado presa em sua rede. A estranha luxúria que sentia por ele era tão imprópria dela como sua precipitada decisão de ficar no castelo.

—Aqui está o Tylenol. —disse Danika com voz trêmula, e tirou um frasquinho vermelho e branco de uma bolsinha de cor verde.

Ao seu lado, Aeron ergueu os ombros. Suas asas se fecharam e desapareceram por completo. Se inclinou, pegou a camiseta do chão e a pôs, cobrindo as tatuagens ameaçadoras que lhe decoravam o torso. Caminhou até a janela e a fechou antes de se voltar para Danika com os braços cruzados. Ficou ali, calado, observando tudo.

—Obrigada. —disse Ashlyn. — Sinto que tenha passado tão mal para me trazer isso.

Danika entregou dois comprimidos em silêncio, que ela aceitou com gratidão. Ainda sentia um pouco de dor e tinha caimbras que a incomodavam, e ainda tinha náuseas. Entretanto, se encontrava muito melhor que no princípio.

Maddox pegou os comprimidos antes que ela os colocasse na boca. Estudou-os atentamente e franziu o cenho.

—São mágicas? —perguntou com curiosidade.

—Não. —disse ela.

—Então como é possível que duas pedrinhas acalmem a dor?

Ashlyn e Danika se olharam com desconcertadas. Aqueles homens tinham tido que se relacionar com os humanos durante todos aqueles anos. Como era possível que não soubessem nada da medicina moderna?

A única explicação que Ashlyn encontrava para tudo aquilo era que nunca tinham prestado atenção a uma pessoa doente. Além disso, só um dos homens, Paris, ia à cidade com frequência. Ela sabia porque tinha ouvido vozes que o diziam.

Então Maddox permanecia trancado naquele castelo? De repente, Ashlyn suspeitou que sim, e isso fez com se perguntasse se ele se sentiria alguma vez esquecido, se sentiria desamor e desamparo.

Salvo pela amabilidade com que McIntosh a tratava, Ashlyn também tinha se sentido assim no Instituto, sempre. Ali só valia por sua capacidade de ouvir vozes. Se deu conta de que queria entender Maddox. Queria descobrir coisas sobre ele, reconfortá-lo como ele tinha reconfortado a ela. Maddox não podia sabê-lo, e ela não ia dizer que a cada vez que a tinha acariciado e lhe tinha esfregado o abdômen, ou lhe tinha dito palavras de carinho, apaixonou-se um pouco por ele. Era um equívoco, uma tolice, mas era impossível de se deter.

Deveria falar a ele de sua habilidade para ouvir vozes, mas tinha decidido não fazê-lo quando ele tinha mostrado um interesse tão agudo, quase zangado. Tinha dito a si mesma: «Se Maddox se zanga antes de saber até onde chega minha habilidade, ficará horrorizado quando conhecer toda a verdade?».

No Instituto, a maioria das pessoas se sentia incômoda com ela porque sabiam que podia se inteirar de suas conversações privadas apenas ao entrar em uma sala. Como tinha decidido ficar no castelo, por mais estranho que fosse aquele lugar, não queria enfrentar aquele rechaço em outros. Por uma vez, queria que a considerassem a pessoa mais normal de todas. Só durante um momento.

Estando com demônios, aquilo não deveria ser tão difícil.

Lhe diria a verdade, sim. Possivelmente quando passassem uns dias. Enquanto isso tinha que achar a forma de ficar em contato com McIntosh. Seu chefe merecia saber o que tinha lhe ocorrido, e que estava bem. Não queria que se preocupasse.

—Toma-as. — ordenou Maddox, interrompendo seus pensamentos, e lhe entregou as duas pilulas— Se piorar. —acrescentou, olhando para Danika—, não sou responsável por meus atos.

— Não a ameace —se apressou a responder Ashlyn. —Tomei este remédio outras vezes. Ficarei bem.

—Ela...

—Não tem feito nada errado.

Ashlyn não sabia de onde tinha tirado aquela valentia. Só sabia que estava ali, e que não permitiria que Maddox intimidasse e fizesse bravatas.

Sabia que nunca faria mal a ela. Ficaria a seu lado, cuidaria dela, a abraçaria como se fosse algo muito prezado. Entretanto, por muito maravilhosamente que a tivesse tratado, não podia permitir que fizesse mal a Danika, que também a tinha ajudado.

—Ashlyn. —disse ele com um suspiro.

—Maddox.

Ele voltou a estender os dedos sobre seu abdômen e Ashlyn pensou que poderia ficar para sempre entre seus braços. Nunca ninguém, nem sequer McIntosh, tinha conseguido que se sentisse tão especial.

—Ashlyn —repetiu Maddox. Seus olhares ficaram presos, e seus olhos brilharam com um fogo violeta. — Diga outra vez meu nome.

—Maddox.

Ele fechou os olhos durante uma fração de segundo, e por um instante, em seu rosto se desenhou uma expressão de encantamento.

—Eu gosto de ouvir você dizer meu nome.

Ashlyn se surpreendeu com a alegria que ele podia sentir com algo tão singelo. Notou um calafrio. Entretanto, no segundo seguinte, seu semblante voltou a ser normal. Aquela pequena amostra de prazer se desvaneceu de seus traços, como se não confiasse em si mesmo com aquela emoção.

—Danika...

—Preciso de um pouco de água —disse Ashlyn em seu lugar. — Para tomar as pilulas.

—Sim, pode deixar. —disse Danika. Pegou o copo vazio do chão e entrou no banheiro. O som da água encheu os ouvidos de Ashlyn; um instante depois, Danika estava a seu lado de novo, lhe estendendo o copo.

Ela pegou e engoliu as pílulas. O frescor da água aliviou a ligeira irritação que tinha na garganta.

—Obrigada. —disse Ashlyn.

—Bem. Então está feito —interveio finalmente Aeron— Acompanharei a garota ao quarto de Lucien.

—A garota tem nome. —espetou Danika.

—E qual é? Bocarra? —murmurou ele. Pegou seu braço e a levou para a porta. Era evidente que aquele homem não tinha a mínima idéia da maneira de como tratar uma mulher.

Se Ashlyn decidia ficar ali, teria que arrumar aquilo.

— Esperem! —gritou.

Aeron continuou seu caminho.

—Estará bem? —perguntou.

Depois de uma leve vacilação, Maddox respondeu.

—Sim.

— Bem. —disse ela.

Então se deu conta de que estava a sós com ele. É obvio, naquele momento se deu conta também de que tinha um sabor horrível na boca. Deus, devia parecer um espanto e devia cheirar muito mal. Se sentiu mortificada.

—Ah..., preciso de um banho.

—Eu a ajudarei.

Ele a pegou nos braços sem nenhum esforço, como se fosse um saquinho de plumas e ficou em pé. Lhe rodeou o pescoço com os braços e a força e o calor de Maddox a impregnaram até os ossos. Ele transpassou a soleira e se deteve no centro do banheiro. Ao suspeitar que queria ficar, Ashlyn sacudiu a cabeça, e teve que reprimir uma onda de enjôo.

—Posso fazê-lo sozinha.

—E se você cair?

Cabia a possibilidade, mas não tinha nenhuma intenção de permitir que ele ficasse com ela, olhando.

—Estou bem.

Embora sua expressão fosse dúbia, Maddox disse:

—Me chame se precisar de mim. Estarei esperando atrás da porta.

Lentamente, deixou que Ashlyn deslizasse por seu corpo até que posou os pés no chão. Ela teve que se agarrar ao trinco da porta para manter o equilíbrio.

—Saia, por favor. Ele obedeceu, embora a contra gosto. Quando esteve fora, ela fechou a porta.

—Cinco minutos. —disse Maddox.

Ashlyn passou o ferrolho e murmurou:

—Demorarei tudo o que quiser.

—Não. Dentro de cinco minutos, vou entrar, tenha terminado ou não. A fechadura não servirá de nada.

—Cabeça dura.

—Preocupado.

Doce. Com um meio sorriso, ela se lavou o melhor que pôde, e escovou os dentes com uma das escovas que encontrou no armário do banheiro. Esteve a ponto de cair em duas ocasiões. Depois utilizou o lavabo, se desfez de alguns nós do cabelo e decidiu, depois de observar seu pálido rosto no espelho, que não podia fazer nada mais para melhorar seu aspecto.

Com um minuto de sobra, abriu o ferrolho e chamou Maddox. Embora sua voz fosse débil, Maddox abriu a porta como se tivesse gritado. Tinha uma expressão tensa. Ela fechou os olhos, porque cada vez estava mais enjoada.

—Abusou de suas forças —disse ele. De novo, a pegou nos braços e a levou para a cama. A deitou brandamente no colchão e deitou a seu lado.

—Se sente melhor? —perguntou. A atraiu para a curva de seu corpo, exatamente onde ela queria estar.

Aquele calor delicioso a envolveu, e Ashlyn exalou um suspiro de placidez. O tinha procurado durante toda a vida, mas foi necessário que conhecesse um imortal possuído para descobrir aquele pedaço de céu silencioso, pleno de desejo.

—Melhor? —repetiu ele.

—Muito melhor —respondeu Ashlyn com um bocejo.

Abrigada, segura e limpa, quase livre da dor, notou que o sono a vencia. Seus olhos fecharam e lutou para mantê-los abertos. Não queria que terminasse ainda aquele momento que estava compartilhando com Maddox.

—Temos muito do que falar —disse ele.

—Sei. —sussurrou Ashlyn.

Se Maddox respondeu, ela não o ouviu. estava adormecendo. Ele a beijou na bochecha com ternura. Seus lábios eram firmes, mas suaves, e entre eles dois ardeu uma chama com o contato. «Abre os olhos Darrow. Possivelmente a beije na boca». Tentou, tentou de verdade. Entretanto, embora sua mente estivesse disposta, seu corpo se encontrava muito fraco.

—Falaremos mais tarde —sussurrou Maddox. —Agora, dorme.

—Você vai ficar? —perguntou ela. «Como é possível que o necessite assim? O conheço só há um dia».

—Sim. Agora durma.

Incapaz de fazer outra coisa, Ashlyn obedeceu.

—Os vi —disse Aeron com uma expressão sombria. — Maddox não matou a todos; Paris e Reyes não devem tê-los visto quando foram explorar os arredores. Há mais Caçadores, e neste momento estão reunidos na cidade. Acredito que ouvi que mencionavam as palavras «esta noite», mas voava muito alto para estar certo.

Pela segunda vez em dois dias, todos estavam reunidos na sala de jogos. Só faltava Maddox, mas Aeron quase se sentia aliviado por sua ausência. Seu companheiro estava imprevisível ultimamente, para não mencionar que se achava completamente encantado com a humana.

—Como sabe que são Caçadores? —perguntou Lucien. Tinha a tensão refletida no rosto.

—Estavam armados com facas e pistolas, e tinham a tatuagem do infinito no pulso.

—Quantos eram?

—Seis.

—Bom, isto é uma chateação. —disse Paris. — Onde há seis, há seis mais, e seis mais, e assim sucessivamente.

—Malditos Caçadores. —disse Reyes com desprezo.

—Não quero ter que fazer a mala e sair daqui, como em outras ocasiões. Esta é nossa casa. Não temos feito nada errado. Se tiverem vindo para lutar, eu digo que lutemos contra eles —opinou Aeron.

—Não nos desafiaram. —observou Lucien. — Por que?

—Subiam pela colina. Isso já é suficiente desafio. E o que opinam da garota de Maddox? Possivelmente os Caçadores estejam esperando seu sinal.

—Agora, ela representa mais complicação que nunca —murmurou Torin. — E ainda me pergunto qual é o papel dos deuses em tudo isto.

—Temos que dizer a Maddox —opinou Aeron. Torin sacudiu a cabeça.

—Não lhe importará. Já viu como está com ela.

— Sim...

E se sentia aborrecido por isso. Que tipo de guerreiro colocava de lado a seus amigos por uma mulher que, além disso, podia traí-lo?

—Vigiaremos e deixaremos que os Caçadores subam pela colina desta vez. Não quero que morram inocentes na batalha. —disse Lucien. Reyes negou com a cabeça.

—Não quero que os Caçadores entrem aqui. Na nossa casa não. Eu proponho que passemos com a humana de Maddox pela cidade, que usemos à isca como isca para atrair aos Caçadores. Nos seguirão com intenção de salvá-la, e atacam. Nós os conduziremos a uma armadilha, longe da cidade, e os aniquilaremos.

Todo mundo o olhou com desagrado.

—Se nos vêm —disse Aeron— a cidade se voltaria contra nós. Será como na Grécia outra vez.

—Não nos verão —replicou Reyes. — Torin pode vigiar a zona com as câmaras e nos dizer por rádio quando se aproxima alguém.

Aeron refletiu sobre isso e depois assentiu. Os Caçadores se distrairiam tentando salvar Ashlyn, e os guerreiros poderiam apanhá-los um por um. E o mais importante de tudo, ele não teria que limpar o sangue das paredes.

Olhou para Lucien, que tinha rosto um ar de resignação.

—Está bem. Usaremos a garota.

Paris esfregou a nuca e Aeron pensou que ia protestar. Surpreendentemente, não o fez.

—Suponho que agora temos que pensar como evitaremos que Maddox nos pendure na parede quando o averiguar.

Danika olhou a sua mãe, sua irmã e sua avó, que por sua vez a observavam com esperança e curiosidade, medo e apreensão. Era a mais jovem, mas de algum modo, se transformou na líder do grupo.

—O que aconteceu? —Perguntou sua mãe retorcendo as mãos. — O que fizeram a você?

O que devia dizer a elas? Danika duvidava que acreditassem na verdade: que tinha feito uma reanimação, que tinha ajudado a salvar a uma mulher da morte e que depois um homem com asas a tinha levado voando, voando!, à cidade, onde tinha pegado sua bolsa, e que a seguir tinha voltado para o castelo no mesmo meio de transporte, tudo em menos de meia hora.

Embora ela mesma o tivesse vivido, lhe resultava incrível. Além disso, a verdade lhes provocaria mais medo, e já estavam o suficientemente assustadas.

—Acredito que vão nos soltar logo. —mentiu.

A avó Mallory começou a chorar, a exalar grandes soluços de alívio. Ginger, a irmã mais velha de Danika, desabou na cama com uma apenas audível «graças a Deus». Só sua mãe permaneceu imóvel.

—Fizeram mal a você, carinho? —perguntou com os olhos cheios de lágrimas. — Não passa nada, pode me dizer isso. Suportarei.

—Não, não me fizeram nada. —respondeu ela.

—Nos diga o que aconteceu —lhe pediu sua mãe, segurando suas mãos. — Me tornei louca imaginando todo tipo de coisas. E se essas... coisas não nos deixam partir? E se decidem nos matar, tal e como estiveram falando?

«Seja forte. Não deixe que vejam seus medos em você».

—Prometeram que nos liberariam se ajudasse a curar a mulher, e o fiz.

—Os homens tendem a mentir. —disse sua irmã, se levantando.

Ginger tinha vinte e nove anos e era professora de ginástica. Normalmente era calma e reservada. Nenhuma delas já havia se visto em uma situação como aquela, e nenhuma delas sabia como enfrentar isso.

Até aquele momento tinham tido vidas despreocupadas e se enganaram pensando que não podia lhes ocorrer nada de mau. Antes disso, o pior que tinha ocorrido a Danika era a morte de seu avô, que tinha falecido dois meses atrás. Tinha sido um homem maravilhoso com paixão pela vida, e ela tinha sentido sua morte até o tutano dos ossos. Todas tinham sofrido. E sofriam.

Tinham pensado que passar umas férias ali as ajudaria a mitigar a dor e as faria se sentir mais próximas ao homem ao que nunca voltariam a ver. Seu avô adorava aquela cidade; sempre falava das duas semanas mágicas que tinha passado ali antes de se casar com a vovó.

Nunca tinha mencionado um grupo de guerreiros homicidas com asas.

—Revistamos o quarto uma e outra vez. — lhe disse sua avó. — As únicas saídas são a porta e a janela, e não podemos abrir nenhuma das duas.

—Por que querem nos fazer mal? —gritou Ginger.

—Não me disseram isso. —respondeu Danika com um suspiro.

Deus, aquilo era um pesadelo. Justo antes que as seqüestrassem, tinham estado visitando o bairro dos castelos. Ela nunca tinha visto nada tão bonito como as luzes que brilhavam naquela arquitetura majestosa de séculos atrás. Tinha sentido falta de suas pinturas, seus tecidos, para capturar aquelas visões.

Isso era o que queria fazer ao chegar ao hotel. Pintar.

Entretanto, quando tinha entrado em seu quarto se encontrou com um homem muito alto, cheio de cicatrizes, de cabelo negro e olhos de cores estranhas que a tinha abordado. Cheirava a rosas, recordou. Esse aroma tinha lhe resultado reconfortante, de algum modo, no meio do maior ataque de pânico de sua vida. O homem das asas também estava lá, mas as tinha escondidas sob a camiseta.

O quanto facilmente as tinham submetido. Apesar de que elas eram quatro, e eles, apenas os dois, as tinham deixado sem sentido com facilidade, e quando tinham voltado a despertar, estavam naquele quarto.

— Possivelmente devamos tentar seduzir a um deles para que nos dê uma chave —lhe sussurrou Ginger.

Imediatamente, Danika pensou no guerreiro de pele escura e olhos negros. Cada vez que o via, estava sangrando. Estupidez? Não parecia idiota, mas... possivelmente deveria ter se oferecido para curar suas feridas. Possivelmente se tivesse sido mais amável com ela. E possivelmente se a tivesse ajudado, ela o tivesse pedido.

Possivelmente a tivesse beijado.

A mera idéia a excitava, demônios.

—Nenhuma mulher teria que oferecer seu corpo para escapar de uma prisão — murmurou, zangada consigo mesma. A imagem de Reyes lhe apareceu na mente, e acrescentou. — Mas o pensarei.

Capítulo 11

Maddox abraçou Ashlyn durante várias horas enquanto esta dormia, revivendo em corpo e alma. O tempo era seu inimigo, e a meia-noite se aproximava rapidamente, mas não despertou. Nem sequer quando lhe tirou os sapatos e o pulôver, deixando à vista pés delicados e uma camiseta que lhe desenhava os seios. Sentiu que seu sangue fervia de excitação.

A hora do almoço tinha passado e tinha fome, mas desejava a Ashlyn mais do que desejava a comida. Queria abraçá-la, ouvir seus suspiros no meio do sono... Era o céu.

Se sentia mais em paz do que tinha estado em séculos, e não se surpreendeu quando seus olhos começaram a se fechar e sua mente começou a vagar.

«Acordado, guerreiro. Voltei», disse uma voz em sua cabeça. Uma voz que lhe resultava familiar. Aquilo sim o surpreendeu.

Maddox ficou tenso e abriu os olhos de repente. Rapidamente observou toda a sala. Não viu ninguém, nenhuma sombra.

Preferia enfrentar a um Caçador que a um Titã que tinha prometido que ajudaria a Ashlyn e a tinha abandonado. Tentaria aquele ser arrancar ela dos seus braços?

«Onde está minha compensação, guerreiro?».

—Quem é? —sussurrou para não despertar Ashlyn.

«Não tenho por que lhe dizer isso» respondeu seu interlocutor com irritação.

—E o que quer de mim?

«Me prometeu tudo. Tudo».

—Prometi que faria tudo se salvasse a garota. Você não a salvou. Nós o fizemos.

«De todo o modo, está viva».

—Mas você não fez nada.

«Está certo?».

A voz se tornou sedosa, como se quisesse desafiá-lo que a contradissesse.

Estava certo? Danika tinha ajudado apertando o peito de Ashlyn, e ela tinha recuperado a respiração. Reyes e Aeron também tinham feito sua parte. Maddox a tinha abraçado, a tinha ajudado a se limpar e a tinha reconfortado.

O que tinha feito aquele ser? Importava?

—O que quer que faça? —perguntou com resignação.

Houve um ronrono de satisfação.

«Diga a seus amigos que vão ao cemitério de Kerepesi à meia-noite. Devem ir desarmados, e não podem dizer a ninguém o que estão fazendo. Irão sozinhos e eu os visitarei. Mostrarei quem sou».

—A meia-noite estaremos ocupados com outra coisa,

«Sua maldição de morte. Sim, sei. Lucien e Reyes têm permissão para chegar mais tarde»

—Mas...

«Sem objeções. Meia-noite. Desarmados».

Maddox piscou. Aquilo não tinha sentido. Por que queria que os homens fossem sem armas? Um deus podia esmagá-los por mais armamento que levassem.

«Dirá?».

Maddox entrecerrou os olhos. Aquele não era um deus, se o fosse, tinha intenção de conduzi-los a uma emboscada. Ele já pensava que os Titãs eram cruéis, assim não duvidava que eram capazes de algo assim. Entretanto, ele já estava maldito. Se aquele fosse um deus, Maddox seria castigado, porque não podia pedir a seus amigos que se aproximassem de uma situação potencialmente perigosa sem armas. E se não o fosse, significava que alguém, outro ser, tinha o poder de se infiltrar em seus pensamentos.

A seu lado, Ashlyn estalou os lábios e rodou até deitar de barriga para cima. Tinha um braço apoiado na testa, e o outro sobre o estômago. Estava a ponto de despertar, mas resistindo a fazê-lo.

«Dirá?», perguntou de novo a voz; entretanto, seu tom naquela ocasião foi incerto, ansioso.

E Maddox se deu conta. Não era a voz de um deusa. Não podia sê-lo. Um ser todo-poderoso poderia arrastar os guerreiros ao cemitério, e não se delataria com uma só amostra de dúvida. Maddox apertou os dentes.

«Não me obrigue a lhe perguntar isso outra vez».

—É obvio que o direi. —respondeu Maddox.

Falaria com seus amigos, mas não diria a eles o que aquele ser queria que lhes dissesse.

«Então, até esta noite», disse a voz, que virtualmente cantarolava de satisfação.

«Até que saibamos a verdade», pensou Maddox, mas é obvio, não o disse em voz alta. Não obteve resposta, não houve nenhuma reação, e ele sorriu lentamente. Aquele ser podia infiltrar palavras em sua mente, mas não podia ler seu pensamento. Bom. Muito, muito bom.

A corrente de poder se desvaneceu do ar.

Maddox pensou rapidamente em todas as possibilidades. Possivelmente aquela entidade pudesse ouvir uma conversa a distancia. Possivelmente, como Maddox e seus companheiros, seu interlocutor fosse um imortal com poderes especiais.

Um Caçador imortal?

Com cuidado de não despertar Ashlyn, se levantou da cama e saiu do quarto. Percorreu o castelo até que encontrou Lucien. O guerreiro estava sentado em um sofá da sala de jogos, a sós e em silêncio, com um copo de uísque na mão. Meditava.

Maddox disse a seu amigo o que tinha ocorrido e Lucien empalideceu. Inclusive suas cicatrizes pareciam mais brancas.

—Caçadores. Titãs. Mulheres. E agora, seres sem identificação com poderes desconhecidos. Quando vai terminar tudo isto?

Maddox passou uma mão pelo cabelo.

—Parece que ocorre algo novo a cada minuto que passa.

E pensar que no dia anterior se queixou da monotonia de sua vida...

—Ao menos temos várias horas para decidir o que podemos fazer a respeito. Vou pensar nisso antes de contar aos outros. Estão se passando muitas coisas de uma vez, muitas mudanças.

Maddox assentiu.

—Já sabe onde me encontrar se necessitar de mim. — disse.

Depois voltou para seu quarto, agradecido por aquele adiamento. Ainda não estava disposto a se separar de Ashlyn.

Ela estava estendida exatamente como a tinha deixado. Era uma visão maravilhosa em meio do espartano lugar. Ao se deitar no colchão, despertou.

— Maddox. —murmurou ela.

Aquela única palavra foi um gemido sonolento que acendeu seu sangue como certamente a acenderia uma carícia de seus delicados dedos. Com desejo renovado, Violência se fez notar de novo. Estava faminta. Necessitava algo. Sangue? Dor? Gritos? Ele não sabia, não podia sabê-lo. «Se controle, Não farei mal a esta mulher».

Ashlyn esfregou a bochecha contra seu flanco e ronronou como um gatinho satisfeito.

—Maddox?

Violência também ronronou.

Ele se agarrou aos lençóis. O que queria lhe obrigar a fazer Violência? Seus desejos eram escuros. Maddox começou a suar e apertou os dentes.

—Maddox? —repetiu Ashlyn.

Naquela ocasião, seu tom era de preocupação. Se levantou, e as mechas de sua preciosa cabeleira cor de mel caíram em cascata pelas costas. Os raios de sol que entravam pela janela a banhavam em um halo brilhante de cor âmbar. Olhou para Maddox fixamente.

—O que ocorre?

Ele não podia responder. Não pôde falar devido ao nó que tinha na garganta.

Cada vez mais preocupada, Ashlyn se inclinou para ele e colocou as mãos sob sua camiseta para lhe passar as palmas pelo peito. Aquela carícia foi excitante, decoradora. Sempre tinha uma forte energia entre eles. Maddox nunca tinha sentido nada semelhante.

Entretanto, se deu conta de que o espírito também gostava. Rugiu, não de fúria, mas sim de apetite. «Mais...». As nebulosas necessidades de antes voltaram a se criar e se deixaram identificar. Prazer e paixão. Êxtase e um desejo delicioso.

—Como você está? —perguntou Maddox, e engoliu em seco. Lhe resultava assombroso desejar algo, a alguém, sem sentir um impulso grande de fazer mal.

—Melhor.

—Me alegre.

Ele permaneceu imóvel um longo momento, permitindo a Ashlyn que lhe acariciasse o peito e desfrutando de todas as sensações que lhe produzia. Era como um sonho erótico, doce, suave, e não queria que terminasse nunca. Estava vibrando; ou possivelmente fosse o espírito. «Perigoso». Ia despi-la e tomá-la em questão de minutos se não a detinha.

—Tem a aparência muito melhor. —sussurrou Ashlyn— os golpes se curaram.

—Saro rapidamente. Venha —respondeu ele. Rodou pela cama e lhe estendeu a mão.

O olhar de Ashlyn foi desde seu rosto a sua mão, e depois para seu rosto de novo, em busca de alguma resposta.

—Muda de estado de ânimo mais rápido que qualquer pessoa que eu tenha conhecido —resmungou.

Entretanto, lhe deu a mão timidamente, como se não pudesse se conter. Os dedos de ambos se entrelaçaram.

Outra faísca.

Ela a sentiu também, obviamente, porque ofegou ao primeiro contato.

Tremendo por causa da necessidade, ele fez com que ficasse em pé. Ashlyn cambaleou ligeiramente e se agarrou com força a sua mão.

—Aonde vamos?

Ao Paraíso, se ele se saísse com a sua.

—Ao chuveiro.

Não esperou sua resposta, mas sim a levou ao banheiro. E, surpreendentemente, Ashlyn não protestou.

—Devo ter um aspecto horrível —murmurou. Passou uma mão pelo cabelo e fez uma careta de desagrado. Argh. Que cabelos.

—Você nunca poderia ter um aspecto horrível.

Ela ruborizou.

—Sim, sim posso. É só que... não sei. Não olhe até que esteja limpa, ou algo assim.

—Já tentei não a olhar, me acredite. —disse ele; mas seus olhos sempre a buscavam como se tivesse vontade própria, atraídos por uma força mais potente que ele mesmo. Chegaram ao banheiro e ele a soltou. «Quase chegou o momento. Só um pouco mais».

De costas para ela, abriu a torneira. A água começou a cair, fria no princípio, se esquentando gradualmente. Muito em breve, o vapor de água começou a surgir da banheira e a subir em espiral para o teto, se condensando e depois caindo como diminutas gotas de água.

Maddox se voltou para Ashlyn.

—Sinto muito pelo seu quarto. Eu... hã... o limparei depois —disse ela, olhando os pés descalços.

—Não, farei eu —respondeu ele com a voz rouca.

Ela o olhou nos olhos.

—Não. Preferiria que não o fizesse. Já estou o suficientemente envergonhada. Vomitei várias vezes..., possivelmente inclusive tenha manchado você. Me é mortificante. O que tenha podido cair no chão é minha responsabilidade.

—Foi minha culpa. É meu quarto. Eu o limparei.

Não gostava da idéia de vê-la fazendo trabalhos domésticos. A queria em sua cama, descansando. E nua; sim, nua. Possivelmente não descansando, então, a não ser o lambendo e o mordiscando. Ao pensar nisso, se excitou imediatamente.

—Tire sua roupa. —lhe disse, com a voz muito mais rouca do que teria querido.

Ela piscou de surpresa e depois baixou o olhar.

—O que?

—Quero que tire sua roupa.

—Agora mesmo? —perguntou com um chiado.

Maddox franziu o cenho.

—Toma banho normalmente com a roupa posta?

—Não, mas normalmente estou sozinha.

—Hoje não.

Se sentia como se levasse toda a vida esperando aquele momento. Ashlyn. Nua. Dele, para que ele pudesse fazer o que mais lhe agradasse, com suas curvas lhe pedindo que as explorasse.

—Por que hoje não? —perguntou Ashlyn, em tom suplicante.

—Porque não. —respondeu Maddox, e com obstinação, cruzou os braços.

—Maddox...

—Ashlyn. Tire a roupa. Está suja.

Atrás dele, a água continuava caindo na banheira branca. E em frente a ele, Ashlyn continuava olhando para ele como se estivesse sobressaltada.

—Não. —respondeu ela, e deu uns passos para retroceder para a porta, lentamente.

Ele se inclinou para ela e esteve a ponto de roçá-la com o nariz. Entretanto, não a beijou. Não a tocou, alargou o braço por trás dela e fechou a porta para lhe impedir a fuga. O suave clique ressoou contra as paredes e ela engoliu em seco. Empalideceu.

Maddox suspirou. Não queria que se assustasse, queria que se sentisse excitada.

—Não tenha medo.

—Não... não tenho medo.

Ele não acreditava, não sabia o que podia pensar. Não entendia por que resistia a algo que, só uns minutos antes, desejava. Assim lhe perguntou:

—Como se sente? Estava mentindo quando me disse que se encontrava melhor?

Mentir ou não mentir, se perguntou Ashlyn. Se lhe contava que ainda se sentia enjoada, ele nunca permitiria que ela tomasse banho sozinha. E se lhe contasse que realmente estava curada, queria vê-la se despir. Ela nunca tinha

feito isso diante de um homem, e menos ante um desconhecido. E um desconhecido imortal, além disso.

«Na realidade, já não é um desconhecido. Me abraçou, dormiu a meu lado, cuidou de mim e me limpou o rosto».

Tudo isso era certo, mas ela não conhecia a intimidade daquele homem. O que gostava e o que não, e a história de suas relações, que devia ser bastante longa, tendo em conta que tinha vivido tantos anos.

Ashlyn não sabia se ele queria tão somente passar aquele dia com ela, ou se queria algo mais.

Muitas vezes, em muitos idiomas distintos, Ashlyn tinha ouvido um homem dizer a uma mulher o que ela queria ouvir, e como depois a abandonava. Tinha ouvido eles mentirem sem se preocupar da mulher que os esperava em casa. Tinha ouvido embustes bonitos e descarados.

Como Maddox trataria seu corpo, já que era um demônio declarado? Como a trataria depois que terminasse o sexo?

Por muito medo que lhe desse a perspectiva de estar com ele, Ashlyn tinha que admitir que também era excitante. Emocionante. Nos olhos de Maddox tinha refletido um intenso desejo; um fogo violeta tão feroz como abrasador.

Ninguém tinha cuidado dela assim. Ela era a garota estranha, a louca que não podia ter uma conversação normal porque estava muito ocupada escutando as conversações de outros. «Aproveita a oportunidade, Darrow. Se atreva a viver por uma vez. Sabe que quer fazê-lo».

Olhou para Maddox. Estava rodeado de vapor; tinha um aura fantasmal, de sonho. A expressão de seu rosto era desumana, mas sexy, e usava o cabelo cortado em camadas desiguais. Ela sempre tinha querido ter um homem, uma relação. Sempre tinha sentido curiosidade pela paixão da que tanto tinha ouvido falar. Entretanto, desejava estar com um homem que a quisesse, que não a deixasse quando o fogo da paixão se consumasse.

—Como se sente? —repetiu ele.

—Bem. —admitiu ela finalmente— Me sinto bem.

Não mentia.

—Então por que está aí imóvel? Se dispa.

—Não me dê ordens —disse Ashlyn. Se lhe permitia se impor naquele momento, sempre o faria, sempre? Quanto tempo ia ficar?

Ele ficou em silêncio durante um momento.

—Por favor.

«Realmente vai fazer isso?».

Sim. Faria. Ele não a queria, e ela não estava segura de como ia tratar a ela depois, mas ia fazê-lo. O desejava naquele momento e o tinha desejado desde o começo.

Sua mão tremeu quando a levou ao zíper da jaqueta rosa. Entretanto, se deu conta de que já não a usava. Nem o pulôver. Ele devia tê-los tirado enquanto dormia. Com o rosto ardendo, pegou a ponta da camiseta, a tirou e a jogou para um lado. Ficou com a camiseta de baixo, o soutien e o jeans.

Maddox assentiu.

—Usa muitas roupas. Tire mais, por favor

Ela pousou as mãos na borda da camiseta de baixo. Se deteve.

—Estou nervosa. —confessou.

Ele arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça.

—Porquê?

—E se... e se você não gostar do que vê?

—Eu gostarei. —respondeu ele com a voz rouca.

Aquela voz primitiva... Ashlyn estremeceu. A tinha assustado no bosque. Naquele momento, pelo contrário, inflamava as chamas de seu desejo.

—Por que está tão certo?

Ele passeou o olhar por todo seu corpo.

—Eu gosto do que vejo agora. O que está debaixo vai me agradar ainda mais.

Ashlyn não estava tão certa. Não fazia exercício, e não fazia regime. Nunca tinha necessitado. Quando não estava viajando com o Instituto, estava tranqüilamente em casa, vendo televisão, lendo revistas e navegando na Internet. Não eram as atividades que proporcionavam a uma mulher um corpo de sonho.

Tinha as coxas um pouco mais grossas do que gostaria, e o ventre um pouco mais arredondado. A que tipo de mulheres estava acostumado Maddox? Depois de tudo, ele era imortal, e provavelmente, tinha estado com milhares de mulheres belas.

Ashlyn apertou os punhos. Embora fosse irracional, imaginar Maddox com outra mulher lhe provocou irritação.

—Ashlyn. —disse Maddox, e a tirou de seus pensamentos.

—O que?

—Se concentre no que está fazendo. —disse com ironia.

Ela sorriu.

—Sinto muito. Me distraí.

—Deixa que eu a ajude, por favor.

Fechou as mãos sobre as dela e Ashlyn sentiu aquele chiado que sempre seguia a seu contato. Naquela ocasião o esperava, mas ainda não estava preparada para a reação que ia lhe causar: seus mamilos se puseram eretos e sentiu calor entre as pernas.

Ele não esperou que lhe desse permissão, puxou a camiseta para cima.

—Espera. —disse Ashlyn.

Imediatamente, ele ficou imóvel.

—Tenho que o preparar.

Ele estava a ponto de ver sua roupa de baixo, outro tema embaraçoso. Era de algodão branco. Um dia, tinha ouvido que um homem dizia que era íntima de sua avó. Ela nunca colocava objetos provocadores, nem sequer com relação a suas roupas íntimas, quando estava trabalhando. Não era prático.

—Tenho lingerie sexy, juro, mas neste momento não a uso.

—E se supõe que isso tem que me desgostar? —Maddox perguntou com confusão. — Que não vista lingerie sexy?

—Não sei. —respondeu ela, e mordeu o lábio inferior. — Possivelmente. Você se desgostaria?

—Ashlyn, o que veste não me importa. Não vai ficar vestida muito tempo. Está preparada? —perguntou Maddox.

Ela engoliu em seco e assentiu.

Ele puxou a camiseta e a tirou. Ashlyn estremeceu.

—E então?

—E então?

—Feia? —disse ela.

—Preciosa. —disse Maddox.

Tomou ar de uma forma... reverente? Ela sentiu que lhe fervia o sangue. Com uma mão trêmula, Maddox acariciou o algodão branco que lhe cobria os seios. Ashlyn gemeu de prazer.

Ele deslizou os dedos para seu abdômen e a segurou pela cintura da calça jeans. Com apenas um giro do pulso, os desabotoou. Ashlyn notou o calor de sua pele até os ossos.

Baixou seus jeans pelos quadris, passou pelos joelhos e os deixou no chão.

—Sai das calças.

Ashlyn obedeceu com as pernas trêmulas. O olhar de Maddox ficou preso em sua calcinha branca. Ela teve que reprimir o impulso de se tampar com as mãos; oxalá, ele pudesse vê-la com algo mais estimulante. Entretanto, não parecia que Maddox estivesse pensando o mesmo.

—Tire o sutiã e a calcinha. —lhe pediu enquanto se levantava.

Possivelmente não lhe importasse o que ela vestia, realmente.

Enquanto esperava que o obedecesse, ele tirou a camiseta. Então um ofego escapou dela, e encantada, esqueceu quão feia era sua calcinha. E o sutiã. Mas não o tirou; estava muito ocupada olhando.

Maddox era magnífico. As cicatrizes tinham desaparecido de seu abdômen; só ficavam umas finas linhas vermelhas. Os músculos de seu corpo bronzeado eram um festim para os olhos. Tinha um umbigo muito bonito, rodeado por um suave rastro de pêlo negro que conduzia o olhar diretamente para a cintura de sua calça.

Sem deixar de olhar para Ashlyn, desabotoou a calça e a baixou até que também caiu ao chão.

Não usava roupa de baixo.

Ela abriu os olhos como pratos e sentiu que lhe secava a boca. Era muito grande; comprido, grosso e muito excitado. Ashlyn tinha visto o pênis masculino em livros, em páginas da Web que não deveria ter visitado e em filmes que não deveria ter visto, mas nunca na realidade. Nunca daquele modo.

— Acredito que te atribuí uma tarefa concreta — disse Maddox, a olhando diretamente entre as pernas, de um modo que a fazia tremer. Ashlyn sentiu um desejo muito intenso; precisava acariciar e que a acariciassem, saborear e que a saboreassem. Sentiu uma aguda dor no corpo.

—Realmente vamos ter relações sexuais? —perguntou sem fôlego, com esperança.

—Oh, sim —respondeu ele, avançando para ela —Oh, sim, preciosa, vamos te-las realmente.

Capítulo 12

Maddox pegou Ashlyn por debaixo dos braços e a levantou do chão. Tirou seu sutiã o rasgando no centro com os dentes. O tecido se rasgou com facilidade e se abriu, e lhe revelou os seios mais atrevidos que tivesse visto em sua vida.

Eram um pouco maiores que o que permitia abranger a mão de Maddox. Seus mamilos eram rosados, e ele não pôde esperar um segundo para prová-los. Sugou uma das pontas e a rodeou com uma intensidade quente, úmida. Ashlyn gemeu. Jogou para trás a cabeça e se arqueou para ele, lhe rogando silenciosamente que continuasse. Ele seguiu lambendo-a com gozo, e em poucos instantes passou ao outro mamilo e repetiu as carícias.

O sangue lhe pedia mais, mas Maddox a deixou no chão outra vez e a empurrou brandamente para a banheira. Depois puxou com delicadeza da cintura da calcinha.

— Tira isso por favor.

Ela cumpriu sua petição, com certo nervosismo, a deslizou pelos quadris e se desfez dela.

Pelos deuses... Maddox esteve a ponto de desabar no chão ao ver o pequeno triângulo de pêlo de cor mel entre as coxas, deliciosamente arredondados. Respirou profundamente ao contemplar toda sua beleza e, de novo, a pegou nos

braços. Naquela ocasião, entretanto, meteu-a na banheira e correu a cortina transparente a seu redor. Ela emitiu um ofego quando notou o calor da água na pele. Ele lamentou não ter sido o causador daquele ofego.

«Logo», disse a si mesmo. «Logo».

Entrou na banheira atrás dela. Ashlyn já estava empapada e tinha o cabelo grudado contra a elegante curvatura de suas costas. Tinha um traseiro de curvas perfeitas, carnudo. Ele gostou; gostava que não fosse só pele e ossos.

—Preciosa... —sussurrou.

De repente, as dúvidas o acossaram. Devia fazer que se voltasse, ou abraçá-la assim? Devia tombá-la ou deixar que seguisse em pé? Era seu primeiro banho com uma mulher e não estava muito certo de qual era o melhor modo de fazê-lo.

«É minha. Posso fazer tudo».

O instinto e centenas de fantasias o ajudaram naquela situação. Se aproximou dela e esfregou sua ereção contra a dobra entre suas nádegas. Ela emitiu um ofego trêmula. Então, ele pegou o sabonete que usava todas as manhãs para lavar o resto de seus padecimentos noturnos.

Ela tentou dar a volta, mas ele a manteve na mesma posição apoiando o queixo em sua cabeça. No princípio, Ashlyn ficou tensa. Pouco a pouco, entretanto, foi relaxando contra ele. Maddox já estava no limite e não queria se submeter a muita pressão. Ainda. Mal podia dominar ao espírito assim; tinha a sensação de que ia sair do seu corpo e acariciá-la por si mesmo.

—Foi criada para o sexo, não foi? —ronronou Maddox ao seu ouvido. Depois passou a língua por uma das delicadas dobras da orelha.

—Suponho que agora vamos averiguar isso. —respondeu ela em um sussurro.

Na realidade, tinha sido criada para ele. Não podiam ter escolhido uma isca mais perfeita. Se a tinham enviado para distrai-lo, tinham conseguido. Se a tinham enviado para que averiguasse informação sobre seus amigos e ele..., bem, aquilo também tinha conseguido. Maddox tinha contado mais coisas a ela do nunca tinha dito a ninguém.

E se a tinham enviado para castigá-lo, também o tinham obtido. Nunca tinha se sentido mais envergonhado de si mesmo. Deveria estar em qualquer outro lugar naquele momento, mas, apesar de tudo, estava ali. Ia fazer amor com Ashlyn e não lhe importavam as conseqüências.

Com os braços lhe rodeando os ombros diminutos, Maddox ensaboou suas mãos. Deixou o sabonete em seu suporte e começou lavá-la lenta, muito lentamente, dos pés a cabeça. Passou-lhe os dedos com sabão ao redor dos mamilos, pela suave curva dos quadris, pela doce redondez do ventre.

Ela emitiu outro daqueles suaves grunhidos; foi um som de desejo, e naquela ocasião, sim era por ele. Apoiou a cabeça para trás, no ombro de Maddox, em um claro convite para que ele fizesse o que quisesse.

—Você gosta que a lave? —perguntou Maddox.

—Sim.

—Ainda está suja?

—Sim.

—Por onde?

—Por toda parte. —sussurrou ela com voz rouca.

Ele esteve a ponto de sorrir. Quase. Seu desejo era muito escuro para permitir o bom humor. E, mesclados com aquela escuridão, tinha respeito e uma sensação de milagre.

Suas carícias foram um pouco mais bruscas do que ele teria querido enquanto lhe ensaboava os braços. Não pareceu, entretanto, que importasse a

ela. Maddox se deu conta de que tinha fechado os olhos e estava mordendo o lábio inferior enquanto uns pequenos suspiros escapavam de sua boca.

—Tinha tomado banho com um homem alguma vez? —perguntou ele enquanto ficava de joelhos com o sabonete na mão.

Ela ficou imóvel.

—Não.

Maddox se alegrou. Descobririam juntos aqueles prazeres. Antes, inclusive, de que o demônio se transformasse em uma parte de seu ser, ele não tinha demonstrado muita ternura para as fêmeas. Tomava rapidamente, porque eram apenas algo agradável, nada além de algo que desejava, não que necessitava.

Depois da maldição, o afeto se transformou em algo impensável. Maddox sempre tinha temido que o espírito se desatasse se ele se estivesse com uma mulher. Só então se deu conta de quão precioso era o tempo, de como deveria ter desfrutado da vida quando tinha tido a oportunidade.

Nunca tinha temido mais a Violência que naquele momento, mas não permitiu que lhe impedisse de desfrutar e saborear o tempo. Estava muito excitado, mas jurou a si mesmo que não mostraria nenhuma brutalidade com Ashlyn.

«Me controlarei, custe o que custar. Controlarei ao espírito».

Beijou a curvatura de suas costas, na altura da cintura, e lhe lambeu a espinha.

—Mmm —sussurrou ela—. Eu... eu gosto disso.

Também gostava.

Gostava de tudo dela.

Depois de lhe ensaboar as panturrilhas e as coxas enquanto se mordida o interior das bochechas para não morder a ela, enxaguou mãos. E, incapaz de resistir um segundo mais, introduziu dois dedos no calor de seu corpo.

—Oh... Oh!

Ashlyn deu um salto para se afastar daquela carícia erótica, mas rapidamente voltou a se apoiar contra ele, e abriu as pernas, lhe pedindo em silêncio que seguisse.

Estava tão escorregadia como a espuma do sabão. Ele a acariciou e lhe beliscou com suavidade a parte mais sensível do corpo; ela cambaleou.

—Você ainda gosta? — ele perguntou.

A tensão se apoderou dele.

«Toma-a. Toma-a agora».

—Eu adoro. Eu adoro. —respondeu ela fracamente.

Ele moveu os dedos para cima, tão profundamente como pôde. Ela ofegou seu nome.

—Escura —disse ele entre dentes. Quase lhe pareceu que sentia... Não, não era possível.

— Quente.

—Eu gosto...

Em qualquer momento, as chamas iriam devorá-lo, chamas mais abrasadoras que as do inferno. Estava tremendo. Estava duro, tão duro que lhe doía. Estava preparado para atacar.

Se reagia de uma maneira tão intensa possuindo-a só com os dedos, como seria quando a penetrasse?

«Não pare. Não pode parar».

Maddox apertou os dentes e colocou outro dedo mais em seu corpo, para alargá-la... e então, já não pôde negar que notava a barreira que marcava sua virgindade. Apertou os dentes; inclinou a cabeça e se deu conta de que o estava olhando entre as pernas com desconcerto.

Era virgem? Não, não era possível; Ashlyn era uma mulher adulta. Entretanto, notava perfeitamente que aquela barreira existia.

Se retirou de seu corpo e ficou em pé. Não a tocou; só a olhou dos pés à cabeça. Como ele, ela estava tremendo.

Por sua mente enfebrejada passaram milhares de pensamentos. Como era possível que uma mulher tão bela seguisse sendo virgem? E por que lhe tinham enviado os Caçadores uma mulher sem experiência para que o seduzisse?

Ashlyn não tinha por que saber como fazê-lo.

Por que enviariam os deuses uma virgem para castigá-lo? Não seria isso, contudo, castigar a ela?

Com evidente confusão por sua repentina retirada, Ashlyn voltou a cabeça até que seus olhos se encontraram. Em seus preciosos traços tinha dor e prazer.

—Fiz algo errado?

Ele negou com a cabeça. Ainda não podia falar. Se sentia tão possessivo que não podia acreditá-lo. Nenhum homem a tinha conquistado antes. Ninguém tinha provado sua doçura.

—Então por que parou?

Ela deu a volta completamente e Maddox viu que tinha os mamilos eretos, avermelhados e molhados. Se erguiam para ele, suplicantes...

Ele tinha estado a ponto de tomar sua virgindade e nem sequer a tinha beijado. Nenhuma mulher, nem sequer uma isca, nem sequer um castigo divino, merecia aquilo. E, naquele momento, Maddox não acreditava que ela fosse nenhuma das duas coisas.

Entretanto, Ashlyn estava no bosque aquela noite, e a seguiam quatro Caçadores. Ambas as situações tinham relação, certo, mas... que relação? Acaso Ashlyn era seu alvo?

Se assim fosse, qual era o motivo? Ela não custodiava nenhum demônio. Ele o teria sentido, não? Já não estava certo. Não sabia nada, salvo que desejava aquela mulher com toda sua alma desde o primeiro momento em que a tinha visto. Ashlyn tinha algo que o transtornava profundamente. Transtornava inclusive a seu espírito.

—Maddox?

Ele queria tomar sua virgindade, mas não ia fazer isso. Naquele dia não. Ela tinha estado doente pouco tempo antes. Além disso, não sabia como ia reagir ante o fato de estar dentro dela sabendo que era o primeiro. Ashlyn também seria primeira para ele; nunca tinha tomado a uma virgem. Teria que encontrar a melhor maneira de fazê-lo, de manter Violência dominada. O espírito desfrutaria ferindo Ashlyn, lhe infligindo dor, embora fosse a mais ligeira das dores. Possivelmente tivesse que encadear a si mesmo.

Quanto a aquele momento...

Ele a empurrou com delicadeza para a parede de azulejo branco. Ela o olhou com os olhos muito abertos, e embora os lábios de Maddox não se curaram por completo, beijou-a. Ela abriu a boca com surpresa, e depois a abriu mais e acolheu sua língua avidamente. Ele a afundou dentro e inclinou a cabeça para poder chegar mais profundamente, para alimentá-la com tudo o que ela necessitasse. O sabor feminino de Ashlyn o cativou.

Houve outra faísca entre eles.

Ashlyn ofegou, e ele bebeu o som. Seu torso se esmagou contra os seios dela, e Maddox notou seus mamilos, tão duros que o picaram na pele, e notava também o ritmo acelerado dos batimentos de seu coração.

Ele flexionou os joelhos e esfregou sua ereção contra ela, e conseguiu que voltasse a ofegar e que estremecesse. Ashlyn afundou as mãos em seu cabelo, se

agarrou para o aproximar mais. Seus dentes bateram; o beijo continuou... não se deteve... durou uma eternidade... um beijo enfeitiçado, de sonhos e de fogo.

Sim, de fogo. Tinha muito fogo. Maddox tinha um inferno por dentro. Mordeu-lhe o lábio inferior, algo que não teria podido evitar nem que tivesse querido, coisa que já não queria. Uma gota de sangue lhe caiu na língua. Saboreou o gosto metálico.

Bom; aquilo era tão bom...

Ela gemeu e o mordeu também, lhe devolvendo a escuridão de sua paixão com um ardor que o deixou estremecido. «Calma, suavidade», se disse Maddox. Então, segurou seu rosto e com gentileza, a obrigou a inclinar a cabeça; mordiscou-a e lhe lambeu todo o pescoço até que chegou à clavícula, e aquilo foi quase sua ruína. A pele de Ashlyn era como uma droga, e com uma pequena amostra, fazia com que desejasse tomar mais, fazer mais. Experimentar tudo.

Ashlyn se arqueou contra ele entre ofegos. A ereção de Maddox explodia entre suas pernas, desesperada por entrar.

Não, ainda não. «É virgem, recorda? É virgem».

Ashlyn lhe cravou os dentes no pescoço, e ele esteve a ponto de chegar ao orgasmo. Esteve a ponto de se derramar ali mesmo. Ela estava desatada, frenética. Deslizou as mãos até suas costas e fincou os dedos em sua carne. Afundou-lhe as unhas na pele.

Ele não sabia se era consciente de seus atos. Movia a cabeça de um lado a outro e tinha os olhos fechados.

—Farei que sinta todo o prazer. — disse ele enquanto lutava por se controlar.

—Sim, sim... me acaricie...

—Um momento, por favor.

Então Maddox apertou os dedos ao redor de sua ereção, porque sabia que, se não o fizesse, a possuiria sem poder dominar a situação. Bombeou uma, duas vezes. Emitiu um assobio baixo.

— Maddox! Depressa!

—Com as mãos ou com a boca? —perguntou ele com um fio de voz. A água caía sobre ela, lhe derramava pelo abdômen, o desafiando para que a bebesse.

—Como? —perguntou ela, e de repente abriu os olhos e o olhou.

—Quer que a acaricie com as mãos ou com a boca? —enquanto ele perguntava, seguiu bombeando seu membro inchado, desejando que fosse ela quem o fizesse. Com a boca. Com seu corpo.

—Com as mãos?

Maddox não sabia muito sobre os humanos, mas reconheceu o verdadeiro desejo de Ashlyn. Queria que a possuísse com a boca. E ele também o desejava. Aquela necessidade, provavelmente, a envergonhava; bem, ele também conquistaria aquele espaço íntimo, muito em breve.

Se ajoelhou uma segunda vez.

—O que faz? —sussurrou Ashlyn, escandalizada.

Entretanto, no fundo de sua voz tinha excitação.

Em vez de responder, lhe lambeu justo onde mais o necessitava. Era algo que tinha querido fazer a uma mulher durante muito tempo, mas não se atreveu porque temia a reação de Violência. Naquele momento, entretanto, estava muito cativado para ter medo, e de repente se alegrou de ter esperado. Ashlyn tinha um sabor puro, inocente. Tinha sabor de mel, de paixão, de calor escorregadio. Era aditiva. Era dele.

—Com a boca —gemeu ela. — Com a boca. Mudei de opinião.

Então ele voltou a lambê-la e ela tremeu. Se apoiou com as palmas das mãos na parede para não cair. Arqueou para frente os quadris se oferecendo mais a

sua língua. Ele a agradou. Abriu-a com uma mão, enquanto com a outra continuava se acariciando, e sugou o centro mais ardente de seu corpo. Ela ofegou, gemeu, se arqueou, se retorceu.

—Mais? —perguntou ele.

—Mais... sim. Por favor.

Estava perto, muito perto. Ele sentia que Ashlyn se aproximava cada vez mais do êxtase, saboreava a abundância da doçura. «Morde». Aquele impulso o assustou. Deixou de mover a língua, de acariciar o clitóris cheio. Ela se queixou com frustração e ele fechou as mandíbulas com dor e excitação.

As gotas de água lhe caíam das sobrelanceiras ao queixo. Queria lhe afastar, queria vê-la com mais clareza mas não queria tirar as mãos dos lugares em que as tinha. O ar lhe queimava a garganta, os pulmões.

—Me diga que me deseja.

«Enquanto me acalmo».

—Te desejo. —respondeu Ashlyn, quase aos gritos. O olhava fixamente, como se não pudesse acreditar que estavam tendo aquela conversação naquele preciso instante.

—Me diga que necessita de mim.

—Necessito de você.

—Me diga que nunca me trairá.

—Nunca o trairei.

Ao menos, não tinha titubeado. Algo em seu interior se suavizou, se derreteu.

—Onde quer estar? —lhe perguntou; e suas palavras eram quase uma súplica.

«Me necessite tanto como eu necessito de você».

Possivelmente fosse a água, talvez o vapor. Maddox teve a sensação de que os olhos dela se enchiam de lágrimas, de uma cortina de vulnerabilidade lhe caía pelo rosto.

—Com você. —respondeu. — Só com você.

Tanto espírito como homem se sentiram atravessados pela magia daquelas palavras. Receberam uma lição de humildade. De novo, Maddox enterrou a rosto entre suas pernas, e lhe afundou a língua mais profundamente que antes. Ela suspirou de paixão e lhe posou uma perna nas costas. Afundou o joelho em seu ombro, mas não se importou; inclusive gostou.

O desejo de Ashlyn fluía pela sua garganta enquanto ele a mordiscava. Já não podia se deter, estava indefeso ante suas ações. Não queria lhe causar mal, e tampouco o espírito o desejava. Por uma vez, estavam de acordo, e a única coisa que ambos queriam era lhe proporcionar prazer.

Ela chegou ao limite. Caiu. O orgasmo sacudiu todo o seu corpo. Suas paredes lhe pressionaram a língua, o mantiveram cativo naquelas portas do céu. E quando Ashlyn gritou seu nome, Maddox também chegou ao clímax. Sua semente cálida brotou dele e caiu na banheira. Seu corpo se esticou, os músculos pressionaram os ossos com uma força férrea. Nunca tinha sentido nada tão belo, tão perfeito.

Passaram segundos... minutos... horas. Naquela eternidade atemporal se transformou em prazer. Era só um homem que desejava aquela mulher. Um homem que vivia em um mundo luminoso, onde o bem sempre vencia o mal.

Oxalá...

Quando abriu os olhos, era Maddox uma vez mais. De novo, um homem regido pela escuridão, que habitava um mundo onde sempre triunfava a meia-noite, e onde o mal ria no rosto do bem.

Ainda estava de joelhos. Ashlyn seguia em frente a ele. Maddox ouvia sua respiração entrecortada, e se deu conta de que ele mesmo estava ofegando. Ficou em pé e notou que suas pernas não deixavam de tremer.

Tampouco Ashlyn deixava de tremer. Tinha os olhos fechados e em seu semblante tinha uma expressão deleitosa. Entretanto, Maddox não podia livrar do súbito pensamento de que tinha sido muito brusco, de que deveria ter sido mais terno...

—Por favor, me olhe —lhe pediu.

Ela abriu os olhos, e aquelas esferas de cor âmbar se cravaram nele enquanto mordida o lábio com uma expressão de insegurança.

—Sim?

—A machuquei? Se arrependeu?

—Não e não. —disse ela, com um de seus sorrisos deslumbrantes, como um raio de sol na noite tenebrosa.

—Como é possível que siga sendo virgem? —perguntou ele, aniquilado.

Lentamente, o sorriso de Ashlyn se apagou dos seus lábios. A vergonha lhe refletiu nos olhos.

—Não quero falar disso.

—Por favor.

Ela olhou para os pés para esconder suas emoções tormentosas.

—Não deveria ter pedido que não me ordenasse as coisas. É irresistível!

Ele recordaria aquilo.

—Possivelmente deveria ter dito isso antes, antes de que..., mas...

O coração dele se encolheu. Devia escutar sua confissão, fosse o que fosse? Sim. Queria? Não. Naquele momento não. Fechou a torneira e a apertou contra a parede. Não podia predizer qual seria a reação do espírito se aquela preciosa criatura lhe dissesse que tinha conspirado contra ele.

—Ashlyn...

—Não —disse ela, sacudindo a cabeça. — Me escute. Mas antes, me prometa que não vai me odiar, e tente entender que não posso evitá-lo. Lá vai. Não é o único que está possuído por algo que não pode controlar. Eu ouço vozes. Quando fico quieta em um lugar onde teve lugar uma conversação, ouço todas as palavras que se pronunciaram embora tenha passado muito tempo.

Enquanto falava, olhava para todas partes, menos para ele.

Maddox a escutou com um profundo assombro. Ashlyn não tinha confessado que fosse uma isca nem que fosse um castigo divino nem que queria se vingar dele, mas sim ouvia vozes. Ele soube com toda segurança que não mentia. Aquilo era muito complicado, e muito fácil de comprovar. Uma isca verdadeira teria optado por algo muito menos refutável. Além disso, o que descrevia tinha sentido e fazia que encaixassem muitas peças do quebra-cabeças.

O que significava que ela tinha tentado protegê-lo simplesmente porque queria, e aquilo o encheu de alegria e alívio.

Naquele momento, Maddox entendeu por que ela não ficou afundada quando ele tinha admitido que tinha assassinado aqueles homens. Nem sequer os conhecia. E tal e como ele suspeitava, certamente eles queriam capturá-la e usar sua habilidade.

—E por que tinha medo de que a odiasse? —perguntou ele.

—Ouço segredos —sussurrou. — É difícil ter amigos, sabe? As pessoas que sabem o que posso fazer não querem ter nada a ver comigo, e as pessoas que não sabe não me entendem.

A solidão que transmitiam suas palavras o entristeceu. Ele a entendia muito bem. Entretanto, não gostava da idéia de que ela ouvisse..., soubesse as coisas violentas que tinha feito durante sua vida.

—E que segredos meus você ouviu? —perguntou ele tentando manter um tom de voz desenvolto, embora não conseguisse.

—Nenhum, juro —disse ela, e o olhou fixamente— Quando estou com você, o mundo é silencioso.

Aquilo já havia sido dito. Maddox recordou a expressão de seu rosto a primeira vez que ele tinha se aproximado. Era de uma grande felicidade. Estava desfrutando do silêncio, tal e como lhe tinha dito. Ao sabê-lo, se sentiu assombrado, cheio de humildade, mas também orgulhoso. Ele a tinha ajudado. Ele, que era incapaz de se liberar de sua própria tortura, tinha liberado a outros.

—Disse que ouve segredos. Que segredos ouviu sobre nós?

—Já lhe disse isso. A maioria das pessoas da cidade os considera anjos. Uns quantos os têm por demônios. Entretanto, todos sentem reverência por vocês.

—Não há planos para atacar?

—Não que eu saiba.

—Bom.

Ele estendeu os dedos por sua cintura, levantou-a e a tirou da banheira. Depois lhe pôs uma toalha sobre os ombros e pegou outra para si.

—«Bom»? Isso é tudo o que tem que a me dizer?

—Sim.

Ela ficou boquiaberta.

—Bom, agora que já lhe contei isso, eu gostaria de chamar meu chefe e lhe dizer que estou bem.

Maddox sacudiu a cabeça.

—Temo que isso não é possível. Ninguém pode saber que está aqui. É por sua segurança e pela nossa.

—Mas...

—Isto não está aberto a discussão.

Ashlyn ia falar de novo, como se quisesse protestar. Entretanto, se limitou a dizer:

—Tudo bem.

Por seu tom de voz, Maddox soube que não estava bem. Provavelmente, pensava em procurar um telefone assim que ele desse as costas.

—Prometo a você, Ashlyn, que é o melhor que podemos fazer para todos os que estão envolvidos.

Ela seguiu se secando de costas para ele. Seus movimentos eram um pouco lentos, comedidos, como se sua mente estivesse muito longe dali.

—O que acontece?

—Muitas coisas. Preciso chamar meu chefe, e vou fazê-lo assim que encontre um telefone. Não pode me impedir disso.

—Isso...

Naquela ocasião foi ela quem o interrompeu.

—E mesmo você, imortal, teria que pensar que sou estranha depois do que eu disse, assim não sei por que o nega.

Ele secou o cabelo e colocou a toalha ao redor do pescoço.

—Não é estranha. Eu acredito que é bela, inteligente, e o mais importante, deliciosa.

Ela tampou o torso com a toalha, lhe roubando o prazer de olhá-la.

—Realmente?

—Realmente. —respondeu ele. Seus olhares se encontraram.— Se soubesse a metade das coisas que ocorrem aqui, você...

Apertou os lábios. Demônios, não deveria ter dito aquilo.

—Se refere ao fato de que há mais que os assassinatos e as ressurreições? —perguntou Ashlyn com ironia.

Muito mais.

—Bom, o que vamos fazer agora?

Embora ele desejasse passar o resto do dia com ela, sabia que não podia. Tinha deveres a cumprir. Ainda era um guerreiro que tinha que defender sua casa. Depois de acompanhá-la ao dormitório, se vestiu, pegou uma camisa, uma cueca e uma calça do armário e os lançou a Ashlyn.

—Ponha isso.

Ela não agarrou no ar nenhum só dos objetos e teve que se agachar para recolhe-las. A cada movimento, a toalha branca lhe subia pelas pernas. Ele se excitou. Outra vez. Deveria estar cansado, mas não. Com Ashlyn não. Ela o excitava apesar de tudo.

—Há algumas coisas que tenho que fazer —disse.

—E posso ir com você? —perguntou ela.

—Sim e não.

—O que significa isso?

—Vou te trancar com a Danika enquanto faço algumas... tarefas. Assim terá companhia e estará com alguém que poderá te ajudar se ficar doente outra vez.

Primeiro, em seu rosto apareceu uma expressão de pânico. Depois, de ira.

—Não tem por que me trançar. E por que tem Danika trancada? É uma prisioneira?

—Sim.

—Mas, Maddox, me disse que eu era a primeira mulher que...

—Eu não a tranquei, não menti. E agora, nenhuma palavra mais, por favor. Se vista, ou a tirarei nua da sala.

—Deveria discutir com você, mas não vou fazê-lo. Não porque você seja o chefe, mas sim porque quero ir ver Danika.

Ashlyn se vestiu rapidamente.

—Esta roupa é enorme —protestou quando terminou.

—Por agora é o que temos. Terá que se arrumar com isso.

—Falaremos mais tarde sobre tudo isto. —disse ela, e não como uma petição mas sim como uma ordem.

—Sim. —respondeu Maddox, tentando não sorrir. — Falaremos.

—Vai responder a todas as minhas perguntas sem evasivas.

—E você fique bem, enquanto não estou com você. Recorda que disse a você que era perigoso me zangar?

—E o que, vai me dar uma surra se for uma menina má?

Aquele comentário provocador surpreendeu Maddox. Por todos os deuses, de onde tinha saído aquele pequeno paiol de pólvora? A tinha visto assustada, em choque, doente, excitada, mas não batalhadora como naquele momento. Assombrosamente, o espírito não estalou ante seu desafio. Não o obrigou a lhe fazer mal. Maddox pensou que possivelmente Violência... Não. Impossível.

O espírito de Violência não sorria.

—Não pergunte o que eu faria. —disse quando pôde falar novamente, — E não me tente.

Ela ficou nas pontas dos pés e aproximou a boca de sua orelha. Ele sentiu seus mamilos lhe roçando o torso. Esperou, sem fôlego, para ver o que Ashlyn ia fazer depois. Possivelmente não soubesse de onde tinha saído o paiol de pólvora, mas sabia que o excitava muito.

—Possivelmente eu goste de o tentar —sussurrou, e lhe mordeu o lóbulo da orelha. — Pensa nisso enquanto estou trancada.

Pensaria. Oh, sim. Pensaria.

Capítulo 13

Ashlyn olhou a porta que Maddox acabava de fechar ante seu nariz para deixá-la presa em outro dormitório. Em outra prisão. Oh! Aquele homem era exasperante. Tinha lhe dado prazer com ternura; depois tinha se transformado de novo em um guerreiro duro e decidido, e a tinha trancado em um quarto com outras mulheres que já tinham trancadas. Um comportamento vergonhoso, sem dúvida.

Apesar de tudo, ela o desejava. Sabia que era bom e considerado, e o melhor que já tinha ocorrido a seu corpo. Ah, sim. Além disso, estava o silêncio. Isso, Ashlyn não podia esquecer.

—Quem é? —perguntou uma voz feminina de repente.

Ashlyn deu a volta e viu Danika e a outras três mulheres, cujas idades deviam oscilar entre os setenta e os vinte anos, que a estavam observando com preocupação e medo. Deus Santo, Maddox tinha a quatro mulheres trancadas? Ia ser aquilo um harém para imortais?

Danika se adiantou.

—Ê a que estava doente. A que eu... cuidei

—Obrigada por fazê-lo. —disse Ashlyn brandamente.

Danika assentiu.

—Tem melhor aspecto —comentou, e depois de olhar para Ashlyn com suma atenção, entreabriu os olhos receosamente— De fato, está milagrosamente melhor.

—Oxalá, pudesse explicar isso, mas não posso. Quando as náuseas passaram, recuperei as forças. Parece que as pílulas fizeram efeito, depois de tudo. Você também tem um aspecto melhor. Já não está da cor verde.

—Bom, é a primeira vez que vou voando com um homem para buscar analgésicos —replicou Danika e ficou com os braços cruzados. — E por que você está neste castelo tétrico? Também a seqüestraram?

Ashlyn não teve tempo de responder.

—Quem são? —perguntou uma versão de Danika ligeiramente mais velha— O que são? Danika diz que alguém tem asas.

Sem pausa, a mais velha do grupo inquiriu:

—Conhece alguma saída?

As quatro mulheres iam rodeando-a enquanto falavam. A olhavam com esperança, como se ela tivesse a resposta e pudesse as salvar de um destino horrível.

Ashlyn elevou as mãos para as conter.

—Fiquem calmas. —disse.

Danika tinha mencionado que haviam sido seqüestradas. Por que Maddox teria feito algo assim?

—Alguna de vocês é Caçadora ou isca? — perguntou. Cada vez que Maddox lhe dizia uma daquelas duas palavras, sua voz tinha um tom de desgosto.

—O que quer dizer? Quer saber se somos buscadoras de tesouros? — Danika estava muito confusa, mas tinha um brilho duro nos olhos verdes. — Não, não somos nada disso. O que significa?

—Não sei. Esperava que alguma de vocês soubesse.

As vozes do passado começaram a abrir passo em sua mente. Uma conversa atrás da outra.

—Não, não, outra vez não.

Notou que empalidecia porque sentiu frio no rosto. «Respira fundo. Respira», disse a si mesma.

—Acredito que está se ficando doente outra vez — murmurou Danika com preocupação.

— Pode chegar à cama? —perguntou a Ashlyn.

—Não... não. Só quero me sentar.

De repente, um par de mãos pousaram sobre seus ombros e a ajudaram a se sentar. Ashlyn se deixou levar. Estava muito fraca para resistir. Estremeceu e inspirou profundamente.

«vão nos matar ».

«Temos que escapar».

«Como?».

«Se tivermos que saltar pela janela, saltaremos. Querem nos contagiar com uma enfermidade».

«Se saltarmos, nos mataremos».

«Se ficarmos, nos matarão».

Ashlyn se deu conta de que as vozes pertenciam aquelas mulheres. Tudo o que tinham falado naquela sala ia se reproduzindo em sua mente. Maldição, ela já se acostumou ao silêncio. Tinha pensado que teria paz sempre e quando estivesse fora do calabouço. Teve a esperança de que não tivessem estado ali o tempo suficiente para ter muitas conversações.

«Sinto falta do avô. Ele saberia o que fazer».

«Bom, mas não está aqui. Nós teremos que achar a solução.».

Alguém lhe deu um pãozinho e um copo de suco de maçã.

—Toma —ofereceu Danika com gentileza—. Possivelmente com isto se sintam melhor.

«Quem está falando? Quem disse isso?».

«Com quem está falando, Danika?».

«Hã... com ninguém».

Ashlyn aceitou o que lhe oferecia e pegou com as mãos trêmulas. As conversações continuavam e continuavam. Algumas vezes, era como no calabouço; as conversações pareciam monólogos. Não ouvia ninguém que estivesse falando com as mulheres; só sabia que estavam falando com alguém mais entre elas.

Ouviu Danika dizendo:

«Sim... Sou médica, me promete que libertarão minha mãe, minha irmã e minha avó? Não têm feito nada de errado. Viemos a Budapest para esquecer, para nos despedir de meu avô. Nós...».

Entretanto, não ouviu o comentário anterior. Nem o seguinte. Por que?

Os homens eram imortais, mas ela já tinha ouvido conversa de criaturas imortais outras vezes. Vampiros, duendes, trocadores de formas... por que não ouvia os demônios no castelo? Eles tinham que ser os interlocutores de Danika.

Ashlyn mordiscou o pão e tomou um pouco de suco, tentando se abstrair das conversações. Cantarolou, meditou. As mulheres tentaram estabelecer uma conversa com ela, mas Ashlyn não podia responder. Tinha muitas vozes lhe exigindo atenção.

Uma por uma, as mulheres se renderam. Ela não soube quanto tempo passou, quantas vezes esteve a ponto de chamar Maddox embora conseguisse se reprimir mordendo a língua. Ele tinha coisas a fazer, conforme lhe tinha dito. Além disso, não queria ser uma carga. Uma moléstia.

«Mas para isso veio aqui», disse a si mesma. «Para pedir a estes homens que lhe ensinassem como controlar seu poder, embora se transformasse em uma moléstia para eles».

Entretanto, isso era antes que Maddox entrasse em sua vida. A partir daquele momento, tinha querido que ele fosse seu amante, não seu enfermeiro. Outra vez.

«Ouve vozes mentalmente?».

«Sim».

«E não será sua própria voz?».

«Certamente. Não sei».

Por sorte, os murmúrios cessaram, terminaram no mesmo momento em que Ashlyn tinha entrado. Se sentiu aliviada, e teve que admitir que tinha averiguado algumas coisas novas: a primeira, que Danika tinha ouvido falar dos Caçadores e tinha contado a sua família.

—Caçadores —disse Ashlyn, elevando a vista. Danika estava olhando pela única janela da sala, uma janela que nenhuma das mulheres tinha conseguido abrir. Ashlyn as tinha ouvido tentar e fracassar.

—Onde estão? Não minta desta vez, por favor. Danika teve um sobressalto e se voltou para ela com a mão no coração.

—Está melhor outra vez, não é? Por que tenho que confiar em você? Talvez trabalhe para esses homens. Possivelmente lhe tenham enviado para que averigue coisas sobre nós, e quando as souber, entrarão e nos matarão.

—Certo —disse ela— Entretanto, você me salvou. Por que ia querer fazer mal a você?

Danika a olhou fixamente, mas não disse nada.

—Terá que confiar em mim. Estamos no mesmo navio.

—E o que passa com o que se zanga tanto? Maddox. Você está com ele.

—Possivelmente. E o que?

—Isso a converte em um deles.

—Não —insistiu— Acabo de chegar a este castelo. Cheguei ontem, na verdade.

Danika abriu uns olhos como pratos.

—Agora sim sei que está mentindo. Ele a quer, isso é evidente. Um homem não demonstra tanta preocupação por uma mulher que acaba de conhecer.

Sim, ele tinha sido compassivo. Amável. Terno. Doce. O homem mais feroz que tinha conhecido em sua vida, tinha limpado sua testa e o rosto.

—Não posso explicar isso, mas não estou mentindo.

Passou um minuto de silêncio.

—Muito bem —disse Danika, e deu de ombros. — Se quer saber algo desses caçadores, eu direi. Embora de todo o modo, não é informação crucial. Quando o homem das asas, Aeron, me levou a cidade, viu um grupo de homens. Estavam armados; como soldados e rondavam pelos becos, como se não quisessem que os vissem.

Isso não dizia nada a Ashlyn.

—Aeron murmurou a palavra caçadores entre dentes, e tirou uma adaga. Acredito que os teria atacado se não levasse a mim. Disse que esses homens tinham vindo matar a ele e a seus amigos. Eu queria que lutassem para que Aeron se distraísse e assim eu pudesse escapar, mas não aconteceu. Eles não nos viram.

Ashlyn franziu o cenho. Caçadores dos imortais. Não era aquilo o que ela fazia para o Instituto? Escutava conversações para encontrar, dar caça, aqueles que não eram humanos.

Não. O Instituto observava, estudava e ajudava quando era necessário, e tomava medidas extremas só quando existia uma ameaça.

Ela se consolou com aquilo. Os empregados eram cientistas, não predadores. Embora com ela nem sempre tinham sido justos; tinham desconfiança, alguns a

rechaçavam e inclusive tinha sofrido tentativas de agressão por escutar conversações comprometedoras para alguns dos empregados. McIntosh sempre tinha feito todo o possível para protegê-la, mas algumas vezes isso não era suficiente, assim, ela tinha aprendido a confiar só em si mesma. O que fazia com que sua súbita necessidade de se apoiar em Maddox lhe causasse confusão.

—Aeron... hã... falou mal de você. —disse Danika, a tirando de seu próprio pensamento.

Ashlyn piscou de surpresa.

—De mim? Por que?

—Disse que era uma isca, seja o que for.

Os ombros dela se afundaram.

— Maddox também me chama de isca. Ainda não sei o que é...

Como ia negar que era algo que não entendia? A menos que... Se ela tivesse razão a respeito de que aqueles caçadores que acoassavam aos imortais, significava que a isca era um chamariz, algo para atrair ao imortal para a armadilha do caçador.

Maddox pensava que ela trabalhava para seus inimigos! Ela tinha ido ali para pedir ajuda, não para facilitar que o assassinassem.

—Idiota! —exclamou.

—Não me insulte —disse Danika.

—Não estava falando de você, mas sim de mim mesma.

Durante esses momentos íntimos que tinha passado com Maddox, este seguia pensando que ela era capaz, de semelhante traição. E certamente também pensava que era uma mulher fácil, daí sua surpresa quando tinha descoberto que ainda era virgem.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

—A enganaram? —perguntou Danika com suavidade.

Ela assentiu. Maddox a tinha desejado, embora só fosse um pouco, ou só queria seduzi-la para lhe surrupiar informação sobre seus planos? Ashlyn suspeitava que o certo era o último, e isso lhe fez mal. Atravessou sua alma. Quantas vezes ele a tinha cuidado com receio, com uma acusação nos olhos?

—Me fale sobre a voz que escutou —pediu Danika. Algo capaz de apagar Maddox da sua mente, antes de começar a chorar de decepção e ressentimento.

Danika ficou gelada.

—Não a mencionei nenhuma voz. Estiveram nos vigiando, não é? Há uma câmara oculta?

—Não sei —respondeu Ashlyn. — Poderia ser que tivessem uma câmera, mas não é assim como eu soube da voz. Conte-me tudo, por favor. Estamos juntas nisto. Podemos nos ajudar umas as outras.

—Não há nada que contar. —disse Danika. — Estou me voltando louca, é isso o que quer que admita? Um tipo começou a me falar mentalmente esta manhã. Tivemos conversações muito estimulantes.

—O que ele disse?

—Me pediu informação sobre nossos seqüestradores.

—Como o que?

—Seus hábitos diários, que armas têm e se o castelo tem sistema de segurança — respondeu Danika, e emitiu uma gargalhada seca, sem humor. — Acredito que é o modo amalucado que tem minha mente de enfrentar o que está acontecendo.

Ashlyn não acreditava. Aquelas perguntas eram muito específicas. Eram as informação que queria conhecer um soldado sobre seus inimigos.

Assim... se não era Danika quem queria informação sobre aqueles homens, quem era? E quem tinha o poder de pedi-la sem a vantagem de um corpo?

—Estou me cansando de tudo isto — resmungo Paris. — Por uma vez, hoje eu gostaria de ficar na cidade para relaxar depois de ter estado com uma mulher, em vez de ter que voltar correndo aqui. Eu posso me transportar em um segundo, como Lucien.

Se deixou cair no sofá que tinha ante a televisão, pegou o controle do console dos videogames e começou uma briga de mulheres nuas no barro. Tinha boa cor, e a tensão tinha se apagado do seu semblante. —Sobre o que é a reunião desta vez? —perguntou. — Ah, e para sua informação, não vi nenhum Caçador.

—Porque você só vê possíveis companheiras de cama. —respondeu Aeron.

—E o que tem isso de mau? —perguntou Paris, sem se alterar.

—Deixem de discutir. —disse Lucien. — Temos coisas com as quais nos ocupar, e não acredito que ninguém goste do que vai ouvir.

Maddox se sentou no sofá e passou a mão pela rosto. Violência o estava golpeando por dentro, com mais força e mais raiva do que o normal. Parecia que não gostava de estar longe de Ashlyn. Ele a tinha deixado no quarto de Lucien, depois de afastar a barricada, que em sua opinião era excessiva, porque tinha uma boa fechadura na porta, e tinha ido limpar a sua. Quando tinha terminado, o tinham avisado para que fosse a sala de jogos, onde parecia que iam dar a todos más notícias.

—Diga a ele Aeron. —disse Lucien com um suspiro.

Houve uma pausa.

—Estou sentindo os primeiros movimentos de Ira. Não é nada drástico ainda. Posso controlá-lo, mas não sei durante quanto tempo poderei.

—Agora pode cheirar às humanas, e seus aromas não saem do seu nariz — explicou Reyes.

Maddox se surpreendeu ao perceber fúria na voz de seu amigo.

Paris empalideceu.

—Certo, isso sim que foi rápido.

—Ninguém sabe melhor que eu —respondeu Aeron. Não sei quanto tempo vou suportar sem lhes causar mal —disse, e esfregou a nuca— Já vejo seus corpos ensangüentados e eu gosto.

—A ninguém lhe ocorre uma idéia? —perguntou Reyes, que lançou a faca ao ar, apanhou-a e voltou a lançá-la. — Algo para poder salvar a elas?

Silêncio.

—Falar disso não servirá de nada — disse Torin por fim. — Nos estamos atormentando ao tentar encontrar uma solução que não existe. Não podemos nos pôr em contato com os Titãs, nos imporão outra maldição. Não podemos deixar as mulheres livres e dizer a elas que se escondam. Aeron se veria obrigado a segui-las. Assim... eu opino que o melhor é deixar que o faça.

Reyes lhe cravou um olhar de fera.

— Isso é um pouco cruel inclusive para você, Enfermidade —disse enquanto se sentava junto a Maddox. — Eu digo que esperemos um pouco mais. Por agora, Aeron tem ao espírito controlado, embora esteja despertando.

—Estou de acordo —disse Lucien com uma expressão escura. — Vamos esperar um pouco, embora não acredito que possamos encontrar uma solução. Maddox, eu gostaria que contasse aos outros sobre a voz que ouviu.

Maddox não queria os carregar com mais preocupações, mas sabia que não tinha outro remédio.

—Muito bem. Alguém se comunicou comigo mentalmente, e me ordenou que enviasse a todos ao cemitério esta noite, sem armas.

Lucien se aproximou de Aeron.

—Você conhece esses novos deuses melhor que ninguém. O que pensa? Parece algo próprio dos Titãs?

—Não sou um perito neles, mas não, não me parece isso. Eles não teriam por que se preocupar com as armas. Embora sejam úteis para lutar contra os Caçadores, não o seriam para lutar contra os deuses.

—Suponhamos que essa voz seja de um Caçador — disse Lucien. Isso significa que enfrentamos um Caçador que tem uma habilidade formidável. E como é improvável que trabalhe sozinho, temos que nos perguntar se seus amigos têm poderes parecidos.

Aeron disse:

—Somos mais fortes que os mortais, com poderes ou sem eles. Podemos vencê-los.

—Sim, se formos mais preparados. Não se lembra do que ocorreu na Grécia? Os Caçadores não eram tão fortes como nós, mas puderam nos causar mal uma e outra vez. Agora, o mais seguro é que nos tenham montado uma armadilha no cemitério —disse Maddox, enquanto os olhava um por um— Eu não poderei ir, porque estarei morto, mas todos os outros podem. Devem fazê-los cair em sua própria armadilha e matá-los.

Lucien sacudiu a cabeça.

—A meia-noite, Reyes e eu estaremos aqui com você. Isso quer dizer que só poderão ir Paris e Aeron, porque Torin tampouco pode sair. Não podemos deixar que vão sozinhos lutar quando não sabemos o que enfrentam.

—Então vamos agora — disse Maddox. Odiava sair do castelo, mas o faria. Para proteger Ashlyn, faria qualquer coisa, e se aquela nova raça de Caçadores pretendia lhe causar mal...— Ainda ficam sete horas até a meia-noite. Isso é tempo de sobra para que eu possa lutar e voltar.

Outros o olharam com surpresa. Ele nunca se ofereceu para ir à cidade.

—Alguém tem que; ficar para proteger às mulheres. —disse Reyes.

—É certo. —concordou Maddox.

—Não estou de acordo —disse Lucien com um sorriso de desculpa para ambos— Matar aos Caçadores é mais importante que proteger às mulheres.

Reyes apertou os punhos. Maddox apertou os dentes.

—Alguém tem que ficar —disse— ou lutem sem mim.

Possivelmente Aeron fosse Ira, e Lucien fosse Morte, mas ninguém lutava como Violência. Levar ele a uma batalha era quase uma garantia de vitória.

—Iremos sem você. —disse Lucien com rotundidade.

Muito bem. Não ia deixar Ashlyn desprotegida.

—Então, me digam o que pensam fazer.

Houve uma pausa. Lucien e Aeron intercambiaram um olhar tenso. Antes que ele pudesse fazer algum comentário, Lucien pegou um mapa de uma estante e o estendeu sobre a mesa de bilhar.

Outros se aproximaram.

—Como vêem, é um mapa da cidade. Antes, quando estávamos planejando o ataque e vocês estavam ocupados em outras coisas, decidimos pôr uma armadilha nesta zona abandonada —explicou, e desenhou um círculo com a ponta do dedo ao redor de uma parte do sul da cidade. — Há colinas e não há casas, o que significa que é o lugar perfeito para atacar. Esperaremos aqui e deixaremos que os Caçadores se aproximem de nós.

—Esse é seu plano?

— Bom, isso e matá-los —disse Lucien. A fragrância de flores se intensificou enquanto os seus olhos brilhavam ameaçadoramente. — Me parece um bom plano.

—Possivelmente não vão. Possivelmente estejam no cemitério.

—Virão. —disse Lucien.

—Como sabe?

Ele fez uma pausa e olhou para Aeron de novo.

—Tenho esse pressentimento.

Maddox soltou um bufo.

—Talvez se equivoque. Ao menos, deveríamos assegurar nossa colina antes que vão, para que ninguém possa se aproximar enquanto vocês estão fora e eu estou morto.

—Muito bem —disse Lucien com um suspiro. — Nos ponhamos a trabalhar.

Capítulo 14

Hotel Taverna, Budapest.

Sabin, o guardião da Dúvida, estava estendido na cama, olhando o teto branco de sua suíte. Tinha viajado de Nova Iorque a Budapest com um objetivo: encontrar a caixa da Pandora e destruí-la. Até o momento não tinha tido sorte; entretanto, tinha encontrado aos guerreiros que se afastaram dele milhares de anos atrás. Homens que tinham lutado junto a ele. Homens aos que tinha querido.

Homens que, naquele momento, o odiavam.

Suspirou. Desde sua chegada, há uns dias atrás, tinha visto Paris aqui e lá, mas não tinha revelado sua presença a ele; não estava certo do recebimento que iriam lhe dar. O atacariam ou o receberiam como o filho pródigo?

Quase tinha medo de averiguá-lo. Ele tinha estado a ponto de decapitar a Aeron quando o guerreiro tinha tentado lhe impedir que incendiasse toda Atenas para fazer sair aos Caçadores que tinham matado a seu amigo Sulco.

Desde que tinha chegado a Budapest, Sabin tinha tentado se infiltrar, averiguar tudo o que pudesse daqueles guerreiros que tinham sido irmãos para ele, mas que se transformaram em estranhos. Eles não tinham revelado nada. Assim, Sabin tinha concentrado sua atenção nas humanas que os rodeavam. Só uma delas o tinha ouvido, mas tampouco lhe tinha proporcionado nova informação.

O único que sabia era que os seis guerreiros viviam naquela fortaleza enorme da colina, e que estavam armados até os dentes.

Aquela informação tinha obtido de um Caçador ao qual tinha interrogado um mês antes. O mesmo Caçador que lhe tinha dito, com reticência, que tinha em marcha uma nova busca da caixa da Pandora. E que encontrar a caixa significaria o fim dos Senhores do Submundo, porque os demônios voltariam para os limites da caixa, e os guerreiros não poderiam sobreviver sem eles.

Parecia que os Caçadores levavam semanas tentando achar a maneira de assaltar o castelo e apanhar aos guerreiros, mas ainda não o tinham conseguido. O fato de que queriam capturá-los em vez de destruí-los suscitava muitas perguntas a Sabin. Sabiam os Guerreiros onde estava a caixa? O que pensavam na atualidade os Caçadores? No passado se retiraram da luta. Voltariam a fazê-lo?

Suspirou de novo. Teria tempo para pensar nisso mais tarde. Nesse momento tinha outro mistério para resolver. A mudança de guarda, por dizê-lo de algum modo. Das mãos dos Gregos às mãos dos Titãs, que eram uns maníacos por controle. Uma preocupação que ele não esperava.

Não conhecia aqueles novos deuses, mas não acreditava que fossem gostar dele. Quando o tinham chamado, tinha percebido nos céus murmúrios de guerra e dominação; o tinham obrigado a permanecer em meio de um círculo de rostos estranhos e a responder suas perguntas.

« Qual é seu objetivo? ».

« O que está disposto a fazer para consegui-lo? »

« Tem medo de morrer? ».

O motivo pelo qual tinham chamado a ele e não aos outros, tampouco sabia. Na realidade não sabia nada. Nem sequer estava certo de que Maddox dissesse aos outros que fossem ao cemitério.

Esperava que fossem. Tinha chegado o momento de se fazer conhecer sua presença, e queria ter vantagem quando isso acontecesse.

«Oxalá pudesse mentir...».

As coisas seriam muito mais fáceis.

Entretanto, não podia mentir. Se tentasse, o demônio enlouquecia e ele perdia o conhecimento. Era uma estranha reação ante a insinceridade, mas não podia remediá-lo. O que podia fazer era projetar seus pensamentos na mente de outro, o encher de desconfiança e de preocupação, tecer uma rede de dúvidas com perguntas e observações.

Nem suas perguntas nem suas observações eram mentira, não é?

Ao se comunicar com Maddox, o tinha ouvido rezando pela mulher humana, e lhe tinha criado dúvidas sobre si; podia sobreviver sem a ajuda de um deus. O fato de que sim se salvou tinha sido favorável a ele, porque lhe tinha permitido pedir a compensação.

Sabin e seus homens estariam esperando a chegada de outros guerreiros, que apesar de suas ordens, iriam armados. Como reagiriam ante aquela inesperada reunião?

«Certamente, com ódio».

—Se cale. —disse a seu espírito.

Não se importava de usá-lo contra outros, mas odiava que aquela coisa estúpida tentasse debilitar a ele.

A porta de sua suíte se abriu de par em par.

Ele agarrou a faca que tinha presa com uma correia na nuca e se preparou para atacar. Quando viu seus visitantes, relaxou.

—Que boas-vindas são estas? —perguntou Kane.

Carneo, Amun e Gideon o acompanhavam. Tinham estado juntos desde a morte de Sulco, quando tinham se abandonado ao domínio de seus demônios. Algo para castigar aqueles que tinham assassinado a um dos seus.

A destruição que tinham provocado, as pessoas que tinham ferido... Sabin estremeceu ao recordá-lo. Tinha levado muito tempo para eles voltarem a se encontrar, e então já era muito tarde. Nunca poderiam se integrar na sociedade, nunca poderiam ser outra coisa que guerreiros.

Os Caçadores não o permitiriam.

Além de acabar com Sulco, os Caçadores tinham assassinado a todos os humanos que tinham boa relação com os guerreiros, e tinham destruído todos os lares que estes tinham conseguido erigir. E por isso, Sabin lutaria contra eles até o final de seus dias: a eternidade. Até que o último caísse vencido, seguiria lutando.

Sabin se levantou e apoiou o peso do corpo nos cotovelos. Depois se recostou contra a cabeceira da cama.

—Averiguaram alguma coisa?

—Bastante. —respondeu Gideon.

—Nada. —disse Kane, olhando ao teto com resignação.

Gideon estava possuído pelo espírito da Mentira. Ao contrário de Sabin, não podia dizer uma só verdade. Todo mundo naquela sala sabia que devia acreditar exatamente no contrário do que dissesse seu amigo.

Sabin lançou a Gideon um olhar de advertência e o guerreiro deu de ombros, como querendo dizer que faria o que quisesse quando quisesse. Gideon sempre fazia o que queria; a rebeldia corria por suas veias.

Era alto, um guerreiro como Sabin, mas aí terminavam as similitudes. Sabin tinha o cabelo e os olhos castanhos e o rosto curtido. Gideon tinha o cabelo loiro mas o tinha tingido de azul, de acordo com sua imagem punk. Dizia que o fazia porque lhe ressaltava os olhos. É obvio, era mentira. Certamente o tinha feito como advertência aos humanos: «Não se aproximem do perigo». Tinha tatuagens e piercings por todo o corpo, e sempre se vestia de negro. Nunca saía de casa sem um arsenal grampeado ao corpo.

Na realidade, nenhum deles o fazia.

—Onde está Strider? —perguntou Sabin.

Gideon abriu a boca para responder, com uma mentira, mas Kane, o amo do Desastre, o interrompeu.

—Não pôde aceitar a derrota. Continua procurando.

É obvio. Strider acolhia a Derrota em seu interior; tinha que ganhar em tudo o que fizesse: a guerra, uma partida de cartas, um jogo do ping-pong... ou sofria fisicamente e ficava prostrado na cama durante dias.

Sabin tinha dito a sua equipe que falasse com os habitantes da cidade para averiguar algo dos Senhores ou da caixa, assim Strider não voltaria até que o tivesse conseguido.

Carneo, a única mulher que integrava aquele grupo de malditos, se deixou cair no sofá que tinha em frente à cama. Ela também tinha sido uma lutadora imortal que protegia aos deuses. E como outros, tinha se sentido ofendida quando Pandora foi escolhida para custodiar dimOuniak. Entretanto, ao contrário dos outros, não lamentava que os deuses tivessem escolhido uma mulher, mas sim que a mulher não tivesse sido ela. Sabin ainda recordava o enorme sorriso de seus lábios no dia que tinham decidido se voltar contra Pandora. Foi a última que tinha esboçado.

—Os habitantes da cidade não quiseram nos dar nenhuma informação — disse Carneio— Não sei por que motivo, consideram anjos aos guerreiros, e não querem trai-los.

A Sabin resultava difícil escutá-la e olhá-la. Oh, não porque fosse feia. Ao contrário. Era esbelta e delicada, e tinha o cabelo negro e os olhos da cor da prata. Entretanto, estava possuída pelo espírito de Tristeza, assim que a risada e a alegria não eram parte de sua vida.

Sabin tinha tentando, durante séculos, alegrá-la um pouco. Entretanto, não importava o que ele fizesse ela sempre estava a beira do suicídio. Era certo que toda a tristeza do mundo se refletia em seu olhar e impregnava sua voz. Ele sempre se perguntava como era possível que continuasse vivendo sem se voltar louca.

Sabin esfregou o queixo e olhou a Amun.

—E você? Averiguou algo?

Amun se apoiou contra uma das paredes. Era uma pincelada negra contra o branco puro do quarto.

Pele escura, olhos escuros, tudo nele era escuridão Amun podia adivinhar os segredos mais íntimos e profundos daqueles de quem se aproximava.

Tinha que ser uma terrível carga conhecer os segredos mais feios dos outros.

Possivelmente aquela fosse a razão pela qual Amun não falava nunca. Possivelmente tivesse medo de revelar verdades terríveis. Medo de estender o pânico.

—Nada que nos sirva —disse Carneio, respondendo em seu lugar, com seu tom de voz gelado. — Salvo pelas mulheres que tiveram relações com Paris e com Maddox, e só conhecem o tamanho de seus membros, as pessoas da cidade sempre se mantiveram a distancia dos guerreiros, assim não sabem o suficiente para que adivinhe algum segredo.

Antes de que Sabin pudesse responder, a porta voltou a se abrir de repente e Strider entrou no quarto e se chamou a atenção de todo o mundo.

Tinha o cabelo muito loiro, que lhe caía em mechas enredadas pela rosto. Os olhos, muito azuis, brilhavam. Tinha o rosto sujo de terra, e o queixo salpicado de sangue. Entretanto, seu passo era ligeiro, e por isso Sabin soube que tinha averiguado algo.

Ficou em pé bruscamente.

—Nos diga.

Strider se colocou no centro da sala e sorriu.

—Tal e como suspeitávamos, os Caçadores já estão aqui.

Carneio se moveu com uma graça e uma elegância que contrastavam agudamente com sua expressão suicida.

—Vamos capturar todos e os interrogar, e averiguaremos se sabem mais que nós.

—Não é necessário —disse Strider— Já apanhei a um.

—E? —perguntou Sabin com nervosismo.

—Querem assaltar o castelo e capturar aos Senhores. Têm a alguém lá dentro.

—Me alegraria muito se soubesse. —disse Gideon.

Strider, como os outros, fez caso omisso de suas palavras.

—Não mencionaram a caixa? —perguntou Kane. Enquanto falava, a lâmpada do abajur que estava junto a ele explodiu e enviou pedacinhos de cristal em todas as direções.

—Não.

O abajur cambaleou e golpeou Kane no cocuruto.

Sabin sacudiu a cabeça. Aquele homem era um desastre andante. Literalmente. Quando Kane entrava em uma sala, as coisas iam ao inferno rapidamente. Não estranharia que o teto caísse em qualquer momento. Tinha ocorrido antes.

Kane apagou as pequenas chamas que tinha no cabelo e esfregou a têmpora, sem que seus olhos castanhos mostrassem emoção alguma. Sem uma palavra, se afastou do abajur e se sentou no chão, tão afastado dos outros como pôde.

Sabin olhou para as portas duplas. Se abriam para um precioso terraço que oferecia uma vista muito romântica da cidade. Embora ele não tivesse muito romantismo em sua vida, para falar a verdade.

Normalmente, as mulheres se afastavam correndo dele, se ele não saía correndo antes. Embora não quisesse, fazia com que elas duvidassem de tudo: das escolhas que faziam na vida, de sua imagem... Choravam. Sempre. Algumas vezes inclusive tinham tentado o suicídio. E ele já não podia suportar mais. Não podia suportar a culpabilidade que lhe conduziam suas ações inevitáveis. Assim, se negou as relações com as mulheres. Se afastou delas.

Sabin teve que reprimir uma quebra de onda de dor. Tinha anoitecido e as luzes da cidade se acenderam. Tinha lua cheia, e era como um farol dourado na metade do céu negro, aveludado. O ar fresco entrava com suavidade e agitava levemente as cortinas brancas.

Uma noite para os amantes.

Ou para a morte.

—Onde estão agora os Caçadores? —perguntou.

— Segundo minha fonte, se reuniram em uma discoteca. Já o chequei: está a cinco minutos daqui. —respondeu Strider.

Sabin queria ir ao cemitério, e também queria ir a discoteca. Por desgrça, não podia estar nos dois lugares de uma vez. Como reminiscência do que tinha ocorrido tanto tempo atrás, de novo se viu entre seus amigos e os Caçadores.

—Necessito que um de vocês vá ao cemitério esta noite, bem armado. Eu tenho feito todo o possível por atrair lá aos guerreiros. Que quem vai dita o que fará se os vê. Outros irão à discoteca.

—Eu irei ao cemitério —disse Kane. Não parecia que lhe entusiasmasse a idéia. Ao contrário, seu tom era de resignação. — Se for a discoteca, talvez a derrube.

Certo.

Naquele preciso instante, uma placa de gesso se desprende da parede e golpeou Kane na cabeça. Kane tinha uma espessa juba listrada que amortecia golpes. De todo o modo, fez uma careta de dor.

Sabin suspirou.

—Se tudo sair bem, possivelmente consigamos as respostas que viemos procurar e, por fim, poderemos destruir a caixa de Pandora. «antes de que a encontrem os Caçadores e voltem a trancar dentro os demônios, e isso mate a todos». —Agora, em marcha.

Capítulo 15

Maldição, maldição, maldição.

O tempo tinha passado rapidamente. Maddox tinha ficado absorto enquanto colocava armadilhas pela colina. Fossas, cabos, redes. Deveria tê-lo feito muito antes que aquele dia, mas sempre tinha temido machucar aos empregados de entrega de provisões ou às mulheres que fossem procurar Paris.

Cada vez que Maddox pensava que já tinha terminado, Lucien lhe encomendava uma tarefa nova.

Já eram onze e meia, e não tinha tempo para ir ver Ashlyn. Não tinha tempo para lhe dar um beijo nem abraçá-la, por muito que o desejasse.

—Possivelmente os deuses nos sorriam esta noite. — murmurou Lucien.

Maddox, Reyes e Lucien se dirigiram pelos intrincados corredores do castelo para a sala de Maddox. Sempre era melhor encadeá-lo com antecipação e manter a situação sob controle.

Reyes já tinha pego a espada, a mesma que Maddox tinha usado para assassinar Pandora tantos séculos atrás. Pendurava a um lado do guerreiro, e a luz da lua, que entrava pelas janelas, arrancava brilhos do metal da lâmina.

Torceram uma esquina, se aproximaram mais... «Não estou preparado...», choramingou o espírito. No princípio, porque o sangue sempre o saciava. Maddox tampouco estava preparado para morrer. Aquela noite não.

Os passos ressoavam no corredor de maneira ominosa.

—Talvez possamos convencer a estes Titãs para que o liberem da maldição. — disse Lucien.

Pela primeira vez em centenas de anos, Maddox sentiu esperança. Possivelmente, apesar de tudo, os Titãs o perdoassem se o pedia. No passado, eles queriam a paz e a harmonia no mundo. Certamente, eles....

«Sabe que não», disse a si mesmo. «Olhe o que obrigam Aeron a fazer».

A esperança de Maddox se fez pedacinhos. Os Titãs já tinham demonstrado que eram mais desumanos que os Gregos.

—Não acredito que queira me arriscar.

—Possivelmente haja uma alternativa aos deuses. —disse Reyes.

Se a tinha, eles já a teriam encontrado, mas Maddox não o disse em voz alta. Uns segundos depois, o trio entrou no quarto. O medo acelerou o sangue de Maddox quando se deitava na cama. Os lençóis de algodão, recém trocados, estavam frescos e não tinham nem rastro da essência de Ashlyn. Entretanto, ele podia se agarrar a sua lembrança.

A última vez que a tinha visto ali, a tinha tido entre os braços, a tinha cuidado. Tinha inalado seu aroma. Tinha pensado em fazer amor com ela.

O medo se intensificou quando Reyes prendeu os pulsos e Lucien os tornozelos.

—Quando isto terminar, —disse— chequem que Ashlyn se encontra bem. Se for assim, deixem-na no quarto com as outras mulheres. Se não, a deixem em outro, e eu cuidarei dela pela manhã. Mas não a coloquem no calabouço. Nada de crueldades. Lhe dêem de comer, mas não lhe dêem vinho, entendido?

Os dois homens se lançaram outro dois tensos olhares que usavam intercambiando toda a tarde e se separaram da cama.

—Reyes —disse Maddox, em tom de advertência. — Lucien... O que ocorre?

—É sobre a mulher. —disse Lucien, evitando olhar seu rosto.

—Estou tentando me manter calmo. —disse Maddox, embora uma névoa negra lhe tinha cortado a visão. — Me digam que não fizeram nada com ela.

—Não.

Ele exalou um suspiro e recuperou a visão.

—Não lhe temos feito nada ainda —prosseguiu Lucien— mas vamos fazer.

Quando Maddox o assimilou, puxou as algemas.

— Me soltem!

—É uma isca, Maddox. —disse Reyes tranqüilamente.

—Não, não é. —respondeu ele.

Preso do pânico, como se estivesse preso em um pesadelo do qual não podia despertar, lhes falou de sua habilidade e de suas suspeitas de que os Caçadores a tinham seguido sem que ela soubesse.

—Está maldita, como nós. Está condenada a escutar conversações do passado.

Lucien sacudiu a cabeça.

—Está muito cativado por essa mulher para admitir a verdade. O fato de que tenha uma habilidade estranha é uma prova mais de que é uma isca, como a voz que você ouviu hoje. Que melhor modo para averiguar coisas sobre nós, sobre como nos vencer?

Maddox atirou do pescoço para cima, quase rompendo os tendões.

—Se lhe fizerem mal, os matarei. Não é uma ameaça, é um juramento. Passarei o resto de meus dias procurando sua tortura e seu fim.

Reyes passou a mão pelo cabelo.

—Neste momento não pode pensar com clareza, mas algum dia nos agradecerá isso. Vamos leva-la à cidade. A usaremos para atrair aos Caçadores. É a parte do plano que não lhe contamos.

Traidores. Ele nunca teria suspeitado que seus amigos, os mesmos guerreiros que compartilhavam sua tristeza, fossem capazes daquilo.

—Por que me dizem isso agora? Por que fazem isto?

Reyes afastou o olhar e não respondeu.

—Faremos todo o possível para trazê-la nas mesmas condições em que a levamos.

De novo, Maddox puxou as grossas algemas com todas suas forças. Entretanto, era impossível rompe-las; os mesmos deuses as tinham forjado. Entretanto, golpeou a cabeceira de metal. A raiva se apoderou dele, com tanto ardor, de uma maneira tão sinistra, que não podia ver, não podia respirar. Tinha que chegar até Ashlyn. Tinha que protegê-la. Era inocente, frágil, nunca sobreviveria a uma batalha.

E se o inimigo a capturava... se arqueou para cima, rugiu, voltou puxar as algemas...

— Ashlyn! —uivou.— Ashlyn!

—Não entendo como pode ficar tão selvagem por uma mulher. —ouviu que dizia Lucien.

— Semelhante devoção é perigosa. —respondeu Reyes.

— Ashlyn! —seguiu gritando. E seguiu tentando se liberar, mas foi inútil. Lucien e Reyes o observaram sem dizer uma palavra, sem ceder. Ele os amaldiçoou com o olhar, lhes prometendo a vingança. «Que Ashlyn possa se esconder», rezou. «Que permaneça escondida até que eu volte por ela».

Notou uma aguda dor no flanco.

Tinha chegado a meia-noite.

Rugiu. O espírito se revolveu em seu interior como uma tormenta envenenada, um tormenta de raios, uma tempestade de destruição. Homem e demônio se fundiram em um, com um mesmo objetivo: Sobreviver aquilo para poder defender a sua mulher.

Entretanto, Reyes se aproximou dele com a espada nas mãos. Seu rosto não refletia nenhuma emoção.

—Sinto muito. —sussurrou.

Quando a folha da espada atravessou o estômago de Maddox e lhe cortou a pele, os órgãos, os músculos, este já não pôde reprimir os gritos.

A porta do dormitório se abriu lentamente, e as mulheres, excetuando-se Danika e Ashlyn, se separaram dela todo o possível e se deram as mãos.

Durante toda a tarde, Ashlyn tinha querido enfrentar a Maddox. Danika tinha querido enfrentar a Reyes. Em vez disso, tinham terminado contando a história de suas vidas. Em lugar de assustar a Danika, o passado de Ashlyn diluiu o receio da moça.

Depois, Ashlyn se indignou ante a narração do seqüestro de Danika. Era estranho pensar que, naquele lugar de medo e morte, Ashlyn não só tivesse encontrado a seu primeiro amante, mas também também a sua primeira amiga de verdade.

Um anjo entrou na sala.

Tinha o cabelo prateado, e olhos verdes que brilhavam como esmeraldas. Um demônio não podia ser tão belo. Entretanto, estava vestido de negro dos pés a cabeça e usava luvas negras. Além disso, tinha uma arma.

Ela o tinha visto antes, na sala de Maddox. Na noite anterior, quando estavam apunhalando Maddox. Aquele homem não tinha tomado parte no assassinato, mas o tinha presenciado sem intervir.

—Ashlyn. —disse ele, procurando-a.

O medo lhe apertou a garganta. Sabia seu nome? Por que não tinha ido Maddox?

Já tinha esquecido dela? Queria que morresse? Tentando não voltar a chorar, empurrou Danika atrás de si.

—Estou aqui. —sussurrou.

—Venha comigo. —disse o homem.

—Porquê?

—Explicarei no caminho. Agora, se apresse. Se a virem, não poderei te salvar. De repente, Danika se adiantou feito uma fúria.

—Não vai com você. Nenhuma de nós vamos, por muito que nos ameace com uma arma. Você e seus amigos podem morrer.

—Possivelmente mais tarde —disse ele com ironia, sem afastar o olhar de Ashlyn. — Por favor, não temos muito tempo. Quer voltar a ver Maddox, sim ou não?

Maddox. O só feito de ouvir seu nome fez com que se acelerasse o coração.

«Devo ser a garota mais estúpida do mundo».

Deu um abraço em Danika e lhe sussurrou ao ouvido:

—Estarei bem.

Isso, ela esperava, ao menos.

—Mas...

—Confia em mim.

Se separou de Danika e se adiantou. O anjo de cabelo branco se separou dela como se fosse um cartucho de dinamite.

—Que ninguém mais se mova —ordenou. — Atirarei antes e perguntarei depois.

Sem deixar de olhar para Ashlyn, saiu para o corredor.

Quando Ashlyn esteve a seu lado, lhe disse:

—Não me toque. Se as pessoas me tocarem, ocorrem coisas muito más. Nem sequer se aproxime o suficiente para me tocar se tropeçar.

Seu tom de voz era grave.

—Está bem. —respondeu Ashlyn, desconcertada.

Manteve as mãos nas costas, no caso de esquecer, e esperou que ele dirigisse a marcha.

Ele se moveu desenhando um amplo círculo a seu redor e, com o canhão da arma para frente, fechou a porta. Ashlyn não tentou apressá-lo; o medo a manteve quieta, uma vez mais, cravada no lugar.

—Que coisas más? —perguntou quando ele se voltou de costas.

O anjo começou a caminhar e a olhou por cima do ombro.

—Enfermidade. Agonia. Morte —disse, e embainhou a arma na cintura. — Nenhum ser vivo pode me tocar a pele, porque se desencadearia uma praga.

Deus santo. Fosse certo ou não, aquilo a convenceu de que não devia se aproximar dele. E suspeitava que tinha dito a verdade. Cada vez que o tinha visto, ele tinha se mantido afastado dos outros. Não era o modo de agir de um homem malvado, mas sim de um homem que se preocupava mais pelos outros que por si mesmo. O coração de Ashlyn se desdobrou. «Tola».

—Como se chama?

—Torin. —disse ele, e pareceu que o surpreendia que ela se interessasse.

—Não pensa em me matar, não é, Torin?

Ele soltou um bufo.

—Não. Se o fizesse, Maddox me cortaria o coração e o fritaria para tomar o café da manhã. —disse ele.

—Está bem, isso é mais informação do que precisava. —respondeu ela.

Sentiu uma felicidade estúpida e infantil. Então Maddox se preocupava com ela? Se isso fosse verdade, onde estava? E por que não tinha ido lhe procurar?

Silenciosamente, Torin a conduziu pelos corredores. Umas quantas vezes se deteve para escutar e lhe fez um gesto para que se escondesse entre as sombras.

—Não faça ruído. —lhe disse quando ela abriu a boca para fazer uma pergunta.

—Quando puder falar, eu gostaria de saber o que está acontecendo. — sussurrou ela.

Ele fez caso omisso.

—Quase chegamos.

—Aonde?

Quanto mais caminhava, mais lhe parecia ouvir... O que era aquilo? Um segundo mais tarde, Ashlyn soube.

Seu estômago se encolheu ao perceber com clareza o som: eram gritos. Eram gritos de agonia. Ela só tinha ouvido aquilo uma vez, e já era suficiente.

—Maddox. —disse em um ofego. Outra vez não! — Depressa, Torin. Por favor, tenho que ajudá-lo. Temos que detê-los.

—Aqui. —disse ele.

Abriu uma porta e se afastou para deixá-la passar. Ela entrou em busca de Maddox, mas não tinha ninguém ali. Ela deu a volta cheia de confusão.

—Onde está ele?

—Não se preocupe por Maddox. Sabe que amanhã estará bem. Se preocupe por si mesma. Iam levar você a cidade, e eu não podia permitir, Maddox nos teria matado a todos em nossa cama. Assim, por minha vida e pela sua, se cale. Não têm muito tempo para te buscar, assim se comporte e sobreviverá.

Dito aquilo, fechou a porta. Depois Ashlyn ouviu um suave clique e compreendeu que tinha passado a chave.

O medo e a incerteza se apropriaram dela. Não sabia se Torin tinha dito a verdade ou não, mas não se importava. Tinha que chegar junto a Maddox. Outro de seus gritos atravessou o ar, e como se tivesse atravessado as paredes, a envolveu.

Lhe encheram os olhos de lágrimas e correu para a porta para girar o trinco com as mãos trêmulas. Não se moveu. Demônios! Se manteria em sonho mas não ia ficar naquela sala.

Deu a volta para olhar o lugar com os olhos de um ladrão. O pó cobria tudo, como se o quarto tivesse sido esquecido durante anos. Não tinha enfeites nem lembranças sobre os escassos móveis, nada que pudesse usar para romper a fechadura.

Então se aproximou da janela e abriu as cortinas. Viu as montanhas, brancas e majestosas. Tinha um balcão que dava para... olhou e ofegou. Abaixo, abaixo, abaixo. «Só se você cair». Felizmente, a janela se abriu com facilidade. Ignorando a rajada de ar gelado que a açoitou, olhou para a direita e depois para a esquerda. Um pouco mais à frente tinha outro balcão.

Maddox deu um grito lancinante.

Com as palmas das mãos suarentas, Ashlyn correu para a cama com uma idéia. Uma idéia perigosa e estúpida.

—A única idéia. —murmurou, e abriu as mantas da cama de um puxão.

O pó lhe encheu o nariz e a boca, e Ashlyn tossiu, mas não se deteve. Atou um extremo do lençol com um extremo da colcha.

—Vi isso nos filmes. Dará certo.

Possivelmente. Os atores tinham redes e dublês. Ela não tinha nenhuma das duas coisas.

Outro grito.

Seu estômago se encolheu e voltou para a janela. Saiu ao balcão sem vacilar, e inalou bruscamente. A pedra do chão estava gelada e ela estava descalça. O vento era cortante.

Com dedos trêmulos e a respiração gelada, atou um dos extremos da improvisada corda ao corrimão do balcão com um nó duplo. Depois fez um terceiro. Deu um forte puxão.

Resistiu.

Mas suportaria seu peso? Depois de tudo o que tinha vomitado antes, devia pesar menos, assim que isso era um ponto a seu favor.

Tremendo violentamente pelo frio e o nervosismo, passou por cima das barras de metal. O óxido lhe deixou manchas na roupa. Manteve a vista centrada.

—Não tem que se preocupar com nada. Não há uma queda de dez mil metros.

Desceu pelo lençol. Ouviu um rangido. Um estalo. Quase parou o seu coração.

—Maddox necessita de você. Possivelmente inclusive a queira. Ou possivelmente pense que é uma mentirosa e uma assassina malvada, talvez nem sequer goste e só queria seduzir você para surrupiar respostas, mas de todo modo não merece o que estão lhe fazendo. Você é a única deste lugar que pensa assim, então adiante. É sua única esperança.

«Deus. Pareço a princesa de “A Guerra das Galáxias”».

Entretanto, estava desesperada para encher o silêncio que tinha desejado tanto. Do contrário, começaria a pensar em cair e se matar, ou pior ainda, em fracassar.

—Está indo bem. Segue assim.

Perdeu a voz quando se viu pendurada. Lhe formou um nó na garganta.

«Por favor, Deus, não deixe que eu caia. Não deixe que minhas mãos suem mais».

Se inclinou para frente, balançando o lençol... um centímetro. Demônios. Se inclinou para trás e o moveu outro centímetro. Para frente, para trás. Para frente, para trás. Logo, estava se balançando brandamente. Entretanto, o lençol escorregou um pouco, ou possivelmente ela, e Ashlyn gritou.

«Só um pouco mais. Posso fazê-lo».

Tomou velocidade e continuou se balançando. Finalmente, esteve o suficientemente perto para esticar o braço e enganchar os dedos com força em uma das barras do outro balcão. Com um grunhido, lançou todo seu corpo para frente, se agarrou com a outra mão à outra das barras e soltou o lençol. Então cometeu o engano de olhar para baixo.

A parte inferior de seu corpo pendurava sobre vinte e cinco metros de montanha escarpada.

Não pôde evitar; voltou a gritar.

Durante alguns eternos instantes, tentou enganchar os pés na outra barra, como tinha feito com as mãos, finalmente, conseguiu colocar um joelho em um oco. Seus músculos ardiam do esforço, mas conseguiu subir até o corrimão e saltou ao balcão. Apesar do frio intenso, estava suando. Com dificuldade, conseguiu abrir a janela, e quando entrou em outro dormitório, esteve a ponto de desmaiar de alívio.

O quarto era escura e poeirenta, como o outoa, mas ouvia Maddox gemendo e lutando uma vez mais.

«Por favor, que não seja muito tarde». Estava muito perto, muito perto...

Se aproximou nas pontas dos pés da porta e abriu uma fina fresta. De repente, a voz de Maddox sossegou. Ela cobriu a boca com uma mão para evitar gritar. Houve uns murmúrios...

—.. não deveríamos ter lhe dito.

—Necessitava tempo para se acalmar. Agora o tem.

—Possivelmente nunca se acalme.

—Não importa. É o que terá que fazer. —uma pausa. Um suspiro.— Estou desejando terminar com isto e tirar a última carga de nossas vidas. Vamos até a garota e nos preparemos.

Tremendo, ela se apertou contra a parede e se escondeu entre as sombras. Ouviu que se fechava uma porta, e depois uns passos ressoaram pelo corredor, se afastando. Ashlyn se pôs em ação. Saiu correndo ao corredor, espionou aos dois homens que torciam uma esquina e abriu a porta do quarto de Maddox.

Esteve a ponto de vomitar.

Ele estava deitado na cama, em meio de um atoleiro de sangue. Tinha o peito nu, e Ashlyn viu seis feridas abertas ali onde tinha penetrado a espada. Distinguiu o interior de seu corpo. Oh, Deus. Cobriu a boca com as mãos.

Quase em transe, caminhou para ele. «Outra vez não», pensou. « Outra vez não!». Aquela brutalidade era incrível.

«Por que seguiam lhe fazendo isso aqueles desgraçados?» Ele era um demônio, eles eram demônios, mas essa não era razão suficiente.

—Não há razão para isto. —soluçou. Era cruel, desumano, como eles.

Lentamente, passou a mão pela testa de Maddox. Tinha os olhos fechados e a rosto manchado de sangue. Tinha sangue inclusive nos tornozelos e nos pulsos, onde as argolas o prendiam.

Ashlyn caiu de joelhos entre soluços, a seu lado.

— Maddox —suspirou entrecortadamente. — Estou aqui. Não o deixarei.

Procurou a seu redor uma chave para o soltar mas não a encontrou.

Pegou a mão sem vida. Ele era imortal. Tinha sobrevivido a aquilo uma vez.

Voltaria a fazê-lo?

As chamas o devoravam. O queimavam como um ácido. O fundiam, o destruíam pouco a pouco. O ar era pesado, negro e espesso. Seu corpo se desintegrava com uma grande dor.

—Maddox...

Ouviu aquela voz familiar, doce, e deixou de se retorcer. De repente, esqueceu o calor.

—Ashlyn?

Olhou a seu redor no inferno ao que tinha voltado, mas só viu fogo, e só ouviu gemidos e lamentos. Ashlyn tinha morrido? A tinham enviado ali também para que sofresse? Isso só podia significar que Reyes e Lucien a tinham matado.

— Canalhas! —uivou Maddox.

A tinham matado, e ele mataria a eles. «Com prazer», rugiu o espírito.

—Estou aqui. —disse ela— Não o deixarei.

Um soluço.

—Ashlyn. —gritou ele.

Negociaria com aqueles novos deuses, tão cruéis. A tiraria dali custasse o que custasse. Ele mesmo permaneceria nos infernos por toda a eternidade para a liberar.

—Não o deixarei. Estarei aqui quando despertar. Se acordar. Oh, Deus.

Ele franziu o cenho, confuso, antes de se derreter uma vez mais. A voz do Ashlyn não era um eco no inferno. Era um eco em sua mente. Entretanto, aquilo não tinha sentido, não era possível.

—Como podem ter feito isto com você? Como?

Estava ela com seu corpo? Sim. Sim, estava com ele. Maddox quase sentia como lhe agarrava a mão, quase sentia suas lágrimas cálidas no peito aberto. Quase podia cheirar seu doce aroma de mel.

Enquanto sua carne carbonizada se desfazia e tomava forma uma e outra vez, lhe sussurrava, o consolava.

—Acorde outra vez, Maddox. Acorde, faça-o por mim. Tem muitas coisas que me explicar, e não o deixarei partir até que tenha me dito a verdade.

Ele queria obedecer e lutou por escapar da fossa profunda em que estava. Fez todo o possível por projetar de novo seu corpo para seu espírito. Queria vê-la, abraçá-la, protegê-la. Entretanto, o fogo o tinha preso, retido. Apertou os dentes, se retorceu e lutou sem cessar. Lutaria toda a noite, se fosse preciso. Lutaria até que Lucien fosse por ele.

Voltaria para Ashlyn.

Seu vínculo era tão forte, tão profundo, tão arraigado, que não podia se negar nem se ignorar. Em um espaço tão curto de tempo, ela tinha se transformado no centro de seu universo. Na única razão de sua existência. Era como se lhe pertencesse. Como se tivesse nascido só para ele.

E uma vez que a tinha encontrado, nada se interporia entre eles.

—Ficarei aqui toda a noite. —repetiu ela—Não vou deixar que vá.

Maddox estava sorrindo quando as chamas o consumiram outra vez.

Capítulo 16

Tinha chegado o momento da guerra.

Aeron estava contente. Precisava lutar, assassinar. Possivelmente se mutilava uns quantos Caçadores, deixaria de imaginar sua faca rasgando o pescoço de Danika, seguido rapidamente do de sua irmã, sua mãe e sua avó.

Não tinha dito aos outros, mas sua necessidade de matar já não era um leve movimento em seu interior estava começando a tingir todos os seus pensamentos e a deixá-lo louco. Os deuses não tinham exagerado. A besta que levava dentro estava ansiosa por cumprir a ordem que lhe tinham dado.

Sua ânsia se incrementava com cada hora que passava.

Aeron sabia que cada vez seria maior. Cresceria, crescerá e crescerá até que ele destruísse aquelas quatro mulheres inocentes.

Apertou a mandíbula. Com sorte, possivelmente pudesse saciar sua sede de sangue, embora só fosse durante um momento. «Sou um monstro, sou tão mau como o espírito que me possui». Se os guerreiros não encontravam um modo de salvar aquelas mulheres, Aeron teria que se despedir dos últimos vestígios de si mesmo. Sou um demônio.

«Acaso não o é já?».

—Acha que a mulher de Maddox está aí fora? —perguntou Paris, interrompendo seus negros pensamentos.

—Pode ser —respondeu.

Não tinham podido encontrá-la e tinham abandonado sua busca pelo castelo. Iriam à cidade, de todo o modo. Ele estava furioso pelo fato de que uma isca estivesse livre por aí.

Lucien tinha ido primeiro ao cemitério, mas não tinha encontrado nada suspeito. Entretanto, tinha enviado Torin de volta para que esperasse e vigiasse com uns quantos de seus brinquedos. Ele tinha protestado mas no final tinha concordado. Ao menos, os habitantes do cemitério já estavam mortos, assim Enfermidade era inofensiva.

Naquele momento, Aeron e outros avançavam rapidamente pelas ruas empedradas da cidade. Sem Ashlyn, teriam que atrair os Caçadores de outro modo. Tinham decidido agir eles mesmos como isca.

Embora tenha passado da meia noite, as ruas se encontravam muito animadas. As pessoas estavam sentada nos terraços e passeando pela rua. Os edifícios que flanqueavam as ruas eram uma sinfonia de curvas e picos. De vez em quando passava algum carro.

Os humanos se afastavam sobressaltados do caminho dos imortais. As pessoas sussurravam e especulavam.

«Os anjos desceram da montanha... Acredito que vou procurar a esses homens que perguntavam por você no Clube Destiny...».

—Uns homens perguntaram por nós? —disse Aeron. Enquanto falava, uma mulher cruzava para saudá-los. Ficou gelada ao ver Paris.

—Um beijo.—lhe pediu.

—Sempre. —disse Paris, e com um sorriso inclinou a cabeça para agradá-la.

Aeron ladrou:

—Mais tarde. Nos leve a esse ditoso Clube Destiny.

Se Promiscuidade começava a beijar, Promiscuidade não podia parar até que a roupa tivesse sumido e gritos de paixão soando.

—Da próxima vez —disse Paris à mulher em tom lastimoso, e seguiu caminhando para a discoteca.

—Promete isso? —pediu a mulher.

Entretanto, o olhar de luxúria se apagou de seus olhos quando Lucien passou a seu lado com seu rosto cheio de cicatrizes.

Alguns minutos mais tarde, os guerreiros tinham entrado no clube e estavam inspecionando a cena. Havia muitos humanos dançando ao som de um ritmo rápido, enlouquecedor, sob luzes multicoloridas que piscavam. Quem os via, ficava impressionado, a maioria se afastava.

Aeron sentiu algo. Um ligeiro zumbido de poder, possivelmente. Franziu o cenho.

—Os vê? —perguntou Reyes com tensão.

—Ainda não, mas sei que estão aqui.

—Claro, isto é o céu. Olhe que preciosidades há por aqui. —comentou Paris, com a voz rouca pela excitação.

—Deixa já de pensar em suas pernas. —lhe espetou Reyes.

Oxalá, para Aeron, aquela fosse sua única preocupação, necessitar de sexo. As mulheres humanas o olhavam com terror. E ele estava contente por isso. Deviam temê-lo. Ele não queria fazê-lo, mas as comeria e as cuspiria em uma só dentada.

—Cinco minutos. —disse Paris, com a voz carregada de prazer— É o só o que necessito.

—Mais tarde.

—Agora.

—Acaso é um menino? Se reprima por uma maldita noite.

—Por todos os deuses. —disse Lucien de repente, e assinalou para o centro do clube com um movimento brusco da cabeça.— Olhem.

Todos os olhares dos guerreiros se dirigiram para um grupo que estava no fundo do local, os observando.

Aeron inspirou profundamente e levou a mão a uma de suas facas. Parecia que as surpresas não tinham terminado.

—Sabin. —disse.

Não acreditava que voltasse a ver jamais Duvida. Aquele homem, a quem tinha considerado um amigo, tinha estado a ponto de matá-lo.

—O que faz aqui? E por que agora? —assim que teve formulada as perguntas, soube a resposta. — Ainda seguem lutando com os Caçadores. Provavelmente foi ele quem os trouxe até nossa porta.

—Só há uma maneira de averiguar. —disse Lucien. Entretanto, nenhum deles se moveu.

Aeron se deu conta de que seus pés tinham se tornado de chumbo. As lembranças daquela noite negra e trágica invadiram sua mente.

—Temos que matá-los. —tinha gritado Sabin— Olhe o que fizeram a Sulco!

—Já matamos o suficiente. —tinha respondido Lucien, com seu tom de voz calmo.

— Infligimos a suas famílias muito mais dor que eles a nós.

A rosto de Sabin se congestionou de raiva fria.

—Será que Sulco não significava nada para você?

—Eu o queria tanto como você, mas seguir com a destruição não vai nos devolvê-lo —tinha respondido Aeron. Depois tinha dado a volta, porque era incapaz de suportar a dor dos olhos de Sabin, que era um reflexo da dor que ele mesmo sentia.

— Eu não posso continuar, porque meu coração se volta mais negro cada dia que passa. Preciso de paz. Um refúgio.

—Eu preferiria morrer que deixar com vida a um só Caçador.

Matamos o homem que decapitou Sulco. É suficiente.

—Suficiente? Eu tive o corpo sem vida de Sulco em meus braços; seu sangue me manchou a alma. E você quer que os deixe? É pior que os Caçadores.

Sabin o tinha atacado e lhe tinha afundado uma faca no pescoço antes que ele pudesse se dar conta.

Possivelmente tivesse podido perdoar uma luta limpa, mas um ataque pelas costas? Não.

Depois de vencê-lo, Aeron só queria partir. Partir da Grécia, se afastar da guerra e das lembranças dolorosas. Entretanto, Sabin e uns poucos mais ainda queriam sangue.

Então os Senhores se dividiram irrevogavelmente.

Aeron observou naquele momento aqueles guerreiros que conhecia mas não conhecia. Na aparência eram os mesmos, embora seu traje houvesse mudado com as épocas. Gideon tinha o cabelo azul e um brilho pecaminoso nos olhos, um brilho de predador. A Aeron recordou o brilho dos olhos de Lucien na única vez que seu amigo tinha explodido, quando nada nem ninguém tinha podido contê-lo.

Carneo seguia sendo a mulher mais bela que ele já tinha visto, mas ao olhá-la teve vontade de atravessar seu próprio coração. Strider seguia sendo bonito, embora os anos tivessem endurecido seus traços, Amun já não usava túnica, e sim uma camisa negra e calça jeans.

Onde estava Kane? Acaso os Caçadores também o tinham assassinado?

Sabin e os outros começaram a se aproximar lentamente. Aeron os observou com suma atenção até que ambos os grupos se encontraram no meio da pista de dança; os humanos se afastaram rapidamente de seu caminho.

—O que estão fazendo aqui? —perguntou Lucien. Aeron se deu conta de que falava em inglês, provavelmente, para que não os entendessem.

—Eu poderia perguntar o mesmo. —respondeu Sabin.

—Veio apunhalar a alguém mais pelas costas, Dúvida? —perguntou Aeron.

Sabin arqueou uma sobrancelha.

—Já se passaram alguns milhares de anos, Ira. Não ouviu falar de algo chamado perdão?

—Isso é engraçado ouvir isso, vindo de você.

O guerreiro sacudiu a cabeça.

—Não viemos até aqui para lutar com vocês. Viemos enfrentar os Caçadores. Estão aqui, se por acaso não saibam.

Aeron soprou.

—Já nos inteiramos. Os atraíram à cidade?

Não. Eles se inteiraram de onde vivem antes de nós.

—E como?

Sabin deu de ombros.

—Não sei.

—Duvido que tenha vindo até Budapest só para lutar. —disse Lucien.

—Muito bem. Querem saber a verdade? —interveio Strider, que estendeu as mãos para demonstrar que não se armou. — Precisamos de sua ajuda.

—Demônios, não —respondeu Paris, negando com a cabeça. — Nem sequer precisamos ouvir o motivo, nem o como, porque nossa resposta não vai mudar.

«Não pensará que pode vencer a estes tipos, não é?». Uma estranha dúvida invadiu a mente de Aeron, cravando as garras em seus pensamentos.

—Não somos os mesmos guerreiros de antes —disse Carneio, atraindo a atenção de todos com seus tristes olhos. — Ao menos, nos escutem.

Todo mundo se encolheu. Falava como se toda a dor do mundo descansasse sobre seus delicados ombros. Provavelmente fosse assim. Ao ouvi-la, Aeron teve vontade de voltar a chorar como uma criança.

—Precisamos de sua ajuda —disse Sabin. — Estamos procurando DimOuniak. A caixa de Pandora. Sabem onde está?

—Quer a caixa depois de todos estes anos? — perguntou Lucien, confuso. — Por que?

«Se enfrentar a eles, poderia morrer. Por que não lhes dá o que desejam e volta para sua vida?».

Aeron apertou os punhos. Ele era forte e poderoso. Não tinha nenhuma razão para duvidar tanto. Duvidar...

Com um grunhido de raiva, recordou a habilidade de seu antigo amigo.

—Sai de minha cabeça, Sabin.

—Sinto muito. —disse o guerreiro com um sorriso débil. —É o costume.

—Então foi você que tentou que fôssemos ao cemitério desarmados. Pensei que não quisesse lutar conosco.

O sorriso de Sabin se fez tímido.

—Não estava certo do recebimento que nos dariam. Já que fracassei em meu intento de os atrair para lá, Kane vai passar uma noite muito aborrecida com os mortos. Que estão fazendo aqui, a propósito? Acaso também ouviram dizer que os Caçadores iriam vir?

—Enviamos Torin ao cemitério, assim Kane não vai se aborrecer. —disse Lucien, olhando a seu redor. — E sim, viemos em busca dos Caçadores, embora não veja nenhum.

—Enfermidade está com Kane?

Sabin franziu o cenho e tirou uma caixa negra do bolso. Enquanto o fazia, Reyes lhe pôs uma faca na garganta, pensando que ia puxar uma arma. Quando Reyes se deu conta de que era um transmissor portátil, baixou a faca.

Com cara de poucos amigos, Sabin levou o rádio à boca e disse:

—Kane, não ataque. Fogo amigo.

—Compreendido.

Sabin meteu o transmissor no bolso.

—Então estamos de bem agora?

—Nem em sonho. —respondeu Aeron.

Strider se sacudiu com aborrecimento, e fixou seu olhar virulento ao redor. Algumas pessoas tinham voltado a dançar de novo, sentindo os efeitos do álcool e a luxúria enquanto se esfregavam uns com os outros.

—Sabem dos Titãs?

Lucien olhou a Aeron antes de responder.

—Sim.

Carneio mordeu o lábio.

—Têm idéia do que querem de nós?

—Não —respondeu Aeron, para evitar que alguém respondesse por ele. Não queria que soubessem o que lhe tinham ordenado.

—Olhem, velhos amigos, sei que nos odeiam —disse Sabin. — E que queremos coisas diferentes. Mas há algo que temos em comum, e é a vontades de viver. Faz um mês, soubemos que os Caçadores estão procurando a caixa de Pandora. Se a encontrarem, corremos o perigo de que suguem para dentro os nossos demônios. Isso significa que estamos em perigo de morte.

—Como sabe que a caixa não foi destruída? — perguntou Reyes.

—Não sei, mas não quero me arriscar a que esteja intacta.

Durante todos aqueles anos, Aeron não tinha pensado na caixa. Seu demônio tinha estado dentro, e já não o estava, e ele tinha aceitado as consequências de seus atos. Fim da história.

Naquele momento voltou a recordar a fatídica noite em que seu demônio foi liberado. Ele tinha ajudado a conter os guardas de Pandora enquanto Lucien abria a caixa. Os demônios tinham surgido do interior imparavelmente, e tinham devorado a carne dos guardas.

O aroma da morte e o sangue impregnou o ar. Os gritos invadiram a sala. Algo tinha apertado a garganta de Aeron e o impedia de respirar. Tinha caído de joelhos e se arrastou por toda a sala em busca da caixa, desesperado por encontrá-la, mas a caixa se desvaneceu.

Lucien passou uma mão pelo cabelo.

—Não sabemos onde está. De acordo?

De repente, uma mulher se equilibrou sobre Paris e começou a lhe lambe o pescoço. Paris fechou os olhos, e Reyes sacudiu a cabeça.

—Deveríamos falar em outro lugar.

—Vamos a seu castelo. —sugeriu Sabin. —Possivelmente entre todos recordemos alguma coisa de como desapareceu.

—Não. —disseram Aeron e Reyes em uníssono.

—Eu posso ficar toda a noite aqui alegremente. —disse Gideon com evidente irritação.

—A seu castelo? —insistiu Sabin. — Eu estou disposto a ir quando quiserem.

—Não —repetiu Aeron de novo.

—Muito bem. Ficaremos aqui. Me dêem um momento para que envie todo mundo para casa.

Sabin fechou os olhos, e sua expressão se fez muito intensa. Aeron o observou atentamente, agarrando o punho de sua adaga, sem saber o que podia esperar. A música cessou de repente. As pessoas deixaram de dançar. A incerteza se refletiu em seus rostos e começaram a murmurar e a caminhar para a porta. Em questão de minutos, todo o edifício estava vazio.

Sabin relaxou os ombros e exalou um longo suspiro. Abriu os olhos.

—Já estamos sozinhos.

Amun, que não tinha dito nenhuma só palavra, inclinou a cabeça e olhou para Aeron de cima abaixo. Seus olhos eram como um raio laser. O rosto de Amun era indecifrável, e Aeron se sentiu incerto. Aquele guerreiro estava possuído com o Segredo; poderia adivinhar o que Aeron guardava no mais profundo de sua alma?

De repente, o olhar de Amun se cravou no seu, e Aeron percebeu tristeza em seus olhos. Sim. Tinha adivinhado.

Sabin inspirou profundamente, se enchendo de paciência.

—Por que não fazemos um trato? Nos encarregaremos dos Caçadores que invadiram sua cidade se vocês nos ajudarem a encontrar a caixa. É um trato justo. Nós lutamos durante muito tempo com eles e sabemos como nos defender.

—Eu encontrei um antes e o interroguei —disse Strider. — Assim soubemos que iam vir a esta discoteca, embora ainda não tenhamos visto nenhum.

Aeron percebeu um movimento nas sombras do fundo da sala e franziu o cenho.

—Ficou alguém.

Todo mundo ficou rígido.

Então, Aeron viu a silhueta de quatro humanos. Eram homens musculosos.

—Caçadores. —grunhiu— Te parecem suficientes quatro?

Embora tenham matado a Sulco, Aeron tinha estado disposto a deixá-los em paz. Ele tinha causado muita dor a eles séculos atrás, depois de tudo. Mas eles tinham voltado. Começariam uma nova guerra se tivessem oportunidade.

Ao se dar conta de que os tinham visto, um dos humanos se adiantou.

Era um mortal jovem, e sorria. Esfregou o pulso direito com o polegar esquerdo, e sob as luzes da discoteca, Aeron distinguiu o símbolo do infinito.

—Quem teria pensado que encontraríamos todo o mal do mundo junto na mesma sala? —disse o homem. Tinha uma pequena caixa negra na mão.— Será que estamos no Natal?

Vários dos guerreiros grunhiram. Alguns tiraram armas, outros adagas. Todos estavam preparados para a batalha. Aeron não esperou. Se deu conta de que não podia, não queria. Estava ansioso por agir. Ira já tinha julgado aquele homem e o tinha declarado culpado do crime de matar inocentes em sua missão de matar Senhores.

Aeron lançou suas adagas, e ambas se afundaram até o punho no peito do homem.

O sorriso se congelou na rosto dele. Caiu de joelhos, ofegando, sofrendo. Ainda viveria durante uns minutos, mas já ninguém poderia salvá-lo.

—Suplicarão a morte quando tivermos terminado com vocês —ofegou.

— Queime no inferno, demônio! —gritou outro dos mortais, e lhe jogou uma adaga.

Outro dos Caçadores disparou uma pistola enquanto a lâmina da adaga afundava no peito de Aeron. Aeron franziu o cenho. Olhou o punho. Seu coração continuava bombeando sangue, se abrindo a cada pulsado. Ai. Esses Caçadores tinham bons reflexos. Deveria recordar isso.

Lucien e outros se adiantaram.

O Caçador não se retirou.

—Espero que desfrutem do fogo —gritou. Pegou a caixa negra das mãos de seu amigo morto e bum!

Uma tremenda explosão fez cambalear todo o edifício e fez voar pelos ares a pedra e o metal. Aeron saiu disparado como se fosse um saco de plumas. «Vencido por humanos. Incrível». Foi o único pensamento que teve antes de que todo seu mundo se fundisse em negro.

Capítulo 17

Maddox despertou sobressaltado e se deu conta de que estava em seu quarto. Morto em um instante, e no seguinte, completamente consciente. Ashlyn estava adormecida sobre seu ombro, e seu corpo flexível estava aconchegado junto ao dele.

Se olhou. Ela devia tê-lo limpado e devia ter trocado os lençóis apesar das algemas, porque o sangue tinha desaparecido. De novo tinha crostas que se estendiam pelo estômago e pelas costelas.

O cabelo de cor mel de Ashlyn fazia cócegas em seu queixo. Suas exalações cálidas sopravam sua pele. Estava viva, e estava ali com ele. Maddox nunca teria imaginado: diretamente do inferno ao céu.

Normalmente, pelas manhãs tinha a necessidade de destruir algo. De lutar. De esquecer as chamas e a dor de ser abandonando à escuridão do espírito. Naquele momento, entretanto, não queria nada disso.

Sentia-se... em paz.

Ashlyn estava tão placidamente adormecida que ele não quis despertá-la. Bom, não tão placidamente. Tinha restos de lágrimas nas rosto e, nos lábios inchados, indicação de tê-los mordido com ansiedade, repetidamente.

Ele queria lhe acariciar o rosto com um dedo, mas não podia. Malditas algemas.

—Ashlyn, preciosa. Acorde.

Ela emitiu um suave gemido.

A luz do sol a acariciava tal e como ele desejava fazer, e banhava sua pele de uma maneira deliciosa. Ainda tinha as pestanas úmidas pelas lágrimas, como fios de algodão cheios de orvalho.

Tinha chorado ao vê-lo sofrer. Quando tinha chorado alguém por ele?

—Ashlyn.

Ela gemeu de novo.

Maddox inclinou a cabeça e lhe beijou o nariz. Como sempre, sentiu uma faísca. Ela deve ter sentido também, porque murmurou seu nome e se levantou.

— Está vivo. —disse— Voltou de entre os mortos outra vez.

—Me solte, preciosa.

—Não tenho a chave.

—Está sob o colchão.

Lucien tinha deixado de levá-la com ele anos atrás, depois que Maddox conseguiu lhe arrancar do pescoço em uma ocasião.

—Por que não a levaram com eles?

—Torin me escondeu.

Ashlyn se apressou a rebuscar a chave e a encontrou. Solto Maddox e voltou para deitar a seu lado.

O aroma dela fez que ele se esquecesse de perguntar por que Torin tinha feito algo semelhante.

—Me alegro muito de que tenha voltado para mim.

Lhe rodeou a cintura com um braço e acariciou suas costas com delicadeza, de maneira calmante. Suas articulações protestaram, mas ele não a deteve.

—Voltei. Sempre volto.

—Não entendo. —disse ela com um suspiro. Todo seu corpo tremeu. — Por que fazem isto com você?

—É outra maldição —respondeu Maddox com a voz quebrada pela emoção. — Matei a uma mulher, e agora devo morrer como ela morreu. Não desejava que Ashlyn soubesse o que tinha feito, mas não era justo mantê-la na ignorância quando lhe tinha revelado seus segredos.

Ashlyn o abraçou com força.

—Quem era? Por que a matou?

—A mulher da qual te falei. A caçadora, aquela que foi escolhida para desempenhar a tarefa que eu queria para mim. Pandora.

Ela abriu os olhos de par em par.

—Pandora?

—Sim.

—Essa é a caixa que abriu? Deus Santo, não sei como não tinha relacionado tudo isto antes. Por que os deuses não devolveram aos demônios diretamente à caixa?

—Para nos castigar. Mas mais que isso, porque a caixa desapareceu, e não há maneira de recriá-la.

—E por que matou a...?

—Meu demônio se apoderou de mim, e... —de novo, Maddox ouviu o tortura em sua própria voz, e se perguntou o que pensaria Ashlyn. — Perdi o controle. Me converti completamente em Violência, e minha espada fez um mal irreparável em Pandora. Após tudo, me arrependi daquilo, me acredite.

—Mas não se pode matar a um imortal. Você é prova disso, não é assim?

—A maioria, sim, podem ser assassinados. Não é fácil mas é possível.

—Bom, todo mundo comete enganos, e você já pagou por eles —afirmou Ashlyn, e o deixou muito surpreso. Sentiu uma deliciosa calidez.

—Quase desejaria que tivesse matado também aos deuses que o amaldiçoaram, porque são imundos, asquerosos...

Ele se encolheu e tampou a boca dela com a mão para sossegar suas palavras.

—Não queria dizer isso. —corrigiu ele, olhando ao teto. — Eu cumprirei qualquer castigo para ela como se fosse meu.

Não os fulminou nenhum raio. A Terra não retumbou. As lagostas não vieram em enxame para lhes comer a carne do corpo. Maddox relaxou lentamente.

—Não amaldiçoe nunca aos deuses. Ouvem tudo. Por desgraça.

A contra gosto, Ashlyn assentiu, e ele tirou a mão.

—Não sou uma isca. —disse ela, então.

—Sei que não é.

—De verdade? —perguntou Ashlyn esperançosamente.

—De verdade.

Ela sorriu.

—E o que o convenceu?

—Você. Você doçura, sua habilidade. Sua virgindade.

—Então me desejava? —perguntou com insegurança.— Não porque queria me surrupiar respostas, mas sim porque...

—Porque me faz arder.

A felicidade arrancou faíscas dos olhos dela. Ashlyn se aconchegou mais a seu lado.

—Me alegre de que o Instituto tenha me trazido para Budapest.

O corpo de Maddox tinha começado a despertar, a se preparar, a desejar mais. Até que ela, mencionou o Instituto. Então, Violência rugiu.

—Não vai voltar com eles.

—Você e suas exigências —disse ela, que não se deu conta do súbito ataque de Maddox. E continuou alegremente.

—Sabe? Ouvi algumas conversações sobre Pandora aqui e lá. Tinha contado a você que o Instituto está sempre interessado em encontrar relíquias sobrenaturais que se mencionaram ao longo da História nos mitos e as lendas?

Ele ficou tenso.

—Vai me contar o que ouviu sobre a caixa?

—Vejam... Ouvi que a caixa está escondida, mas não sei onde. Supostamente, Argos a está custodiando, e nem sequer os próprios deuses podem recuperá-la.

Maddox assimilou aquelas notícias com assombro. Argos era uma besta enorme que tinha mais de cem olhos, e podia ver tudo o que ocorria em todo

momento. A lenda dizia que Hermes tinha acabado com ele, mas freqüentemente, as lendas eram mentiras que os deuses contavam aos mortais.

— Também ouvi outra versão —continuou Ashlyn. — Diz que a caixa está custodiada por Hidra, não por Argos. Entretanto, há um denominador comum para ambas.

—Qual é?

—Se a caixa aparecer alguma vez, os demônios se verão trancados em seu interior novamente. Isso é bom, não? Ele sacudiu a cabeça.

—Possivelmente sim para o mundo, mas sem o demônio, eu morreria.

—E como sabe?

—Sei. —disse ele com rotundidade, e ficou pensando no que ela tinha dito.

Hidra. Uma serpente venenosa com múltiplas cabeças. Se aquilo fosse certo, a caixa estava no fundo de algum oceano. Entretanto, qual das duas histórias tinha que acreditar? Se o resto do que tinha contado Ashlyn fosse verdadeiro, que os demônios voltariam para a caixa quando esta fosse achada...

—Poderia... não sei, fazer uma busca mais minuciosa da caixa. Fazer com que seja minha prioridade.

— Não!

Isso implicaria que ela teria que sair do castelo, e estaria em perigo.

—Sei que te disse que me contasse isso tudo, mas agora devemos escolher um tema menos conflitivo. Violência estava aguilhoando sua mente; a cada palavra que ouvia se agitava mais. Embora Maddox acreditasse que o demônio não queria machucar Ashlyn, não estava disposto a comprovar se era certo. Preferia falar de flores e de raios de lua para manter aquela deliciosa paz interior.

—E há algum modo de acabar com sua maldição? —perguntou Ashlyn.

Não era possível falar das flores.

—Não. Não há maneira.

—Mas...

—Não.

Ele não ia permitir que ela tentasse negociar com os deuses com a esperança de encontrar a forma de salvá-lo. Ele não podia alcançar a salvação. Não valia a pena salvá-lo, além disso. Era mais um monstro que um homem, embora às vezes tentasse se convencer do contrário.

—E é melhor deixar também esse tema.

Ashlyn lhe acariciou o esterno com um dedo, enquanto sua respiração cálida o acariciava.

—Então de que tema podemos falar?

Ele estendeu os dedos por seu traseiro e o apertou.

—Ouvii mais vozes no tempo que estive lá no quarto?

—Por desgracia, sim. Ouvi o que falaram essas quatro mulheres. Às que, por certo, terá que liberar imediatamente.

—Ficam.

—Por que?

—Isso não posso dizer.

Ela tamborilou os dedos sobre seu torso.

—Pelo menos, me diga o que pensa fazer com elas. São boas. São inocentes. Estão muito assustadas.

—Sei, preciosa, sei.

—Não vai lhes fazer mal? —insistiu Ashlyn.

—Não. Eu não.

Ela apoiou a palma da mão justo em cima de seu coração.

—Isso significa que outra pessoa, sim, vai lhes fazer mal?

—Farei tudo o que esteja em minha mão para evitar que isso aconteça. De acordo?

Ashlyn apertou os lábios contra seu pescoço e lhe lambeu a pele onde pulsava o pulso de seu sangue.

—De acordo, mas eu também vou fazer tudo o que esteja em minha mão para evitar que isso aconteça.

—Sinto que tenha tido que ouvir suas conversações. Não voltarei a te colocar em uma sala onde tenha havido humanos.

—Desta vez não foi tão mal. E quando estou com você, não ouço nenhuma voz.

—Me pergunto por que. Não é que me queixe, ao contrário, me alegro, mas sinto curiosidade.

—Talvez as vozes tenham medo de você.

Ele esteve a ponto de sorrir.

—Na realidade, me pergunto por que não posso ouvir nenhuma das conversações passadas de seus amigos—continuou Ashlyn. — Sempre pude ouvir outros seres sobrenaturais.

—Possivelmente nós ocupemos um nível mais alto de existência.

Ela sorriu.

—De todo o modo, nos asseguraremos de estar sempre juntos —disse Maddox— e, desse modo, as vozes não voltarão a incomodar você.

Seria todo um prazer para ele.

«E quando estiver morto?». Essa idéia fez que ficasse rígido. Então não teria ninguém quem pudesse protegê-la.

Ao sentir sua ira, ela franziu o cenho.

—O que aconteceu?

—Nada.

Não ia pensar na morte naquele momento. Tinha Ashlyn entre os braços e queria desfrutar dela, desfrutar daquele tempo que tinham para estar juntos.

—Não quero falar mais dessas mulheres, nem de maldições.

—Bem, pois nos restringiu muito os temas de conversação —Ashlyn lhe olhou os lábios, e se estremeceu. — Viajei por todo mundo com o Instituto, mas nunca tinha pensado que conheceria alguém como você.

—Forte?

Ela soltou uma risadinha.

—Sim.

—Bonito?

—É obvio.

—Com uma grande inteligência e muito destro com a espada?

—Exatamente —disse ela com outra gargalhada. — Mas me referia a um homem... a um amigo... Oh, não sei como o chamar!

Ele saboreou seu regozijo, e também suas palavras sérias.

—Me chame seu. É tudo o que quero ser.

Ashlyn ficou calada.

—Me conte algo de sobre você—lhe pediu depois de uns instantes. — Algo que nunca tenha contado a ninguém.

Ele poderia ter lhe contado que gostava mais da música clássica que do rock que preferiam seus amigos, mas aquela informação não tinha nada de pessoal, e isso era o que ela desejava. Maddox se deu conta de que queria que ela o conhecesse melhor que ninguém no mundo.

Seu sentimento de paz, de paz verdadeira, se intensificou. E tudo porque ela estava ali, junto a ele. Porque não julgava seus pecados do passado. Porque queria saber coisas de sua pessoa, e porque só ele aliviava sua tortura.

Porque, quando Ashlyn o olhava, não via violência. Maddox suspeitava que via um homem, seu homem. Aquele era um pensamento embriagador. Aditivo. Impressionante. Suficiente para ganhar sua devoção eterna.

—Algumas vezes, durante todos estes anos, desejei ser humano. E ter uma mulher e... —engoliu em seco antes de confessá-lo— E ter filhos.

Nunca o tinha dito a seus amigos porque teriam rido. Ele mesmo deveria rir de algo tão ridículo.

Violência? Perto das crianças?

Ashlyn não riu, não o repreendeu.

—É um belo sonho —lhe disse, com um toque de nostalgia na voz. — Será um pai maravilhoso. Protetor.

Embora ele soubesse que nunca teria a oportunidade de comprová-lo, sentiu um banho de humildade ao ouvir suas palavras. Começou a desenhar círculos em cada uma de suas vértebras com os dedos.

—Agora me conte seu segredo.

—Não aprendi a ler até o ano passado — admitiu ela com vergonha. — Até então, tinha que dar os informes verbalmente em vez de por escrito, e todo mundo sabia por que. Não podia me concentrar o tempo suficiente para decifrar as palavras. As vozes sempre estavam lá, me incomodando. Quando era pequena, meu chefe lia contos de fadas para mim, que eram tão mágicos que quase podia bloquear os suspiros. Então, quis aprender a ler, mas demorei muito para conseguir.

Não lhe importava se sabia ler ou não, mas a ela sim, então, Maddox procurou uma forma de consolá-la.

—O fato de que aprendesse é digno de elogio.

Ashlyn sorriu.

—Obrigada.

—Eu não aprendi a ler até centenas de anos depois de minha posse, e só o fiz porque não queria que outros soubessem algo que eu não sabia. Vê? Leva vantagem sobre mim.

Ela riu e relaxou.

—Quando aprendi, comprei muitas novelas românticas pela Internet. São contos de fadas para adultos. As mandavam para casa e eu as devorava.

—Pedirei a Paris que te compre algumas na cidade. Uma caixa cheia.

—Isso seria estupendo. Obrigada. —disse ela de novo, e lhe deu de presente outro de seus sorrisos resplandecentes.

Com o peito cheio de emoção, ele a beijou na cabeça.

—Vi algumas novelas românticas —disse. Paris tinha deixado vários exemplares pelo castelo e ele as tinha recolhido, embora não estivesse disposto a admiti-lo. — Se as tivesse lido, provavelmente pensaria que eram — sexy, divertidas, ilustrativas, disse a si mesmo. —...interessantes.

Por muito que a desejasse, para Maddox parecia assombrosamente agradável passar um tempo com ela, falando. Ashlyn lhe contou que tinha passado grande parte de sua infância em um laboratório, sob estudo e observação, submetida a provas que às vezes resultavam dolorosas, o que significava que ele tinha uma lista de cientistas aos quais matar, e que na atualidade passava a maioria do tempo só para escapar do ruído. Nunca tinha formado parte de uma família. Só tinha um homem que a tinha tratado como a algo mais que um animal, e Maddox se sentia em dívida com aquele homem.

Entretanto, também sentia a entristecedora necessidade de apagar aquelas lembranças e substituí-las por outras melhores, mais felizes. Mais que isso: queria vingá-la.

—Você merecia algo melhor —disse, e Violência, finalmente, estirou os braços e bocejou.

—Não me importa como me criei —disse ela. — Sempre estava ouvindo coisas, assim na realidade, a solidão era bem-vinda.

Entretanto, tinha perdido a oportunidade de brincar, de receber carícias e amor. Maddox o percebeu em sua voz: era uma necessidade que não podia esconder.

«Conhece-a tão bem para sabê-lo não?».

«Sim», pensou Maddox. A conhecia. Ele não se deu conta de que tinha uma parte de si mesmo enterrada muito profundamente, tão profundamente que não tinha conhecido sua existência até que ela tinha aparecido em sua vida. E essa parte conhecia Ashlyn do começo.

Era dele. Sua mulher. Seu... tudo.

Acariciou seu braço e notou que tinha um pequeno vulto. Franziu o cenho e olhou para baixo.

—O que é isso?

—Um anticoncepcional. —respondeu ela, e ruborizou. — É um procedimento normal do Instituto. Faz tempo, um duende raivoso violentou uma das empregadas. Ela ficou grávida e a criança... não era normal. Agora, o Instituto nos dá aulas de defesa pessoal e dá oportunidade a todas as empregadas de implantar o anticoncepcional. Violência arqueou as costas e abriu os olhos. Despertou. A idéia de que aquela delicada mulher sofresse uma violação foi horrível para o homem e para o espírito.

—Lhe têm feito mal alguma vez?

—Não. —disse ela. — Mas sei que se alguma vez as vozes me aturdissem, não poderia me defender.

Violência não relaxou.

—Me conte coisas de sua infância —pediu ela, e com as pontas dos dedos, acariciou seu torso, o bico do peito. Se esfregou contra ele, mas depois se conteve e ficou imóvel.

Maddox sentiu a tensão do desejo. E também sentiu o desejo de Ashlyn. Desde que a tinha conhecido parecia que sabia quando estava excitada. E naquele momento, ela estava muito excitada.

—Não tive infância. Me criaram como homem, como soldado.

—Sinto muito. —murmurou Ashlyn. —Tinha me esquecido.

«A desejo tanto...». Da última vez tinha conseguido reprimir o impulso de possuí-la porque era virgem. Maddox seguia sendo o mesmo homem que no dia anterior: nunca tinha estado com uma mulher virgem, e não estava certo de qual era o melhor modo de fazer as coisas. Entretanto, isso não importava naquele momento. Tinha estado a ponto de perdê-la, tinham estado a ponto de a tirarem dele.

—Quero estar dentro de você.

Não esperaria um momento mais.

Seria tão delicado como pudesse com ela. E se o espírito tentasse se misturar..., diria a Ashlyn que o encadeasse.

—Quero fazer amor com você, Ashlyn.

Ela ficou sem fôlego. Sem se dar conta, moveu os dedos sobre os músculos de seu abdômen. Se deteve junto às cicatrizes, e depois circundou seu umbigo. Se moveu um pouco mais abaixo. Se deteve de novo.

—Realmente?

—Oh, sim.

—Eu também o desejo —sussurrou ela com voz trêmula. — Mas...

«Sem mais espera. A desejo, a necessito. Tenho que possuí-la». «Nossa», disse o espírito. «Minha», corrigiu Maddox.

—Quero estar dentro de você. Não posso esperar mais.

Ela ficou calada e suspirou.

—Necessito que entenda que vou ficar com você. Vai permanecer aqui, comigo, e eu a protegerei. Juntos aprenderemos como expulsar às vozes para sempre.

—Maddox...

«Sim. Fica»

—Não farei mal a você. —disse ele, mais para si mesmo e e para o espírito que para ela.

—Sei que não me fará mal. Mas tenho uma vida e um trabalho.

«Fica»

—Necessito que me prometa que não vai me trancar de novo. Quando seus amigos venham até você, —disse Ashlyn, e engoliu em seco— para te matar, quero estar com você. Te prometo que não os atacarei, embora queira fazê-lo, mas preciso te segurar pela mão. Não posso suportar que morra sozinho.

Naquele momento, Maddox se apaixonou completa e irrevogavelmente por ela.

«Minha, minha, minha».

Ashlyn era mais importante que respirar, mais necessária que a comida ou a água ou o refúgio. Entre milhares de anos de guerra, violência e raiva, lhe tinha dado bondade. Serenidade. Compaixão. Confiança. Pobres aqueles que tentassem lhe causar mal, inclusive os Senhores do Submundo, inclusive os deuses. Maddox já o tinha pensado antes, mas naquele momento se transformou em um juramento de sangue. Quem tentasse lhe causar mal morreria a seus pés.

Lucien e Reyes não a tinham levado na noite anterior, e isso tinha salvado seus traseiro. Entretanto, pagariam. Violência necessitava algum tipo de vingança para se acalmar, para esquecer.

—Não quero que tenha que presenciar isso. Não estarei sozinho, carinho. Dor e Morte me acompanharão.

—Sim, mas eles não o abraçarão.

Ele conteve o sorriso.

—É minha, mulher, e eu sou seu. Até que a encontrei, minha vida era uma desolação. Existia, mas não vivia. Agora vivo, inclusive na morte.

Aquelas palavras eram o mais próximo a votos matrimoniais que ele jamais pronunciaria, estava certo. Ela seria sempre dele, e sempre lhe pertenceria.

Os olhos âmbar de Ashlyn se encheram de lágrimas.

—Isso é a coisa mais bonito que ouvi em minha vida.

—Apenas quero que pense no que está pedindo —disse Maddox. Se ele tivesse que vê-la morrer uma e outra vez... Seu estômago se revolveu. — O sangue, o horror...

—Sei o que estou pedindo. —o tranqüilizou ela com decisão— E de todo o modo quero ficar com você.

De novo, a necessidade substituiu tudo.

—Vá tomar uma ducha. Paris diz que as mulheres adoram, que as ajuda a relaxar.

Então Maddox se levantou e a levou consigo.

«Por fim, por fim».

Não, ainda não. Logo. Faria que a primeira vez de Ashlyn fosse especial custasse o que custasse.

Ela enredou um cacho ao redor do dedo.

—Vai me acompanhar outra vez?

Maddox teve que se obrigar a negar com a cabeça, e o espírito rugiu.

—Se me banho com você, a possuirei ali mesmo. Completamente.

Ela o olhou de cima abaixo, com tanta paixão que ele sentiu as vibrações de sua força.

—Como disse, sei o que estou pedindo.

Por todos os deuses, como desejava beijá-la. Mas se a beijasse, não pararia até estar dentro dela.

—Antes tenho que fazer algo.

—E logo...

Ashlyn não terminou a frase, mas não era necessário que o fizesse.

—Logo —lhe prometeu ele. Oh, sim. Logo.

Lentamente, o espírito sorriu. Pela segunda vez em dois dias, homem e demônio estavam de acordo.

Capítulo 18

Ashlyn entrou na banheira, se perguntando o que teria que fazer Maddox. A água estava quente e tinha um efeito relaxante. Limpou os restos da experiência daquela noite. Não a lembrança odiosa de abraçar o corpo morto de seu amante, a não ser os efeitos físicos. A fadiga, a sensação de desesperança quase debilitante, a raiva pelo que tinham feito ao homem que estava começando a amar.

O homem que estava começando a querer a ela também.

Possivelmente aquele sentimento lhes tivesse chegado rapidamente, mas era maravilhoso. Ela desejava estar com Maddox, com todas as suas forças. Queria abraçá-lo e acariciá-lo, dar e receber prazer. Desfrutar do que sentia. Ele já não achava que fosse uma isca, e queria que ficasse a seu lado para sempre. Ashlyn sorriu de felicidade.

«Como vou terminar com a maldição que o condena a morrer cada noite?».

Aquele pensamento abriu passo em sua mente, deslocando todos os outros. O sorriso se apagou de seus lábios. Tinha que ter algo que ela pudesse fazer para o liberar de uma eternidade de morte, de ressurreição e de nova morte. Ninguém merecia uma tortura assim.

Ashlyn apoiou a testa contra o azulejo molhado. Certamente, em algum lugar do mundo, em algum momento, um humano tinha falado sobre os deuses e sobre como desfazer seus malefícios estúpidos, injustos. O mais provável era que ela tivesse ouvido algo durante aqueles anos, mas tinha se misturado com as outras vozes.

Ao menos, a partir daquele momento sabia o que tinha que escutar.

Maddox não lhe permitiria sair do castelo para isso, estava segura, assim teria que fazê-lo sem dizer a ele. Além disso, não podia ouvir as vozes quando ele estava a seu lado.

«Até que a encontrei», tinha dito ele, «minha vida era uma desolação. Existia, mas não vivia. Agora vivo, inclusive na morte». Sendo tão protetor como era, Maddox consideraria que o sofrimento que padecia cada noite era um preço pequeno por sua segurança. Ela sabia.

Sairia do castelo de noite, enquanto ele não pudesse fazer nada para detê-la. Voltaria pela manhã.

«Não pense agora nisso. Já terá tempo depois para os joguinhos de espiões». Ia fazer amor com Maddox.

Estremeceu. «No princípio, estava desesperada por ir embora, e agora, estava desesperada por ficar». De algum modo ia ficar em contato com McIntosh para lhe dizer que estava bem. Entretanto, não naquele momento. Depois. Depois de experimentar o ato mais íntimo e de saber como era estar unida a outra pessoa.

Era egoísta de sua parte, sim, mas não poderia ter se detido por nenhum motivo.

Ashlyn fechou as torneiras e saiu da banheira. As gotas de água se deslizaram pela sua pele e imaginou Maddox a lambendo. Voltou a estremecer e esteve a ponto de gemer. Pegou uma toalha e se secou o melhor que pôde. Depois a rodeou ao redor dos seios e baixou os braços para se cobrir até os joelhos. Saiu do banho ansiosamente, entre uma nuvem de vapor.

Maddox não estava no quarto.

Ashlyn franziu o cenho... até que tocou com os pés algo suave, e olhou para baixo. Tinha lenços de seda de cor violeta estendidos pelo chão, formando um caminho serpenteante que a conduziu do quarto ao quarto contíguo. Quando chegou a porta, ficou boquiaberta, encantada.

Ela tinha estado antes naquele dormitório, quando tinha passado de um balcão a outro, mas o quarto não estava assim. Tudo estava coberto de pó, inclusive o ramo. Naquele momento, pelo contrário, era um quarto preparado para o prazer. Nas paredes brilhavam brandamente os spots, e sua luz se derramava pela cama de seda negra. Maddox tinha limpado tudo. Para ela. O coração de Ashlyn acelerou.

Onde estava ele?

As portas do balcão estavam abertas e deixavam passar o ar frio do exterior. Ela se aproximou. Tinha o sangue tão quente que não lhe importou a temperatura glacial. Maddox estava agarrado ao corrimão, de costas para ela, com o cabelo úmido e despenteado. Tinha os ombros muito largos, nus, bronzeados.

Nunca o tinha visto as costas.

Tinha uma mariposa enorme tatuada na pele. Chegava desde seus ombros até a cintura. Era vermelha, fosforescente, e tinha um aspecto furioso. De maldade, parecia que ia saltar de seu corpo e parti-la em dois, para Ashlyn pareceu estranho. Geralmente, as mariposas eram criaturas delicadas e nunca imaginou que pudessem ser tão ameaçadores. Nem tampouco que um homem tão... bom, tão masculino como Maddox tivesse escolhido aquele desenho para tangir em seu corpo.

—Maddox. —sussurrou.

Ele se voltou como se ela tivesse gritado. Tinha uma expressão dura no rosto e os lábios franzidos. Naquele momento, não era o amante que a tinha deixado tomando banho e tinha ido preparar tudo para passar horas de prazer. Era o guerreiro que tinha tentado abandoná-la no bosque.

—Está tudo bem?

—Há um lençol atado ao corrimão do balcão —disse ele, e apontou para a direita, embora não afastasse os olhos dela. —, sabe algo disso?

Além daquela noite no bosque, ele a tinha olhado com ira muito poucas vezes. Normalmente, sua fúria estava dirigida a outros. Assim, o fato de que aqueles olhos de cor violeta se cravassem nela como um dedo acusador, rodeados de um brilho vermelho muito parecido ao de sua tatuagem, lhe resultava muito desconcertante.

Boas notícias? Embora estivesse zangado, a máscara de esqueleto não tinha aparecido em seus traços. Animada por aquilo, Ashlyn elevou o queixo e caminhou para ele.

—Sim. Sei algo desse lençol.

—Se fosse outra pessoa. —disse ele com tensão —pensaria que tinha atado o lençol ao corrimão para que os Caçadores possam subir e entrar no castelo.

—E pensa isso de mim?

—Não. —respondeu ele, e ela relaxou. Ligeiramente.

—Mas, me diga, para que usou o lençol?

Hora da confissão.

—Te contei que Torin me escondeu, não? Me trancou neste quarto para que seus outros amigos não pudessem me encontrar, algo que ainda não entendo, assim não me pergunte por que. Ouvi você gritar e fiz o que tinha que fazer para chegar até você.

Ele deu um passo ameaçador para ela, e depois se deteve, como se temesse se aproximar muito naquele momento.

—Podia ter caído. —disse.

—Mas não caí.

—Ficou pendurada no ar, Ashlyn.

—Sim.

—Nunca volte a fazer algo assim! —exclamou ele, e naquele momento, cruzou o espaço que os separava. — Entendido?

—Diga a seus amigos que não me tranquem e então não o farei.

Ele abriu os olhos como pratos, não dava crédito ao que tinha ouvido. Acaso esperava receber uma desculpa?

—Vou matar a eles. —grunhiu, e a surpreendeu. — Poderia ter morrido aí fora.

Quando ele a rodeou, Ashlyn viu a morte em seus olhos. Oh, não, não, não, não. Não permitiria que a deixasse ali. Não permitiria que saísse para pegar seus amigos. Naquele momento não. O agarrou sem hesitações, sem medo, apertando a mão ao redor de seus bíceps largo, forte. Grunhindo, ele deu a volta e a olhou.

—Não vou permitir que estrague este dia com mais sofrimento. —lhe disse.

—Ashlyn.

—Maddox.

Ele poderia tê-la empurrado. Poderia tê-la rechaçado, amaldiçoado. Em vez disso, redirigiu suas emoções.

—Poderia ter morrido.

Com um grunhido animal, esmagou seus lábios contra os dela e afundou a língua em sua boca, além dos dentes, empurrando com força.

«Por fim. Obrigado, Senhor, por fim».

Ela percebeu uma mescla de fúria, paixão e calor, e foi o sabor mais excitante que já tinha provado na vida. Embriagador. Imediatamente, seu sangue ferveu.

—Não quero te fazer mal. —sussurrou ele, falando entre beijos.

—Não pode.

—Sim...

—Não, não me fará mal.

Ele inclinou a cabeça enquanto aprofundava o beijo, abrangia mais de sua boca e alimentava uma fome que habitava dentro dela. Ashlyn desfrutou disso; Maddox tinha a paixão mais arrebatadora, e era feroz na hora de mostrá-la e de buscá-la. Como ela tinha querido, como ela necessitava.

—Vou te dar tudo o que deseja, e juro pelos deuses que não te farei mal. —disse ele.

—O desejo, e desejo tudo o que tenha para me dar. Tudo.

Ele a agarrou pelas nádegas e a colocou a seu corpo de tal maneira que lhe tirou o ar dos pulmões. Sem fôlego, rodeou sua cintura com as pernas. Ele a

apoiou contra a parede; Ashlyn notou a pedra fria nas costas, mas não se importou.

O desenfreio nunca tinha formado parte de sua vida. Casa, trabalho, casa, trabalho. Na realidade, sua existência era aquilo. Tinha dito a Maddox que agradecia a solidão, mas a verdade era que às vezes tinha desejado uma carícia com toda sua alma. Qualquer carícia.

E aquilo era mais do que tinha sonhado jamais.

A ereção de Maddox se pressionava entre as coxas abertas, sem entrar em contato com seu corpo, ainda não, mas dura e cálida através de suas calças e da toalha, lhe roçando justamente onde mais o necessitava. Não pode evitar um gemido, se agarrou a ele e afundou suas unhas no peito dele.

Maddox pegou um seio na palma da mão. Sua carícia não foi suave, mas tampouco dura; tinha a dose certa de prazer e de dor. O guerreiro estremeceu, como se estivesse a ponto de perder o controle.

—Sim...

Sim. Ashlyn notou que lhe tremia o ventre, que enviava descargas de calor ao resto do corpo. Se arqueou para frente e para trás para se esfregar contra ele. Nunca tinha estado tão excitada. Nunca tinha querido se afogar, morrer, viver, voar ao mesmo tempo.

—Quer como nos livros que leu? —perguntou Maddox, enquanto lhe mordiscava o queixo e o pescoço.

—Já lhe disse isso. Desejo a você. Só a você.

As dentadas doíam um pouco, mas lhe lambeu cada pontada até que se acalmou, e ao mesmo tempo, acendeu mais o desejo de Ashlyn. Maddox puxou a toalha e lhe beliscou os mamilos. Seus dedos foram um pouco mais bruscos do que tinham sido seus dentes. Em seu peito tinha uma vibração, o som de impulsos que eram tão fortes como os dela.

—Tira a toalha. —ofegou.

Sem esperar a resposta de Ashlyn, puxou finalmente um extremo da toalha e a jogou por cima de seu ombro.

Ashlyn notou o ar gelado na pele. Em vez de abraçá-la para lhe dar calor, ele se voltou para trás e a olhou. Se limitou a olhá-la, de cima a baixo, se deliciando. E seu olhar lhe provocou mais calor que uma carícia: acabou com o frio.

Quando a olhava daquele modo, ela se sentia como uma deusa. Como uma sereia. Como uma rainha.

—Ê preciosa. —disse ele com reverência. — Bela.

Suas mãos seguiram o mesmo caminho que seus olhos. Acariciou-lhe o corpo inteiro, explorou todos os seus cantos.

—Sou sua.

—Ê minha —repetiu ele. Lambeu sua clavícula e deixou um rastro ardente em sua pele. — É a coisa mais perfeita que já vi. —acrescentou, e tomou ambos os seios. —Tem mamilos perfeitos, rosados, feitos para minha boca.

—Prova-os.

Lhe lambeu um mamilo e brincou com ele até que decidiu fazer o mesmo com o outro. Depois a levou ao centro do quarto e ficou de joelhos.

Ashlyn fechou os olhos em absoluta rendição. Quando aquele homem se ajoelhava ocorriam coisas assombrosas. Ele passou uma das mãos por seu ventre enquanto continuava lhe lambendo, e acariciou suas coxas.

Oh! Cada vez que lhe roçava o clitóris, se afastava de novo, antes de explorá-la por completo. Ela esteve a ponto de cair, frustrada. Ele a pegou enquanto lhe acariciava a carne com os dentes.

— Necessito mais. —suplicou Ashlyn.

— Logo.

—Maddox. —disse ela, desesperada. Se ele tivesse deslizado um só dedo em seu corpo, teria chegado ao clímax. Entretanto, não o desejava ainda. Queria explorar a ele. — Quero o acariciar. — sussurrou entre ofegos.

Ele ficou em pé antes que ela pudesse piscar e a olhou com olhos chamejantes. Sem uma palavra, a elevou do chão e a depositou na cama. A seda fresca acariciou a pele quente de Ashlyn. E rapidamente, ficou em cima dela e ela pôde sentir seu peso; lhe resultou muito mais sensual e delicioso do que jamais teria pensado.

A luz do sol o iluminava e criava um halo ao seu redor. Era como um anjo naquele momento, verdadeiramente. Seu anjo. Seu salvador e seu amante.

—Tire as calças. —lhe ordenou.

Seu torso nu a queimava deliciosamente, e Ashlyn não podia esperar mais para sentir suas pernas..., seu membro duro, inchado, sem que nada se interpusesse entre eles.

Maddox não obedeceu. Então, tremulamente, ela pegou a cintura de sua calça para tentar tira-la.

Ele sacudiu a cabeça e a deteve.

—Quando me tirar isso, a penetrarei.—disse em voz muito baixa, grave.

—Bem. Isso é o que quero.

—Não terminei de brincar.

Se elevou ligeiramente sobre ela e lhe passou um dedo pelo abdômen liso.

Oh, Deus.

—Sim, brinca mais. Quero... necessito... mais de tudo aquilo.

Se não permitia que ela tirasse a calça, trabalharia através dela Ashlyn baixou uma mão e o agarrou.

Ele emitiu um assobio e fechou brevemente os olhos para desfrutar do momento.

—Ashlyn.

Era tão grande que ela não pôde fechar os dedos, grosso, cheio, assombroso. Moveu a mão de cima para baixo várias vezes, como o tinha visto fazer na ducha e, por fim, por fim, ele colocou um dedo dentro dela. Ao senti-lo, Ashlyn ofegou.

Ele ficou imóvel.

—Bom?

—Muito bom. —disse ela com um gemido.

Ele começou a mover o dedo para fora e para dentro. Lentamente, no princípio, e depois... mais e mais rápido, fazendo que ela se arqueasse e tentasse apanhá-lo com os músculos e mantê-lo no mais profundo.

—Mais?

—Mais. —sussurrou ela.

Ele introduziu um segundo dedo e a abriu um pouco mais. Lhe apertou as coxas com os joelhos, se rendendo a todos os seus caprichos. Seus olhares se encontraram. Ele tinha uma expressão tensa.

—Está quente. —disse Maddox — Úmida.

—Você é grande, duro. —respondeu ela, apertando-o.

—Sou seu.

—Meu. —repetiu ela. «O desejo para sempre, agora e sempre». — Quero mais.

Ele colocou um terceiro dedo em seu corpo, e lhe encantou, adorou o milagre de estar cheia dele.

—É minha. —disse ele — Está preparada, preciosa?

—Sim. Oh! Sim. —respondeu ela.

Mais que pronta. Teria dado sua vida por experimentá-lo.

— Sim, por favor.

Afundou os dedos em suas costas, o arranhou enquanto ele baixava a calça e a jogava fora da cama de um chute. Não usava roupa de baixo. Por fim estava completamente nu.

—Me olhe.

Ela o fez.

A ponta dura de seu membro a pressionava entre as pernas, mas não tinha entrado em seu corpo. Ela se arqueou para cima para que passasse, mas Maddox não se moveu nem um centímetro. Apesar de que tinha dito que a penetraria assim que se despisse, resistia.

—Necessito um momento para... manter ao espírito... sob controle —disse ele com grande esforço. — Não quer partir. Não quer me deixar. Mas os impulsos...

—Sim, os impulsos...

—Não. São escuros. Violentos e duros.

—Não estou assustada.

Não, estava excitada e desejava possuir a ele e ao espírito. Era uma parte de Maddox, assim também gostaria.

—Deveria estar assustada. —disse ele. — Não tenho feito isto desta maneira há milhares de anos. Não tinha voltado a olhar a uma mulher enquanto...

Ele não terminou, mas ela soube o que queria dizer. Não tinha voltado a olhar a uma mulher enquanto fazia amor com ela. Ashlyn encontrou de novo seu olhar com todo o amor que sentia por ele brilhando em seus olhos. Não tentou dissimulá-lo, não podia.

—Não quero esperar mais.

—Temos que fazê-lo.

Então, ela o apanhou com os joelhos para obrigá-lo a que penetrasse nela, mas ele apoiou a palma da mão na cabeceira e não se moveu. Ashlyn se contrariou; não queria que ele tivesse medo de lhe fazer mal.

—Investe. Morda.

—Não. Com você não.

—Não vou me quebrar.

—Não quero fazer mal a você. —disse ele, se negando a olhá-la. —Não vou fazer mal a você. O prometi.

«Faz com que perca o controle. Lhe demonstre que não pode causar mal a você, faça o que precisa».

Sim, pensou ela. O segurou pelo queixo e o obrigou a olhá-la. Se Maddox se continha naquela ocasião, se continuasse temendo as coisas que queria lhe fazer, deixaria de acariciá-la por completo. A deixaria.

—Me dê tudo o que tem. Vamos, faça-o agora. —rogou ela, com um gemido, tentando apanhá-lo uma vez mais. — Estou tão excitada que de todo o modo me dói.

Os ofegos de Maddox enchiam seus ouvidos.

—Só uns minutos mais. Vou abraçar você, e depois tenho que ir.

Não.

Lhe passou os dedos pelas costas, desfrutando do tato de veludo que cobria aquele aço eletrificado. A tatuagem lhe tinha parecido tão real que quase esperava que tivesse relevo; entretanto, era tão suave e quente como o resto dele.

—Se você não me possuir..., —disse ela, tentando parecer inocente enquanto lhe esfregava as nádegas e notava como os músculos se contraíam — eu possuirei a você.

Sem nenhuma advertência, Ashlyn o atraiu com força para si no momento em que se arqueava para cima. O braço de Maddox se flexionou e sem poder evitar, e deslizou dentro dela. Emitiu um grito de dor e prazer ao mesmo tempo.

Seu controle se fez pedacinhos.

Rugiu com força e começou a investir uma e outra vez. Ela ofegou. O sentia tão profundamente que já não poderia pensar em si mesma como Ashlyn. Se transformou na mulher de Maddox.

Lhe mordeu o pescoço, e ela se pôs a tremer; ele continuou investindo, empurrando. Toda a cama se movia; as pernas de metal chiavam contra o chão. Lhe agarrou um dos joelhos e a sujeitou contra a curva de seu braço, lhe abrindo mais as pernas para poder se afundar mais e mais nela.

—Sinto muito. —murmurava. — Sinto.

—Não, não sinta... Sim, sim! —gritou ela.

O ritmo se incrementou, e as investidas se fizeram mais intensas.

—Ashlyn. —ofegou Maddox — Ashlyn.

Ela estava ardendo por dentro e por fora. O pulso de seu corpo seguia a mesma cadência que os ataques de Maddox. Sem poder evitá-lo, movia a cabeça para um lado; tinha esquecido tudo, salvo o prazer.

Lhe beliscou os mamilos, e aquilo a excitou mais.

Lhe arranhou o pescoço com os dentes, e isso a enlouqueceu mais.

Lhe apertou as coxas com força, e conseguiu que seu desejo se intensificasse.

—Sinto muito. —disse de novo — Sinto. Queria ser suave...

—Eu adoro assim. Quero mais. —gemeu ela.

O suave chegaria mais tarde, depois de que sua necessidade se saciasse. Depois que ele se desse conta que ela podia aceitar prazeirosamente o que ele tivesse que lhe dar. Já estava quase ao bordo do êxtase, só necessitava...

Lhe enredou a mão no cabelo e puxou sua rosto para si para beijá-la e lhe afundar a língua na boca. Seu sabor a alagou como uma droga. Naquele instante, ela estalou. As chamas do prazer a consumiram.

Todo seu corpo se estremeceu e soluçou. De seus lábios escapou um grito, enquanto uma luz branca lhe atravessava a mente. Estava morrendo lentamente. Voando para o céu.

—Ashlyn...

Maddox também gritou ao gozar. A cálida semente se pulverizou dentro dela, e ele sentiu uma tensão incrível nos músculos.

—Minha. —sussurrou, e voltou a mordê-la no pescoço como se não pudesse evitar.

Naquele momento, a fez sangrar.

Deveria ter doído em Ashlyn. Doía, mas foi tão gostoso que voltou a chegar ao orgasmo. Tremeu e se arqueou contra ele, gemendo pelo prazer embriagador que sentiu.

Nunca teria pensado que o prazer e a dor podiam se mesclar com tanta força. Nunca teria pensado que uma coisa desencadeava a outra. Mas assim era. E se alegrava. Ele desabou sobre ela, ofegando de novo.

—Sinto muito, sinto muito. Não queria...

—Não quero desculpas. Me sinto feliz...— disse cheia de satisfação enquanto notava seu peso. — Quero que seja sempre assim. Ele rodou pelo colchão, a levando consigo. Completamente lassa, ela se deitou sobre seu peito. Ele a abraçou e acariciou suas costas.

—Teria gostado mais se tivesse sido suave. Sobretudo em sua primeira vez. Lentamente, ela sorriu.

—Duvido, mas estou disposta a permitir que tente me convencer.

O assombro se apoderou dele. Em menos de uma fração de segundo, ela estava montado sobre seu corpo.

—Será um prazer.

Capítulo 19

Maddox não tinha se sentido tão satisfeito em toda sua vida. Nunca, em seus milhares de anos de existência.

Tinha feito amor três vezes com Ashlyn, e naquele momento, ela estava adormecida a seu lado, aconchegada em seu flanco. Sua respiração lhe acariciava as costelas. Depois de fazê-lo depressa e com dureza, o tinham feito lentamente, com ternura, e depois ela tinha afirmado que precisava recordar como era depressa e com dureza para decidir o que gostava mais.

Ele tinha ficado assombrado por suas palavras, porque lhe tinha mostrado o pior de si, à besta, a parte de si mesmo que desprezava, mas ela não tinha saído correndo apavorada. Não tinha chorado. Não. Tinha pedido mais.

Maddox sorriu ao se lembrar. Era um sorriso verdadeiro, sem freio. Quando o espírito tinha ordenado a Maddox que a marcasse, ele não tinha podido fazer outra coisa que obedecer. Por isso a tinha mordido e a tinha feito sangrar. Tudo o que era virtuoso dentro dele se removeu, tinha gritado e protestado de vergonha. Entretanto, ela tinha gostado. Inclusive tinha mordido a ele. E Maddox se sentia livre. Não tinha que temer suas reações com ela. Não tinha que ter medo.

Ashlyn era tudo o que ele sempre tinha necessitado, era aquilo sem o qual não podia viver. Ela...o tinha domesticado. Tinha encantado ao espírito. Lhe tinha contado seu plano de ficar com ela, e o tinha dito muito a sério. Ashlyn lhe pertencia, naquele momento e para sempre.

Lentamente, passou um dedo pela sua espinha dorsal. Ela murmurou algo em sonho e se aconchegou mais contra ele. Seu calor o atravessou. Era um tesouro. Ele tinha ido ao bosque em busca de um monstro e no lugar disso, tinha encontrado a salvação.

Com Ashlyn, Violência não era violento de verdade. Se transformou em algo belo. Escuro, sim. Sempre seria escuro. Mas de um modo sensual. Não malvado, a não ser cheio de necessidade. Não destrutivo, a não ser possessivo. Dois dias antes, Maddox não teria acreditado que aquilo fosse possível.

Ashlyn. A domadora de demônios.

Ele riu brandamente, com cuidado de não despertá-la. Depois de seus excessos, ela precisava conservar a energia. Maddox pensava repetir tudo mais tarde...

No piso abaixo ressoou uma portada. Alguém soltou uma maldição. Maddox reconheceu aquela voz de barítono. Reyes tinha voltado.

Imediatamente, sua satisfação se transformou em ira. Reyes e ele tinham um assunto sem terminar. Maddox tinha que fazer uma advertência, algo que desse a entender ao guerreiro que se tentasse machucar Ashlyn, enfrentaria às consequências.

Maddox se levantou da cama sem incomodar sua mulher. Ela tinha os olhos fechados, o rosto rosado.

Rapidamente, se vestiu. Camiseta, calças, botas, adagas. «Ela é nossa. Ninguém lhe faz mal». O espírito também queria vingança, estava fervendo sob sua pele, em seu sangue, estendendo chamas, fundindo tudo, mas... Maddox não perdeu o controle.

«Estou furioso, e entretanto, sou eu quem dita minhas próprias ações», pensou com assombro. «Eu dito».

Era estranho. Também maravilhoso, estimulante. E devia aquele novo controle a Ashlyn.

Com um último olhar para ela, Maddox saiu do quarto. A cada passo que dava, o humor do espírito piorava. Entretanto, não conseguiu recuperar o domínio da situação. Pertencia a Maddox.

Encontrou Reyes no vestibulo, mas o guerreiro não estava sozinho. O resto dos Senhores também estavam ali, todos eles feridos, sangrando e cheios de fuligem. Também tinha uns homens que Maddox não reconhecia...

«Não, não é possível», pensou.

—Sabin?

Ninguém prestou atenção. Sabin estava muito ocupado tirando a camiseta para observar um corte muito feio que tinha na lateral. Lucien estava apoiado no ombro de... Strider. Carneio estava sentada no chão, com as pernas flexionadas e apoiadas no peito. Tinha o lado esquerdo da rosto queimado. Gideon e Amun estavam apoiados contra a parede; como se não pudessem se manter em pé.

Ver aqueles guerreiros depois de tantos anos foi como um golpe no estômago. O que estavam fazendo ali? Por que tinham ido ao castelo?

Paris grunhiu e chamou a atenção de Maddox. Tinha o antebraço quebrado e o osso aparecia pela pele. Aeron estava... Maddox franziu o cenho. Aeron estava algemado ao corrimão, e amaldiçoava raivosamente. Tinha um corte na frente e estava sangrando.

—Matar. Tenho que matar —dizia com maldade. — Necessito seu sangue. Mmm. Sangue.

Tal e como tinham dito os Titãs, Ira devia ter tomado o controle de seu amigo. Isso significava que a necessidade de matar aquelas mulheres o estava consumindo. Teria que estar encadeado desde aquele momento até que os Senhores encontrassem a maneira de as salvar, ou até que estivessem mortas?

Ao pensar nisso, Maddox sentiu ódio. Ódio para os Titãs, por levar à aquele ponto seu amigo. Ódio para os Gregos, por sua maldição inicial, para os Caçadores por sua perseguição implacável e, sobretudo, ódio por si mesmo por ter aberto a caixa naquela noite catastrófica.

—O que aconteceu? —perguntou. — Acionaram alguma de nossas armadilhas da colina?

Alguns dos guerreiros o olharam, embora a maioria não lhe prestasse atenção.

—Não. —murmurou Sabin. — Essas evitamos.

—Foi uma bomba. —disse Reyes, sem se incomodar em elevar a vista. Estava se desfazendo das botas, que tinham se fundido nos pés. Sorria.

—Uma das nossas? —insistiu Maddox, que não confiava em Sabin.

—Não. Sei o suficiente para não fazer voar a mim mesmo pelos ares — replicou Reyes com um suspiro, e finalmente se dignou a olhá-lo. Estava confuso. — Por que não está me insultando?

Em uma fração de segundo, Maddox desencapou as duas adagas e as lançou. Ambas se afundaram a centímetros por cima dos ombros de Reyes e de Lucien, na parede.

—Não o duvidem. Se alguma vez mais pensem em fazer algo semelhante, os matarei.

Lucien o olhou sem emoção. Parecia que estava calmo, mas Maddox sentia que sob sua aparência serena fervia algo. Tinha tensão no rosto, como se fosse um bloco de gelo ao que tinham golpeado várias vezes. Ia se quebrar?

—Deveria estar contente de que não a encontrássemos. Eu estou. Os Caçadores nos enganaram. Nos atraíram para um lugar concreto e nos receberam com bombas.

Bombas. Então tinha começado uma verdadeira guerra. Maddox baixou o resto dos degraus com os dentes apertados. Rodeou Aeron, e recebeu seu murro na coxa. Supôs que aquilo era melhor que receber uma punhalada.

—Então por que Sabin está aqui? —Perguntou sem olhar ao guerreiro em questão— Ele trouxe os Caçadores?

—Parece que os Caçadores já estavam aqui. Sabin os seguiu, e agora quer que o ajudemos a encontrar o dimOuniák.

Reyes atirou as botas destroçadas a um lado. Tinha os pés em carne viva.

—Sinto que tenhamos trazido nossos velhos amigos a sua casa. —disse Paris enquanto golpeava o braço; quebrado contra a parede para colocar o osso em seu lugar. Se estremeceu de dor e empalideceu. — Mas as decisões que se tomam quando se têm os miolos esparramados pela pista de dança de uma discoteca são assombrosas.

Lucien se apoiou na parede e se inclinou para frente com um gesto de sofrimento.

—Quando nos recuperarmos, os Caçadores tinham partido. Não tinham deixado rastros, e não sabíamos se teriam ido esperar no hotel de Sabin. Aqui, ao menos, sabíamos que todos íamos estar certos, porque Torin tem o castelo vigiado.

—Sabiam o que estavam fazendo, é evidente que levaram muito tempo se preparando—disse Reyes. — O que queria saber é por que não aproveitaram para nos cortar a cabeça quando estávamos inconscientes.

—Estão planejando outra coisa. —disse Paris, girando o ombro. —Tem que ser isso.

Todo mundo se voltou para Sabin.

Ele deu de ombros.

—Saíram atrás de sangue. Podem esperar qualquer coisa.

Reyes assentiu.

—Deveríamos nos reagrupar e encontrá-los antes que ataquem.

Sabin limpou o rosto com a camiseta e disse:

—Lembro uma época em que preferiram romper com seus amigos antes de atacar os Caçadores.

—Não —replicou Lucien. — Nos separamos de amigos que queriam destruir uma cidade inteira e a todos os seus habitantes. Nos separamos de amigos que atacaram a um dos nossos.

Sabin afastou o olhar.

Maddox se fixou, um por um, em todos os presente.

—Onde está Torin?

Lucien ficou tenso.

—Não voltou do cemitério?

Cemitério? Torin tinha saído do castelo? Que coisas mais, Maddox perdeu enquanto estava morto?

—Não acredito. Eu não o ouvi entrar, mas estava ocupado.

Com o cenho franzido, Sabin tirou o transmissor.

—Kane, ouve-me?

Nada.

—Kane.

Olharam uns aos outros.

Lucien passou a mão pela mandíbula com expressão de angústia.

—Temos que encontrar Torin antes de que o façam outros. Procura ataduras, Maddox, e vêm nos buscar no andar de cima. Quero sair dentro de dez minutos.

De repente, Maddox percebeu uma exclamação de assombro feminina. Deu a volta e viu Ashlyn no alto da escada, com o cabelo solto e os olhos totalmente abertos. Usava uma das camisetas de Maddox e a calça negra que lhe tinha deixado antes e que ficavam tão grandes.

Em segundos, ele chegou a seu lado e a arrastou atrás de si para a afastar da vista de todos. Não sabia se podia lhe apresentar aos novos membros da família... Na realidade, não. Já não. Tinha passado muito tempo para que ele sentisse aproximação com eles.

—Suponho que não tenho que perguntar a quem pertence a humana —disse Sabin com ironia.

—O que aconteceu com vocês? —Perguntou Ashlyn com espanto, olhando por cima do ombro de Maddox. — Estão ensangüentados. Quem são os novos?

—Explodiu uma bomba. Os novos são guerreiros... como nós.

—Cinco minutos e uma faca —gritou Aeron, puxando as algemas— É apenas o que necessito.

Ashlyn empalideceu e se agarrou ao braço de Maddox.

Reyes se aproximou do prisioneiro e golpeou sua rosto várias vezes, até que Aeron caiu ao chão. Maddox ouviu Aeron murmurar uma palavra de agradecimento.

Enquanto os guerreiros subiam com muita dificuldade as escadas, Maddox manteve Ashlyn atrás dele. Quando ficaram sozinhos, se voltou para ela e lhe acariciou a bochecha.

—Volta para meu quarto, por favor. —lhe rogou— Eu irei para lá o assim que possível.

—Eu posso ajudá-los, e as outras mulheres também. Danika me ajudou quando estava doente, não se lembra? É boa nos momentos de crise. Como eu.

Ele sacudiu a cabeça.

—Não quero que se aproxime deles.

—Se for ficar aqui, tenho direito a conhecer seus novos amigos.

—Nem todos esses homens são meus amigos. Aos que o são pode conhecê-los outro dia. Neste momento, tem que descansar.

—Não. Me nego a ficar na cama todo o dia quando posso ser produtiva.

—Descansar é produtivo.

—Não.

—Não conheço alguns desses homens, Ashlyn. Já não. Se algum tentasse fazer mal a você...

Por tão somente pronunciar aquelas palavras, sentiu uma profunda raiva.

—Quero ajudar. Nunca tinha sido parte de uma família. Me deixe ajudar, Maddox.

Um nó se formou na garganta dele. Não podia negar nada aquela mulher. Nem sequer aquilo. Observaria atentamente aos homens, mas não impediria que Ashlyn prestasse ajuda.

—Vá a meu quarto e pegue todas as toalhas que possa —lhe disse. Ele sempre tinha toalhas de sobra. — Sabe onde é a sala de jogos?

Ela disse que não e ele o explicou. Quando terminou Ashlyn sorriu.

—Obrigada.

Ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo nos lábios.

Ele não deveria tê-lo feito, mas imediatamente, lhe devolveu o beijo profundamente e a aprisionou contra a parede. Ashlyn fazia que ele esquecesse tudo, salvo o desejo. Lhe passou uma perna pela cintura e a paixão se apoderou deles. Ashlyn gemeu. Ele bebeu o som. Delicioso.

— Maddox! —gritou Reyes do outro extremo do corredor. — É para hoje!

Com dor, ele se separou de Ashlyn. Era melhor assim. Se seguiam se beijando, possivelmente esquecessem seus amigos e seus inimigos.

—Foi... muito agradável —sussurrou ela.

Maddox sentiu o impulso de seguir acariciando-a, mas se deteve a tempo. Não podia. Naquele momento não.

— Maddox — insistiu Lucien.

—Vai vir? —gritou Reyes.

—Toalhas. —disse ele a Ashlyn.

Depois deu a volta e começou a caminhar antes de pensar em ficar com ela.

«Esse homem me faz arder», pensou Ashlyn enquanto observava Maddox se afastar pelo corredor. Ele dobrou a esquina e desapareceu, mas ela ainda tinha o pulso acelerado.

Sonhadoramente, passou os dedos pelos lábios. Então ouviu o grunhido de dor de um homem, uma imprecação, e se apressou. Não tinha tempo de sonhar com Maddox naquele momento.

Aquela noite, quando saísse do castelo para escutar conversações, para ver se podia averiguar o modo de romper a maldição de morte, averiguaria também onde tinha tido lugar a explosão e se tivesse sorte, poderia ouvir onde se escondiam os Caçadores, e como podia salvar Maddox da morte.

Provavelmente, tinha muitas esperanças, mas a esperança sempre era uma emoção muito tola.

De repente viu um rastro de sangue no chão e ficou boquiaberta de horror. Então se deu conta de que os guerreiros feridos deviam ter passado por ali, e relaxou.

«...em algum lugar, não?».

Aquele pequeno retalho de conversação de repente lhe atravessou a mente e a surpreendeu. Os imortais novos? Ashlyn se deteve e escutou, mas não percebeu nada mais. Estranho. Aquilo era a voz de um homem, e não estava ali fazia um momento.

Deu outro passo. Nada. Trocou de direção e deu outro passo.

«Sim, acredito que sim».

Ali tinha mais. Engoliu em seco e continuou nessa direção...

«Venham por aqui... onde estão... esperemos que sigam fora... perdemos muitos homens com essas armadilhas... demorariamos muito em limpar o sangue... sabem... lutar...».

...e logo, Ashlyn se viu ante a porta do quarto de Danika.

Ah, demônios. Alguém, várias pessoas, tinham entrado lá. Então, não eram os novos imortais. Estariam dentro ainda? Teriam feito mal às mulheres? Ashlyn pegou o trinco com a mão trêmula, mas não o moveu. Possivelmente deveria correr para avisar Maddox.

Os intrusos podiam ser Caçadores.

Se eram os mesmos homens que tinham posto a bomba na discoteca, podiam estar pondo outra bomba ali. Se separou da porta com intenção de avisar Maddox. «Não pode deixar Danika e às demais aqui sozinhas, Darrow».

—Estarão bem. —sussurrou.

Segundo Maddox, os Caçadores só queriam caçar a Imortais. Verdade? Verdade. Deu outro passo para trás. O mais inteligente seria contar tudo a Maddox. Ele podia detê-los, ela não.

Entretanto, ao dar outro passo, escutou claramente outra conversação.

« Onde está?»

«Oxalá, soubesse».

« Acha que... a mataram?».

«É possível. São demônios, assim pode ter acontecido o pior». Uma pausa, um suspiro. «Maldita seja, deveria ter posto mais guardas».

Ashlyn se deu conta de que quem falava era seu chefe. McIntosh estava ali. Ela deveria ter se sentido aliviada ao saber e contente porque ele se preocupasse o suficiente para procurá-la. Entretanto..., tinha posto guardas para segui-la? E como se infiltrou na fortaleza?

«Ashlyn, carinho. Se ouvir isto, venha se encontrar conosco no Gerbeaud às...».

«E se a têm encerrada? Não poderá sair daqui por si mesma».

«Silêncio. Ouço passos que se aproximam».

Depois, silêncio. Passou os dedos pela testa, tentando pensar com clareza. Eles estavam ali ainda? O que faria Maddox se os encontrava? O que fariam eles a Maddox? Sentiu pânico.

«Está bem, está bem. Pensa, Darrow. Pensa».

No final, não teve que tomar a decisão.

A porta se abriu, e McIntosh olhou para o corredor. Abriu muito os olhos ao vê-la. Seu rosto familiar a reconfortou, mas pela primeira vez, também fez que com se sentisse insegura.

— Ashlyn! Está viva!

— McIntosh, eu... eu...

— Silêncio, aqui não.

Estirou um braço, a puxou para o quarto e fechou a porta silenciosamente. A primeira coisa que viu foi Danika e sua família, que estavam inconscientes no chão.

— Oh, Meu Deus.

Se moveu para elas, mas seu chefe a certou e a manteve em seu lugar. Tinha mais homens pelo quarto, procurando algo; Ashlyn não os reconheceu. Nunca os tinha visto no Instituto.

Um dos homens tossiu. Tinha sangue nas mãos. Deus Santo. Tossiu de novo, se dobrando para frente. Estava muito pálido, e tinha profundas olheiras. Outra tosse.

— Se cale. —lhe sussurrou McIntosh com ferocidade.

— Sinto muito. Minha garganta dói.

— Faz cinco minutos não doía.

— Agora... sim...

Ashlyn escapou da mão de seu chefe e se aproximou de Danika.

— Está...?

Buscou-lhe o pulso. Pulsava normalmente, graças a Deus.

— Só estão adormecidas —disse McIntosh.

Ela se sentiu aliviada.

— Por que fez isto? Por que as deixou inconscientes?

Enquanto falava, começou a perceber conversações.

«Quem são?», perguntou Danika. «O que fazem aqui?».

«Eu farei as perguntas. Quem são vocês?» inquiriu seu chefe.

«Prisioneiras».

«Também estavam procurando a caixa?».

O coração de Ashlyn se encolheu ao escutar a pergunta.

«Que caixa?», perguntou Danika, em um tom de voz confuso.

«Lhe disseram onde está?», insistiu McIntosh com nervosismo.

Ele deve tê-la agarrado, porque ela gritou:

«Me solte!».

«Lhe disseram isso?».

«Reyes! Reyes, me ajude!».

«Se cale ou me verei obrigado a te silenciar».

«Reyes!».

Deve ter tido uma resistência, porque Ashlyn ouviu bufos e grunhidos de esforço, os soluços da família de Danika e, de repente, silêncio. Mais conversação sobre drogar às mulheres e as usar mais tarde como isca, se fosse necessário.

Ashlyn se deu conta, com horror, de que eram Caçadores. Ela tinha suspeitado aquela tarde ao falar com Danika, mas tinha afastado a idéia da cabeça e se recordou quão nobre era o Instituto. Para ser sincera, em parte tinha pensado que ninguém poderia lhe ter ocultado algo assim. Entretanto, aqueles homens eram Caçadores. Não podia negá-lo. Abriu os olhos e os cravou em seu chefe.

Sentiu náuseas. Ele tinha sabido durante todo o tempo da caixa. Tinha estado procurando, mas não o tinha dito. Deus santo.

Tinha mentido a ela. Ela tinha dedicado toda sua vida a uma causa que não existia. McIntosh lhe tinha lido contos de fadas quando era pequena, tinha dito que era especial, que tinha uma grande tarefa. Ela pensava que estava ajudando a fazer um mundo melhor. Pelo contrário, tinha ajudado a matar pessoas, possivelmente a pessoas inocentes. Se sentiu traída, tanto, que quase caiu de joelhos.

—Não estuda as criaturas que eu encontro para o Instituto, não é? — perguntou, ao Caçador.

—Claro que sim —respondeu ele, ofendido — Sou um cientista. Nem todos os empregados do Instituto são Caçadores, Ashlyn. Você é a prova disso. Noventa por cento do trabalho é só observação. Entretanto, quando descobrimos o mal, acabamos com ele. Sem piedade.

—E quem lhes concedeu esse direito?

—A moralidade. O bem. Ao contrário dos demônios que vivem aqui, eu não sou um monstro. O que faço, faço pelo bem do mundo.

—E como é possível que eu não soubesse? Como é possível que não o tenha ouvido alguma vez?

Ele elevou o queixo. Com o olhar, estava rogando a Ashlyn que fosse inteligente.

—O trabalho sujo só uns poucos o fazem. E nunca falamos disso nas instalações do Instituto.

Tampouco lhe deixamos entrar nos lugares onde têm estado.

—Tantos anos. —disse ela, e sacudiu a cabeça, assombrada. — Não é de estranhar que não me perdesse de vista. Não queria que topasse com uma informação que não devia ter.

—Quer informação? Posso te mostrar fotografias de coisas que têm feito estes demônios. Coisas que a fariam vomitar. Te daria vontade de arranhar seus olhos para não voltar a ver nada semelhante.

Ela apertou o estômago.

—Deveria ter me dito a verdade.

—Queria que permanecesse tão afastada disso como fosse possível. Me importa, Ashlyn. Sabíamos que tinha dois grupos de demônios. Levamos anos lutando com um deles, e sempre estivemos procurando o outro. Então, uma de nossas agentes descobriu Promiscuidade. Trouxemos você para Budapest para que escutasse e averiguasse tudo o que pudesse sobre este novo grupo. Se pensava que você não iria se aproximar deles.

Todo o trabalho de sua vida tinha resultado ser algo malicioso e doente. «Que parva fui», pensou.

—Veio para matar estes homens, mas eles tratam as pessoas de Budapest com bondade. Doam dinheiro e mantêm muito baixos os níveis de delinquência

na cidade. Se mantêm isolados e mal saem. Vocês puseram uma bomba em uma discoteca.

McIntosh se aproximou de Ashlyn com uma expressão decidida no rosto.

—Não viemos para matá-los. Não podemos matá-los ainda. Faz anos se descobriu que matar a um Senhor equivalia a liberar o demônio que albergava. Não, estamos aqui para capturar aos guerreiros. Quando encontrarmos a caixa de Pandora, encerraremos aos demônios e nos desfaremos dos corpos dos homens que os albergavam. Você averiguou tudo isto, não se lembra? —ele a certou pelos ombros e a sacudiu— Sabe onde está? Lhe disseram isso?

—Não.

—Tem que ter ouvido algo. Pensa, Ashlyn.

—Já lhe disse isso. Não sei onde está.

—Não quer viver em um mundo livre do mal? Livre das mentiras, da miséria e da violência? Você ouve mais em um dia do que ouve uma pessoa em toda sua vida —disse McIntosh, enquanto a observava atentamente com o cenho franzido — Estimulei seu dom durante anos. Te dei um lugar para viver, comida e uma vida serena. Apenas pedi em troca que usasse seu dom para encontrar às criaturas que vivem entre nós.

— E eu sempre o fiz. Entretanto, não ouvi nada sobre a caixa —insistiu ela.

—Tem que tê-lo ouvido. Você não foi prisioneira, como estas mulheres. Estava caminhando livremente pelo corredor.

Enquanto falava, abriu muito os olhos como se acabasse de se dar conta de uma revelação assombrosa. Soltou-a, meteu a mão no bolso e tirou uma seringa de injeção que continha um líquido transparente.

—Passou a trabalhar para esses monstros, Ashlyn? É isso o que está acontecendo? Esteve trabalhando para eles desde o começo?

Ashlyn estava muito assustada. Deu um passo atrás, e depois outro. Suas costas se chocaram contra uma parede e ela tentou se afastar de um salto, mas braços fortes a apanharam. Não era uma parede, então. Era um homem. Um Caçador. Ashlyn lutou para escapar.

—Onde está a caixa, Ashlyn? —perguntou o doutor— É a única coisa que quero. Me diga onde está e a deixarei partir.

«Se acalme», disse-se Ashlyn. «O distraia de algum modo».

Ao ver que ela não aparecia com as toalhas, Maddox iria procurá-la.

—É um Caçador, mas não usa a tatuagem no pulso. Por que?

Ele puxou a manga da camisa para cima.

—Me assegurei de que não a visse. Minha mãe me levou para que me fizesse isso no dia que fiz dezoito anos, quando fiz o juramento de continuar com a tarefa encomendada a minha família.

Como era possível que ela não soubesse? Se sentia uma estúpida. A mulher que acreditava que ninguém podia enganá-la... e que tinha sido enganada durante anos. A vergonha e a culpa se uniram ao medo e ao sentimento de traição que albergava.

«Que siga falando».

—E por que é o símbolo do infinito? —perguntou com um fio de voz.

—Nosso propósito é conseguir a eternidade sem o mal. Que melhor símbolo?

—Mas os homens que vivem aqui não são malvados. Cuidaram de mim e me ajudaram. Se os conhecesse...

O ódio cobriu o semblante de McIntosh.

—Conhecer um demônio? Essas criaturas destruíram Atenas, Ashlyn. Não pode imaginar a quantas pessoas mataram, toda a dor que causaram...

—Mas se lhes faz mal, se converte em um ser tão maligno como diz que são eles. Você não matou pessoas para chegar até eles?

Sem aviso prévio, ele cravou a seringa de injeção no seu pescoço. Ashlyn sentiu uma aguda dor, uma rajada de calor.

Tentou se retirar, mas foi muito tarde. De repente estava tão enjoada que não podia se mover. Uma estranha letargia se apropriou de seu corpo.

—Dorme —ordenou McIntosh.

E ela dormiu.

Capítulo 20

Maddox não podia acreditar no que estava vendo. Era uma alucinação? Um pesadelo? Acabava de deixar aos guerreiros feridos para ir ao quarto de Torin, para checar se seu amigo tinha voltado. Para sua angustia tinha detectado manchas de sangue pelos corredores. E quando chegou à porta do quarto, viu Torin caído no chão, em meio de um atoleiro de sangue espesso, tão escuro que parecia negro. Inclusive seu cabelo prateado estava manchado daquele líquido letal.

Torin tinha um profundo corte no pescoço.

Alguém tinha tentado cortar sua cabeça, mas não tinha conseguido, ou lhe tinham feito uma ferida para incapacitá-lo, coisa que sim tinham obtido. O guerreiro tinha os olhos fechados, mas seu peito se subia a cada poucos segundos. Ainda estava vivo, por quanto tempo?

Maddox notou o sabor amargo da bÍlis na boca, sentiu raiva, determinação. Quem tinha feito aquilo a Torin? Olhou o quarto, mas não tinha nem rastro de nenhum Caçador...

Chamou seus amigos a gritos e refletiu sobre o que podia fazer. Torin era como um irmão para ele. Não podia deixá-lo ali sozinho, sofrendo. Entretanto, tampouco podia tocá-lo. Embora Maddox não adoecesse, contagiaria com a enfermidade Ashlyn.

A teria encontrado também o culpado? Não. Não! Tinha que ajudar Torin e encontrá-la.

De novo chamou os guerreiros.

Com urgência, entrou no banheiro e tirou do armário um dos muitos pares de luvas negras que Torin tinha guardados. Os pôs rapidamente e depois enrolou uma camisa negra no pescoço para proteger toda a pele.

Se agachou e pegou ao ferido nos braços. O levou até a cama e lhe tapou a ferida com uma camiseta, apertando com força.

Era estranho estar tão perto de Torin depois de séculos de distância.

Lentamente, Torin abriu os olhos, e Maddox se deu conta de que os tinha cheios de sofrimento. Violência se preparou para a batalha, afiou suas garras, exigiu ação.

—Caçadores —sussurrou Torin. A palavra mal foi audível—. Estava na colina, e vinham para cá. Lutamos, queriam a caixa..., me tocaram. Pegaram Kane. —disse com grande esforço. Logo perdeu os sentidos.

Depois de fazer tudo o que estava em suas mãos, Maddox saiu correndo do quarto para procurar Ashlyn e os outros. «Se acalme», disse-se. «Ela está bem». Mas só pensando que podia resultar ferida, ou algo pior...

— Ashlyn! —se os Caçadores a tinham pegado depois de tocar em Torin, podia morrer de enfermidade. A visão de Maddox se nublou de uma maneira muito familiar.

Ashlyn não estava em seu quarto, e não parecia que tivesse passado por ali. As toalhas estavam intactas. Tampouco tinha rastro dela no quarto das mulheres. De fato, Maddox não a encontrou. Não!

Pela extremidade do olho percebeu um brilho prateado. Saiu ao balcão e viu que tinha um cabo de rappel preso ao corrimão. O cabo descia até o chão.

Homem e espírito bramaram ao unísono. Não tinha rastro dos Caçadores na colina, o qual significava que já estavam a boa distancia dali. E tinham Ashlyn. Os Caçadores tinham tocado em Torin, e depois tinham tocado em Ashlyn.

Maddox correu para a sala de jogos. Pelo caminho tirou as luvas e as jogou no chão.

—E as toalhas? —perguntou Lucien ao vê-lo. Era evidente que não tinha ouvido Maddox pedir ajuda. Entretanto, ao ver a expressão de seu amigo franziu o cenho.

Maddox explicou a todos o que tinha acontecido. Outros empalideceram.

—E Danika? —perguntou Reyes com a voz rouca.

—Não está.

Reyes fechou os olhos com força.

—Torin necessita atenção médica. —disse Paris— Como vamos fazer isso?

—Terá que se curar por si mesmo. Por todos os deuses, vai ter uma praga —disse Lucien gravemente.— Já não podemos pará-la.

Maddox apertou os punhos.

—Não me importa se houver uma praga ou não. Minha mulher está aí fora, e vou fazer todo o possível para salvá-la.

Strider deu um passo adiante.

—Kane estava no cemitério com Torin, talvez ele os tenha seguido. O viu?

—Torin me disse que houve uma batalha na colina. Apanharam Kane.

—Maldito seja. —disse Sabin com raiva, e deu um murro na parede. Como era possível que um dia com tão boas expectativas tivesse resultado tão nefasto?

—Irei à cidade com você. —anunciou Reyes. Limpou a fuligem do rosto, mas ainda tinha os pés em carne viva.

—Eu revistarei o resto do castelo —grunhiu Lucien com um brilho de fúria nos olhos. — Quero me assegurar de que não estão escondidos aqui dentro.

Depois de ver o cabo pendurando do balcão, Maddox duvidava.

—Cinco minutos. —disse a Reyes, e saiu correndo para seu quarto para recolher suas armas.

Os Caçadores iriam sofrer aquela noite.

Reyes observou Maddox com espanto.

Tinham percorrido as ruas de Budapest até que, finalmente, tinham dado com um grupo de Caçadores. Naquele momento estavam no bosque, rodeados de árvores e a salvo dos olhares curiosos das pessoas. Tinha anoitecido, e a lua derramava sua luz débil sobre a natureza, as bestas e os humanos por igual.

Maddox tinha atacado sem prévio aviso.

Usava o véu de Violência, e já não era uma mera sombra. Tinha dominado seu rosto por completo, e seus traços se transformaram em uma máscara esquelética. Rapidamente tinha matado a três dos Caçadores de uma navalhada no pescoço, como eles tinham tentado fazer com Torin. Caíram no chão um por um, mortos.

Reyes não se moveu. Não estava certo de que Maddox fosse consciente de onde estava nem de com quem lutava. E se Reyes intervinha, suspeitava que possivelmente o esfaqueasse também.

Sua raiva era tão intensa como a de Maddox. Por algum motivo se sentia responsável por Danika e estava furioso porque a tivessem levado ante seus narizes. O que importava que já estivesse marcada pela morte?

—Onde está seu líder? —perguntou Maddox em voz baixa ao único Caçador que tinha ficado com vida. O homem choramingou. Tossiu.

— Só vou lhe perguntar isso uma vez mais —disse Maddox, e o Caçador voltou a tossir—. Aonde levaram às mulheres?

—McIntosh não nos disse —respondeu tremulamente o Caçador—. Só nos disse que vigiássemos a cidade e que o avisássemos por rádio se vissemos algum dos Senhores. Exceto a senhorita Darrow, não acreditávamos que houvesse mais mulheres no castelo. Por favor. Só querem a garota e a caixa. Por isso queriam; entrar na fortaleza. Isso é tudo.

Reyes se aproximou e pegou o rádio que um dos corpos tinha preso com uma correia. O enganchou ao cinturão, com intenção de escutar e averiguar o que pudessem. Naquele momento só havia silêncio.

Maddox o olhou e Reyes assentiu. Sem uma palavra de advertência, Maddox rompeu o pescoço do homem e deixou que caísse sobre seus amigos. Não podiam permitir que permanecesse com vida. Era um Caçador, e estava infectado. Além disso, tinha tomado parte no desaparecimento de Ashlyn.

—O que fazemos agora? —perguntou Reyes olhando ao céu. Em parte, tinha a esperança de que a resposta caísse das estrelas.

—Não sei. —disse Maddox.

Estava desesperado. Sabia que, se não encontrassem logo Ashlyn, teria que esperar o dia seguinte para continuar com sua busca, quando voltasse da morte. E se tivesse que esperar, se Ashlyn tivesse que passar toda a noite com os Caçadores...

Maddox queria matar a todos.

—Vamos revistar a cidade outra vez. Tem que ter algum rastro —propôs Reyes.

— Certamente passamos despercebido por alguma coisa.

Ambos os guerreiros voltaram para a cidade. Os poucos pedestres que havia pela rua se separavam de seu caminho. Certamente, a explosão da bomba tinha acabado com a idéia de que eram anjos. Isso, e o fato de que Maddox tivesse a rosto e as mãos manchadas de sangue.

Depois de um momento, Reyes se voltou para ele.

—Nosso tempo está acabando.

—Sei. Os Caçadores não puderam tirar as mulheres da cidade. Estarão concentrando suas forças em procurar a caixa, e devem pensar que a temos no castelo, para ter entrado dessa maneira.

—Sim.

—O mais certo é que ainda estejam aqui, escondidos.

—Possivelmente queiram usar às mulheres como moeda de troca pela caixa. Deveríamos organizar uma troca. —Como? —perguntou Maddox.

Reyes lhe mostrou o transmissor. Ambos escutaram durante uns momentos eternos, agonizantes, mas não ouviram nada, salvo ruído, inclusive quando tentaram fazer contato.

— Maldito seja! Não quero voltar para o castelo com as mãos vazias, mas não sei o que mais podemos fazer — disse Reyes. — Se aproxima a meia-noite.

—Vamos percorrer a zona outra vez.

Reyes assentiu.

Cinco minutos depois, Reyes e Maddox estavam saindo de uma capela que acabavam de revistar, quando viram um ancião do outro lado da rua. Estava

sujo, desarrumado, e só usava um casaco cheio de buracos. E tossia. Tinha uma tosse dilaceradora.

Maddox recordou a noite em que Torin tinha pisado naquela mesma cidade, que então era muito diferente. Cabanas em vez de edifícios. Ruas de barro, em vez do empedrado. As pessoas eram iguais, entretanto. Frágeis, e confiadas.

Torin tinha tirado uma luva e tinha acariciado a bochecha de uma mulher que tinha rogado a ele. Era uma mulher que ele estava desejando, à distância, há muitos anos. Ele tinha se rendido e tinha pensado que, por uma vez, alguém sobrevivesse. Que o amor conquistaria tudo.

Uma hora depois, a mulher tinha começado a tossir, tal e como tossia aquele ancião.

E pouco depois, o resto do povo tinha caído doente. Durante os dias seguintes, a maioria de seus habitantes tinha morrido com a pele cheia de úlceras e sangrando pelos orifícios do corpo.

Maddox murmurou uma maldição entre os dentes Ashlyn estava em algum lugar, com os mesmos Caçadores que tinham provocado uma nova epidemia.

—Tenho que falar com você —disse de repente ao ancião.

Sem deixar de tossir, o homem se deteve. Tinha um olhar febril. Ao ver o guerreiro, se sobressaltou.

—É um deles. —disse entre tosses. — Os angyals. Meus pais me contavam contos sobre vocês. Quis lhes conhecer durante toda minha vida.

Maddox apenas o ouviu.

—Possivelmente tenha visto um grupo de homens que não são da cidade. Certamente tinham pressa e usavam uma tatuagem no pulso. O mais provável é que fossem acompanhados de cinco mulheres.

Tentava manter um tom de calma, reprimir a fúria e dominar o desespero. Não serviria de nada assustar ao ancião e lhe provocar um ataque cardíaco.

Embora possivelmente aquilo fosse compassivo. A morte o levaria logo, e não ia ser uma morte fácil. Sim, Lucien ia estar muito ocupado.

Reyes descreveu aos Caçadores que tinham visto na discoteca, e depois descreveu às mulheres.

—Vi a mulher loira da que fala —disse o homem. Tossiu. — Tinha três mulheres com ela, mas não recordo como eram.

Danika, então. O mais provável era que estivesse com sua família. Isso significava que Ashlyn estava... Não. Não! Estava viva, estava bem.

—Aonde foram? —Perguntou Maddox, tentando se controlar, apesar de sentir uma tremenda ansiedade — Me diga por favor.

O homem cambaleou entre tosses.

—Foram correndo pela rua, seguidos de um homem alto —explicou ofegando — Quase me atiram ao chão.

—Em que direção? —perguntou Reyes.

— Para o norte.

—Obrigado —disse Reyes— Muito obrigado.

O ancião voltou a tossir e desabou. Embora não quisesse perder um segundo, Maddox se ajoelhou junto a ele.

—Durma. Nós... o benzemos.

O humano morreu com um sorriso, coisa que Maddox nunca tinha feito.

«Ashlyn», pensou. «Vou buscar você».

Ashlyn despertou com um grande sobressalto ao sentir o golpe da água gelada na rosto. Passou um momento no qual só ouviu seus próprios ofegos; depois conseguiu se orientar. Tinha a camisa colada na pele, quase gelada. Seu olhar foi se focando pouco a pouco e logo distinguiu a sala em que estava. Tinha paredes de pedra, escuras, cheias de marcas. A um lado tinha barrotes, através dos quais se via um corredor estreito, também de pedra. No canto mais afastado havia algemas penduradas.

«Não se deixe dominar pelo pânico».

O próximo que viu foi uma rosto familiar. Antes, McIntosh teria sido uma imagem bem-vinda. Entretanto, naquele momento Ashlyn sentiu ódio por seu chefe.

Depois de deixar o cubo vazio no chão, ele se sentou em um tamborete de madeira, em frente a ela. Ashlyn estava atada a cadeira, com os braços algemados à costas. Quando tentou se liberar, o metal frio das argolas lhe cravou nos pulsos.

—Onde estou? —perguntou.

—No Halal Foghaz. —respondeu ele, em um tom mais áspero do que o normal.

A Prisão dos Mortos.

—Alguns dos piores criminosos de Budapest já foram confinados neste cárcere e aqui permaneceram até que se rebelaram contra seus guardas e os mataram. Depois, o lugar foi enclausurado. Até faz umas poucas semanas.

Ela o olhou com os olhos entreabertos.

—Se tranqüilize. —disse ele. Estava muito pálido e tinha os olhos avermelhados. Não deixava de tossir. — Não sou o dragão que dava tanto medo a você quando você eu lia os contos de fadas.

O aviso daqueles anos que tinham passado juntos não a enterneceu.

—Me solte, por favor. O que tem feito aos guerreiros? Onde estão as outras mulheres?

—Responderei a suas perguntas no seu devido tempo, Ashlyn. Neste momento é você quem tem que responder as minhas, de acordo?

Tossiu de novo. Ao menos, parecia razoável, não era o fanático louco com o que se encontrou no castelo.

Ela estremeceu de frio.

— De acordo. —respondeu.

Entretanto, não pôde dizer nada mais. As vozes invadiram sua mente. Ficou rígida.

Pareceu ouvir um suspiro de McIntosh. Depois, ele disse:

—Vejo que agora não pode responder nada. Voltarei quando as vozes se sossegarem.

Ashlyn percebeu o som de uns passos e ouviu que as barras se fechavam de repente. E depois, só ficaram as vozes. Tinha muitas, muitas. Prisoneiros, assassinos, ladrões. Violadores.

—Maddox. —choramingou ela. Nem sequer podia tampar os ouvidos, porque tinha as mãos algemadas. As vozes eram muito altas, muito altas, muito altas—Maddox.

Sua imagem lhe encheu a mente, forte, decidida. Em seus olhos de cor violeta havia ternura, e tinha os lábios suaves ao beijá-la. O cabelo escuro lhe caía pela testa.

«Estou aqui», disse. «Estou aqui. Sempre a protegerei».

Imediatamente, as vozes sossegaram, se acalmaram. Não se desvaneceram por completo, mas já não eram debilitantes. Ela piscou de surpresa. Como? Isso nunca tinha lhe ocorrido antes. Maddox estava perto?

Seu rosto reverberou e desapareceu. Então as vozes voltaram a ser ensurdecedoras. Ela imaginou uma vez mais e, de novo, as vozes se acalmaram. De novo voltaram a ser suportáveis.

Se a situação não tivesse sido tão grave, teria sorrído.

«As posso controlar. Posso controlar!», pensou. Era assombroso. Maravilhoso. Já não teria que se esconder. Não teria que evitar as zonas mais concorridas. Nunca mais!

«Sim, Darrow. Não quero ser desmancha-prazeres, mas está presa. Com um Caçador. Não se lembra?».

Como se estivesse ouvindo seu diálogo interior, uma voz riu alegremente.

«Sei como escapar. Quer se pôr em ação, ou quer ficar neste buraco para sempre? A única coisa que tem que fazer é escavar um pouco».

Aquela voz do passado não estava falando com ela, a não ser com outro prisioneiro. Sua conversa lhe chamou a atenção. Sem se desprender da imagem de Maddox, escutou as instruções sobre o que tinha que fazer e logo, entendia o que tinha que fazer.

—Obrigada. —sussurrou quando as vozes terminaram de falar.

—Sim, sim. De nada —disse uma nova voz. Era do presente, não do passado.

O sorriso se apagou dos seus lábios. Olhou a seu redor. Estava sozinha, e entretanto tinha algo que... carregava o ambiente. Algo que vibrava poder e energia.

—Quem está aí?

—Quer saber como romper a maldição, ou não? —perguntou uma voz feminina— Ouvi que antes falava disso.

Ashlyn notou calor de um ombro a outro, como se alguém lhe passasse um dedo pela pele. Então, uma brisa quente soprou diante dela. Entretanto, seguia sem ver nada. Não sabia com o que estava tratando, mas não era humano. Uma imortal? Uma das deusas de Maddox?

—Sim —disse, tremendo.—É certo.

—Muito bem. Eu posso ajudá-la.

Ashlyn ficou aniquilada. Uma deusa ia ajudá-la?

—E me dirá também como posso escapar?

—Cada coisa a seu tempo, menina. —respondeu a voz.

De repente, algo começou a brilhar em um canto, e um cabelo comprido e muito loiro, quase branco, apareceu à vista. Depois, Ashlyn viu uma mulher alta, com o corpo de uma modelo, vestida com uma camiseta vermelha e uma saia negra, muito curta. Usava botas altas de salto. Finalmente, apareceu sua rosto, e Ashlyn se viu ante a encarnação da beleza. Tinha os traços tão perfeitos, tão sublimes e majestosos que só podiam ser os de uma deusa.

—Seu amigo, captor, ou o que seja, mencionou os contos de fadas, não?

Estava delirando, ou aquela mulher era real?

—Sim.

—Pois já tem a resposta. Pensa nos contos —disse a desconhecida. Franziu o cenho e lambeu um pirulito cor de rosa. — O que lhe ensinaram?

«O suficiente», pensou Ashlyn.

—A procurar um príncipe?

—Uf. Não. Pensa, menina. Tenho que voltar.

Voltar aonde? Como se chamava aquela mulher? E por que tinha ido ali ajudá-la?

—Disse que pense, e não me parece que o esteja fazendo, menina. Está me olhando dos pés à cabeça. Quer uma parte, ou algo assim?

Dela?

—Não, é obvio que não.

A mulher deu de ombros.

—Então, sugiro que comece a pensar.

Bem, bem... Pensar. Era difícil recordar os detalhes de um conto quando tinha tanta vontade de escapar, mas o conseguiu. Na Bela Adormecida, o príncipe tinha que abrir caminho entre espinhos e o fogo para matar ao dragão e salvar a sua princesa. Nos Onze Cisnes, a princesa tinha que deixar de falar durante muito tempo, e se expor à morte, para salvar a seus irmãos de uma horrível maldição.

—E bem?

—Os contos de fadas ensinam a ter decisão e perseverança, e se sacrificar. Bom, eu sou decidida e perseverante, mas, o que tenho que sacrificar? — perguntou, e estremeceu. Pediria que sacrificasse sua relação com Maddox? Ele era tudo para ela. Entretanto, para salvá-lo faria qualquer coisa. Seu estômago se encolheu ao pensar nisso.

—Não sou uma princesa, e minha vida não é um conto de fadas.

Uma risada.

—Bom, e não quer fazer com que seja? —houve um momento de silêncio. — Ah, que chato. Vem seu inimigo. Pensa no que disse e falaremos mais tarde.

— Mas se não me disse nada!

Passou um segundo e pareceu que o ar se fazia pesado de novo. Toda sensação de vida se desvaneceu.

—Está melhor? —perguntou McIntosh de repente.

Ashlyn abriu os olhos. Quando os tinha fechado? McIntosh estava atrás das grades. Teve um ataque de tosse tão forte que se dobrou pela metade. Só podia se manter em pé se agarrando a um dos barrotes. Estava mais pálido e mais doente que da última vez que Ashlyn o tinha visto.

—Melhor. —disse ela brandamente. Tinha imaginado aquele encontro com a deusa?

Ele abriu a cela e entrou cambaleando. Entre tosses guardou a chave no bolso. Não chegou ao tamborete, caiu ao chão. Passou um minuto; depois, dois. Ele não se movia, não emitia nenhum som.

—McIntosh? Está bem?

Por fim, um movimento. Ele sacudiu a cabeça como se precisasse sair de uma espessa névoa.

—Tenho um resfriado. A maioria dos homens se contagiou. O Caçador virou e deitou de barriga para cima, com um gesto de dor. Ashlyn franziu o cenho.

—Quanto tempo estamos fora da fortaleza?

—Quase todo o dia.

Um dia? Se pôs tão doente em um dia?

—Antes não parecia que estivesse tão mal.

—Não estávamos. —respondeu ele, e tossiu de novo. Naquela ocasião, o sangue apareceu pela comissura de seus lábios. — Alguns estão mais doentes que outros. Malditos micróbios. Pennington morreu, na realidade, o pobre. Bom, possivelmente haja sorte... — se arrastou para trás e se apoiou nas barras.

Alguém tinha morrido de um resfriado?

—Tem que ir ao médico.

A ira se refletiu nos olhos escuros de McIntosh enquanto fazia um grande esforço por se erguer.

—O que preciso é dessa caixa. Esses homens são malvados, Ashlyn. Com sua mera presença estendem a mentira e a dor, as dúvidas e a miséria. São a causa da guerra, da fome e da morte —disse. Tossindo de novo, meteu a mão no bolso das calças e, fracamente, jogou algumas fotografias no seu colo.

—Lutamos contra estes desgraçados durante muito tempo. Sua maldade não tem limites.

Ela olhou para baixo e sentiu náuseas. Tinha corpos decapitados, uma mão desprendida do corpo, rios de sangue.

—Os homens que segue defendendo foram quem fizeram tudo isso.

«Maddox não», pensou ela. Ele não.

—Os homens aos que conheci não são a fonte dos males do mundo. Podiam me ter feito mal, mas não o fizeram. Podiam ter violado ou matado às outras mulheres, mas não o fizeram. Podiam ter atacado Budapest e ter matado a suas pessoas, mas tampouco o fizeram.

A cabeça dele caiu para um lado e, durante um instante, Ashlyn pensou que tivesse dormido; ou que tivesse morrido. Aquilo não era um resfriado. Não podia ser. Ante seus olhos, em McIntosh estavam saindo marcas de varíola na rosto.

—McIntosh?

Ele despertou de um sobressalto.

—Sinto muito. Estou enjoado.

—Me desate. Deixe que o ajude.

—Já lhe disse isso. Não confio em você. Esteve com esses monstros, e lhe corromperam.

—Não, não é certo. Me ajudaram.

—Eu a ajudei. Me assegurei de que estivesse protegida, te dei uma vida que inclusive seus pais teriam negado.

—Sim, você me ajudou —disse ela; entretanto, pensou que nunca a tinha ajudado da maneira que ela necessitava. A tinha ajudado porque lhe era útil. — Agora, me tire as algemas e deixa que o ajude.

Um suave suspiro escapou dele, que terminou em tosse. Quando o ataque cessou, McIntosh ofegou:

—Deveria ter ido para casa como disse a você. Entretanto, me desafiou e seus guardas não informaram isso. Quando chequei sua situação, era muito tarde. Oxalá, tivesse chegado antes para buscá-la, mas não podia bater na porta assim sem mais. Tinha que ter um plano.

—O que significa que checou minha situação? E a que plano se refere?

—À explosão. Distraiu a essas criaturas enquanto a recuperávamos. Soube onde estava pelo GPS que usa no braço.

Oh, Deus. Explodiram aquela bomba por ela. Seus olhos se encheram de lágrimas. «Foi minha culpa». Podiam ter morrido todos.

—Não entendo o que quis dizer com o GPS. —sussurrou.

—Não é um método anticoncepcional, como lhe dissemos. É um chip. Sempre soubemos onde estava.

Ela ficou boquiaberta. Aquela traição lhe doeu e a enfureceu. Além disso, teve um terrível sentimento de culpa. Como tinham se atrevido! Nunca tinha se sentido mais ultrajada. Queria chorar. Queria gritar. Pela primeira vez em sua vida, queria matar.

«Suponho que depois de tudo, sim era uma isca», pensou quase com histerismo. Embora não fosse sua intenção, ela tinha conduzido aos Caçadores diretamente à porta de casa de Maddox.

— Deixamos que um de nossos homens fosse capturado ontem —prosseguiu McIntosh—. Ele conduziu aos demônios à discoteca. Os deixamos ali, quando poderíamos ter prendido a todos. Por você. —sorriu fracamente antes de sucumbir a outro ataque de tosse. Ashlyn se deu conta de que sangrava pelos olhos, e o sangue formava rios que pareciam veneno.

—Me desate, McIntosh. Por favor. Eu o ajudei durante todos estes anos. Não me deixe morrer aqui.

Ele não respondeu durante vários segundos. E então, a surpreendeu, ficou em pé com grande esforço. Se aproximou dela e se ajoelhou atrás da cadeira. Com debilidade, lhe abriu as algemas. O metal caiu ao chão com estrépito e ela ficou livre.

Se levantou da cadeira e se agachou junto a McIntosh. Ele respirava com dificuldade. Não parecia que fosse sobreviver muito tempo. Face à ira que sentia, apesar de tudo o que ele tinha feito, ela sentiu que a dor enchia seu peito.

—Onde estão as outras mulheres? —perguntou com gentileza.

Uma pausa. Uma exalação dolorosa.

—Certamente, em um avião para Nova Iorque.

—A que parte de Nova Iorque?

Os olhos dele se fecharam.

— McIntosh! Acorde e me fale.

Ele conseguiu abrir os olhos, mas cada vez estava mais débil.

—Elas serão trocadas pela caixa. Um dia se dará conta —sussurrou— O mundo será um lugar melhor sem eles —então sorriu e acrescentou— Muito em breve. Papai estaria orgulhoso.

Suas frases já não eram coerentes. Saíam de seus lábios sem uma ordem concreta.

—O que me ocorre?

—Não sei. —respondeu Ashlyn com voz trêmula. —Tem que ir ao hospital.

—Sim.

Morreu um segundo depois. Sua cabeça desabou e seu corpo ficou completamente torcido.

Ashlyn cobriu a boca com a mão. McIntosh estava morto. Ele a tinha traído, sim, e uma parte de si mesma o odiava por isso. Entretanto, a menina que vivia dentro dela, ainda desejava sua aprovação.

Tremendo, com os olhos cheios de lágrimas, ficou em pé. Não pegou a chave da cela da mão de McIntosh porque não a necessitava. Tinha planejado usar a mesma via de escapamento que tinha usado o prisioneiro.

Mas primeiro...

«Adiante. Doerá, mas tem que fazê-lo».

Tomou o tamborete no qual tinha estado sentado McIntosh e o golpeou contra os barrotes de metal até que uma das pernas se quebrou. Então, com a borda irregular da madeira, arranhou desesperadamente o braço. Brotou o sangue, e ela gemeu de dor. Finalmente chegou até o chip do GPS. O extirpou, atirou ao chão e o escondeu entre a terra do chão da cela.

«Depressa, Darrow, depressa».

Não podia correr o risco de se encontrar com mais empregados do Instituto no andar de cima da prisão. Certamente, a maioria estava doente, como tinha dito McIntosh, mas isso não significava que os que estavam bem não a impedissem de sair. Recordou o que tinha averiguado ao ouvir a voz do prisioneiro, caminhou até a privada que tinha na cela e desenroscou os parafusos que o ancoravam à parede. Alguns não cediam; teve que tirá-los a força e esteve a ponto de romper os dedos para fazê-lo. Quando o último caiu ao chão, tirou a privada a chutes.

Ali descobriu um buraco do tamanho de um homem, que alguém tinha escavado para sair ao exterior. Ashlyn não queria ter que se arrastar por aquele túnel estreito e negro, mas com apenas olhar o corpo morto de McIntosh, entrou pela abertura. De repente se viu rodeada pela escuridão.

—Não tenha medo. —se disse. A voz do prisioneiro pronunciou as mesmas palavras em sua mente. Seus ofegos ressoavam contra as paredes de barro. Um rato passou por cima dos dedos, e ela inalou bruscamente.

Teve a sensação de que engatinhava toda uma eternidade. Suas pernas doíam pelo exercício. Não teria sido tão ruim se não tivesse sido um caminho íngreme para cima. A terra lhe caía em cima, entrava pela boca e pelos olhos. «Continua. Segue subindo».

No final, a luz apareceu ao final do túnel. Embora fosse fraca, era visível. Ela se sentiu aliviada e acelerou os movimentos. Segundos depois encontrou uma pequena abertura pela qual não teria podido passar nem uma criança.

—Não. Não!

Começou a afastar terra com as mãos, e depois de muito tempo, viu o céu coberto de estrelas. Com os braços doloridos de esgotamento, saiu ao chão frio e duro. ficou em pé com os joelhos trêmulos e viu que estava rodeada de árvores cobertas de neve; estremeceu. A roupa de Maddox não a protegia da baixa temperatura.

Então ouviu o grito de um homem, um grito de tortura.

Ficou rígida. Maddox. Maddox! Devia ser meia-noite. Viu a fortaleza no horizonte, mas o grito não provinha daquela direção. Quando voltou a ouvi-lo de novo, começou a correr para os gritos, apesar do cansaço. Um novo uivo. Um rugido.

—Já vou, já vou.

Enquanto corria, Ashlyn começou a tossir.

Capítulo 22

Quando Maddox despertou, estava aterrorizado. Ashlyn o necessitava.

Se deu conta de que não estava no bosque. Não, estava na cama, em seu dormitório, olhando para o teto abobadado, como fazia todas as manhãs. Entretanto, não estava encadeado.

Como? por que?

A luz do sol entrava pela janela e lhe dava calor. Não tinha encontrado Ashlyn; o momento de sua morte tinha chegado e não tinha podido seguir procurando-a. Reyes, pensou então. Reyes devia tê-lo levado para casa.

Maddox saltou da cama com a intenção de continuar a busca. A encontraria naquele dia, custasse o que custasse. «Destruiremos o mundo, pedra por pedra, até que a recuperemos».

Não descansaria até...

Uma tosse de mulher o deixou imóvel. Tinha saído ao corredor e deu a volta. Viu Ashlyn deitada em sua cama. O choque foi tão forte que teve a sensação de que uma espada lhe atravessava o estômago.

Passou a mão pela rosto. Tinha medo de acreditar mas ao vê-la bem, sentiu uma onda de alívio. Correu para a cama com um grande sorriso, dando graças aos deuses e abraçou sua mulher.

Ela tossiu de novo.

Então Maddox se deu conta do que ocorria e o sorriso se apagou dos seus lábios. Não, Ashlyn não! Entretanto, a observou com atenção. Estava muito pálida e tinha umas olheiras muito escuras, muito pronunciadas. Além disso, tinha a pele coberta de pequenas manchas vermelhas.

O coração de Maddox se quebrou.

Tinha suspeitado, tinha temido... e o pior se tornara realidade. Os Caçadores a tinham exposto à enfermidade. Provavelmente, eles tinham morrido, um por um, e ela tinha escalado e tinha voltado para ele.

Tinha voltado para morrer em casa.

— Não! —rugiu. Não a deixaria. Ela era sua vida. Era preferível passar a eternidade ardendo no inferno que um minuto da vida sem ela. Reyes entrou na sala, como se tivesse estado esperando alguma sinal de atividade.

— Já despertou? Tinha tantos cortes nos braços que era difícil distingui-los.

—Não —respondeu Maddox com a voz quebrada.

O guerreiro olhou para Ashlyn.

—Fiquei por perto. Esteve tossindo toda a noite. Sinto muito —disse. Depois acrescentou, em tom de consolo — A maioria dos que se contagiam morrem durante as primeiras horas da enfermidade, mas ela segue viva. Possivelmente sobreviva.

«Possivelmente» não era suficiente. Maddox pôs uma mão sobre sua testa. Estava ardendo. Começou a dar ordens.

—Me traga trapos úmidos. E mais pílulas dessas, se a bolsa de Danika ainda está aqui. E traz água, também.

Reyes se apressou a obedecer e voltou pouco depois com tudo o que Maddox lhe tinha encarregado. Não pôde despertar Ashlyn, assim esmagou as pílulas e colocou o pó na sua boca. Depois lhe fez beber água.

Ela tossiu e arquejou, mas finalmente tragou. Então abriu os olhos muito devagar e olhou para a luz.

—Estou em casa. —sussurrou ao ver Maddox— Me dói muito. É pior que antes.

—Sei, preciosa. —disse ele, e a beijou com ternura na têmpora. Embora Torin pudesse infectá-lo, um humano não. Não tinha importância, porque de todo o modo a teria tocado. —Desta vez também vai ficar bem.

—Meu chefe era Caçador... morreu.

Ele assentiu, mas não disse nada. Não podia lhe explicar o que pensava da morte daquele homem. Era satisfação.

—E Danika? —perguntou Reyes— Segui o buraco pelo que saiu e encontrei aos Caçadores mortos na prisão, mas Danika não estava lá.

—Possivelmente esteja... a caminho de Nova Iorque —respondeu Ashlyn com dificuldade.

Reyes empalideceu.

—Não lhe disseram nada mais?

—Sinto muito, não. —disse ela entre tosses.

Maddox estremeceu ante aquele som horrível.

Pôs um dos trapos frescos sobre a testa. Ela suspirou e fechou os olhos. Reyes passou uma mão pelo cabelo com frustração. Precisava caminhar, necessitava de dor.

—Vá. —lhe disse Maddox— Vá procurá-la.

O guerreiro olhou para Ashlyn, depois para Maddox e logo assentiu. Partiu sem dizer uma palavra mais.

Maddox permaneceu junto a Ashlyn durante horas lhe refrescando a testa, a obrigando a beber água. Recordava que Torin fazia aquilo anos atrás, depois de tocar à mulher e estender a praga.

Durante um tempo, Maddox pensou que a vontade de viver de Ashlyn seria mais forte que a enfermidade, porque ela não tinha morrido, como os outros. Isso, ou possivelmente alguém a estivesse ajudando...

Entretanto, pouco a pouco a tosse se foi fazendo mais forte e ela tinha começado a sangrar. Estava tão fraca que nem sequer podia se sentar. Tinha a garganta muito inflamada e já não podia tragar a água.

Sem saber o que fazer, Maddox a envolveu na manta e a colocou nos braços. Sem dizer nada a seus amigos, a tirou do castelo. Eles não lhe perguntaram o que queria fazer. Provavelmente, temiam que ficasse violento. Teria ocorrido. O

espírito estava fervendo dentro dele, preocupado também, ansioso por destruir, por mutilar, por matar. Naquela ocasião era por frustração, por impotência, e não por fúria.

Correu pela colina, correu para o centro da cidade, e levou a Ashlyn diretamente ao hospital, onde no dia anterior a tinha estado procurando. Em um corredor abarrotado encontrou a um homem enluvado, com máscara, que dava ordens.

—Me ajude. —lhe disse, cortando seu discurso. — Ajude-a, por favor.

O homem do jaleco branco, distraído, olhou para Ashlyn e exalou um suspiro de cansaço.

—Todo mundo necessita de ajuda, senhor. Terá que esperar sua vez.

Maddox lhe cravou um olhar feroz. Se deu conta de que Violência apareceu em seu rosto. Soube que os olhos tinham se voltado de um brilho vermelho.

—É... é você um deles. Da colina —gaguejou o homem. — A deite aí — disse, e apontou uma cama com rodas que tinha no final do corredor. — Me ocuparei dela pessoalmente.

Maddox fez o que lhe pedia e beijou Ashlyn brandamente nos lábios. Não obteve nenhuma resposta.

—Salve-a. — disse ao médico.

—Eu... farei o que puder.

«Por favor, que sobreviva».

Queria ficar com ela, protegê-la, cuidá-la. Queria que estivesse com ele. Entretanto, se afastou de Ashlyn e saiu para a rua. A meia-noite se aproximava.

Pela manhã voltaria. Pobre do mundo, pobres dos deuses, se ela não estivesse ali, sã e salva.

Reyes amaldiçoava enquanto procurava pelo aeroporto e os hotéis próximos. Pelas clínicas. Tinha visto mais da cidade em dois dias que em todos os séculos que levava vivendo ali. Se sentia como um animal enjaulado. Precisava fazer algo, mas não podia fazer nada. Danika estava por aí; possivelmente estivesse doente, como Ashlyn. Possivelmente estivesse morrendo. E ele não a encontrava.

A noite estava chegando. Reyes estava pensando em tomar um vôo para Nova Iorque, mas sabia que não podia se afastar de Maddox. Quando os deuses tinham imposto a Maddox a maldição de que morresse cada noite, também tinham imposto uma maldição a Reyes que se sentia atraído para o guerreiro como se o arrastassem com algemas a seu lado. Não sabia por que ocorria a ele e não a Aeron. O único que sabia era que, à meia-noite, se via obrigado a voltar para a fortaleza. Sempre voltava.

Tinha tentado se afastar muitas vezes para provar seus limites, para provar a reação dos deuses, mas sempre se via atraído para Maddox à meia noite.

— Maldição!

Desencapou uma de suas adagas e se fez um corte na coxa. O tecido da calça se rasgou e o sangue brotou da ferida. O que ia fazer? Tinha uma necessidade muito forte que nunca tinha sentido, a necessidade de salvar, de resgatar, de proteger. Mas só a Danika. Só para olhar aqueles olhos angélicos outra vez e sentir um comichão de prazer.

Um prazer que ele nunca poderia experimentar, supostamente.

Entretanto, o tinha sentido, e queria mais.

«Os deuses não teriam ordenado a Aeron que a matasse se Danika pudesse morrer pela enfermidade de Torin, ou se os Caçadores estivessem destinados a lhe atirar o golpe de graça». Reyes se animava com aquele raciocínio.

Possivelmente Reyes devesse soltar Aeron, que estava trancado em um dos calabouços do castelo, e deixar que ele o guiasse até Danika. Ira seria capaz, sem dúvida, de seguir seu aroma, e Reyes poderia liberá-la dos Caçadores.

Não. Se Aeron a encontrasse primeiro, a mataria.

«Esquece-a. É uma humana. Há milhares. Milhões. Pode encontrar outra humana que pareça um anjo».

—Não quero encontrar outra humana. —gritou ele. Entretanto, sabia que não poderia ter Aeron preso para sempre. — Maldita seja.

«Deixa de se comportar como uma criança», disse uma voz feminina que ressoou dentro de sua cabeça, e que o deixou surpreso. «vá procurar pela colina, e se cale de uma vez. Está me causando uma boa dor de cabeça».

Ele ergueu os ombros e olhou a seu redor, com a faca preparada. Não viu ninguém.

« O que está esperando? », perguntou de novo a voz. «Depressa».

Era uma deusa? Não podia ser Dúvida, porque a que falava era uma mulher. Reyes não esbanjou mais tempo em tentar decifrar aquele enigma. Ficou em marcha e, dez minutos depois, estava aos pés da colina.

Danika estava ali com um homem. Era Kane. Ambos estavam caídos no chão, gemendo de dor.

Reyes sentiu fúria ao pensar que ela estava ferida, mas também sentiu alívio. Assombrosamente, parecia que tinham estado subindo para voltar para o castelo. Tinha rochas ao redor do casal, como se tivessem caído do céu e eles fossem seu alvo.

Reyes pegou Danika nos braços e moveu Kane com o pé para despertá-lo. No caso de alguma surpresa, manteve uma mão no punho da adaga. Não se sentia de todo confortável com a volta dos outros Senhores.

Kane grunhiu e abriu os olhos. Fez gesto de pegar a pistola que usava na cintura, mas de uma chute, Reyes a tirou das mãos.

—Vamos, matem um ao outro —disse Danika fracamente. Tinha o cabelo loiro cheio de sangue. Naquele instante, Reyes entendeu a violência escura que devia sentir Maddox cada vez que pensava que Ashlyn podia estar ferida.

—O que passou a você? —perguntou a Danika—. Se Desastre houver...

—Essas rochas caíram em cima de nós —disse ela, limitando seus furiosos pensamentos.

— Suponho que caíram da montanha. Ele me empurrou para evitar o pior. Tropecei e caí, e bati a cabeça.

Reyes relaxou, mas só ligeiramente.

—Obrigado. —disse a Kane.

O guerreiro assentiu, esfregou a têmpora como se lamentasse o que tinha ocorrido, e ficou em pé.

—Onde está sua família? —perguntou Reyes a Danika. Poderia ter ficado assim com ela para sempre.

—A caminho de um lugar onde nunca as encontrará —disse ela. Não o olhava, e se retorcia para que ele a deixasse. —Me solte.

«Nunca», quis dizer ele.

—Não. Está muito fraca para caminhar.

Ele se voltou para Kane e lhe falou em húngaro para que Danika não pudesse entendê-lo. Ou isso esperava.

—Como a salvou? E não fale em inglês.

Oxalá, Kane o entendesse.

—Os Caçadores iam a caminho do castelo quando Torin e eu topamos com eles —respondeu o outro guerreiro, no mesmo idioma. É obvio que falava húngaro, pensou Reyes, não teria viajado a Budapest sem se preparar antes. —

Lutamos, mas eram muitos... fizeram um corte em Torin, e me apanharam. Cometeram o engano de pô-la na mesma caminhonete que eu. Os pneus estouraram e o veículo saiu da estrada.

—E onde estão agora os Caçadores?

—Mortos.

Bem, embora uma parte de si mesmo tivesse vontade de matá-los outra vez, de uma maneira dolorosa e lenta. Olhou para Danika e procurou nela alguma sinal de enfermidade. Entretanto, tinha uma cor saudável e não tinha nenhuma marca em sua pele. Assim, ela não se contagiou. Pelas razões que ele temia?

—Por que voltou? —perguntou a Danika, falando de novo em inglês.

—Ele me obrigou. —disse ela assinalando a Desastre.

—Ashlyn está bem? Os ouvi falando de lhe causar mal para que vocês saíssem do castelo e que eles pudessem ir em busca dessa estúpida caixa.

—A encontramos.—disse ele—Está muito doente.

Danika engoliu em seco. —Vai...?

—Só o tempo dirá.

Reyes fez um sinal a Kane para que caminhasse diante deles. O guerreiro assentiu e ficou em marcha.

—A morte está na cidade, Danika. Ficaré no castelo até que os Caçadores sejam aniquilados e passe a enfermidade.

—Não. Não o farei.

Ela lutou em seus braços, tentando empurrá-lo pelo torso para poder pousar os pés no chão.

—Quero ir para casa agora.

—Se movendo assim só consegue esfregar seu corpo contra o meu.

Danika ficou imóvel, e ele se alegrou e se decepcionou ao mesmo tempo. Não tinha mentido. O corpo de Danika era quente, cheirava a pinheiro, e cada vez que se movia, as terminações nervosas de Reyes se excitavam.

Ele começou a subir pela colina por um caminho diferente ao de Desastre. Só no caso de alguma eventualidade. Reyes se sentia muito aliviado pela volta de Danika.

—Vou ser sua prisioneira outra vez?

—Convidada, seria o termo, por todo o tempo que você queira. Trancamos Aeron no calabouço. Não pode descer ali, entendido? A mataria sem pestanejar.

—Outro motivo pelo qual quero ir para casa. Essas coisas não acontecem lá.

—E onde está sua casa?

—Não vou lhe dizer isso seqüestrador.

Se ele se saísse com a sua, Danika logo contaria tudo o que teria que saber dela. Passariam juntos, em seu dormitório, o pouco tempo que tivessem.

Possivelmente depois, ela nunca quereria ir-se...

Certo! Às mulheres como ela nunca gostavam dos homens como ele. Ele se cortava como forma de prazer, de alívio. Algumas vezes tinha a sensação de que morreria por não fazê-lo. Se ela soubesse, o desprezaria. E de todos o modo, isso era o melhor.

— Danika, é melhor se manter longe dele. Longe de Ira.

Quando aquela enfermidade passasse, a deixaria partir. Não podia ir com ela para protegê-la. Além disso, ela não quereria sua companhia. E não podia impedir Aeron de cumprir com seu dever.

Para Reyes, não haveria final feliz.

Ashlyn estava no limite da consciencia. Só via sombras, e ouvia uma única voz. Todas as vozes do passado e do presente se inibiram por respeito aquela. Era a que tinha ouvido no calabouço. Etérea, como a de um fantasma. Era um fantasma muito moderno, que estava ligeiramente aborrecido e que seguia chupando um pirulito.

«Aqui estooou», disse, e riu. «Não é preciso que expresse sua alegria. Sinto o amor. Bom, pensou nos contos de fadas, ou não? Só tenho uma semana antes que me descubram, assim devo resolver este assunto quanto antes».

«Pensei», tentou dizer Ashlyn, mas não pôde formar as palavras.

«Bem».

Bom, a deusa a ouvia de toda as maneiras.

«Sacrifício», pensou Ashlyn. «Tenho que sacrificar algo para quebrar a maldição de Maddox».

«Muito bem, muito bem. —E o que tem que sacrificar?».

«Ainda não sei. Como se chama?».

«Meu nome é... Anya».

Anya. Era um nome bonito.

«E quem é?».

«Em... estávamos falado do sacrifício. Se concentre. Não vou desobedecer ordens diretas para que você possa danificar esta pequena rebelião que tenho preparado. Fiz uma pergunta, e quero uma resposta clara».

Sacrifício, sim. Era muito difícil se concentrar quando tinha a mente feito mingau. Tinha uma coisa que sabia com segurança, a vida sem Maddox seria intolerável; entretanto, estava disposta a abandoná-lo para salvá-lo.

«Isso está melhor», disse Anya. «Mas não está pensando muito bem. Vamos, você passou por cima do mais importante dos ensinamentos dos contos de fadas? Agora tem a oportunidade de demonstrar que esse inútil do seu chefe te ensinou algo valioso, depois de tudo».

Valor. A palavra ressoou em sua cabeça e, de repente, Ashlyn soube. O sangue lhe gelou durante um instante, apenas ao pensá-lo. O melhor sacrifício era dar uma vida por outra.

«Aí o tem. Sabia que conseguiria. Vamos começar com o espetáculo. Desperta. Ele necessita de você».

A imagem de Maddox apareceu na mente de Ashlyn. Teve a sensação de que lhe estava agarrando as mãos, infundindo forças. Então... algo, e uma presença, um calor, invadiu seu corpo e a atravessou, reparou as feridas de seus pulmões e as contusões das costelas.

Abriu os olhos e encontrou Maddox olhando-a. Parecia estar muito cansado, mas ao vê-la acordada, sorriu, e aquilo foi a coisa mais bela que ela já havia visto.

Poderia deixá-lo de verdade?

Três dias mais tarde, Ashlyn estava o suficientemente recuperada para sair do hospital. Maddox a levou de volta ao castelo sem dizer uma palavra, e diretamente a seu quarto. Ela viu alguns dos guerreiros nos corredores. Alguns tinham um semblante grave, outros estavam zangados, mas todos a saudaram como se aceitassem sua presença embora não gostassem.

Quando a porta de seu quarto esteve fechada, Maddox a deixou no chão. Depois baixou os braços aos lados, cortando todo contato.

—Houve alguma notícia sobre as mulheres? — perguntou ela sem se afastar dele. Seu calor a envolvia, e sua proximidade a cativava.

—As liberaram. A todas, salvo Danika, que está deixando Reyes louco, o insultando a todo momento. — respondeu ele, e a observou atentamente. —Como se sente?

—Bem —disse ela, e não mentia. Ainda tinha uma ligeira tosse e uma irritação no peito, mas estava quase curada. O qual significava que tinha chegado o momento de salvá-lo.

«Ele necessita de você», tinha dito a deusa.

Ashlyn não ia contar a Maddox nada sobre Anya. Lhe tinha feito perguntas, perguntas que ela não queria responder. Sabia o que tinha que fazer para acabar com sua maldição. Sabia e odiava, mas iria fazê-lo. Não podia permitir que ele a detivesse. Entretanto, a mera idéia de estar sem ele a enchia de desespero.

«Não quero lhe dizer adeus».

Estava a ponto de chorar, assim, se obrigou a sorrir. Aquele era seu conto de fadas, e iria salvar seu príncipe. Mas... não podia se despedir dele ainda. Desfrutaria do resto do dia falando com ele, o acariciando como não tinha podido fazer no hospital.

—O desejo —lhe disse. —O desejo com toda minha alma.

—Eu também a desejo —respondeu ele, com um repentino brilho de picardia no olhar. — Me dá a sensação de que passou uma eternidade da última vez que a acariciei.

Olharam o um ao outro, mas nenhum dos dois tocou ao outro.

—Quero que saiba... — Ashlyn mordeu o lábio e olhou para baixo, para as botas de Maddox. Era o momento da confissão —O amo.

Maddox ficou boquiaberto.

—É muito cedo —disse ela — Nossas vidas são muito diferentes, e eu sou a responsável por muitas das coisas que teve que enfrentar durante esta última semana, mas não posso evitar. Eu o amo.

Finalmente, ele a tocou. Acariciou seu rosto e, com suavidade, a obrigou a olhá-lo. A ternura superou à surpresa.

—Eu também a amo. A amo muito. Sou um homem violento com emoções violentas, mas não quero que tenha medo de que fique violento com você. Não posso fazer mal a você. Seria pior que me tirar o coração.

Ela sentiu a maior alegria de sua vida. Os olhos se fecharam de lágrimas. Se apoiou em seu peito. O necessitava mais que nunca. Ele baixou a cabeça, lentamente..., pura tentação..., sem afastar os olhos dela. Seus lábios se roçaram, se uniram em um beijo de beleza e amor.

Ele a beijou uma e outra vez, para sempre, saboreando-a, desfrutando dela. Ashlyn sentiu sua alegria, seu deleite, duas sensações que ela também estava experimentando.

—É tão bela. —sussurrou ele.

—Eu o amo. —repetiu ela.

—Eu amo você também, —respondeu Maddox— necessito de você.

Peça a peça, tirou suas roupas e peça a peça ela o despiu, se maravilhando a cada novo centímetro de pele que descobriam. Ele era tão grande, tão forte. Tão... dela.

Ashlyn se descobriu o acariciando, o saboreando, memorizando seu corpo. O tinha desejado desde o começo, mas aquilo que sentia naquele momento... era a verdadeira necessidade de estar com o homem a quem tinha entregue o coração. Era mais que sexo, mais que prazer. Aquilo era o destino, era a união de duas almas.

Quando terminaram de fazer amor, relaxaram um nos braços do outro e não falaram durante um longo tempo. Se limitaram a desfrutar do contato, da cama.

«Um pouco mais», rogou Ashlyn. «Me dê um pouco mais».

—Senti sua falta. —disse ele, finalmente.

—Eu também senti sua falta. Não sabe o quanto. —respondeu Ashlyn, e pôs uma perna sobre a dele — O que ocorreu enquanto eu não estava? —se apressou a perguntar.

Lhe acariciou lentamente as costas enquanto respondia.

—Aeron está no calabouço. Como já disse, Reyes está tentando conquistar e repelir Danika ao mesmo tempo, e Danika está encerrada em seu quarto para impedir que escape. Feriram Torin, mas está se curando. Sabin e os outros, o homens que viu depois da explosão da bomba vieram viver no castelo. Neste momento estamos em trégua. Não é uma trégua fácil, mas é uma trégua.

Certo. Não tinha um momento de aborrecimento naquela fortaleza.

—Eu não gosto que Danika esteja presa.

—É por seu próprio bem, Ashlyn.

Ela suspirou.

—Confio em você.

—O que...? —ele fez uma pausa. Depois ficou tenso. — O que os Caçadores fizeram a você, Ashlyn?

—Nada, juro. Tenho que dizer uma coisa a você. — disse ela. «Por favor, não deixe de me querer».

—Eu os trouxe até aqui, Maddox. Eu. Sinto muito. Eu não queria fazê-lo. Seriamente. Me enganaram e...

—Sei, preciosa. Sei.

Aliviada, ela relaxou. Ele a amava realmente, para lhe perdoar com tanta facilidade algo que podia ter causado sua morte. Ashlyn o abraçou com todas suas forças.

—Antes de morrer, meu chefe me contou seu plano de encontrar a caixa de Pandora e sugar a todos os demônios para seu interior.

—Nos contaram o mesmo —disse ele, e de repente, bocejou. Em seus lábios se desenhou um sorriso plácido. — Devo gratidão aos deuses por terem trazido você de novo para meu lado, mas estou muito cansado para me aproximar agora deles. Preciso descansar um pouco, porque durante estes dias não consegui.

—Durma. Tem que recuperar as forças. —disse ela com voz rouca.

Ele riu. Foi um som de absoluta alegria.

—Seus desejos são ordens para mim.

Capítulo 24

«Ele não deve nada aos deuses, deve a mim. Mas juro que este é o último favor que lhes faço. Dormiu, não percamos tempo».

Ashlyn ficou gelada ao ouvir a voz de Anya em sua mente. «Não, ainda não», gemeu seu corpo. «Preciso passar mais tempo com ele».

«Você escolhe, garota. Eu me demito».

E o fez. A vibração de Anya se dissipou, e o quarto ficou vazio.

Tremendo, Ashlyn se levantou e saiu sigilosamente do quarto. Não queria se separar de Maddox, mas não podia perder aquela oportunidade.

—É o melhor —ia dizendo— Ele não vai morrer outra vez, porque eu posso salvá-lo.

Durante quinze minutos, vagou pelos corredores do castelo, chamando nas portas dos dormitórios. Ninguém respondia. Nem sequer Danika. Finalmente, encontrou a um dos imortais. O anjo de cabelo prateado que a tinha tirado do quarto de Danika e a tinha escondido em outra. Torin. Enfermidade. Se achava estendido em uma cama, com uma toalha enroscada no pescoço. Estava muito

pálido e tinha emagrecido, e sua expressão era de sofrimento. Apesar de seu evidente sofrimento, respirava pausadamente.

Ele não despertou. Se aproximou de um lado da cama e disse:

—Quem dera pudesse tocá-lo, pegar sua mão e agradecer por me esconder naquele dia. Pude encontrar Maddox e abraçá-lo aquela noite.

Ele abriu os olhos.

Assombrada, ela deu um salto para trás. Seus olhares se encontraram, e Ashlyn relaxou. Em seus olhos verdes só havia bondade, e ela pensou que possivelmente teria lhe dado as boas-vindas ao castelo se tivesse podido.

—Espero que melhore logo, Torin.

Possivelmente ele assentira, mas era difícil sabê-lo.

Depois, Ashlyn seguiu com sua busca.

Por fim encontrou um grupo de imortais. Seu coração se acelerou enquanto os observava sem que eles se dessem conta. Estavam fazendo exercícios. Faziam flexões, abdominais, levantamentos de pesos... Reyes estava golpeando com sanha um saco de boxe. O suor escorregava pelo seu peito, misturado com gotas de sangue.

Ele era o que segurava a espada cada noite. Ashlyn tentou não odiá-lo por isso.

—Hã. —tossiu, e conseguiu a atenção de todo mundo.

Todos se detiveram e a olharam. Uns quantos entrecerraram os olhos. Ela elevou o queixo.

—Preciso falar com vocês. —informou a Reyes e a Lucien.

Reyes seguiu golpeando.

—Se tiver vindo tentar nos convencer de que não matemos Maddox esta noite, se economize o esforço.

—Eu a escutarei, carinho —se ofereceu o mais alto do grupo, que se chamava Paris. Olhos azuis, pele branca, cabelo castanho... Puro sexo, conforme lhe tinha dito Maddox, e ela acreditava. As palavras estavam destinadas a isso.

—Não se aproximasse daquele imortal em questão.

—Se cale —advertiu Lucien a seu amigo—Se Maddox o escuta, irá fazê-lo pagar.

Um homem com o cabelo azul se dirigiu a ela.

—Quer que os beije por você?

Se queria que os beijasse? Ashlyn só o tinha visto uma vez, depois que a bomba explodiu, mas não lhe tinha parecido que fosse muito carinhoso; ao contrário, parecia que queria matá-los.

Reyes grunhiu.

—Se cale, Gideon. E não tente enrolá-la. Está ocupada. Eu teria que fazer mal a você.

—Detestaria vê-lo tentando—disse o outro homem com um sorriso.

Ela piscou. Era muito estranho. Suas palavras diziam uma coisa, mas seu tom de voz dizia outro. Bom, não tinha importância.

—Tem razão. —disse a Reyes— Não quero que matem Maddox esta noite. Quero que... matem a mim em seu lugar.

Aquilo captou a atenção de todo mundo. Deixaram o que estavam fazendo e a olharam.

—O que disse? —perguntou Reyes, tirando o suor da testa.

—As maldições se rompem com um sacrifício — explicou ela— Preferivelmente, com o sacrifício das pessoas amadas. Se me sacrifico morrendo no lugar de Maddox, sua maldição terminará.

Silêncio.

—Como sabe? —perguntou Lucien— E se não funcionar? E se a maldição de Maddox não se rompe e você morre por nada?

—Ao menos, terei tentado. Mas, hã... uma alta autoridade me garantiu que isto funcionaria.

—Os deuses?

Ela assentiu. Bom, Anya nunca lhe tinha confirmado aquele detalhe. Ashlyn o tinha dado por certo. De novo, silêncio.

—E você está disposta a fazer isso por Violência? —perguntou Paris com um olhar de incredulidade.

—Sim. —respondeu Ashlyn. Pensar na dor que teria que suportar a assustou, mas não vacilou na resposta.

—Eu o apunhalo seis vezes no estômago —lhe recordou Reyes. Isso significa que teria que fazer o mesmo com você.

—Sei. —disse ela brandamente, e olhou seus pés.

—O vejo em sua cabeça todos os dias, e o revivo todas as noites.

—Digamos que se quebre a maldição —disse Lucien. — O terá condenado a passar a vida sem você.

—Eu prefiro que viva sem mim a que morra todas as noites comigo a seu lado. Sofre muito, e não posso permitir isso.

—Sacrifício. —repetiu Reyes—Me parece ridículo.

Ashlyn elevou o queixo e usou o mesmo raciocínio que tinha usado a deusa com ela.

—Olhe os contos de fadas. As rainhas egoístas sempre morrem, e as princesas boas ganham.

Reyes soprou.

—Como você bem disse, são contos de fadas. — não se deixava convencer facilmente.

—E os contos não estão baseados na realidade? Se supõe que vocês mesmos não são mais que um mito. A caixa de Pandora é um conto que os pais lêem para seus filhos pelas noites. —disse ela. — Isso significa que a vida mesma é um conto. Como fazem seus personagens, nós vivemos, amamos e procuramos sempre um final feliz.

Todos seguiram olhando para ela com uma expressão indecifrável no olhar. Possivelmente admiração? Passaram alguns minutos. Ela tinha tomado a decisão, e se tinha que apunhalar a si mesma, o faria.

—Está bem. —disse Lucien, e a deixou assombrada— O faremos.

— Lucien! —exclamou Reyes.

—Isto também nos liberaria, Reyes. Poderemos sair do castelo por mais de um dia. Poderíamos viajar se quiséssemos. Poderíamos partir quando quiséssemos ficar sozinhos.

Reyes abriu a boca, mas depois a fechou.

—Se fizermos isto, possivelmente recebamos uma maldição maior. Possivelmente os deuses nos castiguem mais por desafiar sua vontade.

—Por Maddox e pela liberdade, não vale a pena tentar?

—Maddox não vai gostar disso —disse Reyes. — Acredito... acredito que preferiria ter à humana.

Aquele comentário satisfez a Ashlyn, mas não se deixou convencer. Não podia permitir que Maddox seguisse sofrendo noite após noite sabendo que podia fazer algo para evitá-lo. Ele já tinha pagado por seus crimes com juro incluídos.

«Olho por olho», pensou. Maddox lhe tinha dado a paz. Ela faria o mesmo por ele.

— Algumas vezes, o que queremos não é o que precisamos —disse Lucien. Em sua voz tinha um toque de nostalgia. O que poderia querer e não necessitar aquele homem?

—Está bem. —disse Reyes finalmente.

—Esta noite. —insistiu Ashlyn— Tem que ser esta noite —ela não queria que Maddox tivesse que sofrer mais, e tampouco queria se arriscar a mudar de opinião. —Só quero... poder passar com ele todo o tempo possível, de acordo?

Os dois homens assentiram com gravidade.

Maddox se ocupou das necessidades de Ashlyn durante o resto do dia. Comeram juntos, e ele amou seu corpo tantas vezes que perdeu a conta. Lhe falou de seus planos para passar a vida juntos. Lhe disse que seu novo trabalho poderia ser o de ajudar aos guerreiros a encontrar a caixa de Pandora, se o desejasse. Lhe disse que se casariam e passariam todo o tempo junto, se ela desejasse. Disse que procurariam a maneira de evitar que ela envelhecesse para poder viver unidos durante toda a eternidade, se ela desejasse. Poderiam ler juntos suas novelas românticas, se ela quisesse.

Ashlyn riu com ele, brincou com ele, mas também sentia um desespero silencioso que se notava em seu rosto, e que Maddox não entendia. Era tristeza. Ele não a pressionou, tinham tempo. Por uma vez, considerou o tempo como um amigo. Ela não podia saber que o tinha domesticado, que também tinha domado ao espírito e que, a partir de então, os dois existiam para agradá-la.

—O que ocorre, meu amor? —perguntou ele. — Me diga isso e o solucionarei.

—Ê quase meia-noite. —respondeu Ashlyn, tremendo.

Ah. Maddox entendeu. Olhou-a, estavam sentados na beira da cama, e pegou sua mão. A luz da lua iluminava seus preciosos traços, iluminava a preocupação que tinha em seus olhos.

—Estarei bem.

—Eu sei.

—Mal dói, prometo isso.

Ela emitiu uma suave gargalhada.

—Mentiroso.

Sua risada lhe produziu uma agradável calidez.

—Quero que esta noite fique em outro quarto.

Ashlyn negou com a cabeça.

—Vou ficar com você.

Maddox suspirou ao notar a decisão em seu tom de voz.

—Está bem.

Ele não se permitiria nenhuma reação ao ser esfaqueado. Não faria um ruído, não moveria um músculo. Morreria com um sorriso no rosto.

—Faremos...

Naquele momento, Reyes e Lucien entraram no quarto, com o semblante muito grave. Ele quis saber por que, mas decidiu não perguntar diante de Ashlyn. Não tinha nenhum motivo para preocupá-la mais naquele momento, estava a ponto de ver como o assassinavam.

Maddox lhe deu um beijo rápido nos lábios e Ashlyn o reteve para que não se separasse dela. Devolveu-lhe um beijo feroz, quase desesperado. Ele se permitiu uns momentos mais. Quanto queria aquela mulher...

—Terminaremos isto amanhã. —disse ele.

Amanhã... Mal podia esperar.

Se deitou sobre a cama e se aproximou da cabeceira. Reyes lhe algemou os pulsos e Lucien os tornozelos.

—Ao menos, dê a volta quando começarem —pediu a Ashlyn.

Ela sorriu com tristeza e se ajoelhou a seu lado. Acariciou sua bochecha com suavidade.

—Sabe que o amo.

—Sim —respondeu Maddox. Nunca tinha estado tão contente em toda sua vida. Aquela mulher era seu milagre. — E você sabe que eu a amarei para sempre, e depois também.

—Escute, Maddox... Não culpe a ninguém mais que a mim por isso, de acordo? Você já sofreu o suficiente, muito, e como eu sou a mulher que o ama, cabe a mim o salvar. Tem que saber que o faço voluntariamente, porque é mais importante para mim que minha própria vida.

Voltou a beijá-lo, brevemente naquela ocasião, e ficou em pé. Se voltou para Lucien e Reyes.

—Estou preparada.

Maddox franziu a sobancelha, desconcertado, assustado.

—Pronta para que? Por que iria culpar você?

Reyes desencapou a espada. A folha assobiou no ar. O medo de Maddox se incrementou.

—O que se acontece? Conte-me agora.

Ninguém disse uma palavra. Reyes se aproximou de Ashlyn.

Maddox se estirou e puxou as algemas.

— Ashlyn. Parte da sala. Parte e não volte.

—Estou pronta. —sussurrou ela. —Não deveríamos ir ao outro dormitório?

— Ashlyn! —gritou Maddox.

—Não. —respondeu Lucien. — Disse que queria fazer um sacrifício definitivo, não?

— Ele tem que vê-lo, e entender que o está fazendo é por ele.

Ashlyn olhou Maddox com os olhos cheios de lágrimas.

—Eu o amo.

Naquele momento, ele se deu conta do que iam fazer. Começou a puxar as algemas, lutando por se liberar. Gritou blasfêmias que nem sequer Paris pronunciaria, e derramou lágrimas quentes.

— Não! Não o façam. Por favor, não façam isto. Ashlyn, necessito de você. Reyes, Lucien. Por favor. Por favor!

Reyes titubeou. Engoliu em seco. E então atravessou Ashlyn pelo estômago. Maddox gritou e puxou com tanta força as algemas que as algemas lhe cortaram a carne até o osso. Se continuasse assim, ia perder as mãos e os pés. Entretanto, não lhe importava. Apenas se importava com Ashlyn, que estava morrendo diante dele.

— Ashlyn! Não, não, não!

O sangue brotou das vísceras de Ashlyn e tingiu a camisa. Ela apertou os dentes e conseguiu se manter em pé, em silêncio.

—Eu o amo. —repetiu.

Reyes voltou a esfaqueá-la. Com cada novo corte, Maddox sentia que as ataduras se afrouxavam.

Soluçou abertamente. Estava morrendo, mas se sentia mais forte que nunca.

— Lucien, os detenha!

Ao terceiro golpe da espada, Ashlyn caiu ao chão. Gritou. Não, era ele. Ela só choramingava.

—Não dói. Como você dizia...

—Ashlyn. —disse ele tremulamente. —Oh, pelos deuses. Ashlyn, por que está fazendo isto? Reyes, para. Tem que parar!

Não podia repeti-lo suficientes vezes.

Os olhos de Ashlyn voltaram a se encontrar com os de Maddox, e ele se deu conta de que estavam plenos de amor.

—Eu o amo. —repetiu ela.

—Ashlyn, Ashlyn. Espera, neném. A curaremos. Daremos remédios a você. Não se preocupe. Reyes, pare. Não faça isto. É inocente.

Reyes não prestou atenção a ele; voltou a trespassá-la com os olhos fechados. Depois, se deteve e teve que tomar ar. Olhou ao céu, e depois a Lucien.

— Não a leve! Por favor, não a leve.

Finalmente, Reyes afundou pela sexta vez a espada.

— Ashlyn!

O sangue fluiu do corpo sem vida e começou a formar um atoleiro vermelho. Maddox não podia deixar de chorar. Seguia lutando por se libertar, as algemas ainda o aprisionavam.

—Por que? Por que?

Lucien o desatou. Ele se atirou ao chão e se arrastou até Ashlyn. A pegou nos braços. Estava morta. Tinha morrido, e ele notou que a maldição saía de seu corpo, que se evaporava como se nunca tivesse existido.

— Não! —soluçou.

Embora antes o mais importante, para ele, houvesse sido se livrar daquela maldição, preferiria suportar mil maldições mais que perder Ashlyn.

—Por favor.

—Acabou —disse Reyes—Esperemos que seu sacrifício não tenha sido em vão. Maddox escondeu o rosto no cabelo de Ashlyn e a balançou entre seus braços.

Capítulo 25

Maddox seguiu abraçado a sua amante durante uma eternidade, esperando que despertasse. Não podia suportar pensar na vida sem ela. Preferia morrer.

Lucien e Reyes o acompanhavam em silêncio.

—Mandem meu espírito ao inferno para sempre — gritou aos céus— Qualquer coisa menos isto. Me devolvam ela. Deixem que eu ocupe seu lugar na morte.

«Para sempre?», perguntou uma voz melosa. Não era Sabin quem falava naquela ocasião, a não ser uma mulher. «Isso sim que é um compromisso».

Ele não titubeou.

— Sim! Sim! Para sempre. Para toda a eternidade. Não posso viver sem ela. Ela é tudo para mim. «Eu gosto disso, vaqueiro, realmente eu gosto».

—Vocês também ouvem uma mulher? —perguntou Lucien com assombro.

—Sim. —respondeu Reyes, igualmente desconcertado.

—Quem é? «Sua nova melhor amiga, carinho».

— Então, me ajude. —suplicou Maddox.

«Imortal bobo. Levo dias transgredindo as normas, o qual é quase uma aficção para mim, para os ajudar. Não estou certa de querer seguir fazendo isso, de todos os modos. Sua mulher e você me ocupam muito tempo».

—Por favor, a ajude e nunca necessitarei outro momento de seu tempo. Lhe juro isso. Me devolva ela. Por favor. Por favor.

«Insultou aos chefes na semana passada, Violência, e isso eu gostei. Me dei conta porque, ultimamente, ninguém quebra o molde. E que o faça um Senhor... Assombroso! Sabe por que? »

—Não.

E não lhe importava.

«Incrível. Já é hora de que se inteire».

—Ashlyn...

«Não vai a nenhuma parte. Agora, se cale. Preciso explicar certas coisas para que entenda exatamente o que é que estou arriscando por você».

Enquanto balançava Ashlyn, Maddox apertou os lábios tratando de reprimir seu desespero.

«Agora os Titãs têm o controle, os desgraçados. E decidiram que o mundo volte a ser como era nos dias de seu apogeu. Um lugar de paz, de adoração às divindades, bla, bla, bla, onde os humanos se inclinam ante eles e lhes ofereçam sacrifícios, e todas essas tolices. Dentro de poucos dias, surgirão dois templos do mar. Será o princípio do fim, certo», explicou a voz, e fez uma pausa muito dramática. «Não sei se os Titãs os querem ver mortos ou não, mas sei que pensam lhes usar para conseguir seus propósitos».

—As mulheres. Danika — disse Reyes.

«Exato. Há algo relacionado com sua linhagem..., possivelmente uma profecia. Tenho que estudá-lo, porque não estou conseguindo nada. Mas entendem meu dilema, não é? Ao lhes ajudar, vou zangar muito a nova direção».

—Quer que os mate? —disse Maddox—. O farei. O farei.

—Maddox —lhe advertiu Lucien— Se cale antes que atraia uma maldição pior a nossa casa. Vai ajudá-lo. Só está fingindo que tem que negociar. Não é assim, deusa?

«Oh, um menino inteligente», ronronou ela. «É muito atraente, sério. Entretanto, não há tempo para isso, infelizmente. Como ia dizendo, esta pequena mulher me impressionou de verdade. Não acreditava que o fizesse, mas o fez. Que espetáculo, não foi?», disse, e riu.

—Deusa. Se concentre, por favor.

—Maddox. —advertiu Lucien de novo.

«Anya. Meu nome é Anya. E não sou uma deusa, exatamente, só a filha de uma deusa, assim deixa de me colocar na mesma categoria que esses idiotas».

—O que posso fazer? Me diga. Farei o que quiser.

«Sua mulher deu a vida por você. Está disposto a fazer o mesmo? Porque deveria saber que meus poderes dependem das ações de outros, e eu não posso fazer nada a menos que você o faça. Ah, e também existe o assunto da compensação».

—Sim. Sacrificarei tudo por ela. A compensarei do modo que você me peça.

«De acordo. Aqui está o trato. Os Titãs estão me perseguindo, não me pergunte por que. É uma longa história. Estão a dias me apossando. Se alguma vez pedir ajuda, a obterei. De acordo?

—Sim, sim. O que necessitar.

«Não só de você. Todos vocês me ajudarão».

Durante um momento, nem Lucien nem Reyes responderam. Maddox esteve a ponto de saltar sobre eles e lhes cortar o pescoço. Logo ambos assentiram.

—Sim —disseram em uníssono.

«Muito bem. Fizemos um trato. Sua mulher despertará, e estará ligada a você. Viverá tanto quanto viva você. Não está mal para uma mortal, na realidade. Mas se algum dos dois morre, os dois morrerão, entendido?

—Sim, sim.

«Se tentar renegar este trato, o matarei, o que matará a ela também. Cortarei suas cabeças e as enviarei aos deuses em uma bandeja de prata».

—Entendo. Aceito —disse ele imediatamente.

Houve um ronrono de satisfação. De repente, Maddox se viu preso em um redemoinho. O ar arrancou Ashlyn dos seus braços, e ele gritou, tentando

recuperá-la. Ela permanecia imóvel, mas parecia que o sangue voltava para seu corpo.

Maddox retornou à cama e as algemas se fecharam ao redor de seus pulsos e tornozelos outra vez. Reyes e Lucien caminharam para o centro do quarto, mas estavam caminhando para trás.

O tempo voltou atrás a toda velocidade. Maddox se deu conta com profundo assombro. Tinha visto muitas coisas em sua vida, mas nunca aquilo.

Reyes se colocou diante de Ashlyn e tirou a espada de seu corpo, em vez de afundá-la. E, em vez de cair, ela se levantou.

Tão repentinamente como tinha começado, o torvelinho terminou.

—O que ocorreu? —perguntou Ashlyn com incredulidade. — Estava morta — disse ela. Apalpou o abdômen procurando as feridas, mas não encontrou nada. —Sei que estava morta. Senti como me atravessava a lâmina da espada. Oh, Meu deus, Maddox, o que fez? Quebrou a maldição?

—Isto foi... não tenho palavras —disse Reyes, com o cenho franzido. — A esfaqueei.

Todos tinham conservado a lembrança do que tinha ocorrido, mas era como se aquilo não tivesse acontecido nunca.

—Me liberem. —disse Maddox. — As algemas.

Lucien obedeceu.

Maddox ficou em pé de um salto e pegou Ashlyn nos braços. Beijou-lhe a rosto e a abraçou tanto como era possível sem esmagá-la. Ela riu e depois se afastou para observá-lo.

— Mas a maldição...

— Quebrou-se. Juro. Já não sinto as algemas. «Que passem bem, meninos, porque agora vocês também estão livres da maldição de Maddox», disse Anya de repente. «Entretanto, não devem se preocupar. Estou certa de que seus demônios os manterão muito tristes. Não esqueçam nosso trato. Por agora, adeus».

—Já não tenho que matar mais vezes a Maddox — disse Reyes, exultante. — Não sinto que a maldição que me atraía para ele!

—A maldição se quebrou de verdade —disse Lucien, com a maior alegria que Maddox nunca presenciou por parte de seu amigo. — Obrigado, Ashlyn. Obrigado. É uma mulher maravilhosa.

—Eu gostaria de dizer que foi um prazer. —brincou ela.

—Morreu por mim. Morreu por mim. —disse Maddox.

—E o faria de novo —respondeu Ashlyn.—Eu o amo.

Ele a rodeou com um braço, e ela riu de felicidade.

—Nunca volte a me deixar.

—Nunca.

—Reyes, Lucien, partam. —disse Maddox, sem afastar o olhar de Ashlyn.

Eles saíram sigilosamente do dormitório para conceder a Ashlyn e a ele intimidade. Maddox a despiu e lhe beijou o abdômen, ali onde tinha sofrido as navalhadas.

—Preciso de você. —sussurrou ela.

E ele a necessitava também. Sempre. Entrou em seu corpo, incapaz de se conter, e gemeu de prazer.

—Eu amo você. —lhe disse, investindo lentamente.

—Eu também o amo. —suspirou Ashlyn.

—Obrigado. Obrigado pelo que tem feito. Mas... jamais se deixe matar de novo, entendido?

Ashlyn riu, mas ele se afundou profundamente, exatamente como ela gostava, e sua risada se transformou em um gemido.

—Então você não volte a se deixar amaldiçoar, meu príncipe.

—Me amaldiçoar? Meu amor, me benzeram com um prêmio muito valioso.

—E a mim também, Maddox. —disse Ashlyn, e ambos chegaram ao clímax—
A mim também.

No dia seguinte, pela tarde, Lucien convocou uma reunião.

Ashlyn estava sentada no colo de Maddox, mais feliz do que jamais tinha sido. Todos seus sonhos se transformaram em realidade. Podia controlar sua habilidade pensando em Maddox, e ele podia sossegar as vozes por completo. O amor verdadeiro conquistava tudo, na realidade.

Inclusive tinha uma família. Uma família de verdade, com inimizade e tudo. Os dois grupos de homens estavam rígidos e distantes uns dos outros, embora se comportassem com amabilidade. Ela estava decidida a acabar com aquela distância, como uma irmã a mais.

Desde que tinha quebrado a maldição, a maioria dos guerreiros a tratavam com afeto, e faziam brincadeiras sobre o fato de que estivesse atada a Maddox para toda a eternidade. Salvo Enfermidade, que ainda estava se recuperando de suas feridas. Entretanto, Torin lhe piscou um olho.

Ashlyn sabia que se sentia muito mal por ter provocado uma epidemia. Os efeitos eram devastadores, sim, mas a medicina moderna ajudou a conter a praga. Possivelmente ele pudesse se consolar com isso. E, quando se curasse, ajudaria os outros guerreiros a reconstruir o Clube Destiny e todos seguiriam contribuindo para ajudar à cidade.

A vida era boa. Muito melhor do que ela teria imaginado. Sorriu.

Lucien se colocou no centro da sala e disse:

—Estive falando com Sabin e, como sabem, decidi ajudá-lo a procurar a caixa. Já é hora de que encontremos essa maldita caixa. Se seguir por aí, cabe a possibilidade de que os demônios sejam sugados a seu interior, assim, todos estamos em perigo de morte.

—Malditos Caçadores. —disse Ashlyn, e Maddox a abraçou pela cintura.

—Estão mortos. Enfermidade os matou. —lhe recordou Reyes.

Ashlyn negou com a cabeça.

—Só morreram alguns, não todos. McIntosh só era o vice-presidente do Instituto, eu nunca cheguei a conhecer o presidente. Me disseram que nunca aparecia em público. Nunca tinha me prendido a isso, mas agora me parece suspeito. Além disso, há muitos mais empregados por todo mundo. E possivelmente haja outros Caçadores que não estejam filiados ao Instituto.

Houve um murmúrio no grupo.

—Esperávamos que a caixa estivesse aqui, em Budapest —disse Sabin, ficando junto ao Lucien— Interrogamos a um Caçador e isso nos trouxe até aqui. Mas...

—Não encontraram a caixa —disse Lucien— E agora, gostariam de contar com nossa ajuda.

—Se quiser que eu ajude a procurar essa caixa, vai ter que me dar indicações. —disse Reyes.

Ashlyn sabia que estava muito tenso porque Danika tinha escapado da fortaleza naquela manhã. Ninguém tinha ido procura-la. Ashlyn estava triste porque tinha perdido a uma amiga, mas sabia que era melhor assim.

Tinham que liberar Aeron em algum momento.

Maddox tinha contado a Ashlyn o que os Titãs tinham ordenado a seu amigo. Aquele era o único ponto escuro da vida de Ashlyn. Entretanto, Maddox também lhe tinha dito que Reyes estava decidido a proteger a mulher, embora ainda estivesse lutando contra aquela necessidade.

Ashlyn queria pensar que Anya ajudaria Danika como tinha ajudado a ela. Se acaso Anya pudesse ajudar, claro. Maddox também tinha lhe contado que Anya sofria a perseguição dos Titãs. Era um ser sobrenatural que podia entrar e sair dos edifícios, se valer da invisibilidade e reverter o tempo, mas temia que a vencessem, o que significava que podia ser vencida.

—Não fale nesse tom, Dor. —disse Carneio, se colocando do outro lado de Lucien— Está baixando a moral.

Bom, dois pontos escuros, pensou Ashlyn. Cada vez que via Carneio, sentia vontade de chorar. Aquela mulher necessitava amor. Entretanto, não parecia que nenhum dos homens se sentisse atraído por ela, apesar de ser linda. Todos se mantinham afastados, como se temessem matá-la se se aproximassem muito. Bom, não eram os únicos homens do mundo. Certamente, alguém se apaixonaria por Tristeza.

—Ashlyn ouviu duas versões diferentes —disse Maddox— Quer contar a eles?

Ashlyn assentiu.

—Alguém diz que Argo está custodiando a caixa. Outra diz que está escondida nas profundidades do oceano, custodiada por Hidra, mas não sei onde.

Todo mundo grunhiu.

—Anya mencionou que iam surgir dois templos no mar —disse Maddox—. Esses templos, provavelmente, só eram para uso dos deuses, e não estarão poluídos nem deteriorados pelos humanos. Assim que surjam, deveríamos registrá-los. Possivelmente encontremos uma pista que nos leve pelo caminho correto.

—Excelente —disse Lucien— Alguém terá que ficar aqui com Aeron e Torin, e protegendo a fortaleza.

—Ashlyn e eu ficaremos. Leremos tomos antigos.

—E eu escutarei para obter informação na cidade. —acrescentou Ashlyn.

Maddox a abraçou e lhe sussurrou ao ouvido:

—Necessito de você com toda minha alma.

—Bom. —respondeu ela com outro sussurro—Porque tenho pensado em satisfazer todas as suas necessidades.

—Quer que nos despeçamos e partamos da reunião? Podem nos pôr à par mais tarde.

—Eu adoraria.

Ambos ficaram em pé. E o homem com o espírito mais violento do mundo a perseguiu entre risadas até que saíram da sala, enquanto todo mundo os observava com alegria e inveja.

Possivelmente algum dia chegasse sua vez ...

Fim

Geryon

Guardião do inferno
Prequel
e-book novela

Maddox

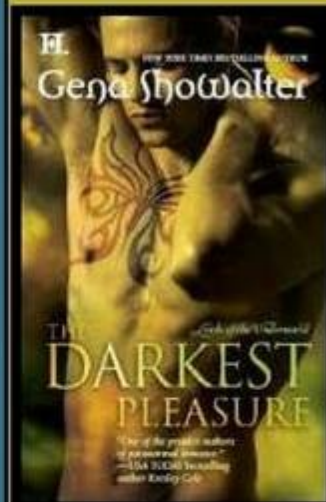
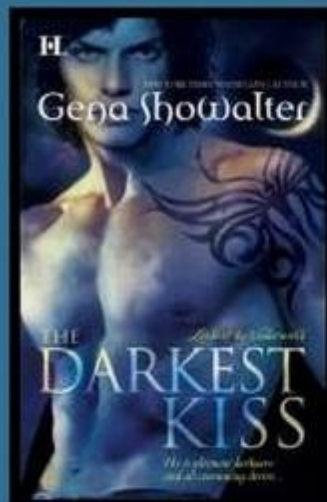
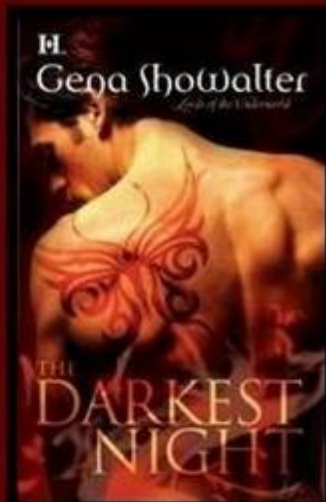
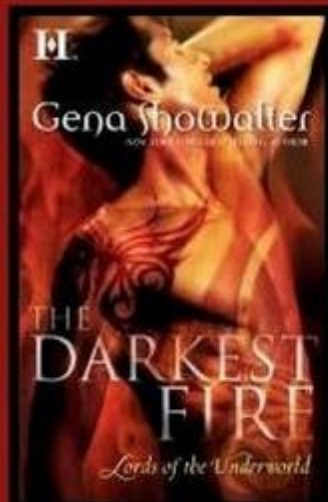
Detentor da Violência

Lucien

Keeper of Death
Líder do Budapeste Warriors

Beyes

Keeper of Pain

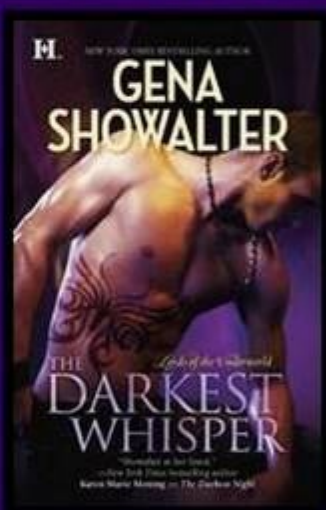


Sabin

Detentor da Dúvida

Aeron

Detentor da Ira



Outros Lordes do submundo

Torin

Detentor das Enfermidades

Sabin

Detentor da Dúvida
Líder dos guerreiros gregos

Paris

Detentor da promiscuidade

Kane

Detentor dos Desastres

Galen

Detentor da Esperança

Gideon

Detentor de mentiras

Aeron

Detentor da Ira

Cameo

Detentor da Miséria
(única guerreira mulher)

Strider

Detentor da derrota

Amun

Detentor dos Segredos

Baden

Detentor de desconfiança
(falecido)

Pandora

Guardiã da *dimOuniak* (falecida)